Descendo os Rios
Aquidauana e Miranda

Jornada Pantaneira
Tomo II

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra presta uma justa homenagem ao Sr. José Francisco Lopes – o Guia Lopes da Retirada da Laguna.

O General João Pereira de Oliveira assim inicia a biografia de Lopes: "*Entre as figuras que mais se singularizaram no largo período de inenarráveis provações porque passaram as nossas minguadas e desaparelhadas Forças, na longínqua Província de Mato Grosso, ao tempo em que por lá andaram, quais feros hunos, talando campos e ladroando gado, as hordas flagiciosas de Solano López, creio que nenhuma faz mais jus a simpatia, ao respeito e a admiração dos compatriotas do que a do Guia José Francisco Lopes.*

O velho Guia Lopes foi exemplo vivo de constância, de lealdade e de desinteresse, que talvez não encontre símile na história dos outros povos".

(Gen João P. de Oliveira)

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Se

(Joseph Rudyard Kipling)

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires,
De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo,
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais — tu serás um homem, ó meu filho!

Ensandecido López

Francisco Solano López é uma sombra viva. Caudilho sem ter a escola preparatória da coragem e do lance pessoal nas conquistas do mando, continua a exercer, como Nero suicida e Quiroga assassinado, a opressão de uma lembrança sangrenta. Por mais que esse homem haja teimado em provar seu egoísmo, orgulho e loucura, um grupo de intelectuais sul-americanos luta para provar-lhe virtudes políticas e predicados sociais.
(CÂMARA CASCUDO)

O ato de "*reescrever a história*" não é um fato novo na biografia da humanidade e muito menos privilégio dos brasileiros. Quantas vezes foi usado para melhorar a autoestima de um povo em relação às suas conquistas e glórias maximizando-as e dando-lhes um colorido mais simpático e atraente.

Infelizmente, quando certos "*historiadores*", ideologicamente comprometidos enveredam, por tortuosos e maquiavélicos labirintos com o único propósito de distorcer fatos históricos omitindo aquilo que não lhes é conveniente, usando de ardis de toda a ordem para mascarar desvios de conduta e atrocidades, transformar antônimos em sinônimos, totalitarismo em democracia, heróis em vilões e vice-versa; resgatam do "*Vale do Flegetonte*" figuras tão sombrias e malévolas como as de Francisco Solano López e seus sequazes.

López era enaltecido, no próprio Paraguai, apenas por aqueles que se beneficiavam diretamente do terror impetrado por ele e seus asseclas escravizando um povo ignorante e servil submetendo-o a um regime de terror em que a palavra de ordem era se sujeitar inquestionavelmente a qualquer demanda do tresloucado líder e de sua amásia Lynch e filhos.

A Divina Comédia
(Dante de Alighieri)

Canto XII

O Minotauro está de guarda ao sétimo círculo. Vencida a ira dele, chegam os Poetas ao vale, em cujo primeiro compartimento veem um rio de sangue fervendo, no qual são punidos os que praticaram violências contra a vida ou as coisas do próximo. Uma esquadra de Centauros anda em volta do paul vigiando os condenados, fechando-os se tentam sair do rio de sangue. Alguns desses Centauros pretendem deter os Poetas, porém Virgílio os domina, conseguindo que um deles os escolte e transporte na garupa a Dante. Na passagem o Centauro, que é Nesso, fala a respeito dos danados que sofrem a pena no rio de sangue – Flegetonte.

[...] "Até os cílios no sangue os padecentes"
Eu vi. Disse o Centauro: – "São tiranos
Truculentos e em roubo preeminentes".

"Chora-se aqui por feitos desumanos.
Alexandre aqui está, Dionísio antigo
Que gemer fez Sicília tantos anos".

"De negra coma, aqui sofre o castigo
Azzolino; e o que está, louro, ao seu lado
Obizzio d'Este, ao qual [verdade eu digo]"

"Roubara a vida o pérfido enteado". –
E o Vate, a quem voltei-me, assim dizia:
– "O segundo lugar me é reservado". [...]

López não está sozinho neste "*círculo maldito*", entre os veteranos encontrou Herodes Antipas, Caio César (Calígula), Nero Cláudius, Átila, Basílio II, Genghis Khan e teve a oportunidade de acolher efusivamente, mais tarde, Vladimir Lenin, Adolf Hitler, Josef Stalin, Francisco Franco, Mao Tsé-Tung, Kim Il-Sung, Pol Pot, Slobodan Milosevic e Kim Jong-Il dentre outros.

Vamos reproduzir um excelente artigo, do Diretor do Arquivo Geral da Província de Corrientes, o escritor e historiador argentino Jorge Enrique Deniri, que reproduz um estudo do perfil extremamente psicótico do tirano Francisco Solano López.

Diario Época – Opinión
Corrientes, Argentina – 03.05.2019

Francisco Solano López – Psicopatología de un Tirano (I)
(Jorge Enrique Deniri)

En la antigüedad, el concepto de tirano debemos referirlo a la Grecia clásica, con modelos como Pisístrato, que fue el primero en inventar conspiraciones para obtener protección armada que recordamos, o el temible Dionisio de Siracusa, que es uno de los principales espiones que conocemos, sometiendo a la escucha de su famosa oreja a posibles conspiradores y disidentes, y es quizá el primer gran ejemplo de vigilancia política.

Las definiciones actuales, si se quiere, consideran poco menos que iguales las figuras del dictador, el déspota y el tirano, pero a este último, le endilgan además el actuar de forma corrupta y cruel. [...]

En este caso, además de otras lecturas previas entrevistas como necesarias, sigo una extensa nota sobre la Psicopatología en la Historia, que me facilitara un amigo. Se trata de una publicación del mes de marzo de una revista que se titula "*Alma*", y en la portada tiene una imagen de Hipócrates.

Los autores son dos profesores consultores de la Universidad de Buenos Aires, y académicos de Número de la Academia Argentina de la Historia – José Raúl Buroni y José Luis Covelli –, y Alberto Lucchesi, médico especialista en psiquiatría y psiquíatra forense.

El trabajo en sí, tiene como objetivo "*El Perfil Psicopatológico del Mariscal Francisco Solano López*". [...]

La principal fuente que los autores explotan para analizar la personalidad de Solano López, es el doctor William Stewart, un médico escocés que fue el facultativo de cabecera de Carlos Antonio López y de su familia hasta la muerte de López padre.

Stewart había llegado al Paraguay hacia 1857 y residió allí hasta que se produjo su propio deceso en 1916. Cuando Francisco Solano López sucedió a Carlos Antonio, lo nombró cirujano mayor del Ejército considerando su experiencia militar, pues había servido en Crimea entre 1854 y 1856. [...]

Los autores consideran relevante que las observaciones de este médico, provengan de un profesional que estuvo en contacto tan directo, tan íntimo con los López, y a partir de allí intentan delinear un perfil psiquiátrico del después tirano a la luz de los conocimientos actuales.

Aseveran que su aspiración es hacerlo lo más imparcialmente posible, tan lejos de la apología como la diatriba, del enfoque épico debido al héroe como la vindicta necesaria obligada al villano, y pretenden acercar-se a la verdad histórica a través de lo que interpretan como hechos objetivos.

Según Stewart, Solano López debe ser juzgado "*por sus actos y por su evolución mental, en su doble*

aspecto intelectual y moral". El escocés, lo considera consciente de su inteligencia y buscando desarrollarla, pero lo estima moralmente defectuoso, con una carencia de sentimientos, una falta absoluta de empatía que lo acompañó hasta su muerte.

Desde su infancia, Solano López puso de manifiesto una crueldad innata que al parecer causaba gran dolor a su madre. Gozaba torturando animales domésticos a los que arrojaba al horno encendido. Según un primo suyo, Félix Carrillo, su diversión favorita era construir pequeños cuarteles con palizadas, por cuyas entradas hacía pasar pájaros y animales pequeños a los que mataba cuando no se desplazaban en línea recta, como soldados.

Con una personalidad verdaderamente de Átrida ([1]), Solano López derramó abundantemente la sangre de su propia familia. Así hizo ajusticiar a su hermano Benigno el 21 de diciembre de 1868, ordenando que fuera ejecutado a lanza porque "*no valía la pena perder un proyectil en ese miserable*". […]

El espionaje y las delaciones ya desarrollados y consolidados con Gaspar Rodríguez de Francia y Carlos Antonio López, pero especialmente el delirio conspirativo, llegaron a su clímax con Francisco Solano. […]

Es el mismo Stewart el que se encarga de valorizar como fuente sus aseveraciones, afirmando que:

> Lo he podido juzgar, pues vivía a su lado y comía en su mesa… (DENIRI I)

---

[1] Átrida: Pélops e Hipodâmia tiveram vários filhos; os três mais conhecidos são Piteu, Atreu e Tiestes, sendo que os dois últimos tornaram-se célebres por se odiarem. Os descendentes de Atreu, chamados de átridas, dão início à maldição dos Átridas, cometendo uma série de violentos crimes e horrendas vinganças familiares. (Hiram Reis)

Diario Época – Opinión
Corrientes, Argentina – 17.05.2019

Francisco Solano López- Psicopatología de un Tirano (II)

(Jorge Enrique Deniri)

La idea delirante y fija de López condujo a la destrucción casi total del Paraguay y de la población masculina de 14 a 60 años.

Poco o nada será más relevante a la hora de analizar la personalidad de un tirano, de no confundir ni confundirlo con el pueblo por él sometido, identificar a Hitler con el pueblo alemán, a Stalin con los rusos o a Pol Pot con Camboya.

Y tampoco cabe errar en demasía cuando se lo identifica, correctamente, con la catástrofe, con la hecatombe experimentada cuando una de estas personalidades psicopáticas, subyuga una nación y la arrastra al desastre.

Hitler con la Shoá, el Holocausto judío, que costó 6 millones de vidas, Stalin con el Holodomor ucraniano, que se llevó otros 10, Pol Pot, con dos millones de muertos. […]

Solano López se inicia militarmente muy joven, cuando a los 18 años su padre lo asciende a Brigadier y, en virtud de un acuerdo con los Madariaga, lo envía con una fuerza de unos 10.000 hombres a Corrientes, en respaldo del General José María Paz, que respecto de aquel "*ejército*" y de su "*Brigadier*", en sus Memorias Póstumas escribe lo siguiente:

> El general Don Francisco Solano López, joven paraguayo de dieciocho años, hijo del presidente de aquella república. Adornarán quizás a este joven general muy bellas cualidades privadas, pero ningunos conocimientos militares y, lo que es más, ideas ninguna de la guerra y del modo de hacerla… la fuerza que mandaba no era otra cosa que una masa informe, sin instrucción, sin arreglo, sin disciplina e ignorando hasta los primeros rudimentos de la guerra. En el mismo grado se hallaba la infantería y la caballería, y es fuera de toda cuestión que dicha fuerza no estaba en estado de batirse, ni poder contarse para cosa alguna ([2]). […]

El médico escocés narra como:

> En junio de 1868 López me había hablado de que una gran conspiración fue descubierta en el país… Un gran número de personas, incluyendo damas paraguayas y extranjeras, llegaban diariamente al Cuartel engrilladas. Muchas de ellas fueron ejecutadas a los pocos días de haber llegado después de haber sido brutalmente azotadas a unas cien yardas de donde yo vivía.

Stewart sostie-ne que nadie sabía nada de tales conspiraciones, lo que reforzaba su convicción de que se trataba de un rasgo delirante de López, que:

> Dedicaba gran parte de su tiempo dando instrucciones a los que estaban designados a tratar con los así llamados conspiradores. […]

Médicamente, encuadran el caso de Solano López en el "*Manual de Clasificación de las Enfermedades Mentales*" usado en América, análogo al de la Organización Mundial de la Salud, que se emplea en Europa.

---

[2] Brigadeiro-General José María Paz y Haedo (09.09.1791 – 22.10.1854) militar argentino, notável na Guerra da Independência da Argentina e da Guerra Civil argentina. (Hiram Reis)

En ese tren, se valen del Manual, para considerar los trastornos de la personalidad de López según la describe el doctor Stewart, resaltando su comportamiento agresivo y sádico con los animales durante su niñez, y con los seres humanos en su edad adulta, no sólo con enemigos y disidentes, sino con sus familiares cercanos, perpetrando violencia intrafamiliar y fratricidio.

Señalan también su desconfianza y suspicacia hacia el comportamiento ajeno, incluso de sus familiares, su desprecio hacia las opiniones y los derechos de los demás, su carencia de empatía con los otros, su carencia de desarrollo moral, la rigidez extrema de sus opiniones, el deficiente control de los impulsos, su carencia de amistades y su acusada vanidad y megalomanía. Los autores, también creen visualizar en la conducta de López rasgos paranoides, esquizoides y antisociales. […]

En definitiva, el trabajo que nos sirve de fuente, como reflexión final acota que "*la idea delirante y fija de López condujo a la destrucción casi total del Paraguay, con el exterminio de toda su población masculina de entre los 15 y los 60 años, además de muchas mujeres y niños, y el derrumbe económico del país… conviene recordar que López no fue llevado a la guerra, sino que fue el mismo quien la inició*". Yo agregaría que lo hizo contra el consejo expreso de su padre Carlos Antonio, que siempre le recomendó evitar una guerra con el Brasil. […] (DENIRI II)

Vejamos, agora, alguns quadros desta crudelíssima Campanha pela lavra de um historiador que participou ativamente de toda Guerra do Paraguai o General Joaquim Silveira de Azevedo Pimentel.

GUERRA DO PARAGUAY

Episodios Militares

POR

Joaquim S. d'A. Pimentel

Natural do Rio Formoso

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUGMENTADA

RIO DE JANEIRO

1897

Imagem 01 – Episódios Militares, Pimentel (1897)

Pimentel foi General honorário do Exército Brasileiro, voluntário da Pátria, Cavaleiro das Ordens Militares de Cristo e da Rosa, condecorado com as Medalhas de Bronze e Passador de Prata n° 5 do Mérito e Bravura Militares, de Prata da República Argentina, de Ferro com Sol de Ouro do Estado Oriental do Uruguai – por relevantes serviços militares prestados na Campanha da Tríplice aliança.

O General Pimentel como costumava dizer o General Manuel Deodoro da Fonseca, *"fizera a guerra do Paraguai de fio a pavio".*

Natural de Rio Formoso, Estado de Pernambuco, personificava as qualidades mais nobres e audazes do Soldado Brasileiro. Diferente de outros autores que escreveram suas obras sobre a Guerra do Paraguai no conforto e tranquilidade de seus gabinetes ou consultando livros nas bibliotecas ele a vivenciou, percorrendo o campo de batalha e combatendo o inimigo.

XIX

A Nudez

A 31 de maio de 1869, partiu no Piraiú, com uma Força de Cavalaria e quatro bocas de fogo, o Brigadeiro João Manoel Menna Barreto [de saudosa e gloriosa memória], para o Sudoeste da República, por Ibitimi até Vila Rica, a fim de ir libertar naquela direção militares de famílias paraguaias, que pediam com instância o socorro dos brasileiros que as livrasse das garras do ditador, cuja perversidade se tornara crescentemente assombrosa.

Seguiu essa coluna, destruindo em sua passagem toda a resistência que o inimigo tentou opor-lhe, incendiou a fábrica de pólvora do Ibicuri e, chegando à Vila Rica, daí voltou conduzindo e protegendo as famílias que não imploraram debalde nosso auxílio e apoio. Deixemos falar o Diário do Exército [página 26], do Comando-Chefe do Sr. Conde d'Eu:

> Dia 10 [junho de 1869].
>
> [...] o General João Manoel anunciava a sua chegada a Paraguarí às seis horas da tarde daquele dia, depois de ter-se visto obrigado a lutar com os paraguaios, cujo esforço principal fora isolar a coluna da frente da de sua retaguarda, que trazia marcha muito demorada em consequência de grande acompanhamento de mulheres e crianças [...]

Dia 11.

Sua Alteza foi pela manhã até Paraguarí, a três e meia léguas de distância, e encontrou a Força do General João Manoel, que saía daquele povoado precedida de uma coluna de velhos, mulheres e crianças, em número de mais de 4.000 pessoas, cujo aspecto indicava os últimos limites da desgraça e dos padecimentos. Às 3 horas da tarde, essa gente magra, nua, raquítica, curvada ao peso de longa tirania, acabrunhada pela fome de muitos meses, entrava no acampamento de Piraiú. Todos mostravam intensa alegria por ver enfim terminado um tempo de sofrimentos inaturáveis, que já haviam feito sucumbir muitos milhares dentre eles, tempo marcado pela nudez que os fazia cobrir-se de tiras de couro e pela fome que os impelia a comer frutas azedas, porque o despotismo do Chefe da Nação proibia-lhes a matança do gado e até a colheita de laranjas doces.

O que sobremodo compungiu o caráter brasileiro foi a nudez total, absoluta, das desgraçadas mulheres. Dentre elas destacavam-se donzelas, senhoras da melhor e mais aristocrática sociedade do Paraguai, formas de uma pureza e correção ideais, que, ao cruzarem o olhar com os nossos oficiais e soldados, subia-lhes ao rosto o rubor do pejo de tal modo, que prontamente acudiram-nos aos olhos lágrimas de sincera comiseração.

Ao desfilar o cortejo da nudez feminina, acendeu-se no coração de todos uma ideia idêntica e gerou-se em todos os Pensamentos uma palavra só:

–Camisas!

Rápidos nas boas obras, como na compreensão de seus deveres militares, soldados e oficiais mergulharam prontamente em suas barracas. Aqueles, das mochilas, e estes das macas, arrancavam, pressurosos, camisas e lençóis.

Nesse instante o espetáculo da nudez desapareceu da vista dos libertadores. Atiravam-se camisas por cima das senhoras e donzelas, e transformou-se a procissão numa espécie de irmandade de capas brancas, respeitável pelo número de confrades. Coisa admirável! Ninguém riu daquele grotesco cortejo! As senhoras, que agora viam-se protegidas pelo natural pudor, até aquele momento expostos às vistas gerais, ergueram gentilmente suas cabeças agradecidas e murmuraram reconhecidas:

– Deus lhes pague, generosos "*inimigos*"!

Nesse dia a alegria no acampamento foi completa.

As mochilas, porém, dos soldados e as macas dos oficiais só ficaram possuindo meias e lenços; tudo o mais fora distribuído.

– Eis o que se chama, dizia um Cadete muito feio a um colega – despir um santo para cobrir outro.

– Enganas-te, amigo.

– Devias dizer: despir um diabo para cobrir um anjo!

Referia-se o Cadete ao fato de ter tido aquele a ventura de pôr sobre os ombros de uma beleza paraguaia sua alva camisa de algodão. (PIMENTEL)

XXII

O Requinte da Audácia

(*Audaces fortuna juvat* [3])

Um dos episódios mais belos e talvez mais românticos que antes parece lenda medieval, acha-se ao abrir o Diário do Exército do tempo do comando do Sr. Conde d'Eu.

---

[3] Adaptado de um verso da Eneida de Virgílio – significa literalmente "*a sorte sorri para os audaciosos*". (Hiram Reis)

É para lamentar que esse magnífico repositório de esplendorosos feitos tivesse uma edição resumida, e que bem pouca gente possua o conhecimento de tão útil publicação.

A maneira singela com que ali se referem os fatos é sua melhor recomendação. Portanto, limitemo-nos a copiar "*ipsis verbis*" ([4]) tudo quanto nos vai dar um dos mais belos fatos da grande Campanha que nos tem fornecido matéria para estes artigos, e que no futuro há de fazer pasmar a quem dela tiver conhecimento. Aí vai a transcrição:

> 22 de dezembro de 1869.
>
> O Tenente-Coronel Antonio José de Moura partiu com destino ao passo Espadim no rio Iguatemi, à frente de 50 praças de cavalaria bem montadas. O ardente desejo de salvar sua família o leva a essa arriscada empresa, para a qual conseguiu finalmente licença do Sr. Conde d'Eu.

Interrompamos, por um pouco, a transcrição. O Tenente-Coronel Moura tinha no Espadim, lugar destinado aos desterrados de López que haviam de ser trucidados depois, uma irmã com duas filhas. Essa senhora, natural do Rio Grande do Sul, casara-se com um português morador em Vila Rica, no tempo de López pai; e depois da morte do marido continuou a permanecer naquela vila, até que por ordem do ditador foi arrancada de sua habitação e, depois de longas marchas, atirada no degredo de Ilhu, e ainda posteriormente no de Iguatemi.

Ao saber o distinto oficial que sua irmã e sobrinhas estavam ameaçadas de morte certa, pediu licença, implorou ao General-Chefe que o deixasse ir em socorro da família.

---

[4] "*Ipsis verbis*": com as mesmas palavras. (Hiram Reis)

O Conde d'Eu negou-a diante do perigo da empresa, mas Moura insistiu com tenacidade. Aquela energia, e força de vontade, aquele desejo veemente de salvar a família, acabou por vencer. O General-Chefe tinha coração e também gozava da ventura de ser chefe de família Cedeu. Moura escolheu 50 amigos e partiu. Continuemos a transcrição:

> Janeiro de 1870 – Dia 1.
>
> O Tenente-Coronel Antonio José de Moura deu uma circunstanciada e curiosa parte, datada de 29 do mês próximo passado, de sua memorável expedição ao rio Iguatemi a fim de ir salvar as famílias destinadas a perecer de fome no acampamento do passo Espadim.

No dia 22 de dezembro último, saíra ele, às 10 horas da manhã, do passo do rio Curuguati, junto ao qual estava acampado. Levava 50 homens de cavalaria bem montados e melhor dispostos ainda. Na madrugada de 23, chegou ao rio Jejuí-Guaçu, cuja transposição lhe tomou bastante tempo por ser a corrente profunda e de grande força d'água, entretanto, nesse mesmo dia alcançou a Vila de Iguatemi, onde deixou dez homens de observarão com um inferior e pôde seguir além.

Depois de pequeno alto de descanso, caminhou toda a noite e, às 8½ horas do dia 24, chegou à base da grande serra de Maracaju, cuja subida era preciso vencer para ganhar o chapadão em que correm o Escopil e o Iguatemi, confluentes do Paraná.

Essa subida era abrupta e além disso pejada com grandes pedras e grossos madeiros atravessados. Com seis homens atirou-se Moura à obra e, ora cortando mata entrançada, ora esgueirando-se por entre galhos caídos, atingiu, com uma légua de penosa ascensão, o planalto.

Aí existira uma guarda. Contudo, o rancho achava-se abandonado, ou melhor, ocupado, não mais por soldados, mas sim por mulheres que fugidas de Espadim, haviam parado, baldas de forças, uma delas já moribunda. Duas eram espanholas, as outras paraguaias. Estavam de viagem havia 6 dias, tendo 4 dias antes sido encontradas por espiões partidos de Panadero, os quais aceitaram a desculpa de que vinham buscar laranjas azedas ([5]) e a promessa de que voltariam logo para o acampamento.

O Tenente-Coronel procurou então desentulhar o caminho para fazer subir a sua gente, mas a princípio nada conseguiu. Por isso despachou duas paraguaias para que fossem ao Espadim e de lá viessem guiando as suas companheiras de infortúnio até aquele ponto. Partiram elas; decorreram algumas horas e a impaciência deu forças novas aos que esperavam.

Tentando ainda uma vez descobrir a subida, conseguiram abrir sinuosa trilha por onde passaram 20 homens a cavalo. Vinte outros ficaram de proteção na base; sentinelas destacadas no deserto, tão valentes como os valentes que buscavam o desconhecido. Ficou comandando o Alferes Francisco Carvalho de Moura.

O Tenente-Coronel Moura caminhou três léguas em terreno plano até chegar a um cruzamento de estradas, das quais a mais batida era a da esquerda e foi por ele seguida na distância de duas léguas. Parou então. Essa estrada levava a Panadero, e como sinais incontestáveis jaziam cadáveres de mulheres, homens, crianças e velhos que dias antes tinham sido degolados.

---

5 Laranjas azedas: as doces eram proibidas, porque estavam reservadas somente para o exército! (PIMENTEL)

O Tenente-Coronel retrocedeu e, depois de deixar quinze homens na encruzilhada, seguiu com cinco praças pela outra estrada, se bem que a noite já estivesse bastante adiantada. Depois de certo tempo de marcha, dois cavalos afrouxaram, e os soldados que os montavam tiveram que apear-se e os ir tocando por diante.

Afinal, às 11 horas e meia, encontrou Moura três ranchos atopetados de famílias, mulheres e crianças, acocoradas ao redor de grandes fogueiras. O abalo que essa desgraçada gente recebeu foi imenso; umas desatavam em pranto ruidoso, outras fugiam espavoridas e corriam sem direção; a maior parte, agrupada ao redor dos brasileiros, os abraçava e os aclamava! Informaram que o acampamento distava ainda uma légua e duas delas serviram logo de vaqueanas ([6]).

A uma hora da madrugada chegou Moura à barraca do arroio Espadim, do outro lado do qual estava o acampamento das exiladas, sete léguas distante do cume da serra. Foram despachadas as duas mulheres e, com suas três praças, ([7]) atravessou o intrépido rio-grandense o arroio sobre o grosso madeiro que fazia de pinguela. Entrava enfim nesse local, em que já haviam perecido centenas de infelizes, depois de cruel martírio.

Aí tinham-se passado cenas curiosas. As mulheres, enviadas do alto da serra, cumprindo com pontualidade a sua comissão, haviam procurado as duas sobrinhas do Tenente-Coronel Moura e anunciado a sua próxima chegada, dando a ele o nome de Antônio Guimarães nome que, por coincidência singular, era também o de um parente delas.

---

6 Vaqueanas: guias. (PIMENTEL)
7 Com suas três praças: parece fabuloso! (PIMENTEL)

A notícia da vinda dos brasileiros circulou logo, confirmando o dito de um índio Caiuá, que de manhã viera espontaneamente trazê-las ao acampamento. Entretanto, as desgraçadas mulheres acreditaram mais num embuste para melhor perdê-las, como costumava ordenar o tirano Solano López, do que na possibilidade da verdade, e convenceram-se disso vendo chegar, às 8 horas da noite, dois espiões paraguaios.

Esses homens, demorando-se até uma hora da madrugada, presenciaram a chegada das outras duas mulheres que precediam o Tenente-Coronel Moura e que imediatamente produziram grande agitação no arranchamento, gritando que aí vinham os brasileiros. Presas, interrogadas, iam ser elas degoladas, quando penetraram na palhoça os salvadores que incontinenti mataram os dois espiões.

A alegria que demonstraram as destinadas ([8]) foi indescritível. Mulheres, com fachos acesos, corriam de um lado para outro dando gritos descompassados; muitas caíram em delíquio ([9]); outras expiraram de emoção e por todos aqueles pontos erguiam-se preces e cânticos de grupos que, ajoelhados, agradeciam a Deus a sua providencial salvação. O resto da noite passou-se assim.

As 4 horas da madrugada de 25, Moura reuniu 1.200 dessas mulheres e as dividiu em terços que deviam caminhar a certa distância um dos outros. A precipitação, porém, em sair daquele horrível lugar foi tal, que pinguela cedeu ao peso de muitas que queriam passar e entregou às águas velozes do Espadim, as mais apressadas.

---

[8] Destinadas: na linguagem oficial de Solano López, queria dizer – condenadas a morrer de fome ou degoladas. (PIMENTEL)

[9] Delíquio: chiliques. (Hiram Reis)

Consertada a passagem, saíram todas e encetaram marchas forçadas que as trouxeram até Iguatemi, ficando, porém, de fraqueza e desânimo estendidas pelo caminho mais de metade. Entraram, pois, em Curuguati quatrocentas e tantas. É de crer, contudo, que muitas ainda possam vir se arrastando.

A irmã do Tenente-Coronel Moura havia falecido quatro dias antes da chegada deste ao Espadim, deixando duas filhas já núbeis ([10]) que puderam ser salvas. Tal foi a expedição do impertérrito ([11]) Tenente-Coronel Antonio José de Moura. (PIMENTEL)

XXX

A Conquista de um Canhão

Ainda uma vez voltamos ao combate de 3 de novembro de 1867, para nós fonte perene de onde dimanou a jorros a audácia, o valor e o heroísmo do Exército Nacional.

Aquele arrojado assalto, que se tornou imediatamente Batalha, porque nele intervieram todas as armas, todas as Forças de cada campo e todos os utensílios e acessórios bélicos, é também fonte inesgotável de episódios gloriosos e sem número, porque nele existiu e tomou parte, desde o Tenente-General Comandante, até a paupérrima, humilde e fraca mulher do soldado.

Naquela arena encontrou-se muito cadáver feminino entre os despojos mortais da vitória. Semelhante luta deixou muito homem viúvo, ao contrário do que ordinariamente se observa nas guerras em que a viuvez e sempre partilha do lado feminil. [...] (PIMENTEL)

---

[10] Núbeis: em idade de casar. (Hiram Reis)
[11] Impertérrito: destemido, impávido. (Hiram Reis)

XLV

Uma Abordagem

Houve e há ainda quem empreste a Francisco Solano López qualidades militares que o elevam a General, na legítima acepção desta palavra. Estes inventores de reputações, porém, eram aqueles que mais longe estavam de compreendê-las, não só por lhes faltarem qualidades para juízes, como porque nunca viram um acampamento senão pelas descrições dos livros e jornais.

A estes guerreiros platônicos, a que pitorescamente chamávamos "*generais de botequins*", a estes "*discursadores de boulevards*", que como certos navegadores só aprendem a conhecer a Barra depois de perdido o navio, opomos, não só a opinião de todos os chefes da Aliança, como a daqueles que de perto lhe apreciaram os atos, até que um houve um Ministro Americano – que o declarou fora da lei da humanidade, e também a narração seguinte que copiamos fielmente da Ordem do Dia n° 231, do General brasileiro Duque de Caxias.

Verá por aí, o leitor, a vesânia ([12]), a preocupação constante de nunca modificar sequer plano algum que houvesse concebido em sua exaltada pretensão a General quando dava uma ordem de combate, qualquer que ela fosse.

Uma vez preconcebido seu Plano de Batalha, não havia poder humano que o modificasse mais. Inútil seria, pois, a mais salutar ponderação que lhe sugerisse o chefe encarregado dela, disto resultava que dispondo de Forças obedientes e bravas, de chefes de notória e, digamos mesmo, de audaciosa bravura.

---

[12] Vesânia: loucura. (Hiram Reis)

Em nenhuma conta tinha essas excelentes qualidades de seu valoroso exército, e por isso nunca conseguiu, apesar desses bons elementos, obter a mais insignificante vitória, a não ser a da repulsa de Curupaiti, devido só e unicamente à enérgica direção do seu General Diaz.

Eis o trecho da Ordem do Dia:

> O Marechal Comandante-Chefe manda fazer público às Forças de seu comando que uma brilhante vitória foi alcançada pelo encouraçado "*Barroso*" e monitor "*Rio Grande*" ancorados em Taí, pertencente à valente divisão avançada. Sua denodada Guarnição repeliu e destroçou completamente uma Força Paraguaia, que pelas 11 horas e meia da noite de 9 do corrente [julho de 1868] ousara abordar aqueles navios. Por um paraguaio, prisioneiro no combate, foi revelado a S. Exª o Sr. Marquês ([13]) que em S. Fernando, onde López tem seu acampamento, havia-se organizado um Corpo de 260 praças, de gente escolhida de terra e mar, fazendo instruí-los nos exercícios de abordagem, com o propósito inabalável de apossar-se dos nossos encouraçados e que, tendo esse corpo atingido a exigida instrução, fora mandado passar para o Chaco no dia 9, conduzindo em carretas 20 canoas, a fim de dar um golpe-de-mão sobre o monitor "*Rio Grande*", que López presumia ser o único fundeado na foz do rio Vermelho. O comandante dessa expedição, porém, reconhecendo que em vez de um existiam dois encouraçados fundeados não no lugar indicado, mas sim nas proximidades de nossas baterias de Taí, participou a López, ponderando-lhe que julgava impossível a empresa da abordagem, mas que teve em contestação que cumprisse a ordem, investisse contra os dois navios e os aprisionasse! ([14])

[13] Marquês: então Marquês de Caxias, comandante-Chefe. (PIMENTEL)
[14] Como se dispunha tão facilmente das vidas alheias! É este o caráter de todos os tiranos. (PIMENTEL)

Efetivamente, pelas onze e meia da noite de 9, vinte canoas carregadas de gente cercaram de improviso o "*Barroso*". Com o brado de – *Inimigo! A postos!* – dado pelo oficial de quarto ([15]), seu intrépido comandante, o Sr. Capitão-de-Fragata Arthur Silveira da Motta, dispondo a Guarnição de modo a rechaçar o inimigo, mandou romper o fogo de fuzilaria das portinholas das baterias e da parte superior da casamata, e metralhá-lo depois que ele teve a audácia de pisar o convés de seu navio, produzindo grande estrago e desordem entre eles, de modo que nenhum efeito resultou das granadas de mão, foguetes à Congrève ([16]) , materiais asfixiantes e inflamáveis, com que vinham armados, e lançavam pelas escotilhas. Quando saía o comandante da casamata para a tolda, acompanhado do bravo Capitão-Tenente Etchebarne, alguns oficiais e marinheiros acabavam de destroçar os últimos paraguaios, que se agarravam às canoas emborcadas; alguns outros, desprendendo-se do costado do navio em uma chalana e na canoa do comandante, vogaram para o monitor "*Rio Grande*", que então já seguia avante, aproximando-se do "*Barroso*".

Foi neste momento que se travou uma desesperada luta entre um grupo de paraguaios, que chegou a abordar o monitor, e o seu bravo comandante, o Capitão-Tenente Antônio Joaquim, que imprudentemente saíra ao convés com algumas praças, a fim de repelir a abordagem, do que resultou ser morto, sendo inúteis os esforços que fez a Guarnição para encontrar o seu cadáver, tendo sido, entretanto, também aí heroicamente rechaçada a abordagem com grande perda do inimigo.

Quase simultaneamente o Sr. Brigadeiro João Manoel Menna Barreto, deu as suas acertadas providências, mandando estender em linha o 40° Corpo de Voluntários sobre a margem do rio, para, com os seus fogos e os da metralha dos canhões do

---

[15] Quarto: serviço. (Hiram Reis)
[16] Foguetes à Congrève: foguetes incendiários. (Hiram Reis)

> Forte, auxiliar os vapores atacados e completar a destruição do inimigo, tendo sido prisioneiros quatro Tenentes, um Alferes e dezenove Soldados que escaparam dos navios e procuravam a fuga por terra, asseverando o mesmo senhor Brigadeiro que poucos seriam os que tiveram a sorte de se salvar.
>
> A não se darem a morte do Capitão-Tenente Antônio Joaquim e o ferimento grave do Capitão-Tenente Etchebarne, seria a vitória mais completa que se poderia ambicionar, pois que, excetuando-se estes dois casos, apenas temos fora de combate dez praças feridas.
>
> O grande número de mortos, prisioneiros, muitas granadas de mão, foguetes à Congrève, matérias inflamáveis e asfixiantes, espadas, lanças, carabinas, revólveres, remos, croques e doze canoas, porque, das vinte, seis foram destruídas e apenas duas levadas pelo inimigo águas abaixo para o Timbó, são os troféus da vitória conquistados pela Esquadra, que tem sabido sustentar o posto de honra que tão dignamente ocupa.

Segue-se o louvor do Chefe ao Capitão-de-Fragata Silveira da Motta, ao Capitão-Tenente Etchebarne e ao 2° Tenente Simplício Gonçalves de Oliveira, que na luta assumiu a direção do "*Rio Grande*" por morte de Antônio Joaquim.

Tudo isto pareceria fabuloso, se não fora verdadeiro!

O Marechal López mandou atacar dois encouraçados, enviando contra eles apenas 260 homens em 20 canoas, sujeitos, além disso, ao fogo de uma forte bateria situada na barranca de Taí e sustentado por cerca de 4.000 homens de infantaria, que por sua vez garantiam a segurança dos navios.

Eis o general que os ignorantes inventaram! (PIMENTEL)

Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas apresenta-nos o próximo historiador, que foi como soldado para a Guerra do Paraguai e de lá retornou como Tenente.

Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira nasceu na vila de Curralinho, atual município de Castro Alves (BA), no dia 02.04.1847, filho de Antônio Cerqueira Pinto e de Ana Fausta dos Santos Castro. [...]

Após as primeiras letras, fez o curso de humanidades no antigo Colégio 2 de Julho em Salvador. Seguiu depois para o Rio de Janeiro, então capital do Império, a fim de ingressar na Escola Central e cursar engenharia. Estava já no segundo ano do curso quando teve início a Guerra do Paraguai [1864-1870].

Seguindo o exemplo de antepassados, alistou-se como voluntário em 1865, aos 17 anos, e a 5 de fevereiro seguiu para juntar-se às forças que combatiam em Montevidéu. Teve parte destacada em todas as grandes batalhas então travadas. Por sua participação na Jornada do Estabelecimento, foi feito cavaleiro da Ordem da Rosa. Na batalha do Chaco, "*por denodo e bravura*", foi citado pelo imperador.

Em Angustura, foi louvado por "*excessiva coragem*". Na Batalha de Lomas Valentinas, onde foi ferido gravemente, conquistou a medalha do Mérito Militar.

Pela parte que tomou nos combates de maio de 1868 e nos das Cordilheiras, foi elevado a oficial da Ordem da Rosa. Por conta de atos de heroísmo e bravura nos combates de Sapucaí e Peribebuí, em 1869, e Campo Grande, em 1870, foi elogiado pelo chefe do Exército, o conde D'Eu, por:

> Haver concorrido com os triunfos alcançados em prol da honra e da segurança do Brasil.

Foi então promovido a primeiro-tenente por atos de bravura.

De volta ao Rio de Janeiro desde o fim da guerra, matriculou-se na Escola Militar. Foi promovido a capitão em 1872 e conquistou, em 1874, os títulos de engenheiro militar e civil e bacharel em ciências e matemáticas. [...]

Em agosto de 1890, após ser promovido a coronel, foi nomeado comandante da Escola Militar de Porto Alegre, com a missão de serenar os ânimos dos alunos que se encontravam exaltados com os acontecimentos políticos, tarefa na qual já haviam falhado outros oficiais de patente superior.

Apelando para o espírito patriótico e a disciplina militar dos alunos, conseguiu obter sua confiança. [...]

Quando, em 3 de novembro seguinte, o marechal Deodoro da Fonseca deu o golpe de Estado em que dissolveu o Congresso Nacional, protestou contra tal ato e, embora estivesse prestes a ser promovido a general, pediu sua passagem para a reserva.

O Marechal Deodoro, ignorando seu protesto, nomeou-o quartel-mestre general do Exército, cargo de alta confiança, ao que respondeu com o pedido de reforma. Tendo seu pedido atendido por decerto de 12 do mesmo mês, deixou o serviço ativo do Exército no posto de general de brigada. (CERQUEIRA)

Reminiscências da Campanha do Paraguai
Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira

Biblioteca do Exército, 1980

XI

A Imprensa de López

[...] Era curioso ler o Boletim do Exército, de López, noticiando a vitória dos seus soldados, que tomaram as nossas posições e aniquilaram completamente os covardes e escravos brasileiro, que, ajoelhados e de mãos postas lhes pediam misericórdia, dizendo que também eram paraguaios. Os canhões de grosso calibre da nossa esquadra já haviam desmantelado o pequeno Forte de Itapiru e as nossas granadas explodiam frequentemente no meio dos quartéis das Forças do Ditador, no Passo da Pátria, onde ele se sentia pouco seguro e já não tinha desejo de nos esperar.

Para exaltar o espírito dos seus soldados, cuja valentia, obediência e abnegação dispensavam aliás estímulos, López, nos mandava injuriar pela sua imprensa. O "*Boletim del Ejercito*", "*O Semanario*" e o "*Cabichuí*" ficaram, de sobejo, nossos conhecidos.

Às vezes, sem sabermos como, apareciam exemplares, cobertos de injúrias aos aliados, nos nossos acampamentos. De alguns sabíamos as origens: eram os encontrados nos bolsos dos mortos e feridos. Os outros haviam sido deixados, provavelmente, pelos espiões, que não eram raros e passavam facilmente por orientais no acampamento argentino, por argentinos no oriental, e por orientais ou argentinos no brasileiro.

L Caceres

Caxias--Ora, diabos! Deixádmelo.
Los negros--Naó senhor, nos tivemos a fortuna
de apanharlo, e naó podemos deixárlho.

Imagem 02 – Cabichuí n° 44, 07.10.1867

Nas suas insultuosas publicações todos nós das três potências aliadas, éramos tratados de covardes e tudo o que há pior. Muitos anos depois, durante a revolta de 1893, vi com desgosto que alguns dos nossos chefes pareciam ter aprendido as más lições de López, lançando as mesmas injúrias aos adversários, em suas partes de combate. Não sei que glória há em triunfar de um inimigo covarde. Os japoneses exaltaram-se, exaltando a coragem dos russos na última guerra.

O pequeno periódico ilustrado "*Cabichuí*" [maribondo caboclo] tinha às vezes, pilhérias muito insulsas; outras, bastante picantes como as suas ferretoadas. Os nossos generais eram representados por lentas tartarugas, arrastando a custo, pesadas espadas; um macaco, de barbas grandes com uma coroa na cabeça, figurava o Imperador.

Dava-nos nome de *"cambaí"* o que significava macaco. Até o nosso balão cativo, destinado a reconhecimentos, não escapou à veia humorística do Gavarni ([17]) guarani, que o pintava agarrado nas costas de um cágado. Definiu, uma vez, os aliados na seguinte sentença, cuja injustiça dispensa comentários:

Orientales... general sin ejercito:
Brasileros... ejercito sin general:
Argentinos... ni general-ni ejercito!!! […]
(CERQUEIRA)

XXIV

Rendição da Guarnição de Humaitá
Pobre Dona Juliana

[...] Nesse dia, 5 de agosto, que foi o último da luta encarniçada, o Coronel Martinez rendeu-se com todos os valentes companheiros. Recebemo-los como mereciam. Tratamo-los o melhor possível. Conversávamos com eles, como camaradas. Não se via nas fisionomias da nossa gente, um vislumbre de ódio. Comovia-nos a desgraça daqueles centenares de bravos. Para que negá-lo? Olhava-os com simpatia, porque lhes conhecia a bravura. Cumpriam o mais sagrado dos deveres, defendendo a sua Pátria invadida; mereciam, portanto, o respeito dos que sabiam também amar a terra em que nasceram. O tratamento, que demos durante a guerra aos nossos prisioneiros, devia ter feito nascer em seus corações sentimentos de afeto e de gratidão para nós, os seus vencedores. Por isso, quando contavam, no Paraguai, as atrocidades praticadas por legalistas e rebeldes na última guerra civil que ensanguentou o solo brasileiro, ninguém lá acreditava. Todos protestavam, dizendo:

[17] Paul Gavarni: caricaturista francês (1804-1866). (Hiram Reis)

> Não é possível. Os brasileiros não são cruéis – não podem degolar os seus irmãos. Nós conhecemos sobejamente a bondade da sua alma; tudo isso que dizem é falso.

É que as guerras civis são mais cheias de ódio. Depois da visita ao campo dos prisioneiros, que foram logo mandados para Humaitá, fomos ver as suas fortificações no longo albardão. A memória estremece ao recordar aquele quadro, horrorosamente pungente. Nas proximidades das trincheiras, tropeçávamos nos cadáveres inchados e disformes dos nossos camaradas, que caíram no assalto inútil de 28 de junho. No fosso, havia alguns em decomposição adiantada, cobertos por nuvens de moscas, que esvoaçavam em roda macabra, num zumbido atordoador. Com os braços pendidos para dentro, a cabeça na crista, rachada de meio a meio e o corpo agarrado ao parapeito, por um prodígio de equilíbrio, vimos um soldado do 5°.

Foi um valente que ali tombou para sempre, e cujo nome nenhum de nós conhecia. Descobrimo-nos diante daquele montão de carne putrefata, que ia, em poucas horas, adubar ainda mais aquela terra prodigiosamente fértil. O nosso olhar de admiração foi a única homenagem que tiveram aqueles heróis, tão humildes e, por isso mesmo, grandes. No recinto, que cenário!

Homens e mulheres, velhos e crianças em pedaços, com olhos vazados, lábios arrancados, pernas e braços dilacerados, crânios furados com os miolos de fora, os ferimentos mais horríveis e a gangrena enegrecendo os bordos estiomenados e purulentos.

Uns, deitados no chão úmido sem uma rama sequer; outros, os menos mutilados, encostados a troncos de árvores. O valente Cel Martinez, que, resistira duas semanas e capitulara com honra, estava exausto.

Era um belo homem, o porte varonil, alto e louro e se parecia com o outro Martinez, que perdemos no dia 18 e que, morrendo, sofreu menos, certamente do que ele. Diziam que sua esposa, dona Juliana, era um tipo de graça e de beleza; e muito amada.

Contaram-nos que o Ditador ao receber a notícia da rendição mandou buscá-la presa, e expô-la em plena nudez à soldadesca brutal, e lhe infligiu com ferocidade os mais cruéis vilipêndios. Não saciada sua sanha, o imaníssimo tirano mandou que verdugos armados de azorragues flagelassem a mesquinha.

As brancas carnes avergoadas a princípio, tingiram-se de vermelho e saltaram laceradas em pedaços sangrentos aos golpes bravios, até findar-se a agonia da desgraçada num estertor do mais acerbo sofrimento.

"*El supremo*" vingara-se, na dedicada esposa inocente, das páginas de glória escritas pelo marido na história da sua Pátria.

Nada mais nos detinha no segundo Chaco. Deixamo-lo na primeira década de agosto e reunimo-nos ao grande exército que estava prestes a marchar para o Norte, onde López nos esperava na margem direita da Tebiquari.

Durante os três meses que vivemos em Andaí, pouco dormi – fui sobrerronda do Batalhão. O Tibúrcio ordenou-me que rondasse as sentinelas, as prontidões; as patrulhas, as rondas e responsabilizou-me pelo que pudesse acontecer. Passei as noites todas de espada à cinta, ora em palestra com camaradas de serviço, ora correndo as trincheiras e o abarracamento ou indo às avançadas, quando se ouvia um tiro. Raras vezes recostei-me na rede da remada e sentia-me orgulhoso e feliz com a confiança do meu comandante. (CERQUEIRA)

XXV

Traidores da Pátria – San Fernando

[...] Quando o 16°, depois de ganhar a margem direita, seguia em busca de um lugar onde abarracar, sentimos um cheiro nauseabundo de matadouro, que a cada passo se tornava mais intenso.

Urubus negros e camirangas com as pontas das asas esbranquiçadas, revoavam em círculo, disputando a posse de pedaços de carniça. A medida que acercávamos, eram mais numerosos; já não se levantavam em bandos; pareciam mais mansos ou fazer pouco caso de nós; olhavam-nos curiosos, ensaiavam curtas carreiras abrindo as asas largas, e davam pulos, crocitando.

Mais adiante... que quadro! Ainda hoje enche-se de assombro a minha memória ao relembrá-lo.

O trágico pincel do próprio Ribera tremeria ao copiá-lo. Tínhamos perto uma vala imensa, atopetada de cadáveres denegridos pela podridão, moços e velhos, todos nus com ferimentos medonhos de lança, de bala, de faca. As gargantas cortadas, cobertas de varejeiras, os peitos largamente fendidos e restos dos intestinos, que os urubus já tinham arrancado.

Todos imensamente inchados. Um ou outro com os olhos esbugalhados, quase todos só com as órbitas, que os abutres cavaram. Como aquela, havia outras valas, perto de um laranjal; e descobertas todas. Cada uma tinha na ponta de uma vara fincada numa garganta ou numa boca o letreiro: "*Traidores à la Pátria*". Não era possível contar os cadáveres. Estavam empilhados em desordem.

Havia centenares. Parecia terem sido trucidados ali mesmo, à beira das enormes sepulturas.

Prisioneros de guerra y familias paraguayas torturados por López en el campamento de San Fernando.

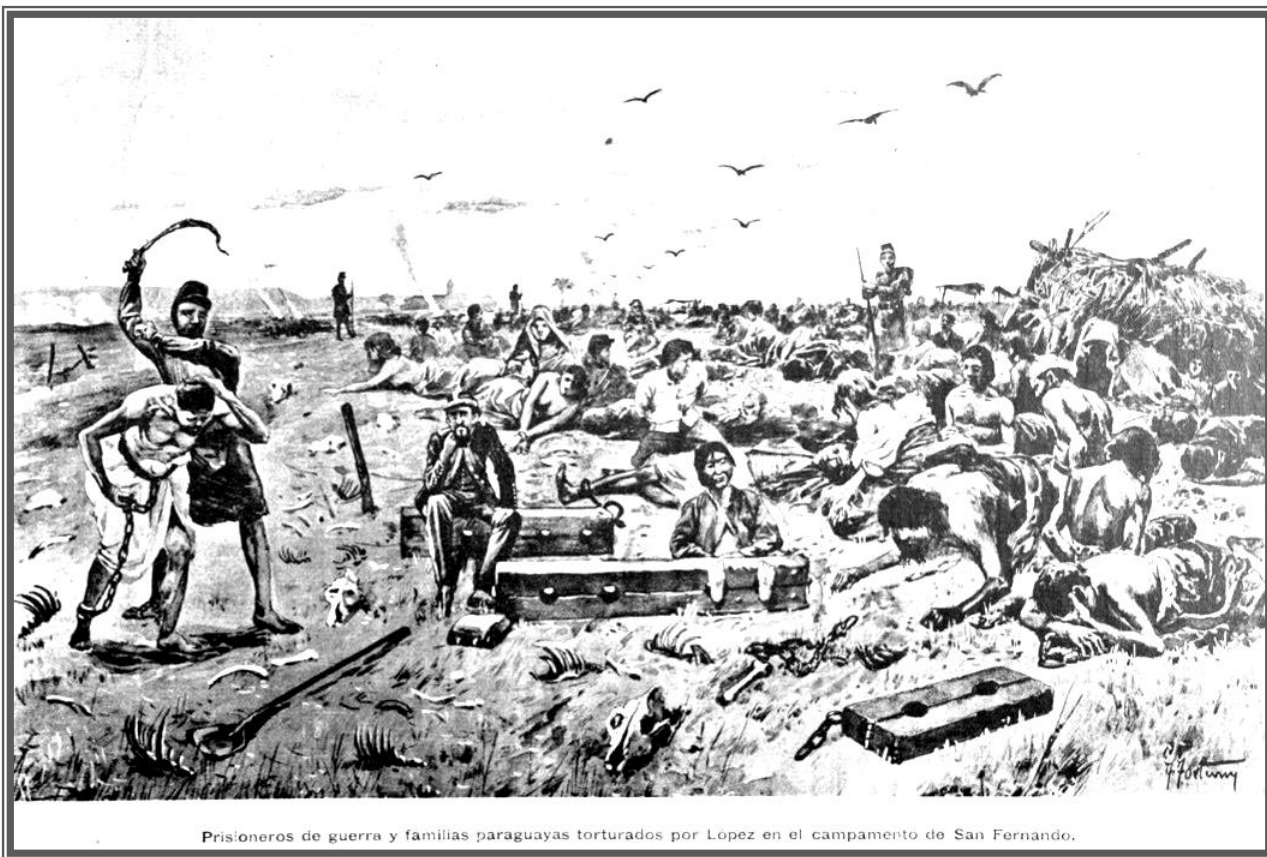



Imagem 03 – Matanza de San Fernando, 21.12.1868

O chão, em derredor, tinha ainda os sinais do sangue derramado. Paraguaios que estavam conosco, disseram-nos os nomes de alguns supliciados, que formavam o escol da alta sociedade do seu país. Ali estavam o Ministro das Relações Exteriores José Berges, o General Bruguez, homens de Estado, jurisconsultos, políticos, sacerdotes de alta hierarquia, generais e o que o Paraguai tinha de mais conspícuo.

Parentes e amigos dedicados "*del Supremo*" jaziam naquelas covas, de propósito descobertas, para que nós os víssemos bem. O pretexto para aquela matança espantosa foi uma conspiração, que o cérebro do Nero fantasiou para se libertar dos que ainda podiam julgar os seus grandes crimes naquela terra flagelada pela desgraça. Foi curta a nossa demora em San Fernando. [...] (CERQUEIRA)

XXXII

Marcha para Arecutaguá

Segui com o Batalhão para o rio Manduvirá, pelo qual haviam entrado alguns meses antes navios de pequeno calado da nossa esquadra, sob as ordens do bravo Jerônimo Gonçalves. O Ditador, depois dos últimos combates, mandou incendiar os seus seis últimos navios fatalmente condenados a cair em nosso poder e que estavam refugiados nesse rio.

Em nossa marcha, que foi longa, atravessamos pequenos campestres, grandes banhados e bosques. Os tempos estavam mudados: o inimigo batia em retirada precipitada por outros caminhos, perseguido por outras forças e já não receávamos vê-lo surgir na nossa frente. A cada passo, nessas marchas tétricas dos últimos tempos da guerra terrível, encontrávamos nas voltas do caminho, na lama das estradas, na margem dos riachos ou nas alpondras

cobertas de musgo dos seus leitos marulhosos, refrescando os pés doridos nas águas frias, na ourela sombria da mata ou no meio do areal que abrasava, mulheres magras e macilentas, com os traços da beleza quase apagados, cobertas de andrajos, às vezes de seda, com arrecadas de ouro cinzelado incrustados de crisólitas nas orelhas pálidas, estendendo-nos suplicantes as mãos descarnadas cheias, não raro, de anéis com muitas voltas, implorando esmola de um punhado de farinha ou de um pedaço de carne para lhes matar a fome.

Mais além, criancinhas esqueléticas sugando sem força os seios murchos e secos das mães agonizantes. Adiante meninos nus, amarelos, barrigudos, com as costelinhas à mostra, olhando-nos espantados. Transidos de terror ou sorrindo-nos medrosos a nós, que perseguíamos nessas marchas de tormentos, seus pais, seus avós, e seus irmãos.

Oh! a guerra! Quanta dor naquela terra! Quanta lágrima na nossa pátria. Quantos soluços abafados pelos hinos da vitória! (CERQUEIRA)

Hermano Dame Tu Mano
(Jorge Sosa)

Hermano dame tu mano vamos juntos a buscar
Una cosa pequeñita que se llama libertad
Esta es la hora primera este es el justo lugar
Abre la puerta que afuera la tierra no aguanta más.

Mira adelante hermano es tu tierra la que espera
Sin distancias, ni fronteras que pongas alta la mano
Sin distancias, ni fronteras esta tierra es la que espera
El clamor americano levanten pronto la mano al señor de las cadenas.

Métale a la marcha, métale al tambor
Métale que traigo un pueblo en mi voz
Métale a la marcha, métale al tambor
Métale que traigo un pueblo en mi voz.

Hermano dame tu sangre, dame tu frío y tu pan
Dame tu mano hecha puño que no necesito más
Esta es la hora primera este es el justo lugar
Con tu mano y mi mano hermano empecemos ya.

Mira adelante hermano en esta hora primera
Y apretar bien tu bandera cerrando fuerte la mano
Y apretando a tu bandera en esta hora primera
Con el puño americano le marque el rostro al tirano y el dolor se quede afuera.

Métale a la marcha, métale al tambor
Métale que traigo un pueblo en mi voz
Métale a la marcha, métale al tambor
Métale que viene la revolución. [...]

Pereira do Lago – Um Herói Anônimo

Imagem 04 – Cel Antônio Florêncio Pereira do Lago

A têmpera dos heróis anônimos da Retirada da Laguna forjada na caserna e aperfeiçoada nos desafios impostos pela carreira das armas aproxima estes seres dos deuses das guerras e povoa o imaginário dos pueris mortais. Os heróis são homens de coragem, homens capazes de se imolar por uma causa; não são homens comuns. Vamos reproduzir, a seguir, a biografia de um deles publicada na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo LVI – Parte Segunda, editada em 1893, de autoria do Visconde de Taunay.

Coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago

Apontamentos Biográficos

I

Filho legítimo de Gonçalo Garcia dos Reis nasceu Antônio Florêncio Pereira do Lago no dia 10.05.1825. Dá a sua fé de ofício o ano de 1827, sem indicar o mês; mas a outra data é a autêntica, por testemunho próprio muitas vezes confirmado.

Foi-lhe berço a então Província do Rio Grande do Norte, em lugarejo ou sítio próximo, salvo engano, à cidade de Mossoró. Após grandes dificuldades de vida na sua meninice e adolescência, chegado à idade de 18 anos, tomou por si a resolução de jurar bandeiras no exército e assentar praça de Soldado, o que realizou a 21.08.1843 e, incluído no depósito de recrutas, foi logo promovido a Cabo de Esquadra, sem dúvida por saber ler e escrever, mais ou menos corretamente.

Transferido para o Rio de Janeiro e classificado no 1° Batalhão de Fuzileiros, mereceu sucessivos acessos, na classe dos oficiais inferiores, aos postos de Furriel a 22.06.1846 e, menos de dois meses depois, a 08.08.1846, de 2° Sargento pelo comportamento exemplar, pelos hábitos de cuidadosa disciplina e ótimo desempenho de todas as suas obrigações. Sempre igual e digno, mas sem arrogância, retraído, fugindo por instinto das más rodas, com tendências à melancolia despida de agruras e displicência, amigo do silêncio, trazendo os seus papéis e mapas diários em muita ordem, correto e justiceiro na sua esfera de mando, não tardou a granjear a estima e o respeito dos Soldados e a confiança dos Superiores, em cujo contato mais imediatamente se achava.

Conta-se, que nesse tempo de penosa iniciação militar, consigo mesmo estudava rudimentos de francês e aritmética, quando fazia o serviço de ordenança, levando constantemente na cartucheira um livro, em que concentrava todos os esforços, mal tinha qualquer momento de lazer e folga. Que admirável exemplo e que proveitosa força de vontade! Habilitando-se assim, a pouco e pouco, nos preparatórios [e quanta energia para isso não se fazia precisa!] após quase seis anos de trabalho à formiga, assíduo, sem descanso e cada vez mais duro e complicado, conseguiu afinal o seu ardente

objetivo, tendo, por Aviso do Ministério da Guerra de 08.01.1849, licença para estudar na Escola Militar o curso da arma a que pertencia e matriculando-se no primeiro ano, a 13.03.1849. Estava vencida a parte mais árdua e dolorosamente severa da sua existência, a tentar afanosamente libertar-se das sombras da ignorância e sair do círculo de inferioridade social, em que tanto se debatera e contra o qual desde o princípio se rebelara o seu espírito nobremente ambicioso. Não lhe foram, contudo, imediatamente proveitosos esse grande favor e primeiro sorriso da sorte.

Dispensado do serviço militar a fim de cursar as aulas, mas não podendo manter-se sobre si com os mais que escassos recursos pecuniários de que dispunha, teve que engajar-se por mais seis anos, muito embora a posição de simples Soldado Raso lhe trouxesse como aluno não poucos atritos desagradáveis e até pungentes com os companheiros de estudos, no geral Cadetes e Praças de posse de privilégios e regalias, que não lhe era dado gozar.

Voltou, pois, à vida dos quartéis e, transferido para o 13° de Infantaria, embarcou com destino ao Rio Grande do Sul, de onde seguiu a tomar parte na rápida e gloriosa campanha do Uruguai terminada a 04.06.1852, uma vez derrubado do poder na Batalha de Monte Caseros, a 03 de fevereiro desse ano, o ditador D. Juan Manuel de Rosas.

Apesar dos hábitos de absoluta e susceptível reserva que sempre mantinha acerca dos primeiros e dificílimos períodos da sua carreira, de vez em quando se referia ainda com angústia aos muitos sofrimentos suportados naquela campanha, obrigado como fora a marchar dia e noite, de pés no chão, por sóis ardentes com pesada arma ao ombro e enorme mochila às costas.

Entrou no combate, ou antes, na escaramuça de Canelones e mereceu elogios pela firmeza com que levou a sua Companhia ao fogo. Em 1853, vemo-lo de novo na Escola Militar, pedindo fossem averbadas as notas de habilitação em Aritmética, Geografia, Gramática e Francês e apresentando, afinal, a 24 de dezembro, atestado de haver sido aprovado plenamente no 1° ano do curso.

Matriculado no 2°, seguiu, em janeiro de 1855, para a capital do Império e, tendo ali prestado com êxito os respectivos exames, foi, por decreto de 14 de abril, promovido ao posto de Alferes de infantaria. Pequena e bem modesta era sem dúvida a posição alcançada aos 30 anos de idade, quando muitos outros mais felizes vão palmilhando brilhante estrada no mundo ou até já atingiram as culminações sociais, coroados dos louros de fácil triunfo; mas, assim mesmo, quanto caminho vencido, quanto obstáculo superado por aquele pobre filho de pequena e longínqua Província, desprotegido de todos e que só podia e devia contar consigo mesmo!

Em contraposição, porém àqueles afortunados do destino, quantos, nas condições de Pereira do Lago não teriam e não terão desanimado de vez nos primeiros degraus da desanimadora escada a galgar, afundando-se irremediavelmente nas trevas, de que haviam querido um dia emergir?

E a sua promoção a deveu ele ao ilustre Duque de Caxias então Ministro da Guerra, a cujos olhares, atenção e sagacidade de ilustre Chefe e perspicaz Capitão não escaparam a pertinácia e o nobilitante e esforçado empenho da simples praça de pret. ([18])

[18] Praça de Pret (ou de Praça de Pré): os Praças eram contratados e pagos, às vezes antecipadamente, pelos dias trabalhados (o adiantamento de soldos era chamado, na época, de "*pret*" ou "*pré*") e os Oficiais, por sua vez, eram contratados por três anos. (Hiram Reis)

> Tenho toda a certeza, disse o glorioso militar ao novo Alferes no dia da apresentação, que essas suas divisas serão sempre honradas! O seu passado, de que me informei com o maior interesse e que conheço todo, por isto me responde.

No ano seguinte teve ainda mais pronunciada recompensa da já menos obscura, mas sempre valente luta, vendo-se transferido, a 28.05.1856, para o Corpo do Estado Maior de 1ª Classe, livre afinal e para todo o futuro das canseiras e do ônus das armas arregimentadas. Enorme fora o passo para o recruta de 1843!

Rematriculando-se, em 1857, na Escola Militar do Rio de Janeiro, localizada já então na Praia Vermelha, ali concluiu o curso da sua especialidade, sendo promovido, a 14.03.1858, Tenente com antiguidade de 2 de dezembro do ano anterior, e ainda mais, dispensado do serviço para poder continuar em seus estudos e seguir as aulas de Engenharia Militar.

Aprovado a 14.12.1858 plenamente no 4° ano e em geologia, pediu e com facilidade obteve licença para completar, na Escola Central, a sua educação de Engenheiro Civil e, a 10.12.1859, recebeu o grau de Bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas.

Uma vez formado e de posse de tão honroso diploma, casou, a 12.05.1860, com D. Matilde Medina Coelho de Almeida, ano também em que foi nomeado engenheiro das obras públicas na Província do Rio de Janeiro. Nesse cargo se manteve até começos de 1866 e nele prestou os melhores serviços, deixando bem assinaladas a sua atividade e competência no traçado e execução de importantes vias de comunicação, nos planos e construção de próprios provinciais e, sobretudo, nos trabalhos de canalização das águas do Rio Vicência para abastecer de água a cidade de Niterói.

Em muitos pontos do Rio de Janeiro ainda hoje se conserva bem viva a lembrança da laboriosidade e proficiência técnica do Engenheiro Lago, a par da escrupulosíssima honestidade, franqueza de gênio e lealdade de caráter, que por toda a parte lhe angariavam simpatias e amizades.

II

Declarada a Guerra do Paraguai, não podia o brioso militar conservar-se retraído e em Comissão civil, quando tudo o impelia a ir servir a pátria nos pontos de mais perigo e assim pagar-lhe com juros todos os benefícios que dela havia recebido em proteção, auxílios e principalmente instrução, desde a primária até à superior.

Quebrando, pois, sem vacilação a doçura da vida de família, já com dois filhinhos a lhe alegrarem o lar doméstico, foi ao encontro de qualquer chamado e, apresentando-se ao Quartel General, teve a 09.03.1865, ordem de se pôr à disposição do Presidente Comandante das Armas da Província de Mato Grosso, então nomeado, Cel Manoel Pedro Drago, a fim de seguir para aquela parte do Brasil invadida e ocupada em sua Zona Meridional pelos inimigos.

Já no caráter de Ajudante da Comissão de Engenheiros, dirigida e cuidadosamente organizada pelo seu antigo Chefe no Rio de Janeiro e amigo, então Tenente-Coronel José de Miranda da Silva Reis. Anteriormente fora já, por decreto de 28.11.1863, promovido a Capitão, dois anos depois de concluído, com aprovações plenas, o Curso de Engenharia Civil, em 1861. A 01.04.1865 partiu Pereira do Lago para a Expedição de Mato Grosso, que tantas inclemências teve que suportar, mal se afasta do litoral, internando-se no sertão.

Após penosas e dilatadas marchas em que muito padeceu a coluna, já pela carência de víveres apurada até à fome, já por várias e mortíferas epidemias, viu todos os seus sofrimentos coroados pela terrível Retirada da Laguna hoje bem conhecida na história e citada com honra e como prova frisante do quanto podem, nas mais tremendas conjunturas, a constância, a coragem e o pundonor militar.

Durante interminável viagem pelo interior do Brasil baldo de recursos [dois anos para se chegar à Zona de Operações!] na economia interna das forças expedicionárias, no serviço diário dos acampamentos, nas explorações e, sobretudo, passagens de Rios vadeáveis ou não, nos reconhecimentos e combates e, acima de tudo, nos mais horrorosos trechos da Retirada, foi o Capitão Pereira do Lago inexcedível em resolução, sangue frio e serenidade, exemplo contínuo, sem o menor desfalecimento, a quantos quisessem dar cumprimento inteiro a deveres tornados então sacrifícios quase sobre-humanos.

Assistente do Ajudante-General, cargo de importância capital naquelas circunstâncias, pronto, além disso, para todos os serviços e para as mais arriscadas comissões, superior às maiores intempéries, a representarem legítima subversão da natureza mato-grossense, já de si áspera e selvática, sempre na frente de todos, nos postos mais perigosos, não houve elogios que dos Chefes e camaradas não alcançasse e não merecesse.

Por vezes foi a verdadeira alma, o "*Braço Forte*" da infeliz coluna em seu Movimento Retrógrado da linha do Apa a Nioaque, principalmente quando, em fins de junho de 1867, depois dos medonhos estragos do "*cholera morbus*", o acúmulo e a agravação das misérias e desastres a quase todos haviam alquebrado o ânimo e a vontade de lutar e resistir.

Simples Capitão patenteou, nesses crudelíssimos e inesquecíveis dias, qualidades e temperamento de legítimo e prestigioso General, dependendo, em não poucas ocasiões, a salvação geral da sua pertinácia e inquebrantável calma.

> Se é preciso morrer – costumava bradar aos tímidos e desconsolados –, pois bem morramos todos! Neste mundo ninguém fica para semente; disto podem ter certeza.

Verdade é, que a responsabilidade da marcha até à fronteira paraguaia e da invasão do território inimigo sobre ele cabia quase inteira, pois fora o seu voto preponderante no Conselho de Guerra em que se decidira a temerária aventura, era temerária, de fato; pois de 1.600 homens de guerra que transpuseram o Apa, só voltaram, trinta e cinco dias depois, 720!

Dessas angustiosíssimas semanas, em que a coluna brasileira se arrastava por impenetráveis e imensos campos, tangida pelo desespero, cercada de incêndios diariamente renovados por ferozes perseguidores, buscando só e só salvar as suas bandeiras e os seus canhões – isto é, a sua honra – entregue a todas as contingências imagináveis da morte pela fome, pela peste e pelas balas, daquele período tão extraordinário diz concisamente a Fé de Ofício de Pereira do Lago o seguinte:

> Na parte que o Comandante do 17° de Voluntários da Pátria deu ao Comando das forças a 6 de maio, foi declarado que, tendo pedido para acompanhar aquele Batalhão, muito o coadjuvou, dando provas da maior coragem e marchando sempre na frente.
>
> Tomou parte na retirada das Forças para o Forte paraguaio de Bela Vista a 8 e daí para Nioaque, onde chegou a 11 de junho. Assistiu aos combates de 6, 8, 9, saindo as forças do acampamento da Invernada

> e ao geral de 11, tudo do mês de maio, à margem direita do Rio Apa, e bem assim aos tiroteios contínuos de 14, 16, 18, 19, 23, 25 e 26 do dito mês de maio. Em virtude da nova organização dada, em Ordem do Dia do comando a 1° de Junho, à Comissão de Engenheiros, reduzindo-a a três membros e estes pertencentes à arma especial, deixou por isso o exercício da mesma Comissão. Na Ordem do dia do Comando em Chefe, n° 3, de 8 do mesmo mês, relatando as ocorrências nas marchas, contramarchas e combates foi seu nome contemplado várias vezes por ter-se portado sempre com bizarria e sangue frio, dignos de muito particular menção.

Com mais especificação e naturalmente menos frieza oficial, diz a história da Retirada da Laguna em suas páginas 86 e 87, resumindo em breves traços o caráter do notável militar e mostrando a participação que tivera nas imprudências da coluna expedicionária e no resgate de todos os heroicos confrontos:

> À testa dos mais entusiastas se via o Capitão Pereira do Lago, oficial tão atilado, quanto positivo e pertinaz, com uma coragem que facilmente se exalta e nunca desce do nível a que uma vez sobe. Cabe-lhe certamente o maior quinhão nas nossas temeridades; mas também, mais tarde, soube sempre nas jornadas mais difíceis da nossa retirada fazer frente a todas as necessidades do momento com a sua atividade, com a sua poderosa iniciativa e com a perspicácia do seu lance de vista, grandes dotes, ainda de mais a mais realçados pela sua lisura, amenidade e simplicidade de caráter.

E, aludindo a fatos anteriores, acrescenta aquela narrativa:

> Há muito conhecíamos quanto dele se podia esperar. Mais de um ano antes, quando o desventurado General Galvão se viu em risco de morrer à fome com toda a sua gente no Coxim, coube à Comissão

> de Engenheiros ir reconhecer a possibilidade de passagem para o Sul, e os perigos dessa exploração, a caminhar-se para frente sem guia através das planícies inundadas que nos cercavam, eram tais e tão evidentes, que os Engenheiros, com autorização do seu Chefe, confiaram à sorte de apontar entre eles os dois oficiais que assim deviam arriscar-se. O primeiro nome que saiu da urna foi o de Taunay: a única probabilidade de salvação para ele em semelhante incumbência era ter por companheiro um homem como o Lago, e felizmente o segundo bilhete continha essa indicação. A satisfação foi geral; homenagem prestada ao mérito em uma dessas ocasiões em que só a verdade se manifesta.

Acampadas afinal as forças expedicionárias no Porto Canuto, junto ao Rio Aquidauana, objetivo de todos os seus esforços durante a Retirada da Laguna pelo apoio que lhe davam os contrafortes da serra de Amambaí, também chamada Maracaju, e terminadas assim as operações de guerra, gloriosas de certo, mas totalmente infrutíferas, teve a coluna ordem de seguir, depois de conveniente descanso e reparação, para a capital Cuiabá. Com muita ordem e rapidez fez-se essa longa marcha de concentração, desenvolvendo nela o Capitão Lago, segundo reza a Ordem do dia de 19.10.1867:

> Constantes e nunca suficientemente louvados zelo e inteligência e concorrendo para que tudo caminhasse sempre com a máxima regularidade e disciplina.

Concluídas todas essas afanosas obrigações, pediu então para se reunir ao seu Corpo do Estado-Maior de 1ª Classe e partir para o Rio de Janeiro e na Ordem do dia de 21 de Novembro, ao deixar as funções de Assistente do Ajudante General, em que tanto se distinguira e tão alto se levantara no conceito de todos, colheu ainda os mais estrondosos elogios. Fez-se de viagem e, no dia 20.02.1868, apresentou-se na Corte ao seu Corpo.

Já então, pelos extraordinários feitos de Mato Grosso lhe brilhava no largo e leal peito o oficialato da Ordem da Rosa, além do hábito de Aviz conquistado por 20 anos de irrepreensíveis serviços e companheiro da medalha da campanha do Uruguai, que ganhara como simples Praça de Pret.

III

Não se refez por longo tempo de tantas fadigas, nomeado como foi, a 4 de março, para ficar à disposição do Diretor do Arsenal de Guerra da Corte encarregado, a 16 de abril, das funções de 2° Ajudante, as mais trabalhosas sem dúvida, principalmente naquela época, em que a Guerra do Paraguai tocava ao seu ponto culminante e exigia dos estabelecimentos militares todo o esforço, toda a dedicação.

As oficinas nem sequer paravam o trabalho alta noite! Apesar de tão extraordinárias circunstâncias e da vigilância veemente e severa dos chefes, quanto era respeitado dos seus operários e entre eles popular o Capitão Lago! Também o seu nome, apesar da interposição dos muitos anos, é ainda hoje lembrado com saudade e reconhecimento.

Condecorado por esses novos serviços com o Hábito de Cristo a 02.12.1870, foi, por convite do respectivo Ministro, posto a 05.09.1871, à disposição da Secretaria da Agricultura para ir estudar a zona encachoeirada dos Rios Araguaia e Tocantins, além de levar instruções de caráter militar no exame e inspeção das colônias e presídios dependentes do Ministério da Guerra e localizados nos Rios Pará e Amazonas e seus afluentes.

As canseiras da vida do sertão, as viagens cortadas de perigos e grandes fadigas, outra vez atraíam o

Capitão Pereira do Lago para o interior do Brasil, e de certo muito teve que vencer e superar naquela operosa Comissão em que gastou nada menos de quatro anos, 1872, 1873, 1874 e quase 1875, todo inteiro. Dos valiosíssimos e penosos trabalhos que executou em tão agreste e mal conhecida região, deixou importantes provas e documentos, não tanto no Relatório apresentado em agosto de 1875 e infelizmente demasiado resumido, como nos escrupulosíssimos e grandes mapas, secções, cortes e plantas daqueles dois Rios, na parte das cachoeiras e corredeiras, que neles impedem a franca e proveitosa navegação.

No terreno ainda ficaram melhores atestados da sua atividade, pois abriu entre a povoação de S. Vicente no Araguaia e a de Alcobaça no Tocantins uma estrada de 391 quilômetros e outras vias de comunicação que logo e até agora aproveitadas pelo comércio ligam para sempre o honrado nome de Pereira do Lago ao desenvolvimento e progresso dos belos e fecundos vales do Araguaia e Tocantins. Não se olvide o futuro da dívida de gratidão que está e, sem dúvida, por muito tempo estará em aberto!

Promovido a Major por antiguidade a 26.06.1875, quando já fizera 50 anos, nem por isto se mostrava ele desanimado e descontente. Seu gênio se desanuviara, tornara-se até jovial, costumando dizer, apesar da consciência que tinha do seu valor moral, dos seus serviços e do muito que fizera: "*Nunca pensei poder chegar ao que sou*"; filosófica acomodação de espírito de muito alcance e elevado consolo.

Depois de pertencer à repartição do Arquivo Militar por ano e meio, teve do Ministério da Agricultura nova Comissão, sendo em maio de 1876; nomeado diretor do Serviço de Imigração e Colonização na Província de Santa Catarina, funções que acumulou com as de encarregado das obras militares.

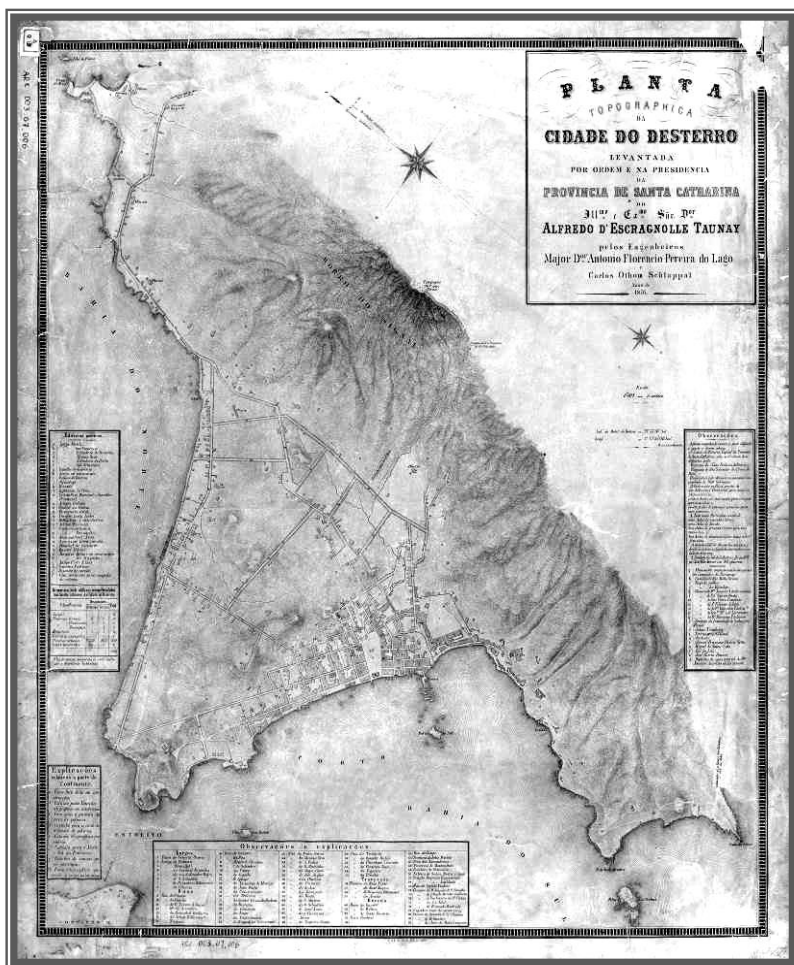



Imagem 05 – Planta de Desterro – P. Lago (1879)

Possuindo-se de entusiasmo pela magna questão entregue aos seus cuidados numa das mais interessantes e apropriadas zonas do Brasil, a imigração europeia e o estabelecimento da pequena propriedade em Santa Catarina, tudo quis ver por si, em continuas viagens, sempre embarcado ou a cavalo, a fiscalizar de perto o desembarque, primeiras acomodações e localização dos recém-chegados e a divisão pronta das terras e equitativa distribuição de lotes.

Em todos esses assuntos era, antes de tudo, prático, preferindo deixar imigrantes bem colocados, contentes da situação presente e esperançados em próximo futuro, do que enviar pomposos ofícios e passar telegramas de efeito, desenhar bonitos mapas, que consomem sem proveito meses inteiros e preparar trabalhos de gabinete, cuja realidade, com os processos oficiais vigentes por tantos anos, tomava-se de todo ponto ilusório. Para regularizar o serviço de recebimento, que ora se fazia com extraordinário atropelo, ora cessava absolutamente, conforme as remessas sem método, nem prudência do Rio de Janeiro, tomou providências adequadas, mas até certo ponto falhas, enquanto não fosse aprovada e não tivesse aplicação a série de medidas todas simples e intuitivas, que propôs e, infelizmente não mereceram a menor atenção por parte de quem as deverá ter logo adotado.

Estudado com o habitual afinco e consciência o difícil problema e compenetrando-se da sua missão toda de humanidade e educação, era de ver-se o carinho que o Major Pereira do Lago desenvolvia para com os infelizes imigrantes, a sua imensa compaixão pelo infortúnio daquela pobre gente, reduzida pelo desespero da vida na terra natal a sair dela, a deixá-la para sempre, atirando-se com a família inteira, velhos, mulheres e crianças, aos mil padecimentos de cruel azar, sem noção possível do destino com que teriam que arcar e das desgraças a que se iam submeter! Reclamava, protestava contra o desbarato dos dinheiros públicos, muito mais pela desordem e desorganização dos serviços, do que por outra qualquer causa, dinheiros que, melhor aplicados, poderiam suavizar e estar atenuado um sem número de misérias e angústias e ao mesmo tempo frutificando para o Estado de modo pasmoso e admirável; mas não era atendido, e o sistema da repartição central dirigente, vicioso, rotineiro, esbanjador e comodista

aos hábitos de desleixo e inércia, continuava a florescer e a se impor sem nenhuma modificação, nem alteração sensível.

Durante 2 anos arcou o incansável serventuário com insuperáveis dificuldades e sempre renascentes tropeços. Afinal, desalentado e verificando que as raízes do mal não podiam, de tão fundas e arraigadas, ser extirpadas, pediu a 31.05.1878 dispensa daquela desanimadora comissão e recolheu-se ao Rio de Janeiro.

> Ninguém neste mundo mais teimoso do que eu – disse ele como resumo de todo aquele período –, mas, confesso, não pude vencer tantos erros e vícios acumulados e inabaláveis, como se constituíssem um código de leis perfeitas e sem retoque possível.

IV

Adido ao Arquivo Militar, mal desfrutara um ano de mais sossego, viu-se, por ordem do Ministério da Guerra, a 24.05.1879, compelido a voltar à vida dos sertões e aturar-lhe as duras peripécias, encarregado de ir fundar a Colônia do Alto Uruguai, nas Missões brasileiras, empenho particular, longos anos bafejado, do Marquês do Herval, o lendário Osório, então na pasta da Guerra. Sem alegar o cansaço que já sentia em si, partiu a 27.06.1879 daquele ano; nem lhe era possível objetar coisa alguma, pois levava, como sinal da pleníssima confiança do governo instruções que davam margem para em tudo agir como melhor lhe parecesse e decidir conforme entendesse útil e conveniente.

Passaram-se os anos de 1880 e 1881 nessa Comissão que teve o mais cabal desempenho depois de zeloso e particular estudo de larga região, para escolha definitiva do local que reunisse, pelas suas condições topográficas, proximidade do grande Rio,

fecundidade das terras, e mais circunstâncias favoráveis, todos os elementos de natural prosperidade e rápido incremento, uma vez fecundados e estimulados pela presença do homem. E, com efeito, esse centro Colonial, em boa hora criado, mostrou logo grande progresso, que se vai mantendo cada vez mais acentuado. Tantas canseiras, porém, haviam, por força de ter repercussão no organismo valentíssimo é certo, do Major Pereira do Lago, mas já pesado não tanto pelos anos, como pelo abuso de forças a que se vira sempre sujeito e por esse desenrolar incessante de trabalhos pesados e em plena natureza bruta.

Na Colônia do Alto Uruguai caiu perigosamente doente, agravando-se a bronquite asmática, de que sofria desde a campanha do Uruguai, com violenta inflamação do fígado. Esteve muitos e muitos dias entre a vida e a morte, e assim mesmo em tão precária situação, do seu leito de quase agonia dava ordens e dirigia os serviços da nascente povoação.

> Momentos houve – dizia depois –, em que me supus chegado aos últimos momentos; mas a ninguém dei sinal da crença firme em que estava. A todos respondia que me sentia muito melhor quase bom!

Se a moléstia foi grave, tornou-se a convalescença melindrosíssima, durando mais de três meses. E para ajudá-la, era obrigado a mandar vir de S. Gabriel, e ainda além, garrafas de água de Vichy, que lhe custavam 10$000, cada uma! Dando, afinal, por finda a sua incumbência, a 04.10.1882, apresentou-se de volta do Rio Grande do Sul, ao Quartel-General, indo novamente servir no Arquivo Militar. Teve, porém, que regressar aquela Província, nomeado, a 24.12.1883, para inspecionar a invernada de Saicã e outras, propondo as reformas de que careciam e oferecendo à consideração do governo o plano de um estabelecimento modelo.

Quase um ano depois, a 10.12.1884, entregou circunstanciado relatório das inspeções a que procedera, apontando todas as providências que deviam ser tomadas a bem da regular organização de uma Coudelaria ([19]) de Estado e indicando com a maior franqueza e decisão todas as causas, culposas ou não, que concorriam para que o estabelecimento do Saicã fosse fonte de mero e escandaloso desperdício dos dinheiros do Tesouro e do descrédito da administração pública. Meses depois de ultimada aquela Comissão, outra lhe coube bem mais séria e difícil, encarregado como foi, a 31.10.1885, do Comando Geral do Corpo Militar de Polícia da Corte, cargo em cujo exercício entrou a 05.11.1885, data da sua promoção a Tenente-Coronel por merecimento. As circunstâncias delicadas da política, quando a questão abolicionista havia atingido o ponto crítico, com toda a sua exaltação e as irregularidades inerentes a mais ardente propaganda, a identificação absoluta, por efeito de intangível lealdade e espírito de intransigente disciplina, com o Chefe de Polícia de então, acentuadamente reacionário, o choque de longos hábitos militares com inúmeras condescendências da época e ao sabor dos que buscavam tirar daquela vasta e perigosa agitação todos os proventos possíveis e outras contingências da ocasião fizeram com que o Tenente-Coronel Pereira do Lago não pudesse, como das mais vezes, desempenhar-se das suas funções rodeado do aplauso e das simpatias a que estava, desde tanto tempo e com tanta justiça, acostumado. Hábil e acremente hostilizado por uma parte da imprensa do Rio de Janeiro, cujos intuitos iam além da abolição, não teve a exigida maleabilidade e continuou a cumprir à risca as ordens recebidas e a fazer frente a todos os temporais, crescendo as dificuldades com que tinha de arcar nos

[19] Coudelaria: estabelecimento que visa o melhoramento genético dos equinos. (Hiram Reis)

fins de 1886 e começos de 1887. O triste incidente Leite Lobo ([20]), tão explorado pelo jornalismo interessado em avivar ódios e que trouxe graves conflitos entre a marinhagem dos navios de guerra e agentes da polícia, provocou, em breve, a queda do Ministério Cotegipe e sua substituição, a 11.03.1888, pelo gabinete João Alfredo.

---

[20] A figura central desse incidente foi um oficial de Marinha, o Capitão-Tenente Leite Lobo, que começara a apresentar sintomas de alienação mental e cuja conduta, por isso mesmo, se tornara um tanto ou quanto inconveniente. Preso por um Alferes do Corpo Militar da Polícia, foi Leite Lobo levado para a delegacia do 1° Distrito, onde cruelmente o espancaram, em razão dos protestos que opunha à prisão. Tal a barbaridade do espancamento que o caso suscitou protestos veementes da imprensa e o Clube Naval se reuniu, para examinar o assunto. O resultado dessa reunião não podia deixar de ser uma severa condenação das autoridades policiais e dos seus criminosos métodos de ação. O Clube Militar não deixou passar a oportunidade de manifestar-se, hipotecando sua solidariedade à Marinha de Guerra e fazendo carga contra o governo. O príncipe D. Augusto, sobrinho da Regente, não pôde, como oficial de Marinha, que era, manter-se alheio à questão. Ficou também solidário com os colegas de farda e se incumbiu, ele próprio, de expor à Princesa Isabel a gravidade da situação. O Barão de Cotegipe foi chamado ao Paço e asseverou que o incidente não tinha a expressão que lhe queriam emprestar seus adversários, pois abusos de tal natureza podiam ser praticados por autoridades arbitrárias mesmo sob o mais tolerante dos governos. A Princesa Isabel não concorda com suas explicações. Acha que as autoridades têm abusado e que o Chefe de Polícia Coelho Bastos, o "*Rapa-Côco*" deve ser demitido. Cotegipe não concorda. Seria um desprestígio para o Gabinete, ceder à pressão dos militares e da imprensa, demitindo um homem de sua inteira confiança.

- A polícia só merece censura pela sua conduta violenta e arbitrária, - responde a princesa. - A presença desse homem na administração só pode representar uma perda de força moral, por parte do Gabinete. Insisto em sua demissão, senhor Barão...
- Nesse caso, - responde Cotegipe, – Vossa Alteza tem as mãos livres para agir como melhor lhe pareça. Dê Vossa Alteza desde logo a demissão do Ministério. Estou velho e cansado. Servi até o extremo limite de minhas forças. Até onde tem sido possível transigir, transigi. Mas, de agora em diante, não transigirei mais...
- Não me resta outra alternativa senão a de agradecer os seus serviços e constituir outro Ministério... (JÚNIOR)

Embora do mesmo credo político, sempre seguido desde os primeiros tempos da Academia, julgou o Tenente-Coronel Lago de restrito dever retirar-se logo e logo da Comissão que exercia, o que fez a 19.03.1888, apresentando-se ao Quartel-General, onde ficou adido. Era tempo de descansar, já pela idade, já pelo muito que trabalhara, já pelos males mais e mais acentuados; disso, porém não curava o infatigável servidor do Estado.

> Enquanto tiver um bocadinho de forças, dizia com firmeza, declaro-me pronto para todo o serviço.

E, com efeito, consultado se aceitaria o lugar de Diretor do Arsenal de Guerra de Pernambuco, nem pensou em recusar a incumbência que o obrigava a novas viagens e deslocamentos sempre duros a um Chefe de família, cujas economias, a custo ajuntadas, eram bem modestas, bem reduzidas, ainda que tivessem sido com certa largueza, retribuídas às Comissões alheias à pasta da Guerra e, pelas suas mãos de Chefe, houvessem passado centenas e centenas de contos de réis.

Nomeado a 11.07.1888, partiu para o Norte a 10.08.1888 e tomou posse do cargo a 17 do mesmo mês.

A 16.03.1889, após tranquilos meses de direção do estabelecimento confiado aos seus cuidados passou em virtude de telegrama do Ministério da Guerra, a exercer o elevado posto de Comandante das Armas interino da Província de Pernambuco, cargo que ocupou até 20.06.1889, quando foi no mesmo caráter, mas aí com efetividade, transferido para o longínquo Amazonas.

Havia se dado, a 6 de junho, no Rio de Janeiro a inversão da política geral, caindo o Partido Conservador e sendo chamado ao poder o Liberal, na pessoa do Visconde de Ouro Preto, Presidente do Conse-

lho de Ministros. Pereira do Lago vacilou em aceitar a nomeação que tão espontaneamente fora feita pelo governo, quando eram bem conhecidas as suas opiniões políticas, professadas sem exagero, mas com a firmeza que punha em todos os seus atos.

Além disto, não tinha mais confiança na sua saúde que considerava perdida e fundamente atacada. Salteado pelo terrível beribéri, mal chegara ao Norte, sentia as pernas trôpegas, frouxas, exacerbando se as sufocações produzidas pela bronquite asmática, ou talvez já pela asma cardíaca.

Muito embora todas as dúvidas, a 21.07.1889, um mês depois de nomeado, assumia o cargo que devia preencher, em Manaus, onde contra a grande expectativa de todos melhorou singularmente dos seus incômodos. Foi aí que o encontrou o inesperado e inacreditável sucesso de 15.11.1889, que derribou as belas instituições monárquicas do Brasil, transformando-o em República de Estados Confederados.

Na agitação política que se produziu na Capital do Amazonas, organizando-se uma junta governamental de três membros, foi o Tenente-Coronel Pereira do Lago aclamado Presidente e em boa hora, pois todos os seus esforços tenderam em garantir a ordem, reprimir vinganças e ódios pequenos e salvar os cofres provinciais de vertiginosa dilapidação.

Aliás, por bem pouco tempo, durou a sua benéfica ação; pois, a contragosto na posição que o ocupava, com prazer obedeceu ao chamado do Governo Central e, em começos de 1890, se achava já no Rio de Janeiro.

A 03.02.1890 viu-se compulsoriamente reformado no posto de Coronel. Estava finda a sua carreira, em que nunca poupara sacrifícios, por maiores que fossem, para bem servir à pátria.

Passou o ano de 1891 sempre doente e buscando impedir os progressos do beribéri, complicado com assustadoras perturbações cardíacas, ano, portanto, triste e melancólico, no qual, contudo teve a suprema alegria de casar a muito amada filha com um homem digno e que lhe merecia toda a confiança. Caiu, afinal, no leito de morte e, na segunda hora do dia 01.01.1892, cerrou os olhos à luz terrena e exalou o último suspiro. Tinha 66 anos, 7 meses e 21 dias.

Era o Coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago de estatura elevada, bem proporcionado de membros, ainda que com disposição à gordura, sobretudo no período dos 40 aos 50 anos. Cabeça pequena e redonda com cabelos cortados à escovinha, tinha o rosto cheio, tez morena olhos pequenos e vivos, nariz regular, barba rente em forma de coleira, feições que denunciavam energia e força de vontade e maneiras francas e despretensiosas que provocavam imediatas simpatias. Legitimamente ufano da sua competência e prática nos trabalhos de engenharia, não ocultava as dificuldades que, no seguimento da sua carreira, haviam provindo da falta de sólida educação secundária e da posse imperfeita das matérias que constituem o curso de humanidades.

Nas belíssimas qualidades morais que o distinguiram não há que insistir, porquanto bem se salientaram em todas as fases da vida que acaba de ser narrada; mas não deixaremos, por dever de gratidão pessoal em esquecimento o culto que dedicava à amizade.

Impossíveis mais afetuosidade, maiores extremos, delicadeza e constância nas doces e comovedoras relações com aqueles poucos a quem considerava amigos.

A sua força capital, no penoso afã de abrir um lugar para si na sociedade, a sua alavanca, foi a pertinácia.

Acostumando-se a nunca fazer grandes e fascinadores cálculos e planos e visar longe demais, uma vez alcançado o objetivo que a princípio visara, olhava sempre para diante, além, mais além, não parando nunca em suas aspirações de nobilitante conquista, em que punha todo o esforço de que era capaz, sempre a seguir linha reta, inflexível, sem atalhos, nem tergiversações.

Era da raça desses valentes caráteres, de que tão belamente disse o poeta Lucano:

> "*Nil actum reputans si quid superesset agendum*" ([21]).

Também, no seu tumulo de belíssimo e destemido Soldado, na sua lápide funerária de intemerato e incansável servidor do Brasil, bem condiz, como epitáfio, estas singelas palavras, resumo de toda a sua agitada existência:

> Por si só conseguiu o que foi, sem jamais se desviar da honra e do dever.

Petrópolis, 20 de Outubro de 1892.

Visconde de Taunay

[21] Marco Aneu Lucano (Marcus Annaeus Lucanus): poeta romano autor do poema "*Bellum Civile*", conhecido como Farsália, um épico da guerra civil entre os Generais romanos Caio Júlio César e Pompeu o Grande. Lucano atribuiu a Júlio César, no livro 2, verso 658, de sua obra, o lema:

"*Nil actum reputans si quid superesset agendum*" – Considerar que nada foi feito se algo resta a fazer. (Hiram Reis)

Comissão de Engenheiros

Era então Ministro da Guerra o Visconde de Camamu, que pouco depois faleceu [creio que em 1866]. Nem de propósito. Estava o Imperador despachando uns papéis com o Camamu, quando meu pai apareceu. Aproveitando a vaza, contou a que ia ao imperial amigo e, depois de verificado com o habitual escrúpulo que tal ato não ia de encontro a lei nenhuma positiva, foi ali mesmo assentada a minha nomeação de ajudante da Comissão de Engenheiros junta às forças destinadas a Mato Grosso. Fiquei contentíssimo e saí a anunciar a boa nova a Catão, que foi apresentar-me ao Lago e em seguida ao nosso Chefe Tenente-Coronel José de Miranda da Silva Reis. (TAUNAY, 1948)

Membros da Comissão de Engenheiros

Seis eram os membros da Comissão de Engenheiros:

1 – Antônio Florêncio Pereira do Lago, Capitão do Corpo de Estado-Maior da 1ª Classe. ([22])

2 – Catão Augusto dos Santos Roxo, Primeiro-Tenente do Corpo de Engenheiros.

3 – José Eduardo Barbosa, Primeiro-Tenente do Corpo de Engenheiros.

4 – João da Rocha Fragoso, Segundo-Tenente do Corpo de Engenheiros.

5 – Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, Primeiro-Tenente do Corpo de Engenheiros.

6 – Alfredo de Escragnolle Taunay, Segundo-Tenente de Artilharia.

---

[22] Dedicamos, o capítulo anterior especialmente ao Capitão Pereira Lago reproduzindo um artigo de Taunay enaltecendo o mesmo. (Hiram Reis)

CATÃO AUGUSTO DOS SANTOS ROXO

Filho do Rio Grande do Sul, moreno, de olhos apertados, nariz grosso, testa toda enrugada pelo hábito de franzi-la, muito simpático na feição e nos modos a que de contínuo procurava imprimir o cunho guasca, conforme denominava, mas com um "*quid*" ([23]) um tanto grotesco, sem ser, contudo, ridículo, antes engraçado naturalmente e malgrado seu, bambo das pernas e sempre a se queixar desta fraqueza.

Dei-lhe na escola o apelido de "*gato gordo*", que pegou pela semelhança com algum roliço bichano.

Foi dos rapazes e companheiros a quem na minha vida consagrei mais viva e real afeição. Tudo quanto fazia e dizia o Catão tinha para mim irresistível graça. Quando, depois de mais de dez anos de íntima e constante convivência, rompemos relações por causa do canalhíssimo Coronel A. [e deveras não valia a pena], experimentei um dos mais fortes e penosos sentimentos de toda a minha existência, espécie de espinho que pungiu muitos anos, até a nossa reconciliação em 1881.

Estava, porém, quebrado o encanto.

Bom caráter, egoísta, mas capaz de rasgos de dedicação, sabe bem o que estudou e conhece administração, tendo sido ótimo e leal auxiliar de vários Ministros da Guerra; é, porém, pouco lido em literatura. Padecendo de surdez, que se vai acentuando, gosta em extremo de música. Gênio bastante melancólico, concentrou-se cada vez mais no sistema de vida, da qual excluiu, desde o princípio da carreira, qualquer estímulo de ambição.

---

[23] Quid: que. (Hiram Reis)

Já na subida da Serra do Cubatão, a braços com um reumatismo que o atacara violentamente, exclamava com uns "*ais*" e "*uffs*" que me faziam torcer de riso:

> Vou me reformar! Não nasci para façanhas! Leve à breca a farda, a fama, a glória! Não sou disto; prefiro o meu cômodo a todas essas bobagens! Ai, meu reumatismo, ai!

Quanto me ri com Catão Roxo e por causa dele! Quanto! Uma vez atirei-me ao chão, na relva para poder rolar-me a gosto e desfazer-me em gargalhadas – quase estourei! Estávamos a caminho para a Vila das Dores do Rio Verde, vulgarmente chamada Abóboras, na Província de Goiás e levantamos pouso sem o Catão, que ficara a procurar uma bestinha de montaria chamada Rosilha, desaparecida de madrugada. À tarde, nós, há muito acampados na barranca de grosso e límpido Córrego, quase Ribeirão, eis que apareceu o nosso retardatário, na estrada do lado de lá, na atitude ambos do maior cansaço e abatimento, o animal, sujo até às orelhas caídas, o cavaleiro todo derreado e com as abas do chapéu do Chile caídas e viradas. Enorme vaia os acolheu.

Parado algum tempo na borda oposta a procurar melhor descida, de repente fraqueou a Rosilha das mãos e o Catão, saindo pela cabeça do animal, rolou o barranco todo e foi cair sentado no meio do córrego com a figura mais extraordinária que dar-se pode, entre resignação e furor. Nós não podíamos mais de tanto rir, enquanto ele nos descompunha:

> Miseráveis, canalhas, infames, zombarem da desgraça de um companheiro!

E todo pingando, a custo subiu a margem de cá com as botas cheias d'água e a espada, por cima, a se lhe meter pelas pernas, o que o ameaçava a cada tropicão de focinhar novamente. Desses episódios, um mundo. (TAUNAY, 1948)

JOSÉ EDUARDO BARBOSA

Louro, de olhos azuis, amigo de mistérios e retraimentos, primava pelo egoísmo, sem, contudo, ter qualidades que impedissem certa intimidade de relações. Tinha o cacoete de torcer a cabeça, ora para o lado direito ora esquerdo, sestro nervoso que lhe valem a engraçada alcunha de engole sardinhas. Às vezes, parecia que a tal imaginária presa recalcitrava ao entrar na garganta, de maneira que os esforços se amiudavam, até que voltava a serenidade. Então um de nós gritava: "*Passou!*", o que era acolhido com grandes brados: "*Passou, passou, mais uma!*" E o Barbosa ria-se com os demais. (TAUNAY, 1948)

JOÃO DA ROCHA FRAGOSO

Muito alto, magro, dispéptico ([24]). Quase sempre ingênuo, às vezes arrogante, aturava, segundo a disposição do dia, com paciência, ou não, os nossos contínuos gracejos, em que o fazíamos figurar com uma ladainha de cognomes: João Prosa, João Macieza, João Beleza, João Bússola, conforme a ocasião e a gabolice que apregoara mais particularmente.

Os índios de Mato Grosso lhe aplicavam a alcunha muito característica de cabeça de nuvem por causa da cabeleira toda solta e arrepiada. Foi-lhe desastroso o fim, depois de grande dúvida com o Ministro Afonso Celso, em 1880, morrendo no Hospício de D. Pedro II.

Casara com uma artista de Ópera, a contralto Leopoldina Iweskowska, mãe dedicadíssima e exemplar de três filhinhos órfãos, com quem ficou após a desgraça do marido. (TAUNAY, 1948)

---

[24] Dispéptico: que padece de indigestão. (Hiram Reis)

JOAQUIM JOSÉ PINTO CHICHORRO DA GAMA

Era de todos nós o mais velho. Esguio, muito chupado, quase esquelético com barbas esquálidas, de um louro sujo, já passando para branco, testa larga que abria em funda calva, maneiras esquisitas de alquimista ou descuidado sábio, nos lhe chamávamos o vovô.

Possuía instrução variada e sólida, sobretudo em matemática; conhecia botânica e geologia e vivia agarrado aos livros. Inspirava-nos, senão respeito, pelo menos tal ou qual acatamento, não só pela erudição sincera, modesta e nunca encarecida, como também por ter na vida certos lados misteriosos que não penetrávamos e que ele zelosamente encobria.

Era homem já afeito ao sofrimento e aos reveses. Um deles conhecíamos desde a Escola. Apaixonara-se loucamente por uma filha de um Coronel de Artilharia e vira-se preterido por um colega de ano, não só na pretensão à mão da disputada moça, como na candidatura a uma das cadeiras da Praia Vermelha. Parece que por tudo isto ficara algum tempo transtornado do juízo [valeria a pena?].

Em relação ao Chichorro falavam também em desavenças e desgostos muito sérios com os pais na Bahia, berço de toda aquela família, conceituada pelos princípios intransigentes de honra e dignidade, de que o nosso colega era, decerto, digno e nobre tipo.

De constituição muito débil, sempre adoentado, pilhou fortíssima bronquite ao chegar a São Paulo naqueles frigidíssimos dias de um abril excepcionalmente áspero. Tão mal nos pareceu o seu estado, que o nosso Chefe, Miranda Reis, propôs-lhe a volta ao Rio, o que recusou com a máxima energia.

> O primeiro dever do militar é saber morrer. Ou de bala ou de moléstia, a distinção pouco importa.

Entretanto, apesar da debilidade, eu o pirraçava quanto podia.

> "*Culpa não tem você*", exclamava furioso, "*culpa tem o governo que nomeia para Comissões de Engenheiros beldroegas* ([25]) [expressão que lhe era favorita] *da sua idade, meninozinhos, Segundos-Tenentes de artilharia!*"

E tais palavras mereciam os aplausos do Barbosa e do Fragoso, muito ciosos ambos das funções de Engenheiros Militares e da gola de veludo que lhes ornava a farda. Pobre Chichorro! Para diante muito me hei de referir a este bom e infeliz companheiro, cuja morte foi horrível. (TAUNAY, 1948)

[25] Beldroegas: pessoa insignificante, inútil. (Hiram Reis)

Se

(Joseph Rudyard Kipling)

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires,
De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo,
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais – tu serás um homem, ó meu filho!

5 6 7

1 2 3 4

Engenheiros da Expedição

1 - 1° Tenente Chichorro da Gama
2 - Tenente Coronel Miranda Reis
3 - 2° Tenente Rocha Fragoso
4 - Capitão Pereira do Lago
5 - 1° Tenente Catão Roxo
6 - 2° Tenente Alfredo de Taunay
7 - 1° Tenente J. E. Barbosa

Imagem 06 – Engenheiros da Expedição

Personagens de Taunay

Tal amor de exatidão a cenários e espetáculos naturais estende-o Taunay aos personagens da novela, que, todos, existiram – alguns tais e quais, outros reconstituídos em pequenos mosaicos de fragmentos pessoais, diretamente escolhidos entre a gente que conheceu por aqueles sertões. (PINHO)

Taunay transformou-se progressivamente, durante a terrível jornada, seu olhar tornou-se, evidentemente, mais universal, sem perder, porém, a irreverência e minudente capacidade que possuía de retratar seus parceiros de marcha e tipos populares que conheceu, com uma franqueza, riqueza de detalhes e invulgar peculiaridade que só seu espírito extremamente diligente e observador era capaz de captar e reproduzir.

CARDOSO GUAPORÉ

Negro velho, muito feio, filho da cidade de Mato Grosso e de quem falo um tanto detidamente em meu livro "*A Cidade de Mato Grosso, o Rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima*" – Laemmert, 1890. (TAUNAY, 1948)

Vejamos detalhes da narrativa de Taunay:

Entre os fugitivos, havia um homem de cor, um preto, velho, muito velho, de mais de 80 anos e de nome Cardoso Guaporé, antigo coletor da Vila de Miranda e que ali gozara de certa importância, pois acumulava às suas funções de exator da fazenda pública o exercício de advogado provisionado, ou antes de rábula. Filho da cidade de Mato Grosso, ao ouvir pela primeira vez pronunciar o meu nome, mostrou-se sobremaneira admirado e sem vacilar, mas com visível sofreguidão, logo me perguntou:

– Será por ventura o senhor parente de um Adriano que se afogou no Rio Guaporé e foi enterrado na igreja de Santo Antônio, isto pelos anos de 1827 ou 1828?

– Sou seu sobrinho. Era irmão de meu pai.

Respondi-lhe em extremo surpreso de encontrar naqueles ínvios recôncavos um conhecido da família, que se remontava à ocorrência já tão antiga.

– "*Ah! que homem aquele!*" Exclamou o velho.

E, sem mais se ocupar com o momento presente, que lhe trazia contudo tantas surpresas na sua vida de refugiado e de oculto nas matas, começou o mais ardente e exaltado panegírico ([26]) do ilustre mancebo, das suas qualidades proeminentes, sua coragem indomável, sua alegria incessante, sua atividade estupenda, sua generosidade ilimitada, suas aptidões inexcedíveis de músico, desenhista e poeta, sua habilidade em nadar, caçar e jogar armas, sem esquecer a notável e impressiva beleza, atraente e máscula, que lhe fazia correr mil aventuras de amor e lhe valia tantas e tão espontâneas dedicações, até daqueles que poderiam pretender rivalidade.

– Onde chegava, disse-me ele, eram festas e dançados, que não acabavam mais; partia e só deixava tristezas e saudades, que nem o tempo podia mitigar. Uma feita, duas mulheres de boa sociedade acutilaram-se de ciúmes com facas de mesa e, ao apartá-las com uma força de gigante, feriu-se nos dedos, dirigindo toda a noite o baile com a mão amarrada em um lenço. Sua morte tomou vulto de verdadeira desgraça pública. Assisti ao enterro, que levou a cidade inteira atrás de si. Parecia algum Capitão-General, como aconteceu com o funeral do Cáceres, de que me lembro ainda hoje, pois já era molecote.

---

[26] Panegírico: elogio. (Hiram Reis)

Quantas vezes não indaguei do Cardoso Guaporé a respeito desse tio? Então, rememorando as conversas e descrições de meu pai, também o levava a recordar as grandezas de Vila Bela. E aí o velho preto, na dorida expansão do seu bairrismo e a endireitar tremulo de comoção os grandes óculos de prata que lhe escorregavam das orelhas e do nariz, tornava-se quase eloquente.

– Cuiabá, dizia-me ele todo abespinhado e exagerando naturalmente, tem e pôde ter muita coisa boa; mas nunca, nunca lá vi palácios tão ricos e casas tão bem acabadas com lavores [pinturas] pelas paredes e quadrarias [painéis] nas salas, como na minha cidade natal. Era coisa de pôr pasmos até os que vinham das "*Europas*". E a igreja de Santo Antônio, toda cheia de riquíssimas alfaias e de imagens cobertas de ouro e prata? Dizem que S. Antônio, o orago, levantou o braço, quando se falou na mudança da capital, excomungando quem disso se lembrara!

– Nem se calcula o valor das riquezas que contém ainda, embora já lhe tenham sonegado não poucas preciosidades para enriquecer Cuiabá, que tudo nos tirou! E a casa da Câmara, com grandes retratos de El-Rei D. João VI e da senhora D. Carlota? E o sobrado, que metia inveja ao mesmo palácio? E o cais?

– Parece que era a obra de mais vulto, feita por portugueses no Brasil; coisa muito bem planejada e que costeava o Rio todo, dando um passeio como ainda não e fez igual, todo ombreado de frondosas gameleiras e indo acabar em um laranjal imenso, plantado por ordem dos senhores Governadores Gerais, em que estava metida a capela de S. Antônio, laranjal limpo todas as semana pelos apenados e em que se reuniam nuvens de graúnas e todos os pássaros possíveis. De manhã e à tarde cantavam tanto, que ainda tenho na cabeça o barulho que faziam!

– E os passeios em torno da cidade? Que lugares lindos e que arraiais magníficos, pontos de fonçonatas [festas] e consoadas [Festas e refeições, depois de jejuns], em que se davam desafios de poetas e cururus [batuques], a que acudiam as pessoas de mais consideração da terra.

– Casalvasco, com o seu Rio Barbados, era uma delícia, com umas ruas muito direitinhas e seu palácio e igreja de boa cantaria, com um lampadário, como não há outro em toda a Província e talvez em todo o Brasil. E o Passo do Rio Alegre? Que ponto de bons regabofes ([27]) e que sítio tão formoso! Ah! Havia em Vila Bela muita alegria.

– Cuiabá tudo levou, tudo tomou! Nunca se fiem em cuiabanos! São todos imbicioneiros [ambiciosos] e trabucadores [que trabalham de má fé]. Falam muito na sua Serra de Guimarães ([28]), onde cai geada e há uma pedreira que parece encantada; mas ela não se compara com a serra da Vila que se avista da cidade, com o seu Chapéu de Sol.

– Acusavam aqueles lugares todos de muito doentios, sezonáticos e empestados. De certo, quando o Guaporé enchia demais, havia suas maleitas; mas muitos e muitos anos se passavam sem febre alguma e não faltavam velhos e velhas que contavam histórias dos primeiros governadores, de Rolim de Moura, depois Conde de Azambuja, Pedro da Câmara e dos dois Cáceres, tanto tempo já haviam vivido.

– Se há por aí povoação caluniada, é a minha pobre cidade natal, que mataram de uma vez e mataram por simples inveja. Quanta exageração! Quando falavam então no forte do Príncipe da Beira, parece que era lugar excomungado. Meu filho entretanto lá está, há muito tempo!

[27] Regabofes: festa em que se bebe e come à farta. (Hiram Reis)
[28] Guimarães: Chapada dos Guimarães. (Hiram Reis)

No meio de todos esses queixumes e encarecimento, em que transparecia a rivalidade ainda hoje persistente entre as cidades de Mato Grosso e Cuiabá, rivalidade repassada de compaixão por parte desta na sua vitória para sempre indiscutível, e por parte daquela que entranhado desespero e quase ódio, via eu, na confirmação de muitos sentimentos de meu pai em relação ao irmão Adriano, reaparecer aquelas pinturas a fresco e manifestações artísticas, que no fundo dos sertões haviam merecido lisonjeiro reparo crítico de quem percorrera o mundo inteiro à pesquisa e na contemplação do belo.

Era uma espécie de orangotango.

Rábula, não pouco inteligente e sagaz, exercia na Vila de Miranda o cargo de coletor das rendas gerais e provinciais e fugiu para os Morros com a velha mulher, ambos chegados a mais de oitenta anos.

Dotado de não pequeno bócio, ostentava Guaporé os sinais característicos dos grandes antropoformos, prognatismo ([29]) pronunciadíssimo, dentes valentes e saídos para fora da boca, exageradamente enormes, nariz chato com enormes ventas em cujo topo mal podiam aguentar-se uns óculos de grossos aros de prata, olhinhos piscos, protegidos por sobrancelhas em matagal e fronte minúscula e fugidia.

Entretanto, contra tantos e tão claros prenúncios de absoluta estupidez, dispunha de bastante agudeza de espírito e passava até por capacidade na Vila, em que chegou a gozar de não pouca influência, já pelos recursos intelectuais de que dispunha e empregava ativamente no mexerico e na intriga, já pela amizade que o ligava ao Tenente-Coronel Albuquerque.

---

[29] Prognatismo: crescimento excessivo da mandíbula. (Hiram Reis)

Era um dos nossos vizinhos mais chegados nos Morros e não pouca graça e interesse achava eu em sua conversa, pois se referia, com um sem número de historietas e anedotas, à vida da antiga capital da Capitania do Cuiabá e Mato Grosso e à popularidade, ao prestígio e às façanhas do meu tio, Amadeu Adriano Taunay, que ali estivera em fins de 1827 e de lá nunca mais saiu, afogando-se no Rio Guaporé a 05.01.1828. Metia-se a falar corretamente e dava boas gafes, de que nos ríamos a valer depois em conciliábulo íntimo, eu, Lago e Pacheco. Quando já saíramos dos Morros, morreu-lhe a velha e simiesca esposa de modo bem singular. Em noite de forte ventania, possante árvore, ao cair, rachou a meio o rancho de palha e literalmente esborrachou a pobre que dormia ao lado do importante esposo.

Coisa curiosa e que aqui menciono como engraçado assinalamento histórico, nos anais do casamento civil, Cardoso Guaporé quis estabelecer naquele lugar de refúgio, em que não havia Padres, essa útil instituição por cuja promulgação tanto trabalhei nas Câmaras e na Imprensa, incorrendo em muitos ódios e insultos, e que o Governo Provisório, nos primeiros dias da República, a 24.01.1890, decretou, sem protesto nem relutância de ninguém, como lei do país.

A ideia de Cardoso Guaporé veio do seguinte modo: um médico, cirurgião do Exército e notável pelas excentricidades e reconhecida ignorância, que fora ter também aos Morros, enamorou-se, embora idoso, de certa moça, filha de pobre velho chamado Cadete, morador no acampamento do Chico Dias. A este propôs tomar por conta, e em casa, o objeto da paixão, até aparecer por ali sacerdote que regularizasse a sumária união. Teve o pai escrúpulos e foi consultar o oráculo do lugar – o nosso Cardoso Guaporé, ainda que a mãe se mostrasse muito mais fácil e condescendente:

– Ora, Sr. Cadete...

Dizia filosoficamente.

– Pois não comecei a vida amasiada e por muito favor? Quanto não rolei por aí, até me casar com o Sr.?”

O marido porém não concordava e a tudo resistia. Achou o rábula o caso muito sério e pediu logo 2 mil réis, ou então meio alqueire de feijão, para pensar na dificuldade e buscar resolvê-la. No dia seguinte, apresentou o desenlace: era proceder-se a uma cerimônia civil, presidida por ele, de que se lavraria auto, dizia com muita gravidade, segundo as formas do Direito e assinado por três testemunhas, comprometendo-se o médico, em nome de Deus, do Filho e do Espírito Santo a casar-se perante os altares no primeiro ensejo possível. A princípio concordou o esculápio ([30]), mas depois se desdisse ([31]), de modo flagrante e afinal rompeu qualquer acordo, tudo isto no meio de muita agitação das famílias e de toda a gente dos Morros. Não se falava noutra coisa e não havia quem desse razão ao velho doutor. “*Não passa de rufião*”, berrava o Cadete, enquanto a mãe da pretendida observava com e bom senso especial de uma Madame Cardinal [o grotesco tipo literário criado por Ludovic Halevy]:

– Vocês o que fazem é espantar a caça. O tal méco ([32]) é muito burro, mas convinha bem à Antônia. A menina já está com os seus dezoito anos e precisa estabelecer-se.

Tive ocasião de ver o original do documento redigido pelo Cardoso Guaporé e apresentado à assinatura recalcitrante do pretendente e dei bem boas gargalhadas.

---

[30] Esculápio: médico. (Hiram Reis)
[31] Desdisse: negou. (Hiram Reis)
[32] Méco: médico. (Hiram Reis)

O mais desapontado de todos foi o autor do expediente, que viu fenecer ao nascedouro uma fonte de possíveis reditos. Também sabia vingar-se, "*metendo as botas*" no desconfiado médico. "*Não*", afirmava, enrugando de modo muito cerrado e compungido o feiíssimo rosto de octogenário macacão, "*não era homem sério!*" E acrescentava com lisonjeira gravidade: "*Dos nossos!*"

Parece, aliás, que o Sr. Cardoso Guaporé não podia pretender foros de modelo, apontado como useiro e vezeiro em muitas e muitas irregularidades e até falcatruas no exercício do cargo de coletor.

Pacheco acusava-o, quase cara a cara, de ter trazido da coletoria, como seu, grande saco de moedas de cobre, o que parecia pouco provável pelo peso da incomodativa moeda. Certo é que pagava tudo quanto comprava – e tornara-se um dos melhores fregueses dos índios – com vinténs.

Pobre Cardoso Guaporé! Para que sermos rigorosos para com ele? Em extremo bajulador, frequentemente descia ao acampamento dos Buritis para intrigar-nos com o Comandante, levando-lhe um sem-número de bisbilhotices e mexericos.

A cada momento estranhava que os dois engenheiros, um Capitão e outro, simples Alferes, não prestassem mais obediência a tão elevada patente da Guarda Nacional. E tanto insistia nisto que o velho mandão da roça, ainda que astucioso e prático na vida, afinal se impressionara com a pretendida falta de disciplina e conosco armou aberto conflito.

Cardoso Guaporé faleceu uns dez ou doze anos depois da nossa estada nos Morros, em 1876 ou 1878. Voltara à Vila de Miranda, onde fora reintegrado nas funções de coletor. (TAUNAY, 1948)

CAPITÃO COSTA PEREIRA

Oficial reformado de cavalaria, morador em Nioaque, passara pelas mais terríveis inclemências para salvar a família, composta de mulher, ainda moça e bonita, distinta nos modos, e de dois filhinhos. Falador, metido a valente e, aliás, exprimindo-se bem e não raro com calor e até eloquência, tinha particular propensão à gabolice.

A ouvi-lo, fora ele só quem pusera todos os habitantes do Distrito de Miranda fora do alcance da espada dos paraguaios. Verdade é que, depois, na Retirada da Laguna, mostrou, não poucas vezes, singular valentia. Em todo o caso, nos Morros atirara-se com decidida coragem ao trabalho e abrira uma das maiores roças de milho e arroz.

A mulher... que pena me metia aquela senhora, visivelmente de origem, maneiras e aspirações muito superiores ao triste meio em que se vira coagida a viver! Vestida de farrapos, em estado de adiantada gravidez, numa barraca esburacada, de pés no chão, no último grau da anemia, era a imagem da desolação e do desânimo. Costa Pereira casou-se novamente, no Rio de Janeiro, com uma professora pública e morreu, creio que em 1889, já então quase totalmente cego.

Inteligente e com algumas qualidades até distintas, este homem muito se prejudicou pela índole vária ([33]) e a imprudência da linguagem, o que afinal o forçou a pedir reforma e abandonar a carreira das armas, passo de que sempre se arrependeu. Era muito ruivo, com cabelos anelados, cílios quase brancos, rosto todo mosqueado de grandes manchas de sarda. (TAUNAY, 1948)

---

[33] Vária: inconstante. (Hiram Reis)

JOÃO FAUSTINO DO PRADO

Tenente da Guarda Nacional, com um pai muito idoso, João Leme do Prado, descendente dos grandes e temerários sertanistas das Bandeiras Paulistas que, no século passado, haviam devassado todo esse Sul de Mato Grosso. Era casado com uma mulher indiática e feia. Esse João Faustino tomou-se de grande amizade por mim e dele conservo a expressão angustiosa com que me interrogou, ao abraçar-me depois da Retirada da Laguna.

– Ah! meu Taunay.

Dizia em lágrimas.

– Como é que você, tão delicado, criado na Corte, pôde salvar-se? Saia quanto antes deste Mato Grosso; são terras demais brutas para sua educação e natureza. Deixe-as a mim e a outros que tais, nascidos aqui como gado bravio!

Morava no Morro do Azeite, perto do Rio Miranda. (TAUNAY, 1948)

JOÃO MAMEDE CORDEIRO DE FARIA

Outro mirandense que me dedicou muita simpatia, senão amizade. Bastante calado, saía-se de repente com ditos agudos e engraçados. Para gracejar com ele compus uma quadrinha em língua chané ([34]), que ensinei aos companheiros, e até às índias, e com que acolhíamos o Mamede, quando ele, vindo das matas do Aquidauana, onde se acoitara ([35]), aparecia nos Morros. Também ecoavam estrondosos os aplausos e gargalhadas, provocadas por esta saudação, a que apliquei, ó profanação! Um trecho do minueto [sonata 49, n° 2] do grande Beethoven.

[34] Chané: língua do grupo Chané formado pelas etnias Terenas, Laianos, Guanás e Quiniquinaus. (Hiram Reis)

[35] Acoitara: homiziara. (Hiram Reis)

O Mamede e o João Canuto eram filhos de uma D. Maria Domingas, que tinha fazenda de criação, não pouco importante, do lado esquerdo e direito do Aquidauana. Nestas terras é que deveria efetuar-se, segundo opináramos, a passagem das nossas Forças para entrarem no Distrito de Miranda, ainda então ocupado pelos paraguaios.

A evacuação do nosso território pelo inimigo, que se concentrou todo na linha do Apa, tornou desnecessária qualquer precaução, abrindo-nos bem franca a estrada geral que passa pelo Porto do Sousa, fazendeiro vizinho daquela D. Maria Domingas. Já de volta ao Rio de Janeiro troquei com Mamede de Faria algumas saudosas cartas. Com pesar real recebi a notícia do seu falecimento. (TAUNAY, 1948)

JOÃO PACHECO DE ALMEIDA

Bem moço ainda, pois não completara 30 anos. Muito magro, estatura média, branco, ou antes, mestiço disfarçado, rosto sobre o comprido, com maçãs muito salientes e faces encovadas, olhos grandes e um tanto esbugalhados, pouca barba, cabelos agarrados ao casco, orelhas sobremaneira destacadas da cabeça, de abano, como dizem.

Ativo, simpático, bastante inteligente, amável de natureza, alegre, até certo ponto generoso apesar de alguns hábitos interesseiros, em extremo atirado às mulheres, como, aliás, o geral dos mato-grossenses que conheci. Este, entretanto, era terrível, realizando o tipo do famoso cavalheiro de Pierre de Brantôme nas "*Damas Galantes*", apesar da amásia, extremamente ciumenta, de nome Augusta. Era esta mulher quem nos fazia a cozinha, mas como vivia muito retraída nunca a vi bem, trocando com ela bem poucas palavras.

Ouvi-a, entretanto, queixar-se várias vezes, e com amargura, das façanhas do amante.

– *Parece,* dizia ela*, que valho menos do que quanta índia suja e sarnenta há por aí.*

E, com efeito, grassava o "*acarus scabiei*" ([36]) de modo pavoroso entre os índios, por vestirem quantas roupas conseguiam roubar aos paraguaios, muito afeitos a este mal. Nós mesmos não escapamos do terrível parasita e por causa dele não pouco sofremos, com grandes acúmulos nas articulações, sobretudo cotovelos.

Pacheco de Almeida portou-se sempre bem e simpaticamente conosco. Embora ganancioso, jamais quis receber coisa alguma, a menor retribuição, pela hospedagem que nos dava e que durou nada menos de meses. Não pouca gratidão devemos à sua memória, pois era de rosto aberto e jovial que sempre nos falava e respondia quando queríamos discutir essa delicada questão de pagamento. Tinha, entretanto, nos livros de notas e escrituração coisas impagáveis e que denotavam modos de proceder bem diverso em relação a outros. Emprestava dinheiro e adiantava aos índios roupas e gêneros.

O capital empregado não podia deixar de ser limitadíssimo, dois mil réis a um, cinco mil réis a outro e quando muito dez mil réis aos que lhe mereciam mais confiança; mas as cobranças, capital e juros se faziam rigorosamente, sendo tudo especificado nos cadernos do "*Deve e Haver*". Com semelhantes teorias e processos, mais de louvar se tornou o desapego de João Pacheco de Almeida para conosco. Depois de certo período de convivência consagrou-nos verdadeira amizade, achando graça em tudo

[36] Acarus scabiei: ácaro que produz a escabiose ou sarna. (Hiram Reis)

quanto eu dizia e admirando no Pereira do Lago a decisão e o bom senso.

– É a cabeça e o braço – costumava dizer.

Por nossa causa, tão identificados em breve tempo ficamos, inimizou-se com o "*Tutu*" de Miranda, Tenente-Coronel da Guarda Nacional, estabelecido à base da Serra de Maracaju num ponto chamado Buriti a que pomposamente intitulara "*Acampamento três léguas e meia em frente ao inimigo*", por se achar, com efeito, àquela distância do Rio Aquidauana. Nem por isso, porém, deixava de ser cauteloso e seguro esconderijo, encerrado em pedregosa brenha de bem difícil acesso.

Qual o destino de João Pacheco de Almeida? Acompanhou, descendo dos Morros, as Forças Expedicionárias quando a elas nós, eu e Lago, nos juntamos; fez a marcha de Nioaque para a Colônia de Miranda e daí para a fronteira do Apa e Forte de Bela Vista. Tomou parte na Retirada da Laguna e, nos elogios oficiais lavrados, todos, por minha pena exclusiva, pus todo o empenho em lhe fazer valer os serviços de guerra, já então Tenente em Comissão. Também mereceu o Hábito da Rosa.

O mísero, porém, nem sequer soube dessa distinção que o teria enchido de justo desvanecimento, arrebatado à vida, em junho ou julho de 1867, nesse mesmo lugar dos Morros, por um tiro homicida, mandado dar, dizem, por ordem de um inimigo de longa data.

O assassino achara-o dormindo encostado na parede de um rancho de palha; entreabrira simplesmente a delgada separação e encostando-lhe a boca da garrucha ao corpo, fê-lo instantaneamente passar do sono à morte, na bela frase da Bíblia. A cruenta e fácil proeza não ficou, porém, impune.

Perseguido pelos amigos e companheiros de Pacheco, foi o miserável capanga morto no mesmo dia.

Não é singular, tantos anos depois, estar eu a evocar a lembrança desse bom e obscuro camarada de passadas eras e para ele pedir, se possível for, um olhar de benevolência da posteridade? Muito não se podia exigir do mais que modesto filho de Mato Grosso na apertada esfera em que nascera, fora criado e finou-se. Não me é lícito, entretanto, esquecer a boa e franca hospitalidade que me dispensou por tantos meses, sempre risonho, amável e a seu modo generoso e largo. (TAUNAY, 1948)

VALÉRIO DE ARRUDA BOTELHO

Já meio idoso, mas muito alegre e cheio de atividade e iniciativa, morava com a mulher e duas filhas, quase moças, longe do nosso acampamento, num sítio formosíssimo, junto ao Ribeirão das Piraputangas. Ali nos hospedamos, Pereira do Lago e eu, quando fomos explorar a margem direita do Aquidauana, como complemento da Comissão trazida do Coxim.

Que dia agradável e quanta anedota divertida, quanto episódio grotesco nos narrou da invasão paraguaia! Não se poupou a si mesmo, descrevendo os medos tremendos que curtira, apavorando-se de tudo, de um matagal, de uma vaca parada, de um tronco de árvore! Difícil era ter mais verve ([37]), mais espírito natural, do que este bom homem, extremoso e ciumento da sua, aliás, bem organizada família. Na madrugada seguinte acompanhou-nos e por um raiar esplêndido de incomparável aurora, cantou em dueto com o João Pacheco, ambos bem afinados de voz,

[37] Verve: maginação. (Hiram Reis)

melodiosa modinha que sobremaneira me agradou e cuja música ainda hoje reproduzo ao piano.

Como vem linda surgindo
A serena madrugada!

Que saudades agora, neste momento, sinto, ao lembrar-me daquele estupendo cenário, do cantar incipiente de mil pássaros, do ruído longínquo do Aquidauana, encachoeirado naquele trecho, e do colorido purpúreo e áureo do céu em que víamos subir, leve e adelgaçadamente, novelos de fumaça, a mais e mais densa.

Eram os paraguaios que, na margem de lá do Rio, começavam a lançar fogo à macega dos campos a fim de prepararem pastagens para o gado...

E como nos agradava sentir uma pontinha de frio no calidíssimo Mato Grosso! É que também estávamos em não pequena altitude, naqueles contrafortes da serra.

Recordo-me bem, a este respeito, que no dia 24.06.1866, dia de São João Batista, curti tanto, tanto frio no meu rancho de folhas de palmeira, que mandei fazer fogo no chão e peguei no sono meio asfixiado pelo fumo. Também essa temperatura baixa só dura uns seis a oito dias; depois volta o calor violento, sobretudo em Cuiabá.

Valério de Arruda Botelho sempre nos mostrou muita dedicação e amizade. Ainda vive, estabelecido em Nioaque, onde perdeu a mulher e casou as duas estremecidas ([38]) filhas. Deve estar bem adiantado em anos, talvez para cima dos oitenta. (TAUNAY, 1948)

---

[38] Estremecidas: queridas. (Hiram Reis)

Memórias
(Visconde de Taunay)

Imagem 07 – Taunay e o Piano (Robson Vilalba)

X

[...] Eu, avisado pelo Tibúrcio, ia em procura de anunciado piano. Havia tanto tempo que estava privado desta distração! Achei, com efeito, o desejado instrumento, bastante bom e afinado até, e pus-me logo a tocar embora triste espetáculo ao lado me ficasse, o cadáver de infeliz paraguaio, morto, durante o bombardeio da manhã, por uma granada que furara o teto da casa e lhe arrebentara bem em cima. O desgraçado estava sem cabeça. Não foi senão depois de bastante tempo que pude fazer remover dali aquela fúnebre companhia. Diletante, tocando, com grande ardor, talvez mais de duas horas seguidamente. Assim festejei a tomada de Peribebuí. (TAUNAY, 2005)

A Cólera do Império

(Machado de Assis)

DE PÉ! – Quando o inimigo o solo invade
Ergue-se o povo inteiro; e a espada em punho
É como um raio vingador dos livres! [...]

* * *

O Império estremeceu. A liberdade
Passou-lhe às mãos o gládio sacrossanto,
O gládio de Camilo. O novo Breno
Já pisa o chão da Pátria. Avante! avante!
Leva de um golpe aquela turba infrene!
É preciso vencer! Manda a justiça,
Manda a honra lavar com sangue as culpas
De um punhado de escravos. Ai daquele
Que a face maculou da terra livre!
Cada palmo do chão vomita um homem!
E do Norte, e do Sul, como esses rios
Que vão, sulcando a terra, encher os mares,
À falange comum os bravos correm!

* * *

Então [nobre espetáculo, só próprio
De almas livres!] então rompem-se os elos
De homens a homens. Coração, família,
Abafam-se, aniquilam-se: perdura
Uma ideia, a da Pátria. As mães sorrindo
Armam os filhos, beijam-nos; outrora

Não faziam melhor as mães de Esparta.
Deixa o tálamo o esposo; a própria esposa
É quem lhe cinge a espada vingadora.
Tu, brioso mancebo, às aras foges,
Onde himeneu te espera; a noiva aguarda
Cingir mais tarde na virgínea fronte
Rosas de esposa ou crepe de viúva.

* * *

E vão todos, não pérfidos soldados
Como esses que a traição lançou nos campos;
Vão como homens. A flama que os alenta
É o ideal esplêndido da Pátria.
Não os move um senhor; a veneranda
Imagem do dever é que os domina.
Esta bandeira é símbolo; não cobre,
Como a deles, um túmulo de vivos.
Hão de vencer! Atônito, confuso,
O covarde inimigo há de abater-se;
E da opressa Assunção transpondo os muros
Terá por prêmio a sorte dos vencidos. [...]

* * *

Treme,
Treme, opressor, da cólera do Império!
Longo há que às tuas mãos a liberdade
Sufocada soluça. A escura noite
Cobre de há muito o teu domínio estreito;
Tu mesmo abriste as portas do Oriente;
Rompe a luz; foge ao dia! O Deus dos justos
Os soluços ouviu dos teus escravos,
E os olhos te cegou para perder-te!

* * *

O povo um dia cobrirá de flores,
A imagem do Brasil. A liberdade
Unirá como um elo estes duos povos.
A mão, que a audácia castigou de ingratos,
Apertará somente a mão de amigos.
E a túnica farpada do tirano,
Que inda os quebrados ânimos assusta,
Será, aos olhos da nação remida,
A severa lição de extintos tempos!

A Medicina na Guerra do Paraguai

Vamos repercutir o artigo "*A Medicina na Guerra do Paraguai*", da lavra do honorável médico e historiador Luiz de Castro Souza, não só pela sua relevância histórica mas, fundamentalmente, em reconhecimento a estes heróis olvidados da Medicina Militar Brasileira. A obra referenciada foi editada na Revista de História da Editora da Universidade de São Paulo nos idos de 1972. A sua biografia segundo o IHGB:

> Luiz de Castro Souza é natural do Estado de Pernambuco, Brasil, nascido a 24.10.1924, filho do comerciante José Galindo de Souza e Ana Isabel de Castro Souza. Fez o primário e o secundário em sua terra natal, no Colégio Sagrado Coração de Caruaru e no Ginásio de Caruaru, respectivamente. Aluno do curso colegial no Colégio Oswaldo Cruz do Recife e ingressa na Faculdade de Medicina do Recife vindo concluir o curso no Rio de Janeiro.
>
> Na cidade do Recife colabora na imprensa e é registrado como jornalista profissional sob o nº 173, na Delegacia Regional do MTIC do Recife. Publica na revista Tradição artigo sobre o centenário de nascimento da Princesa Isabel, citando bibliografia e vem revelar seu amor à história e às tradições. Funda e preside o Centro Tradicionalista Universitário, quando recebe o Príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, com destaque e vasta repercussão na imprensa local.
>
> Sócio Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Casa da memória Nacional – e desde sua eleição, em 26.06.1963, participa e integra à

instituição, através de congressos, simpósios, orador oficial em várias comemorações e na CEPHAS. Já em 21.04.1967 é nomeado pelo presidente, embaixador José Carlos de Macedo Soares, membro da Comissão Permanente de Admissão de Sócios e depois eleito, sucessivamente, por mais de duas décadas para a mesma Comissão. Por Portaria de 12.09.1984 e para cumprimento de normas é designado médico do trabalho do IHGB, pelo presidente Pedro Calmon. Que cita seu registro no DNSHT e diz: "*Conforme seu desejo e sem ônus para o Instituto*".

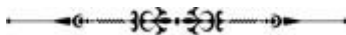
Luiz de Castro Souza recebeu as láureas; Prêmio Sociedade Paulista de História da Medicina de 1973, com o livro "*A Medicina na Guerra do Paraguai*", publicado em São Paulo, 1972, e o Prêmio Literário Cidade do Recife de 1973, pelo trabalho "*O Poeta Maciel Monteiro: de Médico a Embaixador*", que foi publicado no Recife [PE] em 1975.

Conjuntamente com suas atividades na seara da História exerceu os cargos médicos na Administração Pública, como chefe da divisão de Assistência Médica do IAPB [Instituto dos Bancários – AC] em 1960; diretor da Divisão de Serviços Técnicos do Hospital dos Bancários, hoje Hospital da Lagoa, em 1964, quando foi exonerado pelo movimento revolucionário e logo depois é nomeado para o cargo de Diretor da Divisão Hospitalar do Instituto dos Bancários [Administração Central], onde permanece de 1964 a 1968.

Participa do INAMPS, na mesma comissão, após a unificação dos órgãos de previdência sociais, até 1970. No Hospital da Lagoa vai exercer os cargos de assessor médico do Diretor Geral do Hospital, chefe de Serviço Clínico e diretor da Divisão Médica Assistencial e, finalmente, como Diretor Geral em exercício até a sua aposentadoria, em 1990.

É sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, titular da Academia Carioca de Letras, sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, membro honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar, membro emérito da Academia Brasileira de Administração Hospitalar, e efetivo do Instituto Brasileiro de História de Medicina. Pertence a "*Société Internationale d'Histoire de la Médecine*", da França e membro correspondente da "*Real Academia de la Historia*", na Espanha, do "*Instituto Histórico y Geografico del Uruguai*" e "*Academia Nacional de la Historia*", da República Argentina. Por indicação do presidente, embaixador José Carlos de M. Soares, é escolhido para saudar o novo sócio Lycurgo Santos Filho, em 1965, que depois se transformou em norma e praxe do Instituto.

Assim, mais tarde, foi escolhido para saudação dos sócios conterrâneos os pernambucanos Flávio Guerra, Leonardo Dantas Silva, Fernando da Cruz Gouvêa e outros. Sua ligação permanente e sentimental com Pernambuco é retribuída nas distinções recebidas, como sócio correspondente do "*Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*", "*Academia Pernambucana de Letras*", "*Instituto Pernambucano de História da Medicina*" e da "*Academia Pernambucana de Medicina*". Nos dados elaborados e entregues por ocasião do depoimento no Projeto Memória dos Sócios do IHGB estão relacionados trezentas publicações em livros, opúsculos, plaquetas e artigos em jornais e revistas. Do Instituto Histórico, em sua revista e volumes avulsos, contém mais de sessenta títulos, que somam ao avultado número de artigos impressos na Revista Brasileira de Medicina, JBM [Jornal Brasileiro de Medicina] e na Academia Brasileira de Medicina Militar [Congressos, simpósios, boletins oficias e nos "*Anais do I Congresso Brasileiro de Medicina Militar*", 1972 – seu coordenador]. (*ihgb.org.br*)

A MEDICINA NA GUERRA DO PARAGUAI
(Mato Grosso)

LUIZ DE CASTRO SOUZA

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Membro titular do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

INTRODUÇÃO

O motivo que nos levou a fixar a Província de Mato Grosso para estudo da Guerra do Paraguai, teve como causa principal o grande tributo de sofrimento e dor apresentado por aqueles irmãos brasileiros, que viram o seu território invadido e extensa parte ocupada pelo inimigo, no período beligerante, como nenhuma outra Província do Império do Brasil. O Rio Grande do Sul também sentiu a invasão paraguaia, mas por tempo mínimo e para lá acudiu, e confortou, a presença do Imperador D. Pedro II e seu séquito, apoiada pelo poderio de nossas Forças.

Mato Grosso ficou à revelia da própria sorte – pela impossibilidade de socorros imediatos, para escrever lances memoráveis de heroísmo, resignação e de fé, como oferenda generosa de uma gente simples ao torrão natal. Outra ideia que orientou as nossas pesquisas foi o esquecimento dado à Força Expedicionária de Mato Grosso, organizada no Rio de Janeiro [Corte], cuja constituição mereceu relevante sentido não só de socorro à distante Província, mas de reafirmação da fraternidade brasileira.

Era a própria nacionalidade presente naquela diminuta organização militar, composta de amazonenses, cariocas, paulistas, paranaenses, goianos e mineiros.

A Retirada da Laguna foi o lance final e glorioso, porém, a marcha da Coluna até atingir aquele ponto, não foi menos digna de louvores ou menos simbólica para seus integrantes, pelos sofrimentos e privações, martírio dos mais dolorosos e epopeia dos mais denodados.

Mas, nossa velha indagação era como se formara a Expedição e seu itinerário, pois, em inúmeros trabalhos, quando é mencionada, além de serem escassos de informação e documentação, quase tudo sai truncado, principalmente quanto aos oficiais do Serviço de Saúde incorporados às Forças; médicos militares que vieram com as guarnições mineiras e goianas são comumente relacionados na formação da Força Expedicionária em São Paulo.

O nosso objetivo maior se concentrou, como não poderia deixar de ser, pela diretriz dada ao trabalho, na composição do Serviço de Saúde. Procuramos situar os médicos militares em todas as ações desenroladas em Mato Grosso, uma vez que foram totalmente esquecidos pelos historiadores, apesar de terem prestado contribuição valiosa. É a própria História da Medicina Militar, na Guerra do Paraguai, que há muito se espera e reclama. A prova marcante da atuação dos oficiais médicos é o percentual altíssimo de mártires do Serviço de Saúde, sacrificados na Província de Mato Grosso. Nossa contribuição representa, pois, reparação e justiça.

Outro pormenor importante salientado nesse ensaio é quanto ao número elevado dos componentes do Serviço de Saúde da Força Expedicionária de Mato Grosso e a escolha do seu chefe – um dos mais capazes do Quadro de Saúde do Exército. Isso vem demonstrar o carinho e interesse do Governo Imperial pela assistência médica aos nossos soldados e sua intenção em reunir poderoso contingente em

defesa de Mato Grosso, como fora previsto no Plano de Campanha elaborado pelo Marechal Marquês de Caxias e não o reduzido efetivo que ali chegou.

Como preito de justiça e homenagem, devemos ressaltar as inúmeras publicações do grande patrício Visconde de Taunay, em cujos manuseios nos foi possível completar a nossa tarefa, até mesmo nos assuntos de aspecto médico e trazer até às gerações presentes, através de seus escritos, a odisseia vivida pelos nossos irmãos brasileiros em defesa da Província de Mato Grosso.

I

O SERVIÇO DE SAÚDE DAS FORÇAS IMPERIAIS – 1864 – NA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO

A Província de Mato Grosso, no ano de 1864, constituía-se numa imensa área territorial para uma população de 75 mil habitantes e extensa fronteira de quatrocentas léguas. Sua Guarnição, conforme quadro demonstrativo do Barão do Rio Branco, ilustrando a obra de Schneider, contava com um efetivo de 875 homens, disseminados pelos seus Distritos Militares de Cuiabá, Vila Maria, Cidade de Mato Grosso, Baixo Paraguai e Vila Miranda. Estas zonas eram longínquas e de difícil intercomunicação.

Para prestar assistência médica às Forças, existiam em funcionamento, o Hospital Militar de Cuiabá e as Enfermarias instaladas em Poconé, Vila Maria, Cidade de Mato Grosso, Nioaque, Vila Miranda, Forte de Coimbra, Corumbá, Povoação de Albuquerque e em algumas fazendas importantes. Havia, também, a Enfermaria da Armada, que atendia aos militares do Corpo de Imperiais Marinheiros e operários do Arsenal de Marinha da Província.

Imagem 08 – Ten Cel José Antônio Murtinho [39]

[39] Tenente-Coronel Cirurgião-Mor De Divisão – Dr. José Antônio Murtinho [1814-1888] Tela a óleo pintada por J. Penutti, em 1865. Propriedade do Museu Ferreira da Cunha – Petrópolis, RJ. [Gentileza do Prof. F. Marques dos Santos] (SOUZA)

Ocupava o cargo de Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, na Província de Mato Grosso, desde 1852, o Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. José Antônio Murtinho, a quem competia a direção, inspeção e fiscalização de todo o serviço militar de saúde nos hospitais e enfermarias de corpos e estabelecimentos militares, conforme determinava o Regulamento do Corpo de Saúde, baixado pelo Decreto n° 1.900, de 07.03.1857.

Era o Dr. Murtinho natural da então Vila de Valença, Província da Bahia, nascido a 02.09.1814, e filho de Manuel José Murtinho. "*Cirurgião aprovado*", em 1837, e Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, após defender tese, a 20.12.1838, sob o título: "*A Hipocondria*" (MURTINHO).

Diz o historiador Virgílio Corrêa Filho que, pelo decreto de 19.10.1839, o Dr. Murtinho fora nomeado cirurgião-mor de um dos Corpos de Linha, com o posto de Tenente e Diretor dos Hospitais Regimentais da Província de Mato Grosso (CORRÊA FILHO, 1950). Capitão Cirurgião-Mor a 02.12.1842, Major Cirurgião-Mor de Brigada a 29.07.1852 e atinge a graduação de Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, em 14.04.1855.

Permaneceu o Dr. Murtinho, durante todo esse período, na Província de Mato Grosso, onde constituiu respeitável família, cujos descendentes se projetaram no cenário nacional, pelos serviços prestados à coletividade. Pertencia este médico militar ao Partido Conservador e mais tarde, nomeado Vice-presidente, assumiu o exercício da presidência da Província, em 19.09.1868.

O Diretor do Hospital Militar de Cuiabá, em 1864, era o Major reformado Nuno Anastácio Monteiro de Mendonça – oficial combatente.

Essa prática regulamentar de ser escolhido um leigo para dirigir os estabelecimentos hospitalares, no Exército, perdurou até o fim do Império, e na Campanha do Paraguai não foram pequenos os transtornos causados por essa medida,

> prejudicial ao bem-estar dos doentes e ao serviço em geral,

como muito bem salienta o antigo Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro, Marechal Conde d'Eu (CASTRO SOUZA, 1959). O quadro médico do Hospital Militar de Cuiabá, em 1864, estava dividido pelas seções médica e cirúrgica e assim constituído: primeiro-médico, primeiro cirurgião e dois cirurgiões-de-dia. No fim desse ano, encontravam-se vagos os dois lugares de cirurgião-de-dia, por falta do médico militar e pela designação de um cirurgião do Hospital, para acompanhar as Forças no deslocamento para o Baixo Paraguai. A Farmácia funcionava com um Alferes farmacêutico e seu praticante.

A seção médica se encontrava sob a chefia do Capitão 1° Cirurgião, Dr. Francisco Antônio de Azeredo, na qualidade de primeiro-médico do Hospital, segundo o seu Diretor (ARQUIVO NACIONAL, CÓD. 547).

Este médico militar era natural da cidade de Goiás, capital da Província, nascido no dia 07.12.1815 e filho de Antônio Ferreira de Azeredo e de D. Luiza Francisca Monteiro. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, defendeu, em 10.12.1844, sua tese, (AZEREDO). Assentou praça, como Alferes Cirurgião-Ajudante, em 01.10.1845, sendo promovido a Tenente 1° Cirurgião, a 03.03.1852 e Capitão 1° Cirurgião a 02.12.1854. O Dr. Francisco Antônio de Azeredo permaneceu em Mato Grosso durante o período da Campanha do Paraguai como devotado médico e autêntico sanitarista.

Ocupou o cargo de Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, na província, por ocasião da reforma do seu colega, Dr. Murtinho, em 1867. Foi promovido, por antiguidade, ao posto de Major Cirurgião-Mor de Brigada, aos 22.01.1866.

O Tenente 2° Cirurgião, Dr. José Augusto Barbosa de Oliveira, exercia a função de Primeiro-cirurgião do Hospital Militar, quando veio a falecer em 21.01.1864. Era natural da Bahia, sendo seus pais Rodrigo Antônio Barbosa de Oliveira e D. Maria Luiza de Oliveira, naturais, também, da Bahia.

O Dr. Barbosa de Oliveira era farmacêutico e Doutor em medicina pela, Faculdade de sua Província natal, após defender tese, em 1856 (OLIVEIRA, 1856). Dedica a tese a várias pessoas, entre as quais, ao irmão médico Dr. João José Barbosa de Oliveira – pai de Rui Barbosa – e ao primo Albino José Barbosa de Oliveira, então Desembargador da Relação do Rio de Janeiro. No ano seguinte, aos 9 de dezembro, assentou praça no posto de Tenente 2° Cirurgião.

Para substituir o médico acima citado, como responsável pela seção cirúrgica do Hospital Militar, foi designado o Ten 2° Cirurgião, Dr. Francisco Homem de Carvalho, que exerceu a função até maio de 1864, quando seguiu transferido para a Corte [Rio, RJ]. Era diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1858, defendendo tese, intitulada: "*Ação fisiológica e terapêutica do ópio*". Assentou praça em 05.10.1861, no posto de Tenente 2° Cirurgião.

Para exercer o cargo de 1° cirurgião do Hospital Militar, fora designado o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Antônio Antunes da Luz, removido da guarnição da Província do Rio Grande do Sul, que, envolvido pelas circunstâncias, não chegou a assumir o posto, como será narrado no capítulo seguinte.

Após as duas substituições e pela ausência do oficial médico efetivo do cargo, assumiu a função de primeiro-cirurgião, o Tenente 2° Cirurgião reformado, Dr. João Adolfo Josetti, que permaneceu no cargo até 22.07.1864. Este médico era natural do reino da Prússia e brasileiro naturalizado, tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1835, seguindo logo após para a Província de Mato Grosso, onde constituiu família, casando-se com D. Benedita Viegas de Mesquita (MENDONÇA & MESQUITA). Não sabemos em que Faculdade se formou, na Europa, nem onde prestou exame de "*suficiência*" para legalizar o exercício de sua atividade profissional, no Brasil. O Dr. João Josetti estava reformado do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, pelo decreto de 28.06.1861 e a Secretaria do Ministério da Guerra mandava "*que se abone, unicamente, enquanto estiver em serviço, as vantagens de 2° Cirurgião do Corpo de Saúde e o soldo por inteiro correspondente a esta patente*". Era portador, também, das honras de Capitão Cirurgião-Mor do Comando Superior da Guarda Nacional. O Dr. Josetti teve atuação destacada durante a campanha e mereceu, por isso, ter o seu nome incluído na relação do Presidente da Província, em 1866, recomendando ao Governo Imperial,

> os cidadãos que mais se distinguiram por serviços prestados à causa pública,

em solicitação ao Aviso Circular do Ministério da Guerra, de 12 de setembro do referido ano ([40]).

A 01.06.1864, assumia o cargo de cirurgião-de-dia do Hospital Militar, o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Dormevil José dos Santos Malhado, data provável de sua chegada a Mato Grosso, desconhecida para os seus biógrafos.

---

[40] Arquivo Nacional, IG 1 – 241, Doc. 50 e 51. (SOUZA)

No mês seguinte, este médico militar vai substituir o seu colega Dr. Josetti, em 22 de julho, na função de primeiro-cirurgião, exercendo o cargo até 13 de outubro, quando fora designado para acompanhar as Forças que se dirigiam para o Baixo Paraguai.

A Farmácia do Hospital Militar, em 1864, estava sob a responsabilidade do Alferes Farmacêutico Cicínio dos Humildes Pacheco, praça em 05.01.1861 e antigo aluno pensionista do Hospital Militar da Corte. No dia 11 de maio, este farmacêutico, por ter sido transferido para servir no Rio de Janeiro, entrega a botica do Hospital ao Porteiro José Gomes da Silva Marques, "*por ter tido longa prática de farmácia*", conforme informação do diretor do Hospital no relatório já citado. A 22.07.1864, assumia a responsabilidade da Farmácia, o Alferes Farmacêutico Reginaldo José de Miranda, praça em 12.03.1864, tendo permanecido no Mato Grosso, durante toda a campanha, prestando relevantes serviços. Casou-se, posteriormente, com uma das filhas do Dr. Josetti, de nome Maria Gertrudes.

Na Flotilha de Mato Grosso, em 1864, serviam como Segundos Cirurgiões do Corpo de Saúde da Armada Nacional e Imperial, os Dr. José Cândido de Freitas e Albuquerque e Augusto Novis.

Além dos já mencionados médicos militares, se encontravam destacados na guarnição de Mato Grosso, no ano de 1864, os seguintes oficiais do Corpo de Saúde do Exército: Capitães 1os Cirurgiões, Drs. Cirilo José Pereira de Albuquerque e Teófilo Clemente Jobim, Tenentes 2os Cirurgiões, Drs. Benvenuto Pereira do Lago, Manuel João dos Reis e José Antônio Dourado.

Assim, o Serviço de Saúde do Exército, em Mato Grosso, no fim do ano de 1864, contava com a

colaboração de oito oficiais médicos, coadjuvados por um médico militar reformado, e dispondo a Marinha de dois cirurgiões em seus serviços. Todos permaneceram na Província, firmes em seus postos de honra, dando os melhores dos seus esforços profissionais e a própria vida, na luta que fomos obrigados a enfrentar contra os invasores paraguaios.

II

O MARTIROLÓGIO DO DR. ANTÔNIO ANTUNES DA LUZ

No aprisionamento do vapor Marquês de Olinda – navio pertencente à "*Companhia Brasileira de Navegação do Alto Paraguai*" – a 12.11.1864, quando navegava pacificamente em demanda de Corumbá [MT] encontrava-se entre os seus passageiros, o Capitão 1° Cirurgião do Exército Brasileiro, Doutor Antônio Antunes da Luz. Este médico era natural da cidade do Salvador, capital da então Província da Bahia, nascido a 19.10.1818 e filho de Francisco Antônio da Luz. Em 1847, perante a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, primaz do Brasil, defendia tese de doutoramento, conforme consta no Livro de Termos de Exames de 1847 a 1856, folhas 18 e verso, do Arquivo da referida Faculdade, cujo teor é o seguinte:

> Ata do Exame de sustentação de Tese para obter o grau de Doutor em Medicina – Aos 04.12.1847, compareceu o estudante do 6° ano Antônio Antunes da Luz para sustentar a sua tese a fim, de obter o grau de Doutor em Medicina, pela forma que se acha no projeto de Estatutos apresentado à Assembleia Geral Legislativa adotado pela mesma Faculdade; e sendo arguido pelos Doutores Manuel Maurício Rebouças, Vicente Ferreira de Magalhães, Malaquias Álvares dos Santos, Salustiano Ferreira Souto [à margem consta: *Também foi arguente o Dr. Sampaio*] sob a presidência do Dr. Jônatas Abbott e

corrido o escrutínio, foi aprovado unanimemente; em consequência do que a Faculdade conferiu-lhe o grau de Doutor em Medicina com as formalidades do costume. Do que para constar, eu, Prudêncio José de Souza Brito Cotegipe, Secretário, lavrei este termo, que assinei com os Lentes presentes. Seguem-se as assinaturas de: João Francisco de Almeida, Diretor; Dr. Jônatas Abbott, Vicente Ferreira de Magalhães, Manuel Maurício Rebouças, Manuel Ladisláu Aranha Dantas, Salustiano Ferreira Souto, Antônio José Osório, Elias José Pedrosa, Malaquias Álvares dos Santos, Matias Moreira Sampaio, José Vieira de Faria Aragão Ataliba, Prudêncio José de Souza Brito Cotegipe.

Quanto ao assunto versado na tese, não nos foi possível conhecer, apesar das pesquisas realizadas. Sabemos, entretanto, que decorrido dez anos de sua colação de grau, ocorrida em 04.12.1847, o Doutor Antônio Antunes da Luz retirava seu diploma, isto é, a 18.12.1857 ([41]). Ingressando no Corpo de Saúde do Exército como Alferes-Ajudante, pelo decreto de 18.03.1848, é designado para servir no 6° Batalhão de Fuzileiros. Atinge o posto de Tenente 1° Cirurgião, a 03.03.1853 e, finalmente, Capitão 1° Cirurgião em 23.09.1857.

Doutor Antônio Antunes da Luz era veterano da Campanha contra Oribe e Rosas [1851-1852], e encontrava-se em trânsito para ocupar o cargo de Primeiro Cirurgião do Hospital Militar de Cuiabá, quando se efetivou o traiçoeiro atentado à soberania brasileira. Doutor Antunes da Luz foi encarcerado em terra com os demais companheiros de viagem, dando-se início à dolorosa peregrinação pelos acampamentos e prisões do Paraguai de Solano López.

[41] Livro n° 1 – Registros diversos e diplomas, de 1816 a 1874 [pg. 21], do Arquivo da Faculdade de Medicina da Bania. (SOUZA)

Imagem 09 – Cap Antonio Antunes da Luz [42]

[42] Capitão 1° Cirurgião, Antonio Antunes da Luz [1818-1867] [Gentileza do Sr. Aryano Ferreira da Luz] (SOUZA)

O tratamento dispensado foi dos mais humilhantes à pessoa humana: trabalhos forçados, vexames de toda espécie, sendo o mais visado, o velho servidor da Pátria, Coronel de Engenheiros Frederico Carneiro de Campos, pela sua alta jerarquia, então nomeado Presidente e Comandante das Armas da Província de Mato Grosso, cargos que não chegou a assumir.

É um cativeiro cheio de horrores e de indizíveis torturas para os infortunados brasileiros que andavam, uns algemados, outros açoitados e atingidos por lançaços, além de presenciarem fuzilamentos de irmãos executados sumariamente.

Os alimentos escassos no início, desapareceram por completo e os prisioneiros foram obrigados a mascar pedaços de couro, durante dias; assim, a maioria sucumbia pela terrível tortura da fome. É um quadro dantesco de sofrimento e de dor.

Dr. Antônio Antunes da Luz era casado com D. Luiza da Costa Ferreira da Luz, natural da cidade de Santos [SP], e filha do Brigadeiro João Feliciano da Costa Ferreira. Deste consórcio lhe nasceram dois filhos: Francisco e Horácio Antunes Ferreira da Luz. O primeiro, nascido em Porto Alegre, a 10.12.1851, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1876, defendendo tese a 14 de dezembro, sob o título "*Da nutrição*"; o segundo, seguiu a carreira militar, tendo falecido no posto de Alferes. A família deste médico militar ficou em Porto Alegre, enquanto o seu chefe seguiu para a Província de Mato Grosso. O filho Francisco Antunes Ferreira da Luz, adolescente de 15 anos, em 1867, sabendo ter sido o pai capturado e levado preso para o Paraguai, e já inspirado poeta, produz o filho do prisioneiro, que com mais duas outras poesias, na evocação do pai, fez incluí-las no seu livro de versos "*Harmonias Efêmeras*", publicado a lume no ano de

1876, no Rio de Janeiro, quando cursava o sexto ano de medicina ([43]). Essa poesia ingênua, em que desejou expressar o sentimento que o dominava naquele transe de apreensões e incertezas, e hoje transcrevemo-la abaixo, na íntegra, para reviver o apreço e a saudade de um mancebo pela ausência do seu desditoso pai:

Sou sempre o mesmo! No calor da festa,
Súbito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito que me rouba a calma
Do imo ([44]) d'alma suspirando um – ai!

Sou sempre o mesmo! Constrangido o rosto
Todo composto de doçura e fel!
Trago nos lábios a alegria às vezes.
Mas sorvo as fezes de um sofrer cruel!

Sou sempre o mesmo! Dos festins nas salas,
Desdenho as falas, que se diz então;
E se me assento merencório e mudo,
Respondo a tudo por um – sim, ou não!

Mas se eu acaso me fingi contente,
O que dolente o coração não quis,
Eu ouço um grito que do imo d'alma,
Me rouba a calma, me sufoca e diz:

---

[43] Em 1958, foi publicada a 2ª edição pela Pongetti, com dados biográficos e revisão de Ariano Ferreira da Luz, filho do autor. O Dr. Francisco Antunes Ferreira da Luz militou na política, tendo sido eleito, no Império, vereador à Câmara de Pádua e na República, deputado estadual e federal pelo Estado do Rio de Janeiro. Colaborou na Revista do Partenon Literário e Murmúrio do Guaíba de Porto Alegre e deixou inédito, "*Ecos do Rig-Veda*", tradução dos famosos hinos religiosos dos indus em louvor aos deuses. Faleceu, segundo seu filho Adriano, na cidade de Santo Antônio de Pádua [RJ], em 14.07.1894. Tanto esta data como do seu nascimento, vieram corrigir as citadas anteriormente por alguns autores. (SOUZA)

[44] Do imo: da profundeza. (Hiram Reis)

Louco mancebo, que sorris, enquanto
Que mágoa e pranto teus sorrisos são,
Guarda da sorte de teu Pai lembrança,
Chora, criança, não te rias não!

Vê que ele geme num suplício vivo,
Pobre cativo de um tirano à fé!
Põe a teus olhos seu fiel retrato,
No roto fato que o de escravo é!

Olha! quem sabe lhe serão tormentos,
Esses momentos em que aqui folgais;
Chora as misérias que teu Pai lá sente,
Chora, inocente, não sorrias mais!

E eu sempre o mesmo, mas agora mudo,
Procuro em tudo da esperança o céu;
Caminho, fujo do prazer do chiste,
Rasgando triste d'alegria o véu!

Depois... o mísero... a saudade... o pranto...
Tudo... em meu canto o coração traduz!
E eu vou prostrar-me na deserta ermida,
Pedir sua vida pelo Deus da Cruz!

Sou sempre o mesmo! No calor da festa,
Súbito a testa se franzindo vai;
E eu ouço um grito que me rouba a calma,
Do imo d'alma suspirar: meu Pai! ...

(Porto Alegre, 1867)

Acompanhou o Doutor Antunes da Luz o martirológio de seus patrícios, dando-lhes toda a assistência médica naquela dramática ocasião, na ânsia de salvá-los.

Percorrem, igualmente, o itinerário do suplício e a provação: Quartel da Ribeira, Capela de São Joaquim, Villeta, Humaitá, Vila do Pilar, Porta do

Boqueirão e finalmente Passo Pucú. Apesar da deterioração de seus específicos, pela umidade dos alojamentos, procurava descobrir ervas medicinais úteis nas disenterias e noutros males que proliferavam nos infectos lugares percorridos por àqueles infelizes brasileiros (LEMOS BRITO).

Ainda seu filho Francisco, dominado pela dúvida da existência do pai, sonhava como poeta, vendo aquela presença tão ardentemente desejada e recordando a despedida que os anos iam dilatando, dizia em "*A Incerteza*":

Sim! Partiste, meu Pai, partiste quando
De inexperto Ministro, cegamente
Ias dar cumprimento ao cego mando;

– Soldado – obedeceste, que altamente
Dos brios de militar sempre zeloso,
Atendias à Pátria diligente.

Mas ah! Momento infausto em que o só gozo
Foi esse... E foi-me o último, um abraço
Tão terno, paternal e tão saudoso!

Não! Último não será, não, que ainda um traço,
Um raio d'esperança inda me resta,
No céu justiceiro, ultrice ([45]) braço.

E finalizava,

Que ainda orando aos céus as mãos levanto
Na esperança do dia em que, piedoso,
Meu Pai verei voltar em doce pranto,
Em ternas expansões, ao lar saudoso.

(1868)

---

[45] Ultrice: vingativo. (Hiram Reis)

A presença deste médico militar deve ter sido a causa de maior sobrevida para uns e a esperança para outros, porém, o Doutor Antônio A. da Luz não resiste, também, como os seus compatriotas, aos maus tratos e privações, e escapando do fuzilamento ou de ser lanceado, vem a falecer de inanição, no dia 06.12.1867, no trágico e tenebroso acampamento de Passo Pucú ([46]). Assim, desaparecia este abnegado médico de "*perfil marmóreo*" na expressão de seu companheiro de infortúnio, Clião Pereira Arouca – um dos raros sobreviventes do "*Marquês de Olinda*" – tornando-se não só mártir e herói no sofrimento, mas glória da Pátria e da Medicina Militar Brasileira. Deste herói e mártir, cuja lembrança foi olvidada por tantas gerações, restam, apenas, os versos do filho enternecido que, com a notícia do falecimento do pai, anunciada pelas Forças vitoriosas brasileiras, em 1869, externou sua dor numa longa e pesarosa poesia, intitulada "*A Morte*", quando escrevera:

Tu morreste meu Pai, tudo acabou-se? ...
Já dos férreos grilhões tuas mãos inermes
Desataram sem vida os vis sicários!
Já teus restos mortais sumiram vermes
Do sepulcro no pó!
Que me resta de ti? Ah! Quando houveras
De os dias duplicar para o teu filho,
Foste deixar tua cinza em tosco trilho,
Entre o bárbaro inimigo e triste e só!

---

[46] Na relação dos mortos confeccionada pelos carrascos paraguaios publicada no Diário do Exército em Operações, do Marquês de Caxias, diz que o Dr. Antônio A. da Luz, brasileiro, preso, morreu de morte natural, em 06.12.1867. Entretanto, João Coelho de Almeida, um dos sobreviventes do "*Marquês de Olinda*", em seu relatório dirigido ao Capitão de Mar e Guerra Miguel Joaquim Ribeira de Carvalho, a 26.08.1869, diz que o Doutor do exército Antônio Antunes da Luz faleceu em 04.12.1867. Já Souza Doca, em seu trabalho "*Causas da Guerra com o Paraguai*", Porto Alegre, RS, 1919, escreve que o Dr. Antônio A. da Luz, morreu de fome, em agosto de 1867. (SOUZA)

Ainda,

E eu fiquei! E eu vivo! E eu não morro!
Eu vítima infeliz, pobre criança
Não tive junto dele um epitáfio,
Não fui também pousar, morta a esperança,

Entre as campas sem luz!
Eu que paguei da infância as horas ledas
Em sofrer muito cedo, em cada dia,
Séculos de dor em noites de agonia,
Embebido no Cristo ao pé da Cruz!

E finalizava,

Repousa pois, meu Pai, eternamente
Junto às auras de Deus no templo augusto!
E, pois, que não me é dado ir diligente,
Saber onde existe
Teu último jazigo,
E piedoso e triste,
Verter em teu sepulcro um pranto amigo,
Recebe lá dos céus da imensidade
Um filial tributo de saudade.

(1869)

III

A INVASÃO DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO

O Presidente da Província de Mato Grosso, Brigadeiro Alexandre Manuel Albino de Carvalho, recebia a 10.10.1864, dois ofícios reservados, trazidos pelo comandante do vapor "*Corumbá*": um, do Ministro brasileiro em Assunção, César Sauvan Viana de Lima, futuro barão de Jauru, e o outro do Almirante Barão de Tamandaré, Chefe da Esquadra Brasileira no Prata.

Ambos se reportavam às ameaças feitas pelo ditador Solano López, em nota de 30 de agosto passado, contra o Império do Brasil e lembravam estes dois ilustres brasileiros, a conveniência de encontrar-se a Província de Mato Grosso de sobreaviso contra uma possível agressão que poderia surgir da fronteira paraguaia. Imediatamente, determina o Presidente Albino de Carvalho, a partida do Comandante das Armas da Província, Cel Carlos Augusto de Oliveira, para a fronteira do Baixo Paraguai, a 13 do referido mês, levando os escassos elementos disponíveis para a defesa do Sul de Mato Grosso. Era uma diminuta Força de 600 homens que com grande sacrifício pode ser deslocada para a fronteira, acompanhada pelos médicos militares.

O Quartel-General do Comandante das Armas ficou instalado em Corumbá, depois do envio de reforços para a Vila de Miranda e Forte de Coimbra, e de ter o Cel Oliveira entrado em contato com o Tenente-Coronel José Dias da Silva, Comandante do Corpo de Cavalaria e da Fronteira de Miranda.

Após a captura ostensiva do navio brasileiro "*Marquês de Olinda*" antes da declaração de guerra, determinou o Marechal Solano López o envio de três colunas (TASSO FRAGOSO) e uma flotilha sob o comando geral do Coronel Vicente Barrios, seu cunhado, para invadir a Província de Mato Grosso que sabia se encontrar precariamente armada. O plano se estabelecia por dois eixos de operações: uma, fluvial pelo Rio Paraguai e a outra, terrestre, passando a fronteira em Bela Vista e em Ponta Porã.

Era a concretização da suspeita do Ministro do Brasil em Assunção, cuja previsão não viria surtir efeito porque era calamitoso o abandono da Província brasileira, onde o efetivo de sua guarnição tornava-se irrisório para defender um território tão vasto.

A primeira coluna paraguaia parte da capital guarani, por via fluvial, a 14.12.1864, sob o comando do Coronel Barrios e auxiliada pelo Capitão-de-Fragata Pedro Inácio Meza, comandando a Força Naval que se compunha de dez vapores e embarcações, com um total de 39 canhões, e levando a bordo, a tropa terrestre constituída de 2.500 soldados das três armas e demais serviços. A segunda e terceira colunas seguem por terra, a 29 de dezembro, partindo da Vila Concepção sob os comandos do Coronel Francisco Isidoro Resquin e Capitão Martin Urbieta, cuja tropa se compunha de vários Regimentos de Cavalaria, um Batalhão de Infantaria, a cavalo, e demais serviços, correspondendo a 1.450 e 365 soldados para a segunda e terceira colunas, respectivamente.

Resquin penetra no território brasileiro por Bela Vista e seu objetivo seria a colônia de Miranda atingindo Nioaque e a Vila Miranda, enquanto Urbieta passa a fronteira, em Ponta Porã, dirigindo-se à Colônia de Dourados, conforme instruções firmadas pelo ditador López, que acrescentava que Urbieta depois de realizar a sua missão, deveria se reunir a Resquin, se este chefe assim o determinasse.

As Forças paraguaias eram constituídas pelos melhores Batalhões, bem treinadas e aguerridas, pois o Paraguai de Solano López de há muito vinha se preparando para a guerra, fortalecendo-se sobre a miséria e o sofrimento do seu povo.

O Corpo de Saúde das colunas de Barrios e de Resquin, se compunha cada uma, de 4 médicos e cirurgiões e de 16 "*assistentes de hospital*". No dia 26 de dezembro, a Força Naval paraguaia sob o comando de Meza que transportava a coluna de Barrios, tem à vista o Forte de Coimbra, obstáculo principal da evolução guerreira do invasor, que é intimado à rendição.

Esta é repelida altivamente pelo valoroso Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, antigo instrutor do exército inimigo. Efetua, então, o Coronel Barrios, o desembarque nas margens do Rio Paraguai e inicia o bombardeamento e o ataque contra o Forte brasileiro, com o apoio da flotilha, durante o dia 27, sem êxito e com numerosas baixas.

Após esta investida encontravam-se os bravos 115 soldados e 40 paisanos defensores do Forte, sem munição pronta, porém, as 70 mulheres abrigadas na modesta fortaleza, filhas espirituais das heroínas de Casa Forte e Tejucupapo, passam toda a noite refazendo o arsenal, confeccionando cartuchos de carabina com pedaços de suas próprias roupas, amolgando com os dentes os cartuchos de calibre superior às nossas armas (CESÁRIO PRADO), e, assim, torna-se possível a continuação da denodada resistência. No dia seguinte, prosseguia o ataque, mais intenso, quando a infantaria paraguaia chegava até os parapeitos e era repelida, permanecendo irredutível a posição brasileira. Cessando a luta, o comandante Porto Carrero determina a saída de duas patrulhas para reconhecimento como, também,

> a fim de recolherem todos os corpos semivivos para serem tratados com a humanidade que nos cumpre,

conforme afirma em sua parte oficial, datada de Corumbá, em 30.12.1864 (SCHNEIDER). Realmente, estas patrulhas, além de recolherem material bélico do inimigo, trazem 18 soldados feridos, que foram atendidos pelo médico militar, Tenente 2° Cirurgião, Doutor Benvenuto Pereira do Lago. Necessitava um deles, uma amputação, que é praticada no braço esquerdo e outro vem a falecer após os primeiros socorros. Todos, por igual, são curados com humanidade e desvelo, e recolhidos à enfermaria do Forte. Diante da falta de munição, o Cel Porto Carrero, após ouvir o conselho de oficiais, ordena a evacuação, o

que se realiza na noite de 28 para 29, seguindo para Corumbá, a fim de continuar a luta. A retirada só é possível graças ao auxílio da canhoneira Anhambhay, pequeno navio da flotilha que, sozinho, havia impedido o avanço da considerável Força Naval invasora. Como a canhoneira viajava superlotada de soldados, mulheres e crianças, o Cel Porto Carrero determinou o desembarque de uma parte da guarnição no local denominado Albuquerque, com instrução de prosseguir por terra e alcançar a vila de Corumbá.

Depois da épica resistência que é uma página notável da história militar brasileira, só ficaram no Forte os 17 soldados paraguaios feridos, que foram curados pelo Doutor Pereira do Lago, e um operário brasileiro, torneiro de profissão, natural de Pernambuco e chamado Amaro Francisco dos Santos, que alcoolizado, não fora visto na ocasião do embarque (SILVEIRA DE MELLO). O tratamento dispensado ao soldado prisioneiro por iniciativa do comandante Porto Carrero, vem situá-lo no mais alto conceito de soldado e cidadão, sobretudo, porque só posteriormente surgiu a circular baixada pelo Ministro da Guerra regulando "*a direção, guarda, tratamento, disciplina e emprego dos prisioneiros de guerra*". Essa circular publicada na "*Ordem do Dia do Exército*" n° 493, de 10.01.1866, por inspiração do então Ministro da Guerra, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão com honras de grandeza ([47]), de Uruguaiana, em 09.10.1866, reveste-se, no dizer do Brigadeiro Médico, Dr. Oriovaldo Benites de Carvalho Lima, do mais louvável descortino por destinar-se à aplicação a estrangeiros e não a conterrâneos, como foi o escopo da "*Lei da boa guerra*", de autoria de Francis Lieber e aprovada por Abraham Lincoln (CARVALHO LIMA).

---

[47] A honraria "*com grandeza*" permitia que um nobre usasse no seu Brasão de Armas um título imediatamente superior. (Hiram Reis)

Assim, a circular de Ângelo Ferraz, veio colocar o Brasil numa posição de pioneirismo no mundo, pois, trata-se da primeira codificação sobre feridos e prisioneiros de guerra, numa luta entre nações, após a Primeira Convenção de Genebra, realizada a 22.08.1864, sem a presença e adesão do Império do Brasil, o que a torna mais significativa.

Essas normas de respeito ao inimigo, tinham profundas raízes em nosso país, desde os tempos coloniais, como muito bem acentua o Gen Dr. Waldemiro Pimentel, em seu valioso trabalho apresentado ao 1° Congresso Brasileiro de Direito Penal Militar (WALDEMIRO PIMENTEL), principalmente evidenciada na Restauração Pernambucana, quando, após uma luta longa e renhida, fora respeitado, na capitulação dos holandeses, o inimigo mercenário e usurpador.

O Doutor Benvenuto Pereira do Lago era natural da cidade do Salvador [BA], e filho do casal Antônio Pereira do Lago e de D. Josefina Carlota do Lago. Médico pela Faculdade de sua Província, após defender tese, a 12.05.1857 (LAGO). Ele a dedicou a vários colegas médicos e entre estes se encontravam os doutores Manoel de Aragão Gesteira e Francisco Mendes de Amorim.

Ingressou o Dr. Pereira do Lago no Corpo de Saúde do Exército, pelo Decreto de 09.01.1858, no posto de Tenente 2° Cirurgião e se encontrava servindo como 2° Cirurgião do Hospital Militar de Mato Grosso, quando fora deslocado para servir no Forte de Coimbra, possivelmente em fins de outubro ou começo de novembro de 1864, diante das notícias alarmantes chegadas ao conhecimento do Presidente da Província que, depois, infelizmente, se confirmaram.

Ficou adido ao Corpo de Artilharia de Mato Grosso.

Este médico militar, não menos bravo e herói da denodada resistência do Forte de Coimbra, foi aprisionado nos pantanais de São Lourenço e pelo "*El Semanario*" tomamos conhecimento de sua chegada em Assunção com outros brasileiros. No "*Mapa do Corpo de Artilharia de Mato Grosso*" assinado pelo seu comandante, o Tenente-Coronel Porto Carrero, em 12.02.1866, Quartel em Cuiabá, figura o nome do Tenente 2° Cirurgião, Dr. Benvenuto Pereira do Lago, na relação das praças e adidos do mesmo Corpo que

> são considerados extraviados por ocasião da invasão paraguaia nesta Província

e reza a respeito deste médico militar, a seguinte observação:

> Achava-se a bordo do vapor "*Anhambhay*" quando este foi aprisionado pelos paraguaios. Consta ter saltado para a barranca e caminhado até que exausto de forças se deixou ficar. Nada mais consta até a presente ([48]).

Não conseguimos descobrir o fim que tivera no Paraguai, se foi fuzilado pelo inimigo, ou não resistira aos padecimentos do cativeiro cruel. Jamais voltou ao seio da Pátria, cuja integridade soubera honradamente defender. O Doutor Pereira do Lago é mencionado na obra atribuída ao Cirurgião da Armada, Dr. Francisco Felix Pereira da Costa (COSTA), como um dos médicos falecidos na guerra, em consequência de moléstias adquiridas em campanha. Por Decreto n° 3.492, de 08.071865, referendado pelo Ministro da Guerra Ângelo Muniz da Silva Ferraz, o Imperador Dom Pedro II concedeu o uso de uma medalha a todos os bravos defensores do Forte de Coimbra.

---

[48] Arquivo Nacional, IG 1-242, Doc. 201. (SOUZA)

A medalha pendia do lado esquerdo do peito por uma fita da largura de dois dedos, com três listas iguais, preta a do centro e vermelhas as dos extremos. Apresentava no anverso, entre dois ramos de louro a legenda: "*Valor e Lealdade*". No reverso, em sete linhas, os dizeres: "*26, 27, 28 de Dezembro, Forte de Coimbra, 1864*".

Seguindo as instruções baixadas pelo ditador Solano López que determinavam uma ação simultânea para todas as suas colunas em operações, Resquín penetrava, a 26 de dezembro, em Mato Grosso atravessando o Apa em Bela Vista, enquanto a coluna do Capitão Urbieta avançava no território mato-grossense em Ponta Porã e se dirigia para a Colônia de Dourados, sob o comando do Tenente de Cavalaria Antônio João Ribeiro, natural daquela província. A 28 de dezembro, tendo notícias da invasão paraguaia, Antônio João, determina aos colonos que abandonem o local, pois estava resoluto a resistir até mesmo sozinho.

Comunica, imediatamente, a invasão inimiga ao seu comandante Dias da Silva, por um dos seus soldados que levava, também, uma mensagem de despedida, escrita a lápis, dizendo: "*Sei que morro; mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de solene protesto contra a invasão do solo de minha Pátria*".

Em 29 de dezembro, as Forças do Capitão Urbieta se aproximam da Colônia de Dourados e o Tenente Manuel Martínez é encarregado de levar o ataque e intima a Antônio João a render-se, mas, este destemido oficial brasileiro responde altiva e arrogantemente que, se lhe apresentassem

> ordem do Governo Imperial, se renderia, mas sem ela não o faria de modo algum (BARÃO DO RIO BRANCO).

Trava-se o combate e sucumbem aos primeiros tiros o Tenente Antônio João Ribeiro e dois de seus comandados; os demais soldados, alguns, mesmo feridos, vendo a falta do seu chefe, refugiam-se no mato do arroio, mas são aprisionados e enviados para as prisões paraguaias, onde todos morrem antes de terminada a guerra.

O inimigo afirma que do combate, resultaram feridos em suas Forças, o Tenente Benigno Díaz e um soldado. Antônio João tombou gloriosamente cumprindo seu dever de soldado e de brasileiro, como símbolo autêntico do patriotismo. Para o General Genserico de Vasconcellos,

> ele é o exemplo vivo do Brasil grande, generoso, descuidado, mas cavaleiro andante de todos os ideais de justiça, de beleza e de heroísmo (VASCONCELLOS).

O inimigo, cuja bravura não podemos contestar, fica atônito diante daquela cena espartana que se esculpe no bronze da História e faz respeitar os despojos do intrépido comandante brasileiro, fazendo sepultá-los condignamente, num belo gesto comovedor e dignificante. Na Colônia de Dourados não se encontrava destacado médico militar da guarnição de Mato Grosso.

Mais adiante e ao mesmo tempo, as Forças de Resquín entravam na Colônia de Miranda. O Tenente-Coronel José Antônio Dias da Silva, do Corpo de Cavalaria de Mato Grosso e Comandante Geral do Distrito Militar de Miranda, encontrava-se em Nioaque e tomava conhecimento da marcha das Forças paraguaias.

Determina providências e expede ordens, e a 31 de dezembro parte em direção às Forças de Resquín, levando o efetivo, que pôde reunir, de 130 homens.

No Rio Feio defronta-se com a coluna inimiga e protesta contra a invasão do território brasileiro. Os paraguaios iniciam o fogo com Forças numericamente superiores; o que provoca o recuo de nossos soldados, embora continuassem sempre combatendo, para o rio Desbarrancado que transpõem e em seguida é destruída a ponte sobre este rio. Avalia, então, Dias da Silva, o poderio e superioridade da coluna de Resquín em dois mil homens. A perseguição inimiga se estende a três léguas, entretanto, os brasileiros continuam a provocar baixas e a retardar o avanço dos invasores.

Retrai-se o Ten Cel Dias da Silva para Nioaque e depois em direção à vila Miranda, onde se achava o casco do Batalhão de Caçadores sob o comando do Capitão Manuel Alves Pereira da Mota, cujo efetivo era constituído de 89 praças. Determina Dias da Silva a próxima evacuação da vila e a transferência dos arquivos e bagagens das Forças para o lugar denominado Salôbra, juntamente com o Corpo de Cavalaria. Vai tentar contato com o Comandante das Armas da Província, porém, em caminho, é notificado do ataque de Coimbra e da evacuação de Corumbá.

Retorna à vila Miranda e reconhece a impossibilidade de qualquer resistência ao inimigo pelos reduzidos meios de que dispunha. Determina a evacuação da vila a 04.01.1865 e a retirada do Batalhão de Caçadores para o passo de Aquidauana, quando deveria se juntar com o Corpo de Cavalaria que se achava em Salôbra. Daquele local, o Ten Cel Dias da Silva se encaminhou para Santana do Paranaíba.

A 31.01.1865, os remanescentes das Forças do Distrito Militar de Miranda se encontravam acampadas em Camapuã, num total de 99 praças e aos 17 de fevereiro chegavam à fazenda Campo Alegre, a oeste de Santana do Paranaíba (TASSO

FRAGOSO). O pânico fez maiores estragos e desorientou as tropas, sobretudo porque não foram cumpridas as instruções do comandante Dias da Silva. Muitos tomaram direções diversas e o fizeram desordenadamente, provocando, por isso, perda de pessoal. Assim, Resquín foi invadindo e ocupando todos os povoados mato-grossenses do Distrito Militar de Miranda, embora em marcha demorada e cautelosa. Na vila Miranda houve junção das duas colunas que prosseguiram na ação destruidora.

Finalmente, Coxim foi atingida e ocupada em abril de 1865, e, desse modo, toda a região Meridional da Província de Mato Grosso ficou sob o domínio dos paraguaios. Dos encontros e retiradas das Forças brasileiras, desapareceram dois médicos militares: um, que se encontrava com o casco do Batalhão de Caçadores, na vila Miranda, e o outro, no Rio Feio, com o Corpo de Cavalaria (SCHNEIDER).

A parte oficial do Ten Cel Dias da Silva, datada de 31.01.1865, do acampamento volante de Camapuã ([49]) diz que o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Manuel João dos Reis, que se encontrava em Salôbra com o Corpo de Cavalaria, havia deixado de se juntar com as demais Forças e o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Cirilo Pereira de Albuquerque, adido ao Batalhão de Caçadores, também ficara "*sem razão plausível na vila de Miranda*". Este, consegue atingir Cuiabá e continuou a prestar seus serviços profissionais durante todo o período da ocupação paraguaia.

Sabemos pela relação de prisioneiros, de 14.06.1865, e assinada por um tal de Juan Gómez, que no Quartel da Ribeira, Paraguai, estiveram nesta prisão, o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Teófilo Clemente Moreira [sic] e o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Manuel

[49] Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai Volume 3 [pg. 198-200]. (SOUZA)

João dos Reis (BARRETO). O periódico "*El Semanario*", órgão oficial do ditador, ao divulgar os nomes dos prisioneiros, menciona o Dr. Teófilo Clemente Jobim e não Moreira como escreveu o carcereiro do Quartel da Ribeira. O Dr. Jobim foi aprisionado no Rio Miranda e levado para o Paraguai. Quando as nossas Forças se deslocaram para o Sul da Província, em outubro de 1864, este médico militar, que se encontrava em Cuiabá, as acompanhou e parece-nos que, posteriormente, havia sido designado para servir no Distrito Militar de Miranda. Antes de atingir o destino, deu-se a invasão e foi capturado pelo inimigo.

O Dr. Teófilo Clemente Jobim nasceu em Paris, a 08.10.1828, e era filho do Professor Dr. José Martins da Cruz Jobim. Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde seu pai era Diretor e lente da matéria de Medicina Legal, aos 20.12.1851. Ao matricular-se no primeiro ano do curso médico, em 04.02.1846, declarou ter 16 anos de idade. Ingressara no Serviço de Saúde do Exército, em 03.05.1852, no posto de Alferes 2° Cirurgião, tendo sido promovido a Tenente 2° Cirurgião, a 02.12.1854 e a Capitão 1° Cirurgião em 02.12.1860. Tomara parte na Campanha contra Rosas e Oribe, sob o comando geral do então Tenente-General Luís Alves de Lima, Marquês e futuro Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro. Antes da invasão encontrava-se servindo junto ao Batalhão de Caçadores, em Vila Maria, como responsável pela enfermaria militar, quando foi substituído pelo seu colega, Tenente 2° Cirurgião, Dr. José Antônio Dourado, que havia chegado a 13.09.1864, acompanhando o Cel Carlos Augusto de Oliveira, Comandante das Armas. Essa súbita viagem de inspeção do chefe militar fora determinada pelo Presidente da Província, após o falecimento do Comandante do Batalhão de Caçadores, Cel João

Nepomuceno da Silva Portela e com o fim de serem tomadas certas providências. Todos os oficiais se apresentaram, imediatamente, ao Comandante das Armas, exceto o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Teófilo Clemente Jobim, que depois de muito procurado e já com ordem de prisão, apresentou-se à paisana, pelo que teria de responder a Conselho de Investigação.

Na Vila Maria permaneceram 101 praças sob o comando do Capitão Antônio José da Costa, retornando a capital da Província, o Comandante das Armas, levando uma força de 54 praças, tendo seguido, também, o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Teófilo C. Jobim, adido ao Estado Maior, quando todos chegam a Cuiabá, em 29.09.1864 ([50]). O Dr. Jobim é relacionado pelo historiador Emílio Carlos Jourdan, no seu quadro de Mártires da Pátria e dado como desaparecido na invasão de Mato Grosso (JOURDAN). O Capitão 1° Cirurgião, Dr. Teófilo Clemente Jobim foi, realmente, mártir e herói da medicina militar brasileira, cujo martirológio teve fim no mês de fevereiro de 1868, vitimado pela cólera e sepultado no cemitério de Lomas, perto de Paso Pucú ([51]).

O Dr. Manuel João dos Reis era natural da cidade de Salvador [BA], e filho do Dr. Fernando Maria dos Reis e de D. Guilhermina Maria Fróes dos Reis. Doutor em medicina pela faculdade de sua Província natal, quando em 27.11.1857, apresentou e sustentou

---

[50] Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai Volume I [pg. 88, 89, 95, 96 e 102] e Volume II [pg. 130]. (SOUZA)

[51] "*Diário do Exército em Operações*" do Marechal Marquês de Caxias, do dia 15.07.1868, diz: "*Um dos últimos prisioneiros do inimigo declarou, que dias antes de retirar-se López das suas posições abandonadas, tinham falecido, vítimas da cholera-morbus, o Coronel Frederico Carneiro de Campos e o Dr. Jobim, cujos cadáveres haviam sido por ele sepultados no cemitério de Lomas [perto de Paso Pucú], indo ali mostrar, as respectivas sepulturas, que foram por S. Exª mandadas assinalar*". Segundo Thompson e os prisioneiros do "*Marquês de Olinda*", o Cel Frederico de Campos faleceu a 03.11.1867. (SOUZA)

tese. Após sua formatura empreendeu viagem à Europa, com o fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos profissionais. Assentou praça no posto de Tenente 2° Cirurgião do Exército, a 02.04.1862. Este médico militar sofreu os horrores do cativeiro, como os demais colegas, privações e torturas, humilhações de toda espécie, cujos padecimentos terminam no mês de janeiro de 1868, quando foi fuzilado pelos carrascos paraguaios, no acampamento de Cêrro-Léon, com outros prisioneiros brasileiros (MESQUITA [52]). Eles foram legítimos heróis e mártires, porém, tão esquecidos por tantas gerações de brasileiros.

IV

A RETIRADA DE CORUMBÁ

Os bravos e heroicos defensores do Forte de Coimbra desembarcam em Corumbá e encontram a vila dominada pelo terror, desde que ali chegara o vaporzinho da flotilha "*Jauru*", levando a notícia do ataque inimigo àquela Praça de Guerra. O Comandante das Armas da província, Cel Carlos Augusto de Oliveira, determina o embarque de todo o contingente nos vapores da flotilha e a partida para Cuiabá, apesar da opinião contrária manifestada pelo chefe da flotilha brasileira, Capitão-Tenente Francisco Cândido de Castro Menezes, e pelo comandante do 29° Batalhão de Artilharia a Pé – Coronel Carlos de Moraes Camisão que desejavam resistir ao invasor.

[52] Diz José Mesquita acerca do Dr. Manoel João dos Reis, que "*em 1870 procedeu-se, no juízo eclesiástico de Cuiabá, a uma justificação para prova do seu óbito, na qual se afirmou haverem sido ele e mais companheiros mortos na ponta Caraguati*" [Gente e cousas de antanho – Mato Grosso na Guerra do Paraguai. In "*Revista do IHG de Mato Grosso*", Tomos LV a LVIII]. Os outros brasileiros fuzilados na mesma ocasião, foram o 1° Piloto José Israel Alves Guimarães, comandante interino da Anhambai e o 1° Tenente de Artilharia, José Maria de Oliveira Barbosa. [Firmo J. Rodrigues – Herói no Sofrimento. In "*Revista do IHG de Mato Grosso*", Tomos XXIX a XXX]. (SOUZA)

Essa resolução fez aumentar o pânico já instalado há dias, principalmente junto ao elemento civil da povoação. Em relatório oficial encaminhado ao Presidente da Província, dizia o Cel Carlos Augusto de Oliveira que, após receber a comunicação do ataque inimigo ao Forte de Coimbra, entrara em entendimentos com o chefe da flotilha, enviando, então, um reforço de dois oficiais e cinquenta praças pelos vapores "*Jauru*" e "*Corumbá*". E acrescentava, que deixara de seguir com este contingente, porque os médicos que o assistiam, Tenentes 2^os^ Cirurgiões, Doutores Dormevil José dos Santos Malhado e José Antônio Dourado, o impediram de assim proceder, diante do seu grave estado de saúde. Narrava, ainda, que o Doutor Dourado estava disposto, caso fosse desatendido, protestar até mesmo perante a guarnição (OLIVEIRA, 1926).

O Tenente 2° Cirurgião, Doutor Dormevil José dos Santos Malhado, que se achava com as Forças no Quartel do Comandante das Armas, instalado em Corumbá, era natural da cidade do Salvador [BA], nascido a 04.05.1837, e filho do Tenente Antônio José dos Santos Malhado e de D. Joaquina Rosa dos Santos Malhado. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, onde defendeu tese (MALHADO), Ingressara no Corpo de Saúde do Exército, pelo Decreto de 20.02.1864. Na retirada de Corumbá, fora designado pelo Cmt das Armas da Província, como encarregado do hospital ambulante (OLIVEIRA, 1926).

O Doutor José Antônio Dourado havia ingressado no Corpo de Saúde, pelo Decreto de 20.04.1864, no posto de Tenente 2° Cirurgião, quando fora designado para servir na Província de Mato Grosso. Era doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1848. Natural da cidade do Salvador [BA], nascido aos 19.03.1824, filho de João Antônio Dourado e de D. Romana Maria dos Anjos.

Com a precipitação do embarque da guarnição para Cuiabá, a população desesperada utiliza qualquer transporte a fim de acompanhar as Forças. Todos estão dominados pela desolação e pela tristeza. Muitos não conseguem viajar pelos naviozinhos da flotilha já superlotados de soldados, mulheres, crianças. O povo toma de assalto as embarcações particulares e de todo tipo, e da escuna argentina "*Jacobina*", de propriedade de um italiano, partem vozes aflitas suplicando a presença do Tenente João de Oliveira Mello, um dos heróis do Forte de Coimbra, para organizar a retirada de paisanos e militares que se encontravam a bordo do precário navio. Este bravo e destemido oficial do Exército Brasileiro, atende ao apelo dos seus compatriotas, os conduz pelos pantanais, após abandonar a escuna diante da proximidade do inimigo.

A travessia dura quatro meses, num percurso de 650 quilômetros, vencendo pântanos, desorientando o invasor, navegando por rios caudalosos, palmilhando lugares jamais transitados e sem guia, porém, possuía aquele oficial do Exército de Caxias, um coração resoluto de salvar aqueles brasileiros que confiaram na sua coragem e predestinação. A 30 de abril, chegava a Cuiabá, onde o povo em delírio recebia seus 479 patrícios e entes queridos, carregando em triunfo o seu herói autêntico: Tenente Mello. Este feito jamais foi igualado como exemplo de solidariedade humana, ficando gravada, eternamente, uma das mais belas páginas de desprendimento, bravura pessoal, resistência física e autoridade moral.

A 03.01.1865, entram os paraguaios em Corumbá, já abandonada e continuam subindo o Rio Paraguai.

O vapor "*Anhambhay*", depois de desembarcar, a 05.01.1865, o Cel Oliveira e os demais passageiros

no porto do Sará, na margem direita do São Lourenço, retorna águas abaixo para auxiliar as demais embarcações, de pequeno porte, que navegavam vagarosamente porque iam superlotadas de passageiros. Na foz do Rio São Lourenço, a 6 de janeiro, isto é, no dia seguinte, é a "*Anhambhay*" avistada por dois navios de guerra paraguaios, "*Iporá*" e "*Rio Apa*", que subiam o rio em perseguição aos brasileiros. A canhoneira brasileira imediatamente atacada pelo inimigo, faz vivo fogo sobre o "*Iporá*" que havia tomado a dianteira, porém, pela superioridade do invasor, segue o naviozinho brasileiro em retirada que se estendeu por seis léguas.

A "*Anhambhay*" se encontrava armada com um canhão de 32 que no décimo terceiro tiro desmontou-se, conforme acentua em sua parte, o Capitão-Tenente Castro Menezes. Em uma das voltas mais estreitas do rio, às 14h30 do citado dia, foi a "*Anhambhay*", por infelicidade, sobre à barranca, perto do morro do Caracará, quando é abordada pelo "*Iporá*" que mais de perto a seguia. Após uma resistência impossível, alguns Imperiais Marinheiros e Oficiais saltam em terra e salvam-se; outros, entretanto, permanecem no navio lutando contra o invasor. Em seu posto de honra, lutando bravamente, encontrava-se o Segundo Tenente 2° Cirurgião da Armada, Doutor José Cândido de Freitas e Albuquerque. A este médico militar os selvagens paraguaios, depois de o matarem, degolam-no, cortam-lhe as orelhas para enfiá-las em um cordel e levá-las suspensas no mastro grande do "*Iporá*" para Assunção, como troféu horripilante (SCHNEIDER).

Morreu, assim, o 2° Cirurgião Doutor Freitas e Albuquerque, como autêntico herói da Imperial Armada e da Medicina Naval Brasileira, e primeiro médico, mártir da Guerra do Paraguai.

O Dr. Freitas e Albuquerque nasceu em Salvador [BA], no ano de 1835, filho do magistrado e Conselheiro Dr. Francisco Maria de Freitas e Albuquerque e de D. Constança Clara de Freitas e Albuquerque. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, em 26.11.1857, após defender tese (ALBUQUERQUE).

Ingressou no ano seguinte no Serviço de Saúde da Marinha, a 05.06.1858, na graduação de 2° Cirurgião. Serviu no extremo norte do país, Província do Grão-Pará, e por punição é removido para a flotilha de Mato Grosso, por designação do Cirurgião-Mor da Armada, em 10.02.1864, quando foi ao encontro de sua gloriosa morte (CASTRO SOUZA, 1963).

* * *
* *
*

O Presidente da Província de Mato Grosso, Brigadeiro Alexandre Manuel Albino de Carvalho, diante da rápida evolução dos acontecimentos, toma as providências que o momento exigia, chamando às armas, a 09.01.1865, os 1°, 2° e 3° Batalhões da Guarda Nacional e cria, sob a denominação de Voluntários Cuiabanos, um Batalhão de quatro Companhias.

Organiza uma Expedição sob o comando do Tenente-Coronel Porto Carrero que, a 14 de janeiro, partia para fortalecer e guarnecer as colinas do Melgaço, posição considerada estratégica, à margem esquerda do Rio Cuiabá e a 20 léguas à jusante da capital da Província, formando uma linha de resistência para impedir o avanço do inimigo, por via fluvial, contra a sede do Governo. Porém, as Forças dominadas pelo pânico, após um alarma falso, abandonam a posição, depois de dois dias de permanência e voltam para Cuiabá.

O Almirante Augusto Leverger, Chefe de Esquadra reformado, apesar de alquebrado pelas lutas e pela idade, cientificado desse inesperado regresso e sentindo a inquietação provocada no espírito do povo, apresenta-se ao Gen Presidente da Província, oferecendo sua valiosa colaboração, que é aceita incontinenti, sendo nomeado, a 20.01.1865, Comandante Superior de toda a Guarda Nacional da Província, bem como das Forças fluviais e terrestres incumbidas de ocupar e defender o ponto do Melgaço. Este precioso gaulês e valente marinheiro brasileiro, apenas com sua presença, domina e eleva o moral da tropa e consegue, finalmente, estabelecer, em Melgaço, com as mesmas Forças que antes haviam se retirado, um baluarte contra a malta invasora.

Preparadas as fortificações e assentadas as baterias, dominavam no acampamento a ordem e a disciplina, entre os 1.200 combatentes da Guarda Nacional e do Exército, bem como nos pequenos vapores da flotilha, "*Cuiabá*", "*Corumbá*" e "*Jauru*". Todas essas Forças permaneceram em Melgaço até fins do mês de março, quando ficara constatada a impossibilidade de uma ação guerreira dos paraguaios.

O Almirante Augusto Leverger, Barão com grandeza de Melgaço, em 07.07.1865, contou desde o início da expedição, com a presença dos médicos militares que colaboraram na melhoria das condições sanitárias, que estiveram, em determinado momento, ameaçadoras, provocando preocupações ao comandante-em-chefe das Forças. Foram eles: o Segundo Tenente 2° Cirurgião do Corpo de Saúde da Armada, Dr. Augusto Novis e o Tenente 2° Cirurgião reformado do Exército, Dr. João Adolfo Josetti, médico contratado. A botica ([53]) esteve entregue ao Alferes Farmacêutico, Reginaldo José de Miranda.

---

[53] Botica: farmácia. (Hiram Reis)

Apesar do pânico que a invasão provocou, o patriotismo do povo cuiabano não se fez por esperar e todos os homens válidos vêm engrossar as fileiras do Exército Provisório para defender o solo pátrio. Os paraguaios procuram se aproximar de Cuiabá por via terrestre e chegam até Coxim, em 25.04.1865, saqueando, matando, destruindo e aprisionando a indefesa população mato-grossense. O Presidente Albino de Carvalho que só contava com os recursos locais e esses bem precários, é cientificado, em 10 de maio, da presença dos paraguaios naquele Distrito e receando um ataque à capital da Província, organiza uma Divisão de Operações de 2.000 homens e composta de duas Brigadas: uma, formada pela Guarda Nacional e a outra de toda a Força de linha da Província. Estabelece um ponto de resistência, em Aricá, cinco léguas ao Sul de Cuiabá, entregando o comando geral ao Cel Carlos de Moraes Camisão. Para Chefe do Serviço de Saúde da Divisão, o Presidente da Província de Mato Grosso designa o Ten Cel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. José Antônio Murtinho, arbitrando a gratificação mensal em trezentos mil réis cuja aprovação para esta despesa solicita ao Governo Imperial. Nesse acampamento de Aricá, o Dr. Murtinho recebeu a colaboração do Dr. João Adolfo Josetti e do Dr. Augusto Novis. O Comandante das Armas, ao dissolver a respectiva Divisão, a 16 de agosto, ressaltou o 2° Cirurgião Dr. Novis, em "*Ordem do Dia*",

> agradecido pelo zelo, prontidão, pontualidade e humanidade com que soube exercer as funções do seu ministério (CORRÊA FILHO).

E o próprio Presidente da Província, adiante, em referência ao Dr. Novis, atestaria:

> que foi o suplicante o primeiro oficial de saúde que empreguei nos pontos militares de Melgaço e Aricá; que o comportamento oficial e humanitário do

> suplicante tanto em um como em outro ponto foi excelente, e finalmente que, pelas ponderosas razões que ficam exaradas, fiz e faço o melhor conceito possível e o tenho em conta de um digno oficial de saúde da Armada, e assim o declaro. Cuiabá, 19.09.1865 – Alexandre Manoel Albino de Carvalho (CORRÊA FILHO).

Com a ocupação de Coxim pelos invasores, ficaram cortadas por algum tempo, as comunicações através do correio, entre Cuiabá e a Capital do Império.

O Presidente Albino de Carvalho mandava, em julho de 1865, o Batalhão de Artilharia de Mato Grosso, se juntar às Forças de Goiás, constituída do 20° Batalhão de Caçadores e da 8ª Companhia de Voluntários goianos, que desde o dia 17 de julho, haviam chegado a Coxim, sob o comando do Tenente-Coronel Joaquim Mendes Guimarães. Esse contingente tinha partido da cidade de Goiás, em 15.05.1865. Posteriormente, acampava no ponto de sempre, um Esquadrão de Cavalaria, também da Província de Goiás, sob o comando do Major Eliseu Xavier Leal. Os soldados goianos permanecem em Coxim, durante 17 longos meses, à espera das Forças que vinham de Minas Gerais e de São Paulo, formando a denominada "*Coluna Expedicionária de Mato Grosso*".

V

A EXPEDIÇÃO DE MATO GROSSO NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E O SERVIÇO DE SAÚDE DA COLUNA

A notícia da traiçoeira invasão de Mato Grosso chegou somente à Corte, Rio de Janeiro, aos 22.02.1865, trazida por José Gomes da Silva, Barão de Vila Maria, que viajou quarenta e sete dias, sendo 29 de marcha e 18 de falha (RIO BRANCO).

Depois, em 17 de março, chegava o correio de Cuiabá. A população, que antes havia tomado conhecimento por intermédio de outras fontes, aumenta sua revolta e indignação, estendendo esse sentimento a todo o país. Entretanto, antes da certeza desse novo atentado ao Brasil, o invicto Marquês de Caxias, nosso maior soldado, recebia um questionário do então Ministro da Guerra, Henrique Beaurepaire Rohan, a 20.01.1865, em que tratava da organização do Exército e Plano de Campanha. Constava de cinco itens, sendo o terceiro concernente ao "*melhor plano de campanha a adotar-se para assegurar o triunfo de nossas armas*". Caxias responde prontamente ao questionário que lhe fora submetido, cuja valiosa opinião se expressa a 25 do referido mês. Quanto ao 3° item acima citado, diz:

> Julgo que convém dividir o Exército em três colunas, ou Corpos de Exército, devendo o principal marchar pelo Passo da Pátria, no Paraná, pela estrada mais próxima e paralela ao rio Paraguai, com direção a Humaitá, e daí a Assunção. Esta Força deverá operar de acordo com a nossa esquadra, que subir ao rio Paraguai. Batido Humaitá, nosso Exército deve continuar sua marcha a todo transe até a capital do Paraguai, combinando seus movimentos *com as Forças de Mato Grosso, as quais deverão perseguir o inimigo que tiver invadido a Província até a linha do Apa, esperando aí as ordens do General-chefe do Exército do Sul, para, de acordo com ele, descer até onde convier. E a outra coluna, que não deverá ser menor de 6.000 homens, marchará por São Paulo, com direção à Província de Mato Grosso, fazendo junção com as Forças que já guarneceram aquela província, as quais calculo em 4.000 homens. Esta coluna deverá operar por Miranda com o fim não só de assegurar as cavalhadas e gados que existem por esse lado, como para obrigar o inimigo a distrair Forças de sua base de operações, e facilitar assim a entrada do grosso de nosso Exército que deve invadir pelo lado de Humaitá*. [Os grifos são nossos].

> Uma outra coluna, ou Corpo de Exército, deve chamar a atenção do inimigo pelo lado de São Cosme, Itapuã, ou S. Carlos para que não só, não possa ele cortar-nos a retirada pelo Passo da Pátria, no caso de revés no Humaitá, como para que não convirja com todas as suas forças sobre esse ponto, quando atacado pelo nosso Exército. Esse movimento deverá competir às nossas Forças que guarnecem a fronteira de São Borja e deverão constar, pelo menos, de 10.000 homens das três armas, e ser bem comandadas (WANDERLEY PINHO).

Caxias, como se depreende no seu quadro estratégico acima transcrito, já previa uma ação guerreira dos paraguaios sobre Mato Grosso e reconhecia o valor daquela Província para a conduta da guerra que havia sido imposta ao Brasil. No seu esboço, as operações, no território de Mato Grosso, seriam defensivas ou, se as circunstâncias favorecessem, tornar-se-iam ofensivas com o fim de distrair as Forças inimigas. O Governo Imperial, possivelmente, seguindo o plano elaborado por Caxias, ordena a convocação de 12.000 homens da Guarda Nacional de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, e organiza uma Coluna Expedicionária, a fim de socorrer a longínqua Província de Mato Grosso. A direção desta Força coube ao Tenente-coronel de cavalaria, Manoel Pedro Drago, que exercia, até então, o comando do Corpo Policial da Corte, e seguia investido dos cargos de Presidente e Comandante das Armas da Província de Mato Grosso, nomeado que fora pelos decretos de 22 e 25 de fevereiro de 1865, respectivamente.

Para dar assistência médico-cirúrgica à Coluna Expedicionária, fazia-se necessário um número bastante elevado de profissionais. E, assim, as primeiras providências foram tomadas pela "*Ordem do Dia*" n° 439, da Repartição do Ajudante-General do Exército, de 18.03.1865, determinando que se apresentassem ao referido chefe da Expedição de

Mato Grosso, para seguirem destino à mesma Província, os seguintes oficiais do Corpo de Saúde: Capitães 1os Cirurgiões, Doutores Antônio Luiz de Sousa Seixas, Olegário César Cabossu, Joaquim José de Araújo e Aires de Oliveira Ramos; Tenentes 2os Cirurgiões, Doutores Antônio José Pinheiro Tupinambá, José Antônio de Andrade, Galdino de Carvalho e Andrade, Manoel da Silva Daltro Barreto, Cícero Álvares dos Santos, Joaquim Mariano de Macedo Soares e Serafim Luiz de Abreu; Alferes Farmacêuticos Pedro Alexandre Nucator e Tobias Alvim do Amaral ([54]). Antes de prosseguirmos com a narrativa e evolução da Coluna Expedicionária de Mato Grosso, damos, abaixo, traços biobibliográficos destes valiosos facultativos, alguns, infelizmente, bem ligeiros, pela dificuldade de encontrar melhores e completos dados, apesar das pesquisas realizadas.

Capitão 1° Cirurgião, Dr. Antônio Luiz de Souza Seixas, natural da cidade do Salvador [BA], sendo seus pais Joaquim Antônio de Ataíde Seixas e D. Joana Maria de Sousa Seixas. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, tendo defendido tese, no dia 11.12.1851 (SEIXAS). Assentou praça em 09.02.1852, no posto de Alferes 2° Cirurgião, sendo promovido a Ten 2° Cirurgião, a 02.12.1854 e a Capitão 1° Cirurgião pelo Decreto de 02.12.1859. Sua última designação havia sido na guarnição da Província natal ([55]).

Capitão 1° Cirurgião, Dr. Olegário César Cabossu, natural da vila do Rio de Contas [BA]. Doutor em

[54] Diário Oficial. Império do Brasil. Edição de 19.03.1865. (SOUZA)

[55] Este médico militar desligou-se da coluna em território de Mato Grosso e seguiu para o Paraguai, quando pela "*Ordem do Dia*" n° 15, do Quartel General em Tuiuti, de 21.12.1866, foi nomeado Major Cirurgião-Mor de Brigada em Comissão. Em maio do ano seguinte, foi-lhe concedida uma licença de quatro meses, a fim de tratar de sua saúde no Brasil. (SOUZA)

medicina pela faculdade de sua Província, após defender tese, a 10.12.1851 (CABOSSU). Pelo Decreto de 09.02.1852, entrou para o Serviço de Saúde do Exército, no posto de Alferes 2° Cirurgião, foi promovido a Ten 2° Cirurgião, em 02.12.1854 e a Cap 1° Cirurgião de 02.12.1860 ([56]).

Capitão 1° Cirurgião, Doutor Joaquim José de Araújo. Médico pela Faculdade da Bahia, em 1853. A 2 de janeiro do ano seguinte ingressara no Serviço de Saúde do Exército, no posto de Alferes 2° Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2° Cirurgião em 30.09.1857 e a Cap 1° Cirurgião de 02.12.1862. Havia sido agraciado com as Imperiais Ordens da Rosa e de Cristo, nos graus de Cavaleiro. Foi Delegado do Cirurgião-Mor do Exército na Província das Alagoas.

Capitão 1° Cirurgião, Doutor Aires de Oliveira Ramos. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1853, quando defendeu tese versando: "*Proposições sobre hipertrofia*". Assentou praça, a 02.01.1854, no posto de Alferes 2° Cirurgião, tendo sido promovido, em 23.09.1857, a Tenente 2° Cirurgião, e a Capitão 1° Cirurgião pelo Decreto de 02.12.1862. Serviu na guarnição da Província da Bahia ([57]).

---

[56] Teve baixa, por motivo de doença, quando a Expedição se encontrava na Vila Miranda [MT], em fins de 1866, e pelo Decreto de 20.03.1867, foi reformado "*por sofrer moléstia incurável que o torna incapaz de continuar no serviço do Exército*". (SOUZA)

[57] Pelo expediente de 25.04.1865, do Ajudante-General, foi determinado que este médico militar seguisse para o Rio da Prata [Diário Oficial, edição de 17.05.1865]. O seu desligamento da coluna deve ter-se dado em Campinas [SP]. Seguiu para o Paraguai, quando foi nomeado Major Cirurgião-mor de Brigada em Comissão, pela "*Ordem do Dia*" n° 15, do Quartel General em Tuiuti, de 21.12.1866. Serviu no 2° Corpo de Exército, como 1° médico da Enfermaria Central de Tuiuti e nos hospitais de Corrientes. (SOUZA)

Tenente 2° Cirurgião, Dr. Antônio José Pinheiro Tupinambá, nascido a 22.08.1831, na cidade do Salvador [BA], sendo seus pais Antônio Tupinambá e D. Josefa Maria Pinheiro Tupinambá. Doutor em medicina pela Faculdade de sua Província, em 1853, após defender tese, intitulada: "*De hemorrhagiis*". Assentou praça em 21.02.1854, no posto de Alferes 2° Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2° Cirurgião aos 23.09.1857. Era portador da insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e sua última designação havia sido na guarnição da Província do Maranhão ([58]).

Tenente 2° Cirurgião, Doutor José Antônio de Andrade, natural da cidade do Rio de Janeiro e filho do Sr. José Antônio de Andrade e de D. Felicidade Luiza de Oliveira e Andrade. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, quando, a 07.12.1853 (ANDRADE, 1853). Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, em 20.03.1854, no posto de Alferes 2° Cirurgião, tendo sido promovido a Tenente 2° Cirurgião pelo Decreto de 23.09.1857.

Foi aluno pensionista do Hospital Militar e da Enfermaria do Arsenal de Guerra da Corte, e por isso contava tempo de serviço de agosto de 1849 a março de 1853, com um pequeno período de interrupção. Encontrava-se servindo no 4° Batalhão de Infantaria, na Corte.

Tenente 2° Cirurgião, Doutor Manoel da Silva Daltro Barreto, natural da Província da Bahia, filho do Dr.

---

[58] Reformou-se este médico militar, na graduação de Major Cirurgião-mor de Brigada, tendo fixado residência na província do Pará. O Dr. Sacramento Blake faz referência a um trabalho do Dr. Tupinambá, sob o título "*Análise filológica das vozes radicais da língua ário-tupi, ou idioma tupinambá*", cujos MSS [Maximum Segment Size] se encontravam na Biblioteca Nacional. [Sacramento Blake, obra citada, vol. 1 (pg. 222), 1883]. (SOUZA)

José Fabião Daltro Barreto. Diplomou-se pela Faculdade da Bahia, após defender tese de doutoramento, em novembro de 1859. Assentou praça a 28.06.1861, no posto de Tenente 2° Cirurgião. Encontrava-se servindo na guarnição da Corte.

Tenente 2° Cirurgião, Doutor Cícero Álvares dos Santos, natural da ilha de Itaparica [BA], sendo seus pais o Doutor Vicente Ferreira Álvares dos Santos e D: Jerônima Cardoso Marques dos Santos. Médico pela Faculdade da Bahia (SANTOS, 1861). Foi aluno pensionista do Hospital Militar da Bahia, desde 15.11.1859 e ingressara no Corpo de Saúde, a 04.01.1862, no posto de Tenente 2° Cirurgião, contando tempo de serviço durante esse período. Encontrava-se, anteriormente, servindo como 2° Cirurgião do Hospital Militar do Recife ([59]).

Tenente 2° Cirurgião, Doutor Galdino de Carvalho e Andrade, natural de Sergipe, sendo seus pais o Tenente-coronel Felisberto de Carvalho e Andrade e D. Maria Pastora de Carvalho e Andrade. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, cuja tese defendida em 28.11.1856 (ANDRADE, 1856). Assentou praça pelo decreto de 02.12.1860, no posto de Tenente 2° Cirurgião. Sua anterior lotação havia sido na guarnição da Província Natal.

---

[59] Retirou-se da Coluna Expedicionária quando esta se encontrava na Vila Miranda, sul de Mato Grosso, em 03.10.1866, por motivo de doença. Voltando para o Rio de Janeiro e após recuperar-se, foi o Dr. Cícero Álvares dos Santos nomeado, em 09.04.1867, Capitão 1° Cirurgião em Comissão, com ordens para seguir, na primeira oportunidade, para o sul. Apresentou-se ao Exército em Operações, no Paraguai, a 12.07.1867 e pela "*Ordem do Dia*" n° 107, de 15.07.1867, era designado para servir na reserva da ambulância que tinha de acompanhar o 1° Corpo do Exército Brasileiro, em marcha. Este médico militar é relacionado na obra atribuída ao Cirurgião da Armada, Dr. Francisco Felix da Costa Pereira, como tendo falecido por males adquiridos na Campanha do Paraguai [Nota 18]. (SOUZA)

Tenente 2° Cirurgião, doutor Joaquim Mariano de Macedo Soares, nascido na Fazenda do Bananal, em Maricá [RJ], a 31.07.1836, filho do médico Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares e de D. Maria de Macedo Soares. No Seminário de S. José fez o curso de humanidades e ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando a 15 de setembro e 23 de novembro de 1863, apresentou e sustentou a tese de doutoramento, na augusta presença do Imperador Dom Pedro II (MACEDO SOARES, 1863). Foi primeiro preparador de Anatomia Patológica, aluno pensionista de medicina e cirurgia do Hospital Militar da Corte. No ano de sua formatura era membro conselheiro da Sociedade de Estatística Geral do Brasil e sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e de outras entidades culturais. Ingressou no Corpo de Saúde do Exército, pelo Decreto de 06.02.1864, no posto de Tenente 2° Cirurgião do Hospital Militar da Corte, em 1865, quando fora designado para servir na Comissão de Saúde da Expedição de Mato Grosso ([60])

Tenente 2° Cirurgião, Doutor Serafim Luiz de Abreu, natural da cidade de Jaguarão [RS], sendo seus pais o Sr. Eufrásio Luiz de Abreu e D. Marcolina Joaquina de Abreu, Doutor em medicina pela Faculdade do Rio

---

[60] Desligou-se da coluna quando esta palmilhava terras da Província de São Paulo e seguiu para o Teatro Principal da Guerra, no sul, onde teve a oportunidade de prestar relevantes serviços junto aos 3 Corpos do Exército, sendo, por isso, elogiado em várias partes oficiais. Dirigiu o Hospital flutuante Anicota. Regressou, do Paraguai, a 25.12.1868, acompanhando doentes e feridos, já no posto de Capitão 1° Cirurgião e com as insígnias de Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Rosa. Foi diretor do Hospital Militar, em Andaraí. Reformou-se na graduação de Major Cirurgião-mor de Brigada, pelo decreto de 12.09.1885. Dirigiu o Instituto Benjamin Constant [1889-1895]. Faleceu a 11.05.1925, quase nonagenário. [MACEDO SOARES, 1947]. Martim F. Ribeiro de Andrada, fez publicar em "*A Reforma*", de 16.03.1876, nota, agradecendo ao Dr. Macedo Soares, muito expressiva, por ter salvo sua filha Gabriela. (SOUZA)

de Janeiro, quando a 29.11.1864, defendeu tese perante a banca examinadora constituída pelos Professores Drs. Luiz da Cunha Feijó – Presidente, Manoel Maria de Moraes e Valle, Antônio Ferreira França, Mateus Alves de Andrade e Vicente Cândido Figueiredo de Sabóia (ABREU, 1864). Havia sido condecorado com a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Foi interno da extinta Casa de Saúde Previdência e aluno pensionista dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia e Militar da Corte. Assentou praça a 16.01.1865, no posto de Tenente 2° Cirurgião, e encontrava-se, ainda, sem designação ([61]).

Alferes Farmacêuticos Pedro Alexandre Nucator e Tobias Alvim do Amaral. O primeiro entrara para o Serviço de Saúde do Exército, a 09.01.1858 e ocupava, na época, as funções de preparador de química e encarregado da farmácia do Laboratório Pirotécnico do Campinho, na Corte, sendo o número dois, em antiguidade, no quadro de farmacêuticos. O segundo, diplomado em farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1864, ingressara no Serviço de Saúde a 12.03.1865 ([62]).

---

[61] No acampamento de Coxim, MT, o então jovem oficial Alfredo d'Escragnolle Taunay, começou a queixar-se de precordialgias e palpitações, tendo procurado Dr. Serafim de Abreu, que era para ele "*um dos melhores médicos da expedição, mocinho hábil e que saíra da Escola com certa reputação*". Recebeu o diagnóstico de cardiopatia reumática. [TAUNAY, 1948]. O Dr. Serafim de Abreu, retirou-se da coluna na vila Miranda, em fins de 1866, por motivo de doença. A 29.03.1867 era nomeado Capitão 1° Cirurgião em Comissão e com ordens para seguir para o Paraguai. Pela "*Ordem do Dia N° 100*", do Quartel General em Tuiuti, de 11.07.1867, mandava servir na reserva da ambulância que deveria acompanhar o 1° Corpo do Exército, em marcha, porém, pela "*Ordem do Dia*" n° 147, do Quartel General em Tuiuti-Cuê, de 05.11.1867, eram-lhe concedidos 4 meses de licença para tratar de sua saúde, no Brasil. (SOUZA)

[62] O "*Almanaque do Exército*", de 1865, erra ao publicar Alves do Amaral, em vez de Alvim do Amaral. (SOUZA)

Os componentes da repartição de saúde da Coluna Expedicionária de Mato Grosso partem às 14h00 do dia 01.04.1865, da Corte, pelo vapor "*Santa Maria*" com destino a Santos [SP], em companhia dos demais oficiais de diversas armas e serviços. No mesmo transporte se encontravam o Chefe do Serviço de Saúde e o Comandante Geral da Coluna, como, também, os vinte enfermeiros que completavam o efetivo da repartição. O Imperador Dom Pedro II e o seu genro, o Duque de Saxe, vão a bordo para levar as despedidas e prestigiar com suas augustas presenças a plêiade de oficiais do exército que ia desagravar a nação brasileira na longínqua Província do Império.

Da cidade de Santos inicia uma longa e interminável marcha, repleta de obstáculos de toda natureza, quer sanitários, quer administrativos, agravados pelas dificuldades do terreno da hinterlândia, a precariedade dos transportes e a ausência de recursos locais. No dia 3, às 21h00, chegavam à capital da Província de São Paulo. Aí, a Coluna Expedicionária vai tomar forma com o recebimento e organização da Força, constituída de tropas da guarnição local, Corpo Fixo de Cavalaria, Corpo e Polícia e uma Companhia da Guarnição do Paraná, vinda exclusivamente para anexar-se à Coluna. Na ocasião se anunciava a criação do 7° Batalhão de Voluntários da Pátria que deveria também partir para Mato Grosso, mas terminou seguindo para o sul.

A 10 de abril, pelas 04h00, coberta de garoa, punha-se em marcha a diminuta Força em demanda de Campinas, passando por Jundiaí. O contingente totalizava 563 homens, precariamente armados e disciplinados. No dia 15, a Expedição entrava na cidade de Campinas sendo recebida com alegria pelo povo que se afluiu no percurso da Rua Direita, itinerário dos soldados expedicionários.

Após atravessarem a cidade, foram os nossos soldados acampar e aquartelar-se em casas da fazenda denominada Santa Cruz ([63]). A demora das Forças, nesta cidade, se prolonga pelo espaço de 66 dias, motivada, principalmente, pela ausência de providências administrativas que deveriam ser tomadas, exclusivamente da alçada do Governo Central.

Não havia numerários nem meios de condução das bagagens dos Corpos; nenhum cavalo recebido por conta dos 2 mil mandados comprar pelo Ministério da Guerra, bem como arreios; autorização para o engajamento de tropeiros para o serviço etc... O Tenente-coronel Drago permanece, em Campinas, imobilizado, sem condições de continuar a penetração pela Província de São Paulo.

O Estado Maior da Expedição fica alojado na Câmara Municipal e enquanto não prosseguia a marcha, o povo campineiro recepciona os expedicionários com muito carinho. Dizia o então Tenente Taunay, em carta endereçada à sua irmã Adelaide, em maio de 1865:

> A nossa permanência em Campinas tem sido a mais agradável, já não sei quantas festas, saraus, jantares e bailes temos assistidos. Isto sem contar a jogos de prendas de que, todos, diariamente, quase comparticipamos (TAUNAY, 1944).

---

[63] Hoje, nesse local, se encontra a "*Praça Heróis da Laguna*", cuja placa de identificação está completada com a inscrição: "*Coluna de Drago aqui acampada em 1865*". Há também, no mesmo logradouro, uma enorme pedra, onde se lê:

"*Aqui estacionaram os heróis de Laguna em marcha para o Norte do Paraguai, tendo partido de São Paulo em 10.04.1865, sob o comando do Cel Drago*".

Essas informações nos foram fornecidas por gentileza do eminente historiador da medicina brasileira, Dr. Lycurgo Santos Filho. (SOUZA)

No Mapa do movimento das Forças, de 29.05.1865 ([64]), verifica-se que a Expedição totalizava 484 homens e encontravam-se baixados ao hospital provisório, instalado no Edifício do Teatro São Carlos, 42 soldados das seguintes unidades: 3 do Corpo de Artilharia do Amazonas; 10 do Corpo Policial de São Paulo; 11 do Corpo da Guarnição da Província do Paraná; 12 do Corpo da Guarnição da Província de São Paulo e 6 da Companhia de Cavalaria da mesma Província. Até esta data, houve 2 óbitos de praças pertencentes ao Corpo de Artilharia do Amazonas e do Corpo da Guarnição de São Paulo. As deserções somavam a 96.

Em Campinas, surgia o primeiro surto de varíola da Expedição que atingiu, principalmente, os componentes do Corpo de Artilharia do Amazonas, incorporados à Coluna, nesta cidade, em 15.05.1865, constituído de apenas 33 praças ([65]). Os soldados variolosos foram alojados e tratados em uma enfermaria de isolamento, instalada por iniciativa da Câmara Municipal, cuja localização não conseguimos identificar. No final do estacionamento das Forças 6 óbitos a lamentar e desertam 159 praças de diferentes Corpos, sendo o maior número deles pertencentes ao Corpo Policial de São Paulo e da Companhia de Cavalaria da Guarnição de São Paulo, que quase

[64] Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 3. (SOUZA)

[65] Esse pequeno contingente de artilharia, reduzido a 68 soldados, pertencia ao Corpo Fixo do Amazonas e havia partido de Manaus a 27.02.1865, juntamente com o Corpo Fixo de Infantaria e Fuzileiros da mesma Província. Ao todo 334 homens. Viajaram pelo vapor "*Tapajós*" até a cidade de Belém e nesta Capital foram se juntar às Forças locais, quando se formou uma divisão de 800 homens que partiu para a guerra, no sul, a bordo do "*Apa*", tendo chegado ao Rio de Janeiro, em 30.03.1865. [Diário Oficial, Império do Brasil, Edições de 16.04.1865 e 31.03.1865]. Na cidade de Campinas só chegaram 33 praças deste Corpo de Artilharia, pois ficaram 25 na Corte, 2 na cidade de Santos, 1 nas barreiras do Cubatão e 7 na cidade de São Paulo. [Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 3]. (SOUZA)

ficou extinta. Na saída da cidade de Campinas, os convalescentes tiveram a oportunidade de usar o "*cacolet*" como meio de transporte. Prosseguindo na penetração da hinterlândia paulista, a Coluna Expedicionária com uns 430 homens parte de Campinas, a 20.06.1865, passando por Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Casa Branca, Cajuru, Batatais, Franca do Imperador e atinge, finalmente, Uberaba, Província de Minas Gerais, em 18.07.1865.

* * *
* *
*

Como chefe do Corpo de Saúde da Expedição, encontrava-se o Capitão 1° Cirurgião, Doutor Antônio de Jesus e Souza, veterano de guerra, em cujo peito ostentava orgulhoso a "*Medalha da Campanha do Uruguai*", suspensa pela fita de cor verde e conquistada pelos relevantes serviços prestados como médico militar ao Exército sob o comando do então Tenente-General Conde de Caxias. O Doutor Jesus e Souza era natural da cidade do Salvador [BA], tendo ingressado no Corpo de Saúde pelo Decreto de 30.01.1852, no posto de Alferes 2° Cirurgião, a 02.12.1854 foi promovido a Tenente 2° Cirurgião e a Capitão 1° Cirurgião em 02.12.1859. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1851, com a tese inaugural, intitulada: "*Proposições sobre os diversos ramos da medicina*". Cultivava, também, as belas letras, sendo um poeta lírico. Publicou, ainda como estudante, em 1848, um livro de poesias e no mensário "*Atheneu*", primeiro jornalzinho acadêmico lançado na Bahia, nos números 2 e 4, figuram versos de sua inspiração ([66]).

---

[66] Este jornal dos estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia, foi fundado e dirigido por Sacramento Blake [1849-1850], então aluno da Faculdade, e aparecia com 20 páginas. Jornal do Comércio – Brasil – Rio de Janeiro, RJ, 06.05.1962. (SOUZA)

Fisicamente, era o doutor Jesus e Souza, segundo retrato feito pelo Visconde de Taunay, baixote, tez morena um tanto esverdeada e oleosa, falar macio, quando não obedecia a acessos de verdadeiro furor. Diz ainda o Visconde de Taunay, que certo dia, numa das salas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, ele gritava como um possesso:

> Cubram a figura do Cristo, pois quero descompor a gosto (TAUNAY, 1948).

Para Taunay, o Dr. Jesus valia, sozinho, na profissão, mais do que todos os demais médicos da Expedição e era severo no cumprimento dos deveres dos seus colegas. Enfim, um autêntico chefe. Infelizmente, o então jovem oficial Taunay, foi bastante injusto na apreciação dos valores da comissão médica da Expedição, quando muitas vezes critica a conduta de alguns e até mesmo a terapêutica empregada por outros. Relevando-se esses conceitos, tendo em vista sua pouca idade, naquela época, entretanto, vamos encontrá-los repetidos, mais tarde, no livro de memórias, escrito na época comum da ponderação e do respeito.

No Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, encontrei sua primeira composição poética – "*A Valsa*", publicada no periódico "*Atheneu, n° 2*". A naturalidade e beleza de suas poesias podem ser apreciadas já nesta primeira composição:

Foste, Marilia, ao passeio,
Ao passeio proibido...
Levaste beleza e enfeites,
E amor no peito escondido.
Eu te vi, tu não me viste;
Foste falsa, eu fui traído.
Levaste tua irmãzinha
Pra meus zelos dissipar.
Tua irmãzinha é menina,
É menina e vai brincar,
E tu ficas com o amante
Bem sozinha a conversar... (Hiram Reis)

Ele possuía a frustração de não ter seguido a profissão hipocrática, impedido de o fazer pelo próprio pai, o Barão de Taunay, por julgá-la tarefa inferior (TAUNAY, 1948). Para confirmar o Visconde de Taunay acerca do rigorismo no cumprimento do dever instituído pelo Dr. Antônio de Jesus e Souza na Expedição, vamos transcrever trechos de documentos que comprovam tal conceito. Realmente, houve, na época, censuras contra o tratamento dispensado aos enfermos e o procedimento do Chefe de Serviços de Saúde, quando a Expedição se encontrava em Campinas. Ciente o Ministro da Guerra destas propaladas notícias, manda expedir comunicado solicitando esclarecimentos ao Comandante-em-chefe da Expedição. O Coronel Drago, logo que toma conhecimento, comunica-se com o seu superior, a 20.05.1865, alegando serem infundadas tais notícias, pois os doentes recebiam o melhor tratamento e todos os cuidados possíveis, e dizia textualmente:

> [...] a Repartição de Saúde tem bem cumprido seus deveres, no tratamento das praças enfermas, não posso deixar de com muito pesar, informar a V. Ex.ª que tendo o 1° Cirurgião Dr. Antônio de Jesus e Souza, desenvolvido o maior zelo e solicitude pelo bem do serviço da repartição de saúde a seu cargo, exigindo que, não somente os preceitos da ciência, mas também, como convém, os da disciplina militar sejam observados pelos oficiais de saúde seus subordinados, têm estes em geral se mostrado pouco dispostos à observância destes últimos preceitos, e em sua conduta particular levado bem longe a má vontade e o despeito à pessoa do médico seu chefe: procedimento este que se tem tornado tão público nesta cidade que já me vi obrigado a chamá-los à minha presença para os admoestar como efetivamente os admoestei... ([67]).

[67] Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 3. (SOUZA)

Logo após, em ofício de 29.05.1865, o Coronel Drago ao cumprir a indagação do Ministro da Guerra formulada nos seguintes termos:

> O Corpo de Saúde acha-se desgostoso, pelas imprudências de seu chefe, o Dr. Antônio de Jesus e Souza, ao qual V. Ex.ª dá ouvidos, sem atenuar as suas imprudências.

Respondia o comandante da Expedição, prontamente:

> É infelizmente verdade que se acham em geral descontentes os oficiais do Corpo de Saúde; não é porém a alegada a causa verdadeira de tal desgosto. Para ele influi nestes oficiais, além das circunstâncias que, em referência à toda a Expedição, tenho acima enumerado tratando da 2ª alegação, a de se verem nesta extensa marcha privados das vantagens da clínica particular que em outras comissões de serviço acumulariam, e mais a de se verem compelidos a obedecer aos preceitos da disciplina militar, cujos hábitos lhes faltam e não querem adquirir, fazendo alvo do seu comum despeito por havê-los requisitados para esta Expedição, e procura contê-los na órbita de seus deveres o seu muito prudente e zeloso chefe Dr. Antônio de Jesus e Souza... ([68]).

Não há dúvida de que o Dr. Antônio de Jesus e Souza como antigo militar e profissional conceituado, era bastante severo e os oficiais médicos, desde a cidade de Campinas, começaram a deixar a Coluna, seguindo, depois, para o Paraguai, zona de Guerra atuante que se combinava com o temperamento de alguns e bem diferente da rotina de uma Expedição monótona e sem-fim. O Coronel Manoel Pedro Drago, o Tenente-coronel José Miranda da Silva, chefe da comissão de engenheiros, e o Capitão 1° Cirurgião, Doutor Antônio de Jesus e Souza, no percurso da

[68] Arquivo Nacional. Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 3. (SOUZA)

Expedição permaneciam sempre juntos e constituíam os diretores da coluna. Destes dois chefes de serviço, recebeu o Cel. Drago, uma colaboração eficiente e leal ([69]). O Dr. Jesus e Souza desejou fazer vida universitária, tendo para isso se inscrito para o lugar de opositor em ciências médicas, na Faculdade de Medicina da Bahia, quando, no prazo de apresentação da tese, a 07.05.1861, comunicou, em ofício, sua desistência, por preferir fazer o concurso de cirurgia, para o qual havia, igualmente, se inscrito. Também para a clínica cirúrgica, ele não realizou o seu intento, pois, ao comunicar à direção da Faculdade sua retirada do concurso, alegou estar

> inibido por suas ocupações como médico militar (RODRIGUES DA SILVA, 1862).

No acampamento de Santa Rita do Parnaíba, hoje Itumbiara, Goiás, o Dr. Antônio de Jesus e Souza pratica uma pequena intervenção cirúrgica no jovem 2° Tenente Taunay, extirpando-lhe um corpo estranho da abóbada palatina, que o fazia padecer.

---

[69] Quando a Coluna Expedicionária se encontrava no acampamento do Rio dos Bois, Goiás, a 20.10.1865, e o Cel. Drago era destituído do comando e voltava para o Rio de Janeiro, o Dr. Jesus e Souza o acompanhou, por solidariedade ou porque se achasse realmente doente. Porém, mal refeito da enfermidade, partiu, em 1866, para o sul, Paraguai, comissariado no posto de Major Cirurgião-mor de Brigada, sendo pela "*Ordem do Dia*" N° 62, do Quartel General em Tuiuti, de 03.04.1867, designado para servir nos hospitais de Corrientes. Em plena guerra é promovido, por merecimento, na graduação efetiva de Major Cirurgião-mor de Brigada, conforme publicação da "*Ordem do Dia*" N° 176, do Quartel General em Tuiuti-Cué, de 09.01.1868. Nesse mesmo ano, veio a falecer de pneumonia lobar, a 2 de março, em campanha, após ter prestado relevantes serviços na Guerra. Para Sacramento Blake era o Dr. Jesus e Souza, talvez, a primeira inteligência do Corpo de Saúde do Exército Brasileiro e acrescenta que ele tinha pronta uma obra sobre higiene militar e havia escrito um trabalho acerca da expedição, sob o título Impressões de Goiás, cujos originais se encontravam em poder de uma sua irmã, na Bahia. [BLAKE, 1883].

Tratava-se de uma espinha de peixe "*dourado*", que havia causado a infecção e com perícia o chefe da repartição de saúde o aliviou, tanto do corpo estranho como do abscesso que se formara.

VI

A CONCENTRAÇÃO DAS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS EM UBERABA

Finalmente, a 18.07.1865, chegavam as Forças de São Paulo e da Província do Paraná, à cidade de Uberaba [MG] depois de quatro longos meses. Lá se achavam acampadas, desde 20 de junho, no local denominado Cachimbo, arredores da cidade, a Brigada mineira trazida de Ouro Preto pelo Cel José Antônio da Fonseca Galvão e constituída de 1.212 homens. Esta Brigada havia saído de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais, a 10.05.1865, após solene despedida promovida pelo Governo Provincial e pelo clero, tendo à frente o Governador Saldanha Marinho e D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana.

A sua formação era composta do 17° Batalhão de Voluntários da Pátria, comandado pelo Tenente-coronel em Comissão, Antônio Enéias Gustavo Galvão, depois Brigadeiro e Barão do Rio Apa, em 30.03.1889; do 21° Batalhão de Infantaria de Linha, sob o comando do Capitão Melo e do 1° Corpo Policial de Minas, Comandado pelo Major Demétrio.

O Serviço de Saúde era formado pelos Tenentes 2os Cirurgiões, Doutores Manoel de Aragão Gesteira e Carlos José de Souza Nobre, dos farmacêuticos Manoel Frederico de Oliveira Jacques, contratado pelo Governo Provincial, e João Bhering Júnior, como Voluntário da Pátria, além de sete enfermeiros. O contingente mineiro havia sido quase todo imunizado contra a varíola, medida preventiva que muito

honrava e exaltava o seu serviço médico, e, desse modo, vinha situar a tropa em melhores condições sanitárias para enfrentar a longa marcha com destino a Mato Grosso.

O Tenente 2° Cirurgião, Doutor Manoel de Aragão Gesteira era natural da cidade do Salvador [BA], nascido a 09.12.1830, sendo seus pais o Dr. Francisco Marcelino Besteira, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e D. Cândida Rosa de Aragão Gesteira. Doutor em medicina pela Faculdade de sua Província natal tendo sustentado tese, a 14.12.1855 (GESTEIRA, 1855). Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, a 02.12.1860, no posto de Tenente 2° Cirurgião e encontrava-se como encarregado da enfermaria militar da guarnição de Minas Gerais, na capital desta Província.

O Tenente 2° Cirurgião, Doutor Carlos José de Souza Nobre havia assentado praça a 20.02.1864 e sua primeira designação fora na guarnição de Ouro Preto ([70]).

Dos médicos militares que compunham a Repartição de Saúde do Corpo Expedicionário e embarcados na Corte, dois Capitães 1os Cirurgiões haviam se retirado das Forças quando estas se encontravam em Campinas. Também da Província de São Paulo, o Tenente 2° Cirurgião, Doutor Joaquim Cândido de Macedo Soares, voltava ao Rio de Janeiro e seguia, logo após, para o Teatro da Guerra, no Paraguai.

A tropa vinda de São Paulo, apesar de cansada pela longa caminhada, chegou a Uberaba em regular estado físico, pois houve fartura de gêneros de ótima qualidade, durante todo o trajeto, e, assim, os soldados foram bem alimentados.

---

[70] Apresentaremos os dados biobibliográficos do Dr. Carlos Nobre, no capítulo IX, em que trato da retomada de Corumbá. (SOUZA)

As enfermidades graves acusaram índices bem reduzidos, sobressaindo-se a varíola que desde a cidade de Campinas acompanhou a tropa, motivo de preocupações e cuidados para os médicos integrantes do Serviço de Saúde. A permanência da coluna do Coronel Drago em Uberaba, onde se lhe incorporou a Força mineira, foi de 47 dias. Nesse período houve 14 óbitos e desertaram 76 praças. Os soldados enfermos foram alojados e tratados numa enfermaria do Hospital Santa Casa de Misericórdia, edifício não de todo acabado, cuja direção do serviço, após a retirada das tropas, ficou a cargo do cirurgião Cap da Guarda Nacional, Dr. Raimundo Desgenettes ([71]), parente do famoso médico-chefe dos exércitos de Napoleão, Nicolas du Friche, Barão Desgenettes [1762-1837].

Após a junção das duas Forças, prossegue a Coluna Expedicionária em sua marcha lenta, saindo de Uberaba, a 04.09.1865. No dia anterior, o comandante Drago, comunica ao Governo, que em vez de seguir a estrada de Santana do Paranaíba tomaria a do Rio Claro, no interesse da Expedição. Acrescentava, ainda, que essa resolução foi tomada pelo receio de assaltos dos paraguaios naquela região (NABUCO, 1936). O Coronel Drago se dirigia para Cuiabá. As praças iam recomeçar novas e intermináveis caminhadas pelos sertões bravios e desprovidos de recursos locais, e a mudança do itinerário provocaria alteração no abastecimento de

[71] Era natural de Montpellier, França, e brasileiro naturalizado. Médico pela Academia de Brest. Chegou ao Brasil antes do ano de 1840 e participou da rebelião de Minas, em 1842, tendo tomado parte no combate de Santa Luzia do Sabará. Foi deputado à Assembleia Provincial de Goiás. Após ter enviuvado, abandonou a medicina prática e tomou ordens sacerdotais. Vigário de Entre Rios, Goiás, e escreveu trabalhos mineralógicos e de assunto religioso. Há controvérsias quanto aos seus prenomes: para Sacramento Blake era Raimundo Henrique, enquanto Lycurgo Santos Filho escreveu Henrique Raimundo. (SOUZA)

provisões já estabelecidas pelos Governos Provinciais. O objetivo principal da coluna era desalojar os invasores do sul de Mato Grosso, mas o contingente reunido e em marcha para esta finalidade, fora considerado insuficiente. O Governo expedia ordens e contraordens, numa chuva constante de instruções, e impacientava-se pela demora do deslocamento da Força.

A tropa, apesar de desprovida de quase tudo, mostra-se de moral elevado, favorecida pelo contato com a paisagem de lindos campos e exuberantes matas que compunham as terras das três Províncias palmilhadas pela Expedição. Atravessando riachos e rios caudalosos, vendo espécimes da flora e da fauna que coloriam festivamente os caminhos percorridos. Tomando conhecimento de plantas medicinais tão ricas naqueles terrenos e de suas variadas aplicações na cura de males.

Quando as Forças ainda se achavam em território da Província de Minas Gerais, no arraial de Santa Maria, encontram-se com o Coronel Carlos Augusto de Oliveira, antigo Comandante das armas da Província de Mato Grosso, que se encaminhava para a Corte.

Fora-lhe prestado socorro médico por ordem do chefe da expedição, pois, este oficial viajava atacado pelo impaludismo que lhe abatia o organismo, há cerca de um ano, infectado que fora no Baixo Paraguai. Além da moléstia vinha acabrunhado pelos acontecimentos em que estivera envolvido, na defesa de Corumbá. Na vila Monte Alegre, Minas Gerais, tendo recrudescido os casos de varíola que vinham acompanhando as Forças, foi instalada neste local uma enfermaria, a cargo de um dos médicos militares da expedição, cujo nome não nos foi possível identificar. Daí em diante, cessou a incidência dessa virose na coluna.

A 22 de setembro, deu-se início aos trabalhos para a transposição do Rio Paranaíba, cujas dificuldades foram imensas devidas à enorme bagagem e a utilização de uma única barca. Somente no dia 29, terminava esta tarefa com todos os pertences do Corpo Expedicionário na margem direita deste rio. Sabe-se que o efetivo das Forças era de uns 1.600 homens, pois, grandes foram as baixas por doenças e deserções. O número de muares somava a 2.500, excluídos os do fornecedor que ainda levava os bois para o consumo e das viaturas de mantimentos.

Transposto o rio, a coluna vai acampar perto do povoado de Santa Rita de Cássia ou Santa Rita do Paranaíba, hoje denominada Itumbiara, Província de Goiás. Depois seguia direção a outro obstáculo importante: o Rio dos Bois. Aí, também, a Comissão de Engenheiros junto às Forças expedicionárias esteve empenhada na construção de canoas para a passagem do pessoal e material da coluna, tendo iniciado os trabalhos a 08.10.1865.

Quando prosseguia a faina de transposição do rio e ativava-se o trabalho, recebia o Coronel Drago, no dia 18, ordem do Governo para recolher-se a Corte. Este oficial havia sido exonerado, a 1° de outubro, dos cargos de Presidente e Comandante das armas da Província de Mato Grosso, tendo assumido essas funções o Chefe de Esquadra, reformado, Augusto Leverger, Barão de Melgaço, que se encontrava em Cuiabá.

O Governo Imperial, a 01.12.1865, mandava responder o Cel Drago a Conselho de Guerra, antes procedido o de investigação, cujos membros nomeados foram: Brigadeiro Henrique de Beaurepaire Rohan, Presidente, e vogais os Coronéis Sebastião Francisco de Oliveira Chagas e Alexandre Maria de Carvalho Oliveira (JOURDAN, 1893).

O Coronel Manoel Pedro Drago não era responsável pelas dificuldades imensas e obstáculos sem conta encontrados pelos lugares percorridos, e esta Expedição era minguada de recursos para sustentá-la na vastidão de território deserto que ela tinha de palmilhar e ultrapassar, a fim de atingir o seu objetivo.

Diz Taunay, que o Cel Drago ficou em Campinas, sem dinheiro e sem autorização para assinar o contrato de transporte de bagagem, de fornecimento etc., que o obrigou a esperar, durante um mês e meio, pelos funcionários encarregados de tais providências, e acrescenta, que, em Uberaba, ele encontrou 1.600 homens sem armas nem instruções e com a artilharia em péssimo estado (TAUNAY, 1944).

Tornaram-se, então, necessários aqueles quarenta e sete dias de acampamento, em Uberaba, para adestramento das Forças. A demora do Coronel Drago era justificável e revelava bom senso, mas exaspera o Governo Imperial e daí a sua demissão.

Ainda mais, Drago, em vez de seguir a estrada de Santana do Paranaíba, conforme instruções, tomou a do Rio Claro, aumentando, desse modo, o percurso do objetivo da expedição, que era o sul de Mato Grosso. Sua intenção seria atingir Cuiabá, para, então, assenhorear-se melhor da situação e aumentar o efetivo da tropa, reunindo meios suficientes para enfrentar o inimigo.

A 19.10.1865, quando estava quase terminada a trabalhosa passagem do Rio dos Bois e a coluna havia marchado sessenta léguas de Uberaba e encontrava-se a dezoito léguas de Mato Grosso, assumia o comando geral da Força Expedicionária o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão.

No dia seguinte, o Coronel Manoel Pedro Drago ([72]), partia para a Corte, cercado de toda consideração, respeito e simpatia dos seus comandados. No dia 22 estava terminada, finalmente, a transposição do Rio dos Bois, com todo o contingente e bagagem da Expedição na sua margem direita, e no dia seguinte era levantado o acampamento em direção à vila das Dores do Rio Verde, também denominada Vila das Abóboras, hoje cidade do Rio Verde.

A coluna vai penetrar mais ainda no sul da Província de Goiás, terreno constituído de lindos campos e formosos vales, que na concepção poética de Taunay (TAUNAY, 1944), formavam cenários inesquecíveis para todos. Diz ele que, no início das marchas, pela madrugada, deparava com incontável número de passarada e da mais variada: bem-te-vis, canários, papa-capins, bicudos, sangues-de-boi, tizius, azulões, graúnas, lavadeiras, anus, pintassilgos, sabiás. E mais adiante, encontravam bandos e bandos de papagaios, araras, periquitos, gaviões. Revoadas de pombas-caboclas e rolas fogo-apagou, andorinhas e tesouras. Emas e seriemas. Junto aos barreiros e regatos: os veados, as perdizes, as antas, os queixos-ruivos, as sucuris. As onças e as jiboias trazendo terror e sobressaltos. Havia, também,

[72] Caxias, nomeado Chefe do Exército em Operações, envia ofício ao Ministro da Guerra, em 15.12.1866, relacionando os oficiais que deveriam acompanhá-lo e entre estes se distinguia o nome do Cel. Drago. [Arquivo Nacional. Códice 547, Guerra do Paraguai (pg. 22-23) v. 10]. Faleceu o Cel Drago no Rio de Janeiro, a 12.04.1882, com a graduação de Brigadeiro reformado. Dizem que sua morte tivera causa no profundo desgosto pela perda da filha, operada pelo cirurgião e anatomista francês, Dr. J. A. Fort. O Brigadeiro Drago, como tantos outros brasileiros, mantiveram violenta polêmica, pela imprensa, com este médico e professor gaulês. A estada do Dr. Fort, no Brasil. nos anos de 1880 e 1881, foi revestida, inicialmente, por manifestação de simpatia e apreço, tendo o mesmo lecionado cursos livres assistidos pelo Imperador Dom Pedro porém, [TAUNAY, 1948 e SILVA ARAÚJO, 1961].

mangabeiras em profusão e a presença dos buritizais, embelezando a paisagem com suas palmeiras e anunciando a existência d'água. Desde Uberaba que os buritis eram encontrados pelos caminhos. Nos grandes rios: jacarés, ariranhas, piranhas e peixes das mais variadas espécies.

A 31 de outubro, entrava a Força na Vila das Abóboras. Após quatro dias de descanso, seguiu destino ao depósito de mantimentos denominado Baús [MT], aí chegando a 24 de novembro. Antes de atingir este local, atravessou o contingente outro obstáculo respeitável que foi o Rio Claro. A Força Expedicionária, começou, então, a ressentir-se de mantimentos e foi obrigada a diminuir a ração diária, quando faltou totalmente a farinha de mandioca e o sal escasseava.

Os recursos locais eram bem reduzidos, pois tratava-se de regiões quase despovoadas e sem grande cultivo, ainda agravado pela seca do ano transcurso. Infelizmente, o depósito de abastecimentos de Baús, organizado pelo Presidente da Província de Goiás, não foi tão promissor e a esperança da soldadesca caía por terra... A tropa, nesse local, foi obrigada a refazer-se, depois de contínuas marchas, aí permanecendo pelo espaço de cinco dias. No dia 30 de novembro prosseguia a marcha para Coxim.

Em derredor da Vila das Abóboras, Goiás, observou Taunay a incidência de numerosos papudos, tendo chamado sua atenção uma mulher portadora de bócio demasiadamente volumoso e tão cheio de protuberâncias, que ele não resistiu e fez um desenho (TAUNAY, 1944). Possivelmente, tratava-se de bócio endêmico difuso. Não acrescentou Taunay outros dados que pudéssemos afirmar ser bócio acompanhado de cretinismo, o que é frequente encontrar-se nas regiões onde há bócio endêmico.

O aumento de volume da tiroide nos habitantes daquela Província fora também observado em outras regiões de Goiás, pelo médico e botânico escocês Dr. George Gardner, quando por lá andou, em fins de 1839 e começos de 1840 (GARDNER, 1942).

As Forças transitavam por estradas que eram trilhas de gado e por isso a imensa dificuldade no transporte, principalmente para as viaturas das peças de artilharia e das carroças de mantimentos, pois estas sempre se encontravam atrasadas, obrigando às paradas quase frequentes.

A 16 de dezembro, a coluna chegava à margem esquerda do rio Taquari e no dia 18 iniciava a sua passagem, cujos trabalhos se encerraram a 20, com todo o contingente acampado no lugar denominado Coxim, local de pequena Colônia Militar de Taquari ou Beliago, fundada mui recentemente e destruída pelas hostes paraguaias, na invasão. Até este ponto e segundo a avaliação feita pela Comissão de Engenheiros, a Força Expedicionária havia percorrido, de Santos ao Taquari, 264 léguas (TAUNAY, 1928). E no período de quase nove meses!

VII

O ACAMPAMENTO DE COXIM E A MARCHA PARA O SUL DO MATO GROSSO

Em Coxim, território mato-grossense, já se encontravam acampadas, de há muito, as seguintes Forças da Província de Goiás: 20° Batalhão de Infantaria com 376 praças e o Esquadrão de Cavalaria, constituído por uma Companhia de Cavalaria de Linha da Província e outra Companhia de Cavalaria de Voluntários da Pátria, formando um efetivo de uns 200 homens. O Batalhão havia partido da capital de Goiás, a 15.05.1865, sob o comando do Tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães e o

Esquadrão de Cavalaria, em 8 de julho, comandado pelo Major em comissão Eliseu Xavier Leal. Ambas as Forças seguiram a direção da via Rio Verde, percorrendo umas cento e trinta léguas.

Como responsável pelo Serviço de Saúde, adido ao 20° Batalhão de Infantaria, encontra-se o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Cândido Manoel De Oliveira Quintana, natural da cidade do Rio de Janeiro [Corte], nascido em 10.09.1829 e filho de Domingos Manoel de Oliveira Quintana e de D. Cândida Angélica da Nóbrega Quintana. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1855 (QUINTANA, 1855). Assentou praça como Alferes 2° Cirurgião, em 29.08.1857, sendo promovido a Tenente 2° Cirurgião, em 23.09.1857. Mui brevemente seria Capitão 1° Cirurgião, isto é, aos 22.01.1866.

Nesse acampamento, a Coluna Expedicionária sob o comando geral do Cel José Antônio da Fonseca Galvão, recebeu uma nova organização, formando duas Brigadas: a primeira, com 1.157 praças e constituída pelo 17° de Voluntários de Minas Gerais, o 21° Batalhão de Infantaria e o Corpo de Artilharia do Amazonas; a segunda, com um contingente de 914 homens, composta pelo 20° Batalhão de Infantaria e Esquadrão de Cavalaria de Goiás, voluntários e policiais de São Paulo e Minas Gerais. Totalizava um efetivo de 2.071 homens.

O Serviço de Saúde compunha-se de 9 médicos e 28 enfermeiros. Além dos expedicionários, a concentração de Coxim reunia um número considerável de pessoas, mulheres e crianças, famílias dos soldados, que seguiam na esteira da Coluna.

Era um hábito antigo do Exército, que fazia transtornar a marcha e criar problemas sérios quanto à disciplina e à alimentação, principalmente.

O acampamento de Coxim ocupava uma extensão de quase uma légua e ficava à margem direita do Rio Taquari, iniciando-se na confluência deste com o Rio Coxim. Neste local havia um agrupamento humano calculado em 3.000 pessoas, com as praças e suas famílias, carreteiros, bagageiros etc. Iniciadas as chuvas, a Coluna ficou imobilizada, resultando, em consequência, a escassez do abastecimento. O Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, velho e austero soldado, presenciando aquela situação aflitiva, envia constante correspondência solicitando recursos e numa delas, dirigida ao Presidente da Província de Mato Grosso, dizia que se encontrava

> com imensa preocupação para atender a quase três mil bocas ([73]).

Quem surge em socorro da Coluna é o Presidente de Goiás, Augusto Ferreira França. Diz Taunay, que

> se não fora a incansável dedicação daquele distinto brasileiro, a Expedição teria infalivelmente se dissolvido no Coxim, depois dos mais tremendos horrores (TAUNAY, 1878).

Realmente, o Presidente da Província de Goiás foi inexaurível no apoio às Forças Imperiais e não media esforços para atendê-las. Quem lê a correspondência do Cel Galvão para este Presidente de Província nota a enorme preocupação e desalento do chefe da Expedição pelo destino dos seus comandados, solicitando gêneros e mais gêneros. Até sentimos a sensação de fome no manuseio desses documentos... Porém, existem os inúmeros quadros demonstrativos das remessas de alimentos que comprovam o pronto atendimento do Dr. Augusto Ferreira França.

---

[73] Arquivo Nacional. IG 1 – 241, doc. 205. (SOUZA)

O próprio Cel Galvão, nas suas comunicações, reconhece e enaltece a presteza dessas providências, mas o grande problema eram os meios de transportes. Os pontos de abastecimento criados pelo Presidente da Província de Goiás, estavam abarrotados de alimentos. É necessário ser lembrado que tudo em volta do Coxim, era um imenso território deserto e com as chuvas caídas completavam o isolamento e as dificuldades.

Ainda sobre o acampamento de Coxim, diz Taunay que a sua permanência foi um lento martírio e ao escrever o Relatório Geral da Comissão de engenheiros nas Forças em operações ao sul da Província de Mato Grosso, 1866, anexo, ao Relatório do Ministério da Guerra de 1867, afirmara:

> Neste estado desesperado a Força achou-se a braços com a mais completa míngua. *Reduzida à simples carne, por espaço de mais de mês, muitas vezes lhe faltou aquele alimento exclusivo, que deu em resultado o aparecimento de várias moléstias* [Os grifos são nossos].
>
> Os gêneros de primeira necessidade chegaram a preços exorbitantes, aproveitando-se a ganância e o espírito de lucro abusivo, da desgraça, a que todos se viam reduzidos. Um conjunto, contudo, de fatos tão tristes fez mais realçar as virtudes que imperam no soldado brasileiro, patenteando o seu caráter eminentemente sofredor e resignado, à subordinação e disciplina, que lhe são naturais.

E prosseguia a narração:

> Depois de dias, em que nada se distribuía, nenhuma queixa se erguia, nenhuma exigência se ouvia: todos se compenetravam das dificuldades que presidiam a qualquer providência que tomar, e calmos esperavam pelo que lhes reserva a sorte. Não nos compete a apreciação dos fatos que deram em resultado esta ordem de coisas:

> consignamos simplesmente as fases por que passou a expedição, nas quais sempre presenciamos o comportamento altamente recomendável do pessoal que a compunha; galhardo nas marchas e pronto para todos os trabalhos, suportando, enfim, as maiores privações, a que pode ser sujeito o homem na guerra, sobretudo nas condições difíceis, que proporcionam distâncias imensas e sertões inóspitos.

E concluindo:

> Depois da mais penosa marcha por centenares de léguas, rodeada de perigos e incômodos, na qual de contínuo se lutava com circunstâncias imprevistas, acompanhadas de inúmeras aflições, veio a estada prolongada do Coxim pôr à prova a abnegação e o sentimento íntimo do dever, de que tantos exemplos brilhantes tem dado o brasileiro, que enverga os distintivos da vida de sofrimentos.

Após transcrever este trecho do relatório, Taunay comenta em um dos seus livros:

> Quadro exato da triste situação que apresentava a Expedição de Mato Grosso, atirada a um canto da Província, que vinha socorrer, reduzida à inação por obstáculos invencíveis de um lado, do outro pelos poucos meios de que dispunha, para somente sobre si, empreender a ofensiva. De nenhum conselho lhe servia o título pomposo, com que, a pedido, a haviam agraciado. Forças lhe faltavam; "*operações*" era uma ironia cruel para um espírito filosófico e o sul da Província de Mato Grosso é tão vasto, tão medonhamente inçado de dificuldades, sobretudo naquela época, quanto o eram os sinistros pauis[74]) da Germânia em que se abismaram as bizarras Legiões de Varo ([75]).

---

[74] Pauis: pantanais. (Hiram Reis)

[75] "*Varo: Devolve as Minhas Legiões!*"

O acontecimento histórico que evoco hoje teve lugar há dois mil anos. Corria o ano 9 da era de Cristo quando o fabuloso exército romano [que consumia cerca de 90% dos recursos do orçamento do Estado romano!] sofreu uma das maiores humilhações da sua história.

Aconteceu em Teutoburgwald [ou floresta de Teutoberg], na parte noroeste da Alemanha, perto de Osnabrück e da fronteira com a atual Holanda. Nada mais, nada menos do que três legiões romanas [cerca de 15.000 homens, quase todos peões], acompanhadas por seis Coortes de infantaria auxiliar e por três Alas de cavalaria auxiliar [tropas de origem bárbara recrutadas nas fronteiras do Império] foram surpreendidas e aniquiladas por uma Força de Germanos chefiada pelo líder rebelde Armínio, príncipe dos Queruscos. A operação, além de brutal [nela pereceram uns 20.000 soldados], teve algo de insólito.

O exército romano era chefiado por Publius Quinctilius Varus, Legado Provincial da Germânia, antigo governador da Síria e parente de Octávio Augusto, o primeiro imperador romano [27 a.C. – 4 d.C.]. A marcha florestal que Varus levava a cabo na Germânia inseria-se no projeto de Augusto para fazer chegar as fronteiras do colossal Império até às margens do rio Elba. Os riscos eram conhecidos, mas havia um pelo qual Varo decerto não esperava: ser surpreendido e dizimado durante a marcha por uma emboscada planejada e liderada pelo seu amigo pessoal Armínio, um antigo servidor do exército romano e um homem que chegara a receber a cidadania romana e o estatuto de cavaleiro de Roma…

Não se conhecem demasiados detalhes da operação, mas os arqueólogos identificaram o local da emboscada e têm revelado elementos impressionantes para o conhecimento da verdadeira dimensão da chacina. Sabe-se também que Varus, desesperado com a surpresa do ataque germânico, se suicidou antes de consumado o massacre [algo bastante contrário ao procedimento habitual dos Generais romanos].

Nos dias seguintes, muitos pequenos destacamentos de tropas romanas espalhados pela região sofreram ataques violentos dos bárbaros, entusiasmados com o sucesso da operação de Teutoburgwald, sendo poucos os legionários e auxiliares que conseguiram alcançar em segurança a região do rio Reno, para aí ficarem ao abrigo de outras legiões do Império. O desastre configurou um dos poucos fracassos do projeto militar de Augusto, cujo exército [contando perto de 300.000 efetivos, distribuídos por 25 Legiões, tropas auxiliares, guarnição de Roma e marinha] conquistara o Noroeste da Península Ibérica, os Alpes e os seus grandes vales, que submetera a Judeia e o Egito e que ousara até promover expedições militares na Arábia [atual Jordânia] e na Etiópia.

Compreende-se, por isso, o que as fontes literárias nos relatam acerca da reação de Augusto, quando informado do desastre na floresta alemã: já bastante idoso, conta-se que deixou crescer o cabelo e a barba durante um mês, em sinal de luto, e que passou a vaguear pelo seu palácio, em Roma, batendo com a cabeça nas paredes e gritando: "*Quintili Vare, legiones Redde!*". (GOUVEIA MONTEIRO)

> Assim, pois, não nos iludíamos sobre o presente; e o futuro como derivação natural, não nos abria horizontes de flores (TAUNAY, 1923).

A carne para o abastecimento da tropa havia com relativa quantidade, com as boiadas trazidas dos pastos mato-grossenses e enviadas também pelo presidente de Goiás. Diz Taunay:

> no Coxim, comíamos, pura e simplesmente churrasco: o hábito custara-nos a adquirir, mas o organismo acomodara-se (TAUNAY, 1923).

Porém, para aumentar o sofrimento dos nossos soldados, surgia uma epizootia que inutilizava e matava aos montes a muares e equinos. Era o conhecido "*mal-de-cadeiras*", endêmica naquela região e no sul da Província de Mato Grosso. A cavalaria paraguaia que havia chegado até àquele ponto, em abril de 1865, teve seus animais sacrificados pela epizootia. Com o flagelo da "*peste-de-cadeiras*" houve, em consequência, a diminuição do fornecimento de carne para o acampamento do Coxim, provocado pela ausência de cavalos para vaquejar. O "*Trypanosoma equinum*" é o agente causal desta doença, cuja sintomatologia principal é a paralisia dos membros posteriores dos animais, que valeu o nome popular dado a essa tripanossomose.

Em Coxim, houve baixas e deserções na Coluna, tendo falecido, a 21.04.1866, o comandante do esquadrão de cavalaria de Goiás, Major em comissão Eliseu Xavier Leal e o Alferes Capelão Padre Antônio Augusto de Andrade e Silva esteve adoentado e deu baixa, voltando para o Rio de Janeiro. Além deste sacerdote que anteriormente servia na Fortaleza de Santa Cruz, ainda se incorporaram à Coluna a fim de prestarem serviços religiosos, os seguintes Alferes-Capelães: Padre Tomás de Molina, da guarnição da Província de São Paulo e o Padre Antônio Augusto do

Carmo, da Brigada mineira, que não pertencia ao Quadro Efetivo do Exército. A Expedição transporta além de alfaias e paramentos, um altar portátil, tudo fornecido pelo Arsenal de Guerra da Corte ([76]).

O Coronel José Antônio da Fonseca Galvão estava impaciente com a imobilização do acampamento de Coxim e desejava cumprir imediatamente a sua missão que era expulsar o inimigo ainda ocupando o sul da Província, porém, não possuía mapas topográficos que dessem a orientação necessária. O Presidente de Mato Grosso, Barão de Melgaço, profundo conhecedor da Província, não podia atendê-lo, pois, não havia transitado pelos terrenos compreendidos entre o Taquari e o Aquidauana e por isso não possuía carta com tal ou qual exatidão (TAUNAY, 1931).

Aconselhava o comandante da Expedição a determinar aos oficiais engenheiros realizarem a exploração da região. Assim, o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, seguindo a sugestão recebida, escolhe os engenheiros militares Capitão Antônio Pereira do Lago e o 2° Tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay, que partiram, a 13.02.1866, com a missão de

> reconhecer aqueles terrenos, informando sobre a praticabilidade da viação e procedendo a uma exploração cuidadosa daquela fralda de serra.

O Comandante da Coluna, a 2 de abril, começava a receber os relatórios dos oficiais engenheiros, com os dados colhidos, informações e a topografia do deserto que iriam atravessar. Baixando as águas e após um mês de sol constante que veio secar o caminho dos pantanais, e ciente do relatório dos engenheiros, o Coronel, já então Brigadeiro graduado, José Antônio da Fonseca Galvão, ordena a partida.

[76] Diário Oficial. Império do Brasil, edição de 11.04.1865. (SOUZA)

E a 25.04.1866, seguia em direção ao Aquidauana, contornando a serra de Maracaju e percorrendo zonas pantanosas e malarígenas. A permanência em Coxim fora de 127 dias. As trilhas palmilhadas pelos expedicionários margeando a serra, evitando, de um lado, a água demasiado profunda e, de outro, a medonha mata virgem, eram vencidas e, com grandes dificuldades os seus 135 quilômetros, quando, a 8 de maio, chegaram à margem direita do Rio Negro.

Aí, esperaram a 2ª Brigada sob o comando do Tenente Coronel Joaquim Mendes Guimarães, que havia partido, em começos de maio, do Coxim, depois de receber em suas fileiras o reforço de um Batalhão de Voluntários de Goiás, denominado "*Goiano*", criado por ato provincial de 30.10.1865 e formado por soldados da Guarda Nacional e de Voluntários da Pátria. O Batalhão Goiano de Voluntários era constituído de 432 praças, tendo saído da capital da Província a 20.01.1866, comandado pelo Coronel José Joaquim de Carvalho. Este oficial antes de atingir Coxim, abandona os seus comandados e segue para Cuiabá. O total das Forças em operações no Sul de Mato Grosso somava a uns 2.700 homens, incluindo os soldados de cavalaria de Mato Grosso que haviam se incorporado à Coluna.

O tempo bruscamente mudara e toda a região fora atingida por um aguaceiro diluvial. O acampamento do Rio Negro, a princípio enxuto, transformava-se em verdadeiro charco. Em consequência das chuvas, as Forças Expedicionárias começaram a se ressentir de gêneros alimentícios e com o estado sanitário da tropa ameaçador. Já enfrentavam a doença milenária, conhecida por todos os exércitos do mundo, a malária, que começava a dizimar as nossas praças e cujas baixas se elevaram a quase quatrocentas em poucos dias. Todo o trajeto percorrido pelos nossos

soldados, de Coxim até aquele ponto, era constituído por terrenos onde proliferavam os mosquitos Anofelinos, transmissores da doença. As margens do Rio Negro, local do acampamento das Forças, eram insalubres e consideradas zonas altamente malaríferas.

Aí, faleceram das "*febres*" o Capitão Manoel Batista Ribeiro de Farias, comandante interino do Batalhão Goiano de Voluntários, a 10.06.1866 e três dias depois, o comandante geral das Forças, o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão. A mortandade foi tão grande e violenta que hoje, nessa longa distância do tempo que nos separa, poderíamos afirmar que o parasito predominante naquela região, teria sido o Plasmodium falciparum, agente causal da "*terçã maligna*". Entretanto, as febres palustres, "*terçã benigna e quartã*", diante das más condições de resistência orgânica dos nossos soldados, atravessando aqueles brejos, dormindo ao relento e mal alimentados, poderiam ser, perfeitamente, responsáveis por tantos casos fatais. O que é certo, a maleita, endêmica naqueles locais, surgia sob a forma de epidemia grave. Em correspondência dirigida ao Ministro da Guerra de então, dizia o Presidente da Província de Goiás que o 2° escriturário encarregado do depósito dos Baús, havia comunicado a ele a notícia de achar-se o Brigadeiro Galvão,

> afetado de um ataque de estupor, que tirou-lhe o uso da vista e da fala ([77]).

Era a coma palustre o estado mórbido do Brigadeiro Galvão, forma nervosa e das mais graves da doença, e que, via de regra, só se verifica na "*terçã maligna*". Até aquele momento, não havia noções concretas, com base científica, sobre a origem da malária, a causa da doença.

---

[77] Arquivo Nacional. IG. 1 - 223, doc. 389. (SOUZA)

As “*febres*” são mencionadas nos escritos de Hipócrates e dos médicos de sua escola, e conhecidas das populações e regiões mais diversas do mundo.

Foi um médico militar francês, Alphonse Laveran [1845-1922], em serviço na Argélia, que fez a descoberta do parasito, o hematozoário, no Hospital Militar em Constantine, a 06.11.1880, após estudos profundos da anatomia patológica da doença, iniciados dois anos antes. Depois dele, vieram outros trabalhos sobre as diferenças morfológicas dos hematozoários e a transmissibilidade da malária pelo mosquito, demonstrada por Sir Ronald Ross [1857-1932]. Naquela época e desde longo tempo, era a “*quinina*” o grande medicamento antipalúdico e fora empregado em nossos soldados enfermos. Afirma Taunay que seu pai enviava constantemente grãos deste alcaloide da quina. Era a terapêutica salvadora.

Só recentemente surgiram os quimioterápicos mais eficazes e a malarioterapia tem passado por profundas transformações. O Serviço de Saúde da Expedição, naquela contingência, desenvolveu grande atividade e não tinha mãos a medir e alguns médicos militares foram atingidos pela infecção.

Com a morte do Brigadeiro Galvão, assumia o comando geral da Coluna, o Tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, por ser o mais antigo em graduação, o terceiro a ocupar este posto.

O abastecimento às Forças entrou em colapso pelas chuvas caídas e por falta de muares, e os nossos soldados tiveram de se alimentar, durante uns oito dias, com os recursos locais, isto é, utilizando-se quase exclusivamente de frutos silvestres, que os rodeavam: Bacuri, murici e o fruto vagem Jatobá. Deste último, diante de sua abundância no local, eram feitas colheitas em enorme sacos, sendo depois

distribuídas pelas autoridades militares como rações determinadas por lei... (TAUNAY, 1960).

A 24.06.1866, arranca o Tenente-coronel Mendes Guimarães e põe em marcha a Expedição através de brejos e altos macegais, quando a soldadesca enfrenta um terreno de trinta braças de largura e de medonha vala: era o pantanal de Madre. Diz Taunay, que por todos os lados era lama, lama visguenta, traiçoeira, lama fétida, negra e insolúvel. Uma porção de homens atolou-se até o pescoço e ali ficou; os carros de artilharia e de mantimentos foram ao fundo; mulheres perderam seus filhos e no final naquele abismo ficaram mais de cem vítimas.

Mais adiante, a "*corixa*" ([78]) denominada da Cangalha, tão terrível como o pantanal anterior, onde são devoradas mais vítimas, e, finalmente, depois de dez tremendos dias de marcha, chegava a Coluna ao ansiado rio Taboco, à chamada Boca do Pantanal, a 3 de julho, apresentando-se os soldados em estado lastimável: sujos, seminus, maltrapilhos e mortos de fome e de cansaço.

No Taboco iniciava-se a elevação do terreno, afastando-se, assim, as terríveis zonas acharcadas. Melhorando o tempo, começaram a chegar os carregadores de alimentos e houve certa fartura. Assim, a tropa foi se refazendo aos poucos das precárias condições físicas, após uma caminhada das mais dramáticas, transpondo os pantanais e cujo percurso atingiu a 168 quilômetros. Há críticas formuladas pela, rapidez da movimentação da tropa, realizada em apenas dez dias, pois deu a impressão de fuga. Realmente, fora uma fuga; fuga daquele infernos que a todos apavorava: os atoleiros e as doenças.

---

[78] Corixa: canal por onde se escoam as águas dos lagos, brejos ou várzeas. (Hiram Reis)

Porém, a grave acusação apontada era que, naqueles dias, se esqueceram dos mais fracos, só escapando os fortes. Outra observação lembrada como erro tático: caso se encontrasse o inimigo nas imediações do Taboco, a Expedição teria sido aniquilada, pois as peças de artilharia não puderam acompanhar a Coluna, ficando pelos pantanais e só depois vieram se juntar a ela (JOURDAN, 1893).

Ao reviver essa manifestação suscitada há muitos anos, nosso sentido é de provocar a opinião de outros técnicos na matéria, após analisarem com profundidade a situação vivida pelos nossos soldados. O certo é que, em vez de uma destruição total, a salvação de muitos compensou o sacrifício de alguns. Assim nos parece.

A 13.07.1866, no acampamento à margem do Rio Taboco [Dabôco como então se escrevia], chegava o Coronel José Joaquim de Carvalho, enviado diretamente de Cuiabá, a fim de assumir o Comando da Expedição. Nesse dia, este militar tem a infelicidade de cair do cavalo e fraturar o braço.

Nas Forças Expedicionárias começaram a surgir casos de beribéri tomando proporções que trouxeram desalento a todos, principalmente aos componentes do Serviço de Saúde já sobrecarregados de trabalhos e atribuições. As primeiras vítimas foram observadas após a estada da Coluna às margens do Rio Negro e quando intensa era a infecção paludosa. Assevera o Visconde de Taunay que o mal

> atacava de diversos modos, mas sempre grave senão mortal logo, ora pérfida e lentamente, ora de chofre e com os sintomas mais aterradores e cruéis, trazendo paralisias mais ou menos generalizadas.

E concluindo:

> Às vezes o doente acusava formigamentos nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo de dia agravarem-se esses sinais; a que se juntavam sem muita demora as opressões, dispneias, sobrevindo afinal a agonia e morte; outras, tudo isso se atropelava e em breves horas falecia quem, bem pouco antes, se mostrava forte e são (TAUNAY, 1960).

Esse quadro patológico apresentado por um leigo, tem a felicidade de demonstrar a multiplicidade de formas clínicas da doença, diversas quanto a sintomatologia, duração e desfecho, que é um dos apanágios do beribéri, no conceito do saudoso mestre Aloisio de Castro (ALOYSIO DE CASTRO). Na ocasião, a doença fora denominada de paralisia-reflexa e batizada pelos soldados de perneira, pela dureza característica das barrigas da perna ou panturrilhas. Essa enfermidade era uma entidade patológica ainda não observada e estudada no Brasil e por isso deixou os médicos militares desorientados. Taunay afirma maldosamente que

> os médicos, aliás bastante ignorantes, mostravam-se atônitos e não ousavam decidir, receitando às tontas e com incoerência e falta de lógica dignas de lástima (TAUNAY, 1960).

Ao declararem desconhecer a etiopatogenia da moléstia, os médicos deram demonstração de honradez e boa formação científica, pois, não eram curandeiros nem charlatões. E para ressaltar o drama vivido por aqueles profissionais da medicina, lembramos que somente naquele ano de 1866, o Dr. José Francisco Silva Lima [1826-1910], na Bahia, começava a publicar na "*Gazeta Médica da Bahia*", uma série de trabalhos acerca de uma moléstia que reinou naquela Província epidemicamente e caracterizada por paralisia, edema e fraqueza geral, até então desconhecida dos meios médicos brasileiros.

Era uma polineurite idêntica àquela que causava milhares de vítimas entre as populações da índia e do Japão, conhecida pela denominação do beribéri, cuja etiologia e tratamento eram inexistentes para a ciência médica. Na mesma época, no teatro principal da guerra, no Paraguai, o Tenente 2° Cirurgião do Exército, Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares identifica a síndrome, semelhante à apresentada por Silva Lima e presenciada em Mato Grosso, tendo sido denominada de "*anasarca*". Na Armada também fora observada incidências de polineurite pelo 1° Tenente 1° Cirurgião, Dr. Manoel Joaquim de Saraiva, embarcado no encouraçado "*Lima Barros*", que denominou a doença de intoxicação paludosa, aceita esta terminologia pela maioria de médicos militares.

Após a guerra e com os ensaios de Silva Lima publicados em volume no ano de 1872, acrescidos de outros trabalhos médicos de autores brasileiros, conseguiu-se classificar o mal que havia grassado entre os nossos soldados e marinheiros, como o beribéri, diagnóstico retrospectivo, pois, os relatórios oficiais ao falarem de moléstias predominantes, mencionam apenas com os nomes acima referidos e não de beribéri.

Entretanto, os médicos continuaram a tatear quanto a origem, evolução e tratamento da doença, e surgiram duas correntes sobre a causa do mal, filiando-se na doutrina microbiana nomes respeitáveis da medicina mundial e brasileira, como Scheube, Baelz, Manson, Plehn e os nossos mestres Tôrres Homem, Francisco de Castro, Nina Rodrigues, Martins Costa, Francisco Fajardo, Azevedo Sodré.

As experiências levadas a efeito pelos médicos Eijkman e Grijins, entre 1896 e 1905, vieram provar que a alimentação contendo casca de arroz impedia e curava o beribéri e, principalmente, com o

isolamento da Vitamina B1 do epicarpo do arroz, realizado por Funlk, em 1911, a doença tomou outro rumo e a ciência médica nova glória. Mas apesar dessas, descobertas, a ideia de causa infecciosa da doença estava bastante arraigada no espírito da maioria dos profissionais da medicina e muitos não se convenceram e continuaram a pesquisar e apresentar, de vez em quando, o micróbio... do beribéri.

Isso veio até há algumas décadas atrás, porém, hoje, é aceita a origem carêncial da doença, isto é, o beribéri como consequência da avitaminose B1. Vemos, assim, o longo trajeto percorrido pela Ciência da Nutrição para se firmar, após exaustivos trabalhos de pesquisas, e, então, indagamos, como poderíamos situar os nossos médicos militares naqueles idos tempos?

No conceito malévolo do Visconde de Taunay? Claro que não. A desorientação não era somente daqueles infelizes médicos atolados até à alma com as epidemias e o pantanal, mas de toda a ciência hipocrática brasileira e mundial, que teve de percorrer um longo e tenebroso caminho ao encontro da definição exata dessa doença carêncial.

O Cel Mendes Guimarães, após passar o comando da Expedição, o qual vinha exercendo interinamente, é atingido pelo beribéri e dá baixa e parte para o Rio de Janeiro. Igualmente o Dr. Antônio Gonçalves de Carvalho, auditor de guerra, é acometido pela forma paralítica da doença [forma atrófica seca]. Diz Taunay que este bacharel em direito, bem doente e a contragosto, resistindo até ao último momento, partiu da Expedição, no Taboco; nele

> o beribéri tomou a forma simplesmente paralítica sem edemacia alguma, pelo contrário a secar de dia em dia, de modo que parecia um boneco de engonço (TAUNAY, 1948).

Já o 1° Tenente Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, da Comissão de Engenheiros, depois de um mês de enfermidade, também atacado pelo beribéri, falece a 26.07.1866.

Como as vítimas do beribéri e do impaludismo aumentassem, gradativamente, resolveu, então, o comandante geral da Expedição, Coronel José Joaquim de Carvalho, partir do Taboco, a 5 de setembro para transpor o Rio Aquidauana, cujos trabalhos se estenderam do dia 7 a 13, chegando a Coluna à Vila Miranda, em 17 de setembro.

De Santos até Miranda, a Força Expedicionária havia percorrido cerca de 2.480 quilômetros.

A Vila Miranda era um foco perene de infecção e considerada região paludada. A orientação acertada era a Coluna ter marchado do Taboco em direção a Nioaque, de percurso menor e sabidamente salubre. Em Miranda a permanência da Coluna durou 114 dias, que representaram um imenso risco, pois a Expedição poderia ter-se aniquilado.

As baixas provocadas pelo beribéri até aquele ponto já somavam a umas quatrocentas. Somente em Miranda, calculou Taunay que a criminosa estada havia custado "*muitos centos de vida*". O beribéri havia se manifestado de várias formas clínicas, sendo a de maior número de casos, a "*hidrópica*", que se caracteriza pelos edemas e manifestações viscerais, sobretudo as desordens cardíacas.

O Alferes Capelão, Padre Tomás de Molina, fora atingido pelo beribéri e em menos de um dia de enfermidade, entrou em agonia e veio a falecer. Caso fulminante e grave, o que nos faz lembrar ter o sacerdote sido acometido pela "*forma aguda perniciosa*" da doença. Diante da mortandade provocada pelo beribéri,

> os médicos haviam chegado à conclusão que a mudança de ares se tornava o único meio para atalhar a marcha de tão singular moléstia (TAUNAY, 1948),

assevera ainda Taunay, que da teimosia em aí permanecer, resultaram

> os protestos da comissão médica que várias vezes energicamente se pronunciou pela saída imediata da coluna do mortífero local (TAUNAY, 1948).

Desse modo, podemos concluir que os médicos militares não estavam tão desorientados e sim atentos na evolução da doença. Ainda em Miranda, veio a falecer de beribéri, a 13.10.1866, o Capitão José Rodrigues Duarte Junior, do 17° Batalhão de Voluntários da Pátria, de Minas Gerais, em cujas disposições testamentárias, diz:

> Deixo ao meu infatigável amigo e dedicado médico Dr. Manoel de Aragão Gesteira, o meu cavalo russo: é uma insignificante lembrança de um moribundo (DUARTE JÚNIOR).

Era a singeleza do reconhecimento de uma alma terna em demonstrar gratidão ao seu médico assistente, seu companheiro de longa marcha iniciada na lendária Ouro Preto até aqueles confins.

Para Capitão 1° Cirurgião, Dr. Manoel de Aragão Gesteira gesto, valia e compensava seu esforço e dedicação. Quando nada podia fazer para a cura do mal, o calor humano substituía a terapêutica necessária e este médico militar sabia aplicá-lo em doses compensadoras. O Corpo de Saúde da Expedição ficara bastante reduzido de pessoal, como as demais armas e serviços da Coluna, em consequência das febres palustres e do beribéri. Quanto às canastras do instrumental cirúrgico e da farmácia, quase tudo havia se extraviado na travessia dos pantanais.

No mês de outubro, partia para o Rio de Janeiro, no dia 3, o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Serafim Luiz de Abreu ([79]), Por Doença. Até Fins De Dezembro Ainda Se Encontravam em Miranda os seguintes médicos: Capitães 1os Cirurgiões, Drs. Olegário César Cabossu, Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, promovido a este posto em 03.03.1866; Tenentes 2os Cirurgiões, Drs. Cícero Álvares dos Santos e Carlos José de Souza Nobre. Depois, somente os Drs. Quintana e Gesteira permaneceram na Coluna, partindo os demais, por motivo de saúde, sendo que o Dr. Nobre foi se recuperar na cidade de Cuiabá.

O Coronel José Joaquim de Carvalho verifica

> que amanhecera com os pés e as pernas muito inchados, presos e dormentes, além de dolorosos formigamentos nas mãos,

e, então, fica apavorado e imediatamente convoca os cinco médicos da Expedição e depois chama o Taunay que era metido a entender de assuntos médicos. E diante do exagero demonstrado propositadamente por Taunay que não o suportava, o Coronel Carvalho partiu atropeladamente, a 31.12.1866, com destino a Cuiabá, sem esperar o novo comandante.

A 01.01.1867, assumia o comando geral da Coluna o Coronel Carlos de Moraes Camisão que imediatamente dá nova organização tática à Expedição, unificando as duas Brigadas numa única, restaura a

---

[79] Este médico militar casou-se com D. Eulália Tanner de Abreu, de cujo enlace nasceu o Professor Dr. Henrique Tanner de Abreu, aos 12.10.1870, na cidade de Jaguarão [RS]. O Professor Tanner de Abreu foi catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Professor Emérito da Universidade do Brasil, tendo falecido com a provecta idade de noventa e três anos. (SOUZA)

Comissão de Engenheiros que fora extinta pelo comandante anterior e ordena a partida para Nioaque, como medida sanitária reclamada. E como providência segura para concretizar essa última medida de movimentação, determina a ida de dois engenheiros para Nioaque, a fim de prepararem galpões para acomodação da enfermaria e depósitos de víveres, e escolherem o melhor local para o acampamento.

A impressão do novo comandante foi a melhor possível, pois, tratava-se de um militar brioso, e homem sério e digno.

A 11 de janeiro partia a Coluna para Nioaque quando chegou a 24, depois de percorrer 210 quilômetros. Os enfermos e convalescentes foram transportados em padiolas, redes e "*cacolets*". Nioaque fora incendiada e destruída pelos paraguaios, quando partiram a 02.08.1866, como igualmente haviam feito na Vila Miranda. As duas únicas casas poupadas pelo fogo foram aproveitadas na instalação da Enfermaria.

Após dois meses de estada em Nioaque, com o abastecimento regular, a recuperação das Forças foi total, tendo cessado a epidemia reinante do beribéri, cuja última vítima fora o Capitão Lomba que havia sido transportado bem doente de Miranda.

Em Nioaque, em 01.02.1867, o Serviço de Saúde, segundo o Mapa da Força ([80]), era constituído por dois médicos e a companhia de enfermeiros possuía o seguinte efetivo: um 2° Sargento; três Cabos; dois Anspeçadas e dezessete soldados.

Com a recuperação das Forças e novos reforços vindos de Cuiabá, o efetivo da Coluna é de 2.084 homens, na data acima mencionada.

---

[80] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, doc. 300. (SOUZA)

Levado pelo entusiasmo e por enganosas informações, o Coronel Camisão resolveu invadir o Paraguai, pela fronteira do Apa, com o pequeno Corpo de Exército, embora bem aguerrido, mas sem meios de transporte e locomoção, pouca munição, falta de mantimentos e o pior, sem cavalaria, elemento indispensável para uma ação daquela envergadura. O gado, alimento principal da soldadesca, havia sido trazido pelo Guia Lopes de seus campos, em duas boiadas; uma de duzentas e cinquenta e depois de duzentas reses, mas, pelo consumo diário da Coluna de vinte e duas cabeças, não eram suficientes para manter o abastecimento por um período longo. Davam apenas para suportar um mês de alimentação.

Em vez de permanecer na defensiva com aquele efetivo, como determinava o Plano de Campanha elaborado pelo Marechal Marquês de Caxias, partiu o Coronel Carlos de Moraes Camisão para a ofensiva, iniciando a marcha de Nioaque, a 28.02.1867. Finalmente, todo o contingente se encontrava em território paraguaio, em 21 de abril, cujo evento fora precedido com alarido e júbilo por aqueles ternos corações brasileiros. Os nossos soldados, depois de longos anos de espera para o ansioso desagravo, briosamente desfraldavam as nossas bandeiras pelos céus inimigos e os seus clarins varavam o silêncio dos campos paraguaios.

VIII

A RETIRADA DA LAGUNA
ASPECTOS MÉDICO-SANITÁRIOS

Os nossos expedicionários tomam a posição militar paraguaia estabelecida na fazenda da Machorra, ainda em território brasileiro, após um pequeno tiroteio.

No dia seguinte, 21 de abril de 1867, transpõem a fronteira e vão ocupar o fortim de Bela Vista que se encontrava incendiado e abandonado. A incursão pelo território paraguaio representou o grande dia da Coluna, pois, a lembrança da invasão e das atrocidades levadas a efeito pelo inimigo, estavam bem presentes em todos, e, para o significativo ato, os soldados usaram o mais luzido uniforme e a banda de música executou os mais belos dobrados. As nossas bandeiras, substituídas por outras de cores mais viva, fizeram-se tremular triunfalmente pelos horizontes e campinas da República do Paraguai. O júbilo pelo evento foi contagiante, mas de resultado dos mais penosos e sinistros para muitos daqueles bravos brasileiros.

O entusiasmo era tanto que o Coronel Camisão ao comunicar-se com o Presidente da Província de Mato Grosso, em 23.04.1867, dizia que desejava avançar até a Vila da Conceição, para instalar a artilharia sobre a barranca do Rio Paraguai (TAUNAY, 1874).

O projeto de Caxias mandava que as Forças chegadas ao Apa, deveriam esperar ligação com o grosso do exército que enfrentava Humaitá. Desse modo, o plano não foi respeitado e levado em consideração.

Em Machorra e Bela Vista os nossos soldados encontraram alimentação abundante para alguns dias: cereais, batata, abóbora ou jerimum, cana etc. (TAUNAY, 1948). Esses gêneros devem ter representado muito para os expedicionários diante do futuro, que os aguardava, de carência alimentar. O acampamento em Bela Vista prolongou-se pelo espaço de nove dias e as Forças em Operações ao Norte do Paraguai, começaram a ressentir-se de alimentação, pois o gado estava diminuindo com o consumo diário e não apareciam as boiadas prometidas e tão esperadas.

A ausência de um serviço regular de abastecimentos fazia preocupar aquela marcha temerária e o comandante, então, envia comunicação solicitando mantimentos para Nioaque, ponto estabelecido para as provisões, não possuindo meios de comunicação segura nem serviço regular de comboios. Eram os elementos de apoio logístico indispensáveis em operações daquela envergadura, os quais, infelizmente, não existiam. Havia, apenas, a intenção sem os meios... Nioaque estava distante do acampamento umas 26 léguas. Cel Carlos de Moraes Camisão, ao tomar conhecimento da existência de muito gado e víveres na Fazenda da Laguna, propriedade do ditador Solano López, que ficava a umas quatro léguas de Bela Vista, resolveu ocupar o referido ponto.

A 30 de abril levantou acampamento e na noite de 1° de maio, acampava na Invernada da Laguna. Nada encontrou do que fora anunciado, pois o inimigo levara o que pudera e incendiara o restante. Assim, as perspectivas para as Forças, como se vê, eram as piores possíveis. O destino da Expedição estava selado, ao contar com os recursos locais. Com muito esforço se conseguia juntar apenas 50 rezes. Quanto mais os brasileiros penetravam, mais o inimigo recuava, deixando tudo arrasado. Nem combate os paraguaios enfrentavam, fugindo sempre aos primeiros tiros de nossas carabinas. Era o recuo estratégico, o meio de defesa empregado pelos nossos adversários, na intenção de envolver e aniquilar as nossas Forças invasoras.

Verificando ser impossível a incursão pelo território paraguaio sem os recursos de abastecimentos e tropa de cavalaria, resolveu o Coronel Camisão retroceder para Nioaque, mas antes planejou um ataque ao acampamento inimigo que ficava distante uma légua e meia. Naquele local se encontrava acampado o 21° Regimento de Cavalaria paraguaia,

chegado no dia anterior como reforço. Esse ataque tinha que ser executado com astúcia e surpresa, a fim de evitar que o inimigo se retirasse como vinha procedendo. Assim, na madrugada do dia 6 de maio, o 21° Batalhão de Infantaria sob o comando do Major em Comissão José Tomás Gonçalves e o Corpo de Caçadores a Cavalo [na realidade desmontados] comandados pelo Capitão Pedro José Rufino, num assalto cheio de coragem e tenacidade, caem impetuosamente sobre os paraguaios, sem que estes o pressentissem. O inimigo não teve outra alternativa e foi obrigado a enfrentar as baionetas dos nossos bravos soldados. Os paraguaios tiveram baixas sensíveis pela primeira vez e quem não foi morto fugiu apavorado pelo arrojo e disposição dos nossos expedicionários.

Representou esse combate a ilusão de um feito de armas em solo paraguaio. Os brasileiros com esse acontecimento, consideraram-se de alma lavada e como os comboios de víveres não apareciam, o Coronel Camisão, dois dias depois, iniciava a retirada das forças a caminho da fronteira, pelas 07h00 do dia 08.05.1867, com a devida formação militar, digna dos melhores exércitos do mundo. Encontravam-se a umas oito léguas do Rio Apa.

Quando a Coluna bateu em retirada, já os paraguaios haviam recebido o reforço de uns 1.500 homens, tropa bem treinada e municiada e de melhor constituição guerreira, sendo a maioria pertencente à arma de cavalaria, soldados de infantaria e algumas peças de artilharia. Os paraguaios não conseguindo o intento de aniquilar a Coluna brasileira em seu próprio território, diante da resolução do comandante Camisão, procuraram, então, envolvê-la e destruí-las com ataques bem organizados nos quais utilizaram a cavalaria, infantaria e duas peças de artilharia puxadas a cavalo.

Iam acompanhando passo a passo as nossas Forças e às vezes precedendo-as, caindo de improviso sobre as mesmas, e, principalmente, escolhendo para o ataque os elementos isolados e os bivaques. Nos dias 8, 9 e 11, houve combates bem sérios, sendo nesse último, denominado combate de Nhandipá, o mais sangrento e de lances memoráveis; os paraguaios deixaram o campo coberto de cadáveres e as nossas baixas foram também sensíveis. A 11, a Coluna havia atravessado o Apa, pisando novamente o território brasileiro, quando se deu o ataque inimigo, cuja penosa consequência foi, sem dúvida, a perda do gado de corte que, assustado pelos estampidos do canhoneio, precipitou-se contra as fileiras do Batalhão de retaguarda e debandou pelos campos à fora.

Desaparecia, assim, o elemento indispensável de sobrevivência para os nossos soldados, naquela emergência de penúria e sofrimento, comprometendo, deveras, a continuação da jornada.

A 12, o Coronel Camisão, acolhendo a opinião do incansável Guia José Francisco Lopes, escolheu outro rumo, desviando-se da estrada principal conhecida como da Machorra e seguiu através do campo para desviar-se do inimigo e encurtar o caminho até Nioaque, passando pela fazenda do Jardim, propriedade do Guia Lopes, local de esperados recursos. Parecia ser uma trilha mais segura contra o ataque da cavalaria paraguaia, porém, desconhecida e coberta de mato. Eram terrenos jamais trilhados e constituídos de um trecho de cerrado e a maioria de macega alta e bambus, quando o inimigo, diante desses últimos elementos, utilizou o odioso expediente de guerra, provocando o incêndio para destruir a Coluna. Foram dias terríveis, com o fogo vindo de vários lados, como verdadeiro furacão de chamas.

Ainda, aí, a experiência do Guia Lopes veio salvar a Expedição de perecer devorada pelo fogo; apenas um soldado faleceu por asfixia. O Comandante, sentindo as condições do novo caminho que era aberto pelos soldados e palmilhado com muita dificuldade, decidiu reduzir a bagagem, sendo prontamente atendido pelos oficiais, passando os animais de carga a servir no transporte de cartuchame. Do mesmo modo, determinou, ainda, a descarga de algumas carretas para destiná-las ao transporte de feridos, fazendo distribuir a farinha, o arroz, os legumes secos, que se achavam nas mesmas, entre os soldados. Essa última providência deu em desastrosas consequências, pois, os víveres foram consumidos totalmente pelas praças, em apenas alguns dias, agravando, desse modo, a situação que já se calculava das mais catastróficas para a Coluna.

Outro resultado não se poderia esperar de homens vencidos pelo cansaço e pela fome! Tanto nos combates como nos tiroteios de 14 a 27 de maio, o inimigo fora sempre repelido bravamente pelos nossos soldados que, apesar de tudo, continuaram a marcha, lenta pelas dificuldades e marcada de tanto sofrimento. Aqueles homens de têmpera, venceram também o fogo das macegas e as chuvas torrenciais, a soalheira causticas-te e os caminhos encharcados, a fome e as noites frias, a neurose e os gemidos dos enfermos, o desespero e a loucura, a deserção e a própria disciplina que estivera prestes a soçobrar, para fixarem, finalmente, um painel de grandeza e valor sobre-humano, cujo tempo decorrido, provoca ainda hoje e sempre, a lembrança mais pungente e contrita no âmago do coração dos homens. Semente a pena privilegiada do Visconde de Taunay – um dos retirantes – poderia transcrever, em livro de ouro, o drama vivido pelos nossos heróis e mártires, como exemplo edificante e contemplação perene da história militar da humanidade.

A 29.05.1867, a Coluna se encontrava, finalmente, em terras da estância do Jardim, à margem esquerda do Rio Miranda, quando nesse dia faleciam o Comandante-Chefe, Cel Camisão e o seu imediato, Ten Cel Juvêncio Manoel Cabral de Meneses. No dia anterior, havia morrido o Guia Lopes, olhando os céus de sua propriedade e cumprindo sua missão sagrada de salvar os compatriotas. Do outro lado do rio estava a tranquila morada do nosso guia, rodeada de belo laranjal, tão falado e prometido pelo sertanejo.

A situação da maioria da Coluna era mais de farrapos do que de criaturas humanas, mas, depois de transposto o Rio Miranda e recuperados com o consumo de grande quantidade de laranjas e limões, que trouxera a melhoria imediata das condições físicas, partem os nossos heróis em marcha forçada, quase sem parar, até Nioaque, onde entram a 2 de junho.

Aí, os paraguaios depois de destruir a localidade, armam uma cilada, cujo resultado é uma explosão que vai provocar a morte de nove soldados, fora muitos com queimaduras extensas, aumentando o sofrimento de todos. Foi desse modo, diz Lobo Vianna, que o inimigo se despediu para sempre dos heróis da Laguna. Em Nioaque, os componentes da Coluna já estavam alimentados com certa regularidade e, então, prosseguiram na marcha e chegaram a 11.06.1867, ao Porto de Canuto, margem esquerda do Aquidauana, distanciados mais ainda do inferno e dos diabólicos e impetuosos paraguaios.

Eram soldados maltrapilhos e com os pés ensanguentados, entretanto vitorioso mais das provações do que das armas inimigas. No dia seguinte, o comandante interino da Coluna, Major em Comissão, José Tomás Gonçalves, dizia em Ordem do Dia aos seus intrépidos comandados:

> Soldados! Honra a vossa constância, que conservou ao Império nossos canhões e nossas bandeiras!

* * *
* *
*

Daqueles quinze médicos que serviram no Corpo de Saúde da Força Expedicionária de Mato Grosso, doze vieram da Corte [RJ], inclusive o primeiro chefe; dois, com as tropas de Minas Gerais e um, da guarnição da província de Goiás. Por ocasião da invasão do Apa, depois de dois anos de longa e interminável caminhada, apenas dois médicos militares eram responsáveis pela manutenção das condições de saúde dos expedicionários. Os demais obtiveram baixa, a maioria por doença adquirida durante a jornada e outros por receberem novas designações. Os dois remanescentes eram os Capitães 1os Cirurgiões. Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, cujas atuações em todo o período da invasão e da retirada, foram louvados pelos chefes militares, pois, receberam desses abnegados profissionais da medicina, o indispensável apoio tão útil naqueles lances épicos, gravados por bravos! O primeiro havia se incorporado à Coluna, em Coxim, servindo aos soldados goianos e o segundo veio com a Brigada mineira.

O décimo sexto médico a ser classificado na Coluna Expedicionária foi o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. Cirilo José Pereira De Albuquerque, quando, a 05.10.1866, fora declarada sem efeito a sua nomeação para fiscal do Serviço Sanitário da guarnição da Província de Mato Grosso e ordenado que se apresentasse ao Comandante das Forças, cujo aviso ministerial só chegou à capital da Província, em fins do mês de dezembro do referido ano ([81]).

[81] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, doc. 358 e 430. (SOUZA)

Este médico militar que se encontrava na cidade de Cuiabá, por motivo superior, não se apresentou, somente fazendo-o quando os heróis da Retirada da Laguna se encaminhavam para Cuiabá, constando sua presença no Mapa das Forças, organizado no acampamento de Aricá-Grande, em 15.10.1867.

Nessa ocasião teve oportunidade de prestar seus serviços na supervisão das medidas profiláticas, determinadas pelas autoridades militares da Província, contra a varíola que assolava Mato Grosso, após a retomada de Corumbá.

Antes mesmo da invasão do Paraguai, o Serviço de Saúde da Coluna Expedicionária, em Nioaque, já não contava com a colaboração dos farmacêuticos. Dos quatro que estiveram em serviço na Coluna, todos receberam baixa por doença adquirida na longa caminhada.

Diz Taunay que:

> fora o pessoal do nosso serviço médico muito perseguido pelas febres palustres de Miranda. Haviam-nos deixado vários de seus membros; além de tudo, as nossas caixas de cirurgia e de farmácia tinham-se todas perdido ou deteriorado, devido aos acidentes da viagem (TAUNAY, 1874).

Continua, acrescentando:

> puderam, contudo, os nossos feridos receber ainda todos os socorros que precisaram, graças aos esforços da engenhosa humanidade de que foram alvos. Superintendera o Comandante, sempre, este serviço, e tivéramos a felicidade de conservar dois hábeis clínicos, os doutores Quintana e Gesteira. Pertencia este último ao corpo empenhado no combate de 6, e, sob as balas, dera provas de dedicação e sangue frio, como verdadeiro discípulo do grande Larrey (TAUNAY, 1874).

Realmente, sobre esse ataque do dia 6 de maio, a parte oficial do Major em Comissão, José Tomás Gonçalves, comandante do 21° Batalhão de Infantaria, unidade que teve atuação destacada nesse combate, afirma que:

> o 1° Cirurgião Doutor Manoel de Aragão, fez seu dever de médico militar por modo superior ao elogio, curando os feridos com extraordinário sangue frio, debaixo de fogo e animando pelo seu exemplo aos companheiros que o cercavam (TAUNAY, 1874).

Em outro documento referente à Retirada, do comandante do 17° Batalhão de Voluntários da Pátria, o Ten Cel em Comissão Antônio Enéias Gustavo Galvão assevera em parte de n° 30, de 28.05.1867:

> não posso deixar em esquecimento o nome do distinto Cirurgião Doutor Manoel de Aragão Gesteira, que com a maior humanidade e ao lado sempre dos soldados feridos em número de vinte e nove, e de setenta e seis atacados da epidemia, deu provas mais exuberantes de sua dedicação no curativo dos mesmos ([82]).

Já o Major José Tomás Gonçalves, como comandante interino da Coluna, em sua parte dirigida ao presidente da província de Mato Grosso, em ofício datado de 16 de junho de 1867, no qual narra todos os acontecimentos da Retirada da Laguna, faz elogiosas referências aos médicos militares, quando afirma:

> Os dois médicos juntos a esta coluna, portaram-se com a caridade e dedicação que a ciência recomenda, e que as leis militares deles exigem.

E continua:

---

[82] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, doc. 413. (SOUZA)

> Os dignos e inteligentes 1[os] Cirurgiães Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira curavam aos feridos nos campos de ação, desenvolvendo por ocasião do aparecimento da cólera [sic] atividade incansável, sempre solícitos pelo estado do soldado enfermo, apesar de lutarem com a falta absoluta de medicamentos (TAUNAY, 1874).

E na Ordem do Dia n° 3, de 12.06.1867, no acampamento junto à margem esquerda do Rio Aquidauana, o acima referido comandante interino da Coluna, ainda exalta a atuação dos médicos militares, nos seguintes termos:

> Os 1[os] Cirurgiões Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, muito se distinguiram nessas jornadas de glória no curativo dos feridos, não se enfraquecendo a sua caridade e dedicação nos funéreos dias da cólera-morbo [sic] honra a esses nobres facultativos! (TAUNAY, 1874).

* * *
* *
*

A Coluna de Mato Grosso, como anteriormente nos referimos, fazia-se acompanhar pelos familiares, do mesmo modo como procediam os nossos exércitos em ação no teatro Principal da Guerra. Era a instituição do Exército patriarcal com que fizemos a Guerra do Paraguai na afirmação do historiador General F. de Paula Cidade. Diz Taunay que na Retirada da Laguna chegara a contar cerca de setenta e uma mulheres: a maioria caminhava a pé, exceto duas, montadas em bestas. Assevera, ainda, que quase todas carregavam crianças de peito ou pouco mais velhas. Esse grupo de mulheres e crianças de todas as idades representaram não só problemas quanto à alimentação, mas, também, no que diz respeito à segurança da tropa.

A presença da mulher na Retirada da Laguna, foi assinalada por cenas comoventes e momentos épicos, cujos episódios foram narrados pelo emérito escritor da Expedição. Afirma Taunay que no combate de Bayendê, a 8 de maio:

> uma mulher apanha a clavina do marido morto e, disparando-a por vezes, defende a vida de um filhinho de colo que depositara no chão (TAUNAY, 1878).

Outra,

> havendo-se encarniçado um paraguaio em lhe arrancar o filho, tomara ela de um salto uma espada largada no chão, e num ápice matara o assaltante. Mais infeliz vira outra o filhinho recém-nascido espostejado ([83]) por um inimigo, que pelas pernas lho arrancara do colo.

E conclui Taunay, que essas pobres mulheres:

> traziam todas no rosto, os estigmas do sofrimento e da extrema miséria (TAUNAY, 1874).

Se naquelas mulheres o sentimento materno se manifestou eloquentemente diante do perigo e da própria morte, uma, entre todas, além desse espírito d'alma comum, deixou marcada sua bravura, destemor, bondade. Deu-se o fato por ocasião do combate do dia 11 de maio, quando a totalidade das mulheres escondia-se sob as carretas, ali disputando um lugar com horrível tumulto e alarido. Aquela, entretanto, colocada durante a peleja, no meio do quadrado formado pelo 17° Batalhão de Voluntários da Pátria, indiferente às balas, às lanças e aos ataques do inimigo, desvelara-se por todos e, antecipando os primeiros socorros dos médicos, rasgava as próprias roupas para tratar as feridas gloriosas dos nossos soldados (TAUNAY, 1874).

[83] Espostejado: esquartejado. (Hiram Reis)

Foi uma autêntica heroína essa mulher de um soldado que se chamava Ana e cognominada Ana Mamuda, cujo gesto digno e humano, se fixou na admiração e na gratidão de todos. Era uma humilde negra de coração branco, mas, antes de tudo, mulher. Sublime mulher, cuja glória a história tem o dever de registrar e consagrar.

* * *
* *
*

As ocorrências médico-cirúrgicas da Retirada da Laguna foram narradas pelo Capitão 1° Cirurgião, Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, responsável pelo Serviço de Saúde da Expedição, pois era oficial médico mais antigo do que seu colega Capitão 1° Cirurgião, Dr. Manoel de Aragão Gesteira. Em sua parte oficial, apresentada em 15.06.1867, no acampamento à margem esquerda do Rio Aquidauana, dirigida ao Major José Tomás Gonçalves, comandante interino das Forças, relata o Dr. Quintana:

> Ilm° Sr. – Havendo V. Sª, exigido de mim uma parte sobre a epidemia e ferimentos havidos na Expedição de Mato Grosso, passo muito perfunctoriamente ([84]) a expender o seguinte: Que no dia dez de maio, na Bela Vista, foi-me trazido à consulta um índio que sofria de diarreia abundante e que no dia seguinte faleceu. Este doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tínhamos a tratar, faleceu, sem que tivéssemos bem observado sua enfermidade. No dia 17, às 23h00, pouco mais ou menos, entraram mais dois enfermos para a enfermaria, os quais atraíram a atenção pelos grandes gritos que davam em consequência de cãibras e pela semelhança dos sintomas de ambos, que eram: grande sede, supressão de urinas, vômitos, evacuações alvinas abundantíssimas, resfriamento

[84] Perfunctoriamente: de relance, ligeiramente. (Hiram Reis)

das extremidades. e no dia seguinte, os em que morreram, estavam desfigurados pela magreza do rosto; então julgamos que tínhamos em presença a horrenda epidemia de cholera-morbus, que no dia subsequente tornou-se evidente, pela entrada de muitos atacados com os sintomas seguintes: vômitos, evacuações alvinas abundantes de uma matéria semelhante à água de arroz, grande sede, dispneia, pulso pequeno, frequente, supressão de urinas, mudança extrema no metal da voz e mesmo afonia, pele fria, cianose, magreza e desfiguramento rápido do rosto etc.

A falta de víveres, de barracas e roupa suficiente na estação do inverno, muito deveria concorrer para aumentar o número de atacados, os quais, entrando nas enfermarias, também, aí não acharam abrigo contra as intempéries. Os medicamentos no fim de poucos dias estavam acabados. As marchas muitas vezes durante o dia inteiro, algumas vezes de noite, a péssima condução de carros puxados a bois, em que os doentes comprimiam-se mutuamente, pela exiguidade de espaço, deveriam ter grande parte do acréscimo da mortalidade, que era de quase todos os atacados. Afinal todos os carros foram queimados por necessidade; os doentes eram conduzidos em padiolas por soldados enfraquecidos pela fome, estropiados, que se recusavam a carregá-los, e que os deixavam atirados no caminho, sempre que o podiam fazer. Os sãos já mal eram suficientes para conduzir os doentes, sendo preciso caminhar com presteza, pois já nenhum alimento tínhamos, além das poucas reses que puxavam a artilharia. À vista disto, foram os doentes de cholera-morbus deixados no pouso por ordem superior, no dia 26 de maio. Até o dia 1 de junho a epidemia ainda não tinha cessado. Nesse dia, tendo as Forças começado a marcha, quase à noite, debaixo de chuva fortíssima, caminhou-se seis léguas. Durante este trajeto, que terminou no dia 2 de tarde, morreram alguns coléricos, e no dia 3 o último doente grave dessa enfermidade que ainda restava. Nesse dia, a epidemia cessou.

> Quanto aos feridos em combate, também tivemos de sofrer as mesmas faltas. Nenhuma operação de alta cirurgia foi necessário praticar. Deram-se pontos de sutura, fizeram-se compressões nas artérias para suprimir hemorragias, cauterização com nitrato de prata etc. Os médicos que se achavam nas Forças éramos eu e o 1° Cirurgião Dr. Manoel de Aragão Gesteira. O número de feridos foi de 41; 37 praças e 4 oficiais; o dos coléricos que faleceram foi de 173: 10 oficiais e 163 praças. Os que ficaram em caminho todos moribundos, foram 122, incluindo tanto os que ficaram por ordens superior, como os que eram deixados pelos soldados que os conduziam.
>
> É o que tenho a participar a V. Sª, a quem Deus Guarde ([85]).

Devemos dizer que a distribuição dos víveres entre os soldados, realizada no dia 13, para desatravancar algumas carretas, resultou em seu rápido consumo, sem a previsão necessária, quando, então, começou a fome a atingir os nossos expedicionários. O cansaço com as marchas contínuas, os sobressaltos e a tensão reinantes, tiveram consequências as mais terríveis para o organismo das praças.

Agravava, ainda mais, as mudanças bruscas da temperatura com as chuvas torrenciais e os campos encharcados, para no dia seguinte surgirem o calor abrasador e o incêndio das macegas. Os acampamentos eram insalubres, em condições defeituosas de higiene individual e coletiva; os nossos

[85] Este documento médico militar mereceu ser transcrito na "*Gazeta Médica da Bahia*", Ano II, n° 27 [pg. 36], 15.08.1867, possivelmente enviado pelo Dr. Quintana, na época, e é idêntica à cópia que encontramos no Arquivo Nacional, IG 1 – 242, doc. 383. A revista "*O Arquivo de Cuiabá*", o publicou, em 1901, como, também, em Anexos à obra "*Epopeia da Laguna*", do General Lobo Vianna, 1920. Posteriormente, o encontramos transcrito na 14ª Edição da "*Retirada da Laguna*", Ed. Melhoramentos. Nessas últimas publicações, há omissões quanto aos dados de óbitos. (SOUZA)

expedicionários dormiam ao relento, sem barracas e em terreno úmido, e as vezes trocavam o sono pela vigília.

Os bois dos carros tinham que ser sacrificados para o sustento das praças. Os recursos alimentares eram procurados no mato, tirando-se palmitos, frutos verdes e podres, e caçando. O gado de corte que se abatia, habitualmente, 21 reses, passou a ser 4 ou 8 reses, aproveitadas do gado utilizado como animal de carga. Diz o comandante interino, em sua parte oficial sobre os acontecimentos da Retirada da Laguna, que foram 22 dias de cruel fome!

Afirma Taunay, na página 103, que na parada do dia 18 de maio, quando já imperavam a fome e o frio, após copiosa chuva, que encharcara as vestes dos nossos expedicionários, a muito custo puderam ter fogo, empilhando

> muita lenha verde que ardia quase sem labaredas.

E acrescenta:

> Nauseante espetáculo revelou-nos, nesse lugar, quando entre os nossos soldados era a fome tremenda. Ia matar-se um boi estafado, quase agonizante. Formara-se um círculo em torno do animal, cada qual mais ansioso esperando o jato do sangue, uns para o receberem num vaso e o levarem, outros para o beberem ali mesmo.
>
> Chegado o momento, atiraram-se todos a ele, os mais afastados e os mais próximos. E assim era diariamente. Mal tinha o açougueiro tempo de cortar a rês; era quase necessário arrancar às mãos dos soldados os nacos, a fim de os levar ao local da distribuição. Os resíduos, as vísceras, até o couro, tudo se despedaçava ali mesmo e era logo devorado mal assado ou cozido; repulsivo pasto de que não podia deixar de originar-se alguma epidemia (TAUNAY, 1874).

GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICADA

POR UMA ASSOCIAÇÃO DE FACULTATIVOS,

E SOB A DIRECÇÃO

DO

Dr. Antonio Pacifico Pereira.

1867 A 1868

VOLUME II.

BAHIA

TYPOGRAPHIA DE TOURINHO & C.ª

Rua Nova do Commercio n.º 11.

1868.

Imagem 10 – Gazeta Médica da Bahia n° 2, 1868

GAZETA MEDICA DA BAHIA

ANNO II. BAHIA 15 DE AGOSTO DE 1867. N.° 27.

SUMMARIO.

I. TRABALHOS ORIGINAES.—Estudo para servir de base a uma classificação nosologica da epidemia especial de paralysias que reinou na Bahia.—Contribuição para a historia de uma molestia que reina actualmente na Bahia, sob a forma epidemica, e caracterisada por paralysia, edema e fraqueza geral. II. [illegible].—A chamada Geophagia ou cachexia tropical, ou antes cloroses oriunda de malaria, como molestia de todos os climas. III. [illegible] THERAPEUTICA.—IV. EXCERPTOS DA IMPRENSA MEDICA EXTRANGEIRA.—Em procura da causa da cholera: factos e conjecturas. V. NOTICIARIO.—A expedição de Matto Grosso e a cholera-morbus.

NOTICIARIO.

A expedição de Matto Grosso e a cholera morbus. As tropas expedicionarias de Matto Grosso, depois de uma calamitosa jornada cheia de perigos, de molestias e de necessidades, foram ainda acommettidas de cholera-morbus ao deixarem o forte de Bella Vista (Paraguay).

N'esta desastrosa retirada, sob um fogo quasi continuo do inimigo, privadas de viveres, de medicamentos, em marcha para Nioac, viram-se obrigadas as forças expedicionarias a abandonar em caminho alguns dos cholericos moribundos que não podiam transportar, por terem que defender-se contra as agressões incessantes do inimigo.

Eis aqui como em sua parte official descreve esta desgraçada occurrencia o Dr. Candido Manoel d'Oliveira Quintana, 1.° cirurgião das forças em operações ao sul de Matto Grosso. Este documento é datado da margem esquerda do rio Aquidauana em 15 de junho de 1867:

Imagem 11 – Gazeta Médica da Bahia n° 2, 1868

Esse "*nauseante espetáculo*" transcrito pelo Taunay, o qual se repetia "*diariamente*" na marcha da Coluna, faz-nos pensar, sem dúvida, que depois daqueles banquetes macabros, o mal que atingiu os nossos expedicionários, só poderia ter sido uma toxi-infecção alimentar com gastroenterite aguda e não a cólera. A sintomatologia das gastroenterites por intoxicação podem manifestar-se em poucas horas a 2, 3 ou 4 dias. E a coincidência flagrante é quanto ao exato dia daquela cena triste; 17 de maio para o Dr. Quintana ou 18 para Taunay por um lapso de memória, pois, entravam às 23h00 na enfermaria ambulante, dois doentes com sinais do mal.

A infecção ou intoxicação fora agravada pela diminuição das resistências orgânicas dos nossos soldados e como anotou o Dr. Irsag Amaral da Cunha (CUNHA, 1954) que "*nas toxinfecções a fadiga está sempre presente*", estado esse já dominante entre os expedicionários e assim o terreno propício para agravar a situação. Outro dado que desejamos acrescentar e lembrar, é quanto ao

> consumo da carne dos animais desnutridos e fatigados que acarreta frequentemente intoxicações alimentares [Brouardel] (CAMPOS, 1927)

A dúvida do diagnóstico clínico e da propagação da cólera na Coluna Expedicionária de Mato Grosso, foram suscitadas, desde aquela época, pois o Dr. José Pereira Rego [Barão de Lavradio em 25.09.1872 e com honras de grandeza em 19.09.1877], em seu Relatório da Junta de Higiene Pública, de 26 de março de 1868, na parte referente à cholera-morbus na Força Expedicionária ao sul de Mato Grosso, depois de transcrever a parte oficial escrita pelo Dr. QUINTANA, afirma:

> O aparecimento desta epidemia em uma expedição que nenhum contato teve nem com homens, nem

com objetos procedentes das povoações atacadas de cólera-morbo desperta o interesse da resolução de duas questões: 1ª, se foi uma verdadeira epidemia de cólera ou de outra moléstia simulando-a; 2ª, como se desenvolveu ela? Por transmissão ou espontaneamente?

A Primeira, presumo resolvida pelo complexo de sintomas acima expostos, os quais não podem deixar a menor dúvida no espírito acerca da existência da cólera. Quanto à 2ª, é por ora arriscado qualquer juízo que se possa enunciar a este respeito, cumprindo adiar a sua solução para quando se apresentarem dados mais positivos e melhores esclarecimentos. Competindo de preferência a resolução deste difícil problema às testemunhas oculares dos fatos, limitar-me-ei a aventurar um juízo, e vem a ser que me parece acreditável a transmissão da moléstia à expedição de Mato Grosso pela atmosfera infectada do Paraguai; porquanto, como se sabe, a enfermidade, depois dos estragos feitos na República Argentina, e no nosso Exército, em operações contra a República do Paraguai, saltou às fileiras de Exército deste e dizimou não pequeno número de soldados.

Muito fácil era, portanto, que o elemento gerador da moléstia fosse levado aos diferentes pontos do interior do país, quer pelas comunicações fluviais, quer pelas terrestres, comunicações inevitáveis em uma época de guerra e que o estado de fadiga e outras circunstâncias desfavoráveis da Expedição ao pisar a terra paraguaia facilitasse o seu acometimento pela moléstia, ainda mesmo quando já pouca influência exercesse seu elemento gerador sobre os habitantes do país. *Em conclusão direi: que a cólera, que grassou em Mato Grosso, diferenciou-se sensivelmente daquela que reinou nesta Corte, aproximando-se de algum modo do caráter das epidemias primitivas que se manifestaram depois de sua transmissão do lugar donde é originária, como se deduz dos sintomas acima expostos* [os grifos são nossos] (REGO FILHO, 1908).

Mais tarde, o Dr. Alexandre José Soeiro de Faria Guarany, em seu "*Esboço histórico das epidemias de cholera-morbus*", que reinaram no Brasil desde 1855 até 1867 (GUARANY), quando menciona a epidemia da Coluna, diz entre outras coisas:

> A que causa atribuir-se a invasão dessa epidemia? – Com efeito a moléstia fatal, que dizimou a nossa Expedição e que teve por epílogo o que acabamos de descrever, foi a enfermidade denominada cólera, nascida nas Índias Orientais? Ou seria a que é separada pela especificidade de causa, conhecida desde as mais remotas épocas por cholera-nostra?

Ao concluir pela cólera verdadeira, isto é, determinada pelo vibrião colérico, afirma também que a transmissão do germe epidêmico fora dos próprios reforços militares que López mandara para engrossar as suas colunas em Mato Grosso.

O Dr. Luiz Brandão Filho (BRANDÃO FILHO), em 1941, publicou um belo trabalho interpretativo acerca da epidemia reinante na Retirada da Laguna, levantando a dúvida sobre a cólera que havia dizimado os nossos patrícios e concluiu que aquele mal súbito e terrível, não passava de uma profunda intoxicação alimentar à que se associava uma grande carência de vitaminas. Este médico baseou-se para essa conclusão, apenas no texto do livro do Visconde de Taunay sobre a Expedição, sem conhecer os documentos agora apresentados, o que faz ressaltar, ainda mais, o seu valioso trabalho.

A disseminação da cólera na Coluna de Mato Grosso é apontada por vários autores como de responsabilidade dos reforços enviados por López, pois, na frente principal da guerra, no Paraguai, o mal havia feito devastação nos combatentes. As nossas Forças, naquele Teatro de Operações, sofreram as consequências do morbo nos fins do mês

de março até maio de 1867, quando depois atingiria os combatentes paraguaios. Não sabemos exatamente donde haviam partido os citados reforços; se foram de zonas já contaminadas pelo mal, porém nesse caso os responsáveis pelo contágio só poderiam ser os bacilíferos, os portadores de germes, que são pessoas, que abrigam germes patogênicos sem serem atingidos pela infecção. Estes portadores em contato com pessoas receptíveis, provocam a contaminação. É a causa da propagação a grandes distâncias, comprovada também na epidemiologia da cólera, hoje devidamente esclarecida e naquela época tendo como responsável a "*atmosfera infectada*" ... defendida pelos grandes mestres daquele tempo.

A realidade é que nos referidos reforços paraguaios – se haviam portadores de germes e outros receptíveis – não houve incidência da cólera e até mesmo depois daquela cena horripilante narrada por Taunay, quando os inimigos

> abriram as covas, delas exumando os cadáveres para os despojar dos miseráveis andrajos, que depois, violentamente, entre si disputavam (TAUNAY, 1874).

Este fato vem ainda comprovar que aquela entidade patológica não era a cólera, por continuar imune às Forças paraguaias que nos atacaram, após o contágio pelo uso dos objetos de nossos soldados falecidos. E para deixar ainda mais arraigada a ideia de ter sido a intoxicação alimentar responsável por aquele quadro epidêmico, vamos transcrever, na íntegra, um trecho do Taunay, publicado em suas Memórias [nas páginas 244 e 245] sobre a enfermidade do comandante Carlos de Moraes Camisão e seu imediato, Tenente-Coronel Juvêncio Cabral de Meneses, falecidos a 29.05.1867 e relacionados como vítimas da suposta epidemia de cólera-morbo da Expedição:

Escapei da cólera por modo bem singular e graças à boa inspiração de momento, expediente que me acudiu de súbito à ideia e executei sem mais vacilação. Boa inspiração? Decerto. A vida ainda tinha que me proporcionar bem bons trechos, que deveras compensaram largamente não pequenas contrariedades e até grandes aborrecimentos, conforme irei contando com mais método, à medida que as datas se forem tornando mais frescas e recentes. Havíamos já abandonado os coléricos. Exatamente na véspera. Indo falar com o Coronel Camisão, encontrei-o em companhia de Juvêncio, sentados num cocho, a comerem tristemente uma carne viciada mas com muita pimenta do reino. O aspecto era mau, entretanto, o cheiro acre não deixava de agradar ao olfato, explicou-me o Coronel:

> O meu camarada achou não sei que temperos no fundo de uma bruaca e preparou-nos isto. O Sr. quer provar?

Não me fiz de rogado com a fome que me torturava o estômago e aceitei um pedacinho de carne com arroz, cujo gosto a princípio me soube bem ([86]). Depois, porém, ao retirar-me, senti-me enjoado e logo me acudiu sinistro pensamento: "*Estou com a cólera!*" E com alguma ansiedade pus-me a caminhar depressa. Foi quando, ao avistar uma flor de capim que pendia de comprida haste, puxei-a e com ela esfreguei violentamente a garganta até provocar grande vômito, que logo me aliviou. Bebi um caneco d'água fresca, que ainda me fez lançar; mas então já experimentava como que a posse da vida nova e segura, a consciência de ter escapado de iminente perigo. Horas depois, Camisão, Juvêncio, o camarada daquele e o desasado ([87]) cozinheiro, todos quantos haviam comido da tal carne tão picantemente adubada, estavam mortalmente atacados de cholera-morbus! O nosso Chefe Juvêncio Manuel Cabral de Meneses foi salteado pela enfermidade de

[86] Me soube bem: me caiu bem. (Hiram Reis)

[87] Desasado: desastrado. (Hiram Reis)

> modo sensivelmente fraco, mas não houve como tratá-lo por falta de medicamentos e cuidados de regime. Bem me recordo da noite em que sentiu a invasão do mal. Dormíamos juntos num couro estendido. De repente, acordou-me, sacudindo-me com violência, e disse:
>
> Taunay estou com a cólera, não há dúvida!
>
> Deixe-se de medos, respondi-lhe, aborrecido por ser interrompido no meu repouso de chumbo. E tornei a pegar no sono enquanto o pobre desgraçado repetia:
>
> Taunay, veja se me arranja algum remediozinho com o Gesteira!
>
> E não foi senão a muito custo que me pode despertar
>
> Deveras o Sr. está doente ou é cisma?
>
> E ele respondeu:
>
> Grandes vômitos ([88]).
>
> Levantei-me e, ao sair da barraca, por noite fria e úmida, ouvi ao lado um tiro de espingarda. Era o camarada do Coronel Camisão que acabara de suicidar-se para não suportar mais as dores que lhe torciam pernas e braços. Ao voltar do Gesteira, com uns papeizinhos de subnitrato de bismuto, achei já o Juvêncio também com cãibras e a vomitar e evacuar. (TAUNAY, 1948)

As toxinfecções graves que correm por conta de salmonelas, de grupos bem determinados, apresentam aquela síndrome coleriforme transcrita pelo Dr. QUINTANA: vômitos, diarreia profusa de fezes

[88] Geralmente nos casos de intoxicações com gastroenterite, os vômitos precedem às dejeções líquidas, enquanto na cólera é o contrário que se observa. É o exemplo narrado. (SOUZA)

riziformes [com aspecto de grãos de arroz], desidratação [provocando *"grande sede"*], desequilíbrio hidrossalino, pulso pequeno e frequente, anúria [supressão de urinas], o nariz se afila, as extremidades arrefecem, esfriam e ficam cianóticas, cãibras nos músculos das panturrilhas, a voz torna-se fraca e apagada [*"mudança extrema no metal da voz e mesmo afonia"*]. No capítulo desse assunto, assevera Vieira Romeiro (ROMEIRO), que tudo isso lembra o quadro clínico da cólera e dá-se a tais casos a denominação colerina ou cholera-nostra.

O Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana não possuindo outros meios diferenciais de diagnóstico, na época, não teve dúvida em dar a cólera como doença dominante, pois baseou-se na semelhança do quadro clínico que tivera oportunidade de observar pessoalmente, por ocasião da epidemia do morbo na cidade do Rio de Janeiro, em 1855. Discutia-se muito em ser ou não contagiosa a cólera, mas havia surgido no cenário mundial da ciência, a figura genial de Louis Pasteur [1822-1895], com seus estudos memoráveis acerca da vitalidade dos fermentos, a ilusão da *"geração espontânea"* e as bactérias patogênicas. Só muitos anos mais tarde, no ano de 1883, Robert Koch [1843-1910], um novo gênio da concepção científica e da técnica bacteriológica (VASCONCELLOS, 1960), viera descobrir um bacilo em forma de vírgula, a que se denominou de vibrião colérico, o agente causador do terrível morbo.

Assim, a identificação da infecção e certeza do diagnóstico, passaram depois a ser confirmados na pesquisa do vibrião diretamente nas fezes e pelo sorodiagnóstico, meios laboratoriais inexistentes e impossíveis na época. Ao afirmar ser a cólera o mal que flagelava os nossos expedicionários, estava correta a impressão clínica dominante no espírito do Dr. Quintana e dos médicos de então.

Só depois, com os meios de pesquisa e de observação, podemos tentar fazer um diagnóstico por exclusão, pois, sabemos que a doença esteve circunscrita e restrita apenas ao aglomerado humano da Força Expedicionária, no período de uns quinze dias, sem ter disseminado outros locais da Província de Mato Grosso, apesar de os convalescentes terem se encaminhado até Cuiabá. Não existiria nenhum bacilífero entre aqueles nossos soldados sãos ou doentes e convalescentes? Nessa tentativa de diagnóstico por exclusão, passando, também, pela infecção tifoide e a disenteria bacilar aguda, não podemos desprezar o episódio ocorrido no pomar do Guia Lopez, quando os nossos doentes e convalescentes ao ingerirem grande quantidade de laranjas, devorando-as até com cascas, e de limões, a doença desapareceu por encanto.

Diz Taunay em suas Memórias, na página 251, que comeu de assentada nada menos de vinte e oito laranjas! Qual a causa de ter cessado a epidemia, após o consumo em grande quantidade de laranjas e limões? Hoje, com o conhecimento do metabolismo da água e dos eletrólitos, podemos interpretar o que ocorreu: houve espoliação hidrossalina em nossos expedicionários. Quanto à ingestão de água, esta fora realizada, porém, sem a reposição necessária de eletrólitos que somente foram assimilados na grande ingestão de frutas, resultando, em consequência, a melhoria do equilíbrio hidrossalino e com a recuperação dos nossos heróis.

Eis a explicação. Não podemos esquecer a avitaminose que também esteve presente naquele quadro clínico, cuja perda fora mais pelos vômitos do que pela ausência de alimentação naqueles poucos dias, mas o providencial pomar viera concorrer como papel adjuvante na recuperação dos nossos enfermos e convalescentes.

A infecção da cólera não seria curada com esses meios; apenas se observaria melhores condições físicas dos enfermos. A verdade é que cessou a tal epidemia nos infelizes expedicionários brasileiros, após as providências de víveres, e, evitados os alimentos deteriorados – a causa do quadro epidêmico.

* * *
* *
*

No dia 25.05.1867, com água até à cintura, nossos soldados transpuseram o córrego da Prata, afluente do Rio Miranda. Nessa ocasião, o número de padiolas carregadas com doentes elevava-se a 96 e como se fazia necessário oito homens para o revezamento, mais da metade da Força estava empregada em transportar os enfermos. A intensa fadiga e o descontentamento eram evidentes, visto que realizavam um trabalho extremamente penoso como o de padioleiros e as praças já murmuravam com ameaças de desvencilharem-se da sobrecarga do transporte dos doentes, agravado pelo estado físico e pela longa distância a percorrer.

Diante da situação tensa, foi preciso muita energia dos oficiais para impor a ordem. Acentua Taunay, que a maior parte das unidades achava-se dominada pelo espírito da desorganização e, consequentemente, a insubordinação quase instaurou-se.

Nesse dia, o Coronel Carlos de Moraes Camisão convoca várias vezes os comandantes dos corpos, manifestando maior apreensão e mesmo certa agitação. Ele estava profundamente impressionado e desabafou o que lhe ia no íntimo, quando dissera:

> para um chefe era a morte preferível ao espetáculo que desde algum tempo tinha sob os olhos.

E ao referir-se, nessa ocasião, aos enfermos, afirmara:

> Ah! quanto quisera eu estar no lugar de um destes que acabaram.

Transcrevemos essas frases para avaliarmos a luta interior vivida pelo infeliz mais bravo Coronel Camisão. Numa dessas conferências com os oficiais, ele sugeriu um novo arranjo no transporte dos doentes, a cuja ideia se manifestaram contrariamente os presentes, considerando-a inexequível. O Coronel Camisão julgava que somente a urgente e rápida marcha da Coluna poderia salvar o resto da Força, cujo empecilho era o transporte moroso dos enfermos, considerando-se, também, impossível levá-los mais longe.

À meia-noite, então, convoca o Comandante-chefe uma nova reunião, quando a iniciou com palavras concisas e objetivas acerca da situação da Expedição, para finalmente concluí-la, comunicando sua extrema decisão: abandonar os doentes à comiseração do inimigo. Assumiu inteira e exclusiva responsabilidade. Somente os convalescentes seguiriam. Após essa terrível e dolorosa comunicação e resolução, diz Taunay que não houve uma só voz que contra esta medida se levantasse e:

> longo silêncio acolheu a ordem, sancionando-a.

A seguir, se não bastasse o sofrimento dos médicos militares sem os meios terapêuticos necessários para salvar aqueles bravos soldados, o Coronel Camisão ainda aumentou-lhes os tormentos com um grave problema de deontologia médica ([89]), ao convidá-los a apresentar-lhe objeções, acaso inspiradas pelo dever profissional, diante de sua determinação.

---

[89] Os deveres e regras de natureza ética da classe médica. (Hiram Reis)

Ouviu-se, então, a opinião discordante do Capitão 1° Cirurgião, Dr. Manoel de Aragão Gesteira, com o impacto daquela ordem, disse que:

> depois de alguma reflexão, que não ousava aprová-la nem a desaprovar, só lhe competia, então, o silêncio, pois se de um lado tinha de atender ao seu juramento profissional, por outro achava-se este, no caso atual, em contradição absoluta com a sua consciência de funcionário público adido à Expedição (TAUNAY, 1874).

Era, sem dúvida, o protesto velado contra a desumana ordem, mas como médico militar, o Dr. Gesteira não poderia dizer outra coisa. A sua obrigação era preservar e recuperar a saúde dos soldados, cujo destino cabia, exclusivamente, ao chefe da Coluna. A decisão de casos como este compete ao comandante das Forças, em situações extremas e desesperadas, e parece-nos que é o conceito até hoje mantido e aceito. Dessa maneira, a prerrogativa assumida plenamente pelo Cel Camisão, fê-lo digno de um chefe militar autêntico. Após o pronunciamento do oficial médico, o Coronel Camisão, ordena que

> à luz de fachos imediatamente na mata vizinha se abrisse uma clareira, para onde seriam transportados e abandonados os enfermos.

E acrescenta ainda Taunay:

> Ordem terrível de dar, terrível de executar; mas, no entanto [forçoso é confessá-lo], não provocou um único reparo, um único dissentimento.

Dizem que os pobres doentes aceitaram resignadamente a solução para suas vidas, possivelmente diante do estado agônico ([90]) em que a maioria se encontrava, como afirmam as partes oficiais, só pedindo que lhes deixassem água.

---

[90] Agônico: de agonia. (Hiram Reis)

Em um tronco de árvore, foi pregado um cartaz, dizendo em letras garrafais: "*Compaixão para os coléricos!*" E essa compaixão se estendia a 123 ([91]) infelizes brasileiros, ali deixados à própria sorte. Pouco depois, ao mover-se a Coluna, ouviu-se a fuzilaria inimiga. Era um Esquadrão de Cavalaria paraguaia, imolando os nossos enfermos à bala e depois

> lanceando a eito ([92]), sem poupar nenhum, aos que se achavam ao alcance de seus braços,

conforme narra uma testemunha ocular mais adiante citada. E diz sobre esse momento dramático o comandante interino da Coluna, em sua parte oficial:

> Cena medonha que fica indelevelmente marcada no espírito daqueles que ouviram os gritos dos míseros coléricos!

Já Taunay escreveu acerca desse instante funesto:

> Ninguém de nós ousava olhar para o companheiro!

O abandono dos moribundos fora, realmente, uma ordem terrível que não podemos aceitar, mas, cuja resolução somente os que viveram aqueles momentos de desespero e de salvação poderiam medir e decidir. Taunay volta para a Corte [Rio de Janeiro], como emissário oficial, levando a notícia da desastrosa Retirada da Laguna, entrevista-se com o Imperador Dom Pedro II, que ao ouvi-lo, disse:

---

[91] Havia certa controvérsia quanto ao número de doentes abandonados, pois, Taunay na "*A Retirada da Laguna*", assevera 130 praças e em sua "*Narrativas Militares*" fala em mais de 200 homens. Já o comandante da Expedição, Major José Tomás Gonçalves, em sua parte oficial, datada de 16.06.1867, consigna cerca de 76 moribundos, deixados no referido pouso. A parte oficial do Corpo de Saúde, assinada pelo Dr. QUINTANA, assinala 122 o número dos doentes abandonados por ordem superior, excluindo o cabo Calixto de Medeiros de Andrade que conseguiu escapar com vida. (SOUZA)

[92] Lanceando a eito: golpeando com as lanças a esmo. (Hiram Reis)

> Bem, lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim... tudo verei (TAUNAY, 1874).

O abandono dos doentes recebeu, também, crítica severa de Cuvillier Fleury, membro da Academia Francesa, e de outros escritores (TAUNAY, 1874). O Dr. José Pereira Rêgo, futuro Barão de Lavradio, no Relatório da Junta de Higiene Pública, já citado, de 26.03.1868, manifesta o horror que lhe inspirava a narrativa dos acontecimentos e não pôde silenciar quanto à posição assumida pelo bravo mas infeliz comandante da Expedição, ao

> dar o passo lamentável que deu, abandonando na retirada tantos brasileiros dignos de melhor sorte, os quais nem ao menos tiveram em sua desventura, uma mão carinhosa que os amparasse nos últimos momentos de seu fim desgraçado e lhes cobrisse o corpo inanimado com um pouco de terra da Pátria, em holocausto da qual morriam, porque, entregues à brutal ferocidade de seus inimigos, foram por estes trucidados no leito de dor quando toda resistência de sua parte era impossível pelo aniquilamento das Forças físicas e morais. (REGO FILHO)

Sabemos que um desses infelizes soldados pôde escapar, juntando-se aos seus companheiros, cujas peripécias da fuga, narrou-a com minúcias, muitos anos depois, em agosto de 1919, ao escritor Godofredo Rangel, que a publicou na "*Revista do Brasi*l" n° 55, julho de 1920. Chamava-se Calixto Medeiros de Andrade e residia, na época, na cidade Estrela do Sul, Minas Gerais. Em seu depoimento, afirmou este sobrevivente, que com a aproximação do inimigo, depois de pular por cima dos companheiros, conseguiu entrar no mato e escapar.

Continuou a engatinhar pelo mato abaixo e após muito esforço saiu no campo, porém, os paraguaios e seus cães adestrados estavam nas imediações.

Depois de passar desapercebido e arrastar-se pelo campo, encontrou um cavalo muito magro e utilizando uma tira de pano, atadura de dois metros de comprimento, que estava enrolada no braço em que o médico o sangrara, adaptou-a como cabresto no animal e cavalgou com cautela. Diz, também, que na inconsciência provocada pela moléstia, nem sabia que havia sofrido uma sangria...

Ao aproximar-se do acampamento brasileiro, ainda com os paraguaios nas vizinhanças, seus companheiros o avistaram e vieram em seu auxílio. Deram-lhe um presente que muito o agradou: duas laranjas. Assim, ao reunir-se, novamente, à Coluna, o nome desse herói deixou de figurar na relação oficial dos que foram deixados no pouso pela Expedição. Hoje, ao localizarmos a relação nominal dos cento e vinte infelizes heróis e mártires, cuja publicação sai em Anexo a este ensaio, transcrevemo-la com imensa emoção, pois, representa uma homenagem efetiva e duradoura.

Seus nomes que são apresentados pela primeira vez nos anais da história da Guerra do Paraguai, merecem ser gravados no monumento consagrado aos heróis da Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, agora não os mártires desconhecidos como lá estão afigurados, mas identificados e recordados eternamente pelos pósteros. A lembrança de cada um daqueles brasileiros deve receber sempre a nossa sentida reverência do reconhecimento e da gratidão, como dos mais infelizes soldados imolados no cumprimento do dever, cujas vidas representam a própria imortalidade da Pátria Brasileira e o sentimento de humanidade universal.

* * *
* *
*

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 150 ANOS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE

ESTRELA DO SUL

1856 - CIDADE HISTÓRICA DE MINAS GERAIS - 2006

Jornal - Revista do

SESQUICENTENÁRIO

MÁRIO LÚCIO ROSA

FB

Imagem 12 – Jornal Revista do Sesquicentenário, 2006

MILAGROSAMENTE ESCAPO CALIXTO MEDEIROS VOLTA DA GUERRA DO PARAGUAI

Um quadro triste foi a partida dos 109 homens que se apresentaram como voluntários e se alistaram para defender o Brasil na Guerra do Paraguai, no ano de 1865. Em julho, na praça principal da cidade da Bagagem, familiares, amigos e namoradas entregaram a Deus a sorte daqueles valorosos guerreiros, prevendo muitos que aquele seria o último adeus.

O mau logro realmente foi uma previsão. Apenas seis retornaram dos combates, no ano de 1870: Joaquim Rodrigues Lopes, Aristides Brasileiro Rocha, Antônio Venceslau da Silva, Hermenegildo de Souza Lopes, José da Silva Braga e Calixto Medeiros de Andrade, que apesar do luto e das perdas irreparáveis de grande parte da população, foram recebidos e aclamados como heróis nacionais.

O que impressionou a todos foi a narrativa do jovem Calixto, que aos 17 anos se ofereceu como voluntário e deixou ao país um exemplo de bravura e heroísmo, sendo após a dissolvição da tropa em Villa Rica, em 02 de março de 1870, condecorado pela Sua Majestade, o Imperador, com a medalha de ouro, passando a compor o rol dos valorosos Voluntários da Pátria.

Calixto escapou milagrosamente das forças inimigas e sobreviveu à cólera morbus, sendo um dos poucos sobreviventes dentre os 122 soldados abandonados pelos companheiros no trágico episódio da Retirada da Laguna.

O jovem que se encontra em perfeita saúde e plena lucidez dos sentidos, após ter participado dos principais combates, é filho de Eusébio Medeiros de Andrade e Furtuosa Maria de Medeiros, ambos de Paracatu. Desde os dois anos de idade vive na Bagagem com seu tio e padrinho, Antônio Medeiros de Souza, que o adotou.

A Bagagem foi a localidade de Minas que o maior número de voluntários deu à Guerra do Paraguai e ajudou a escrever um pedaço da História do Brasil

27

Imagem 13 – Jornal Revista do Sesquicentenário, 2006

Em todo o nosso trabalho e principalmente quando estudamos a evolução da Coluna Expedicionária de Mato Grosso, tivemos a preocupação de apresentar dados aproximadamente reais sobre os efetivos e perdas humanas, tendo para isso procurado as fontes oficiais. Entretanto, devemos reconhecer, que não foi tarefa fácil reunir esses números, pois são bastante falhos e deficientes os documentos de informações a respeito. Alguns historiadores, comumente, desprezam esses dados pela preocupação de revelar as operações da luta e quando o fazem são exagerados nos efetivos ou os omitem completamente.

Correio do Paraná

Director: HEITOR VALENTE

Secretario: Ernani S. de Oliveira

CAIXA POSTAL, 443

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA 15 DE NOVEMBRO, 615

ANNO V

FONE: 6-3-4

CURITYBA, SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1937

NUMERO 1674

O ULTIMO

sobrevivente da Retirada da Laguna

ESTRELA DO SUL Minas, 9 (Argus) — Falleceu nesta cidade, com enorme pezar da população local, o veterano Capitão Calixto Medeiros de Andrade, ultimo sobrevivente da celebre Retirada da Laguna. Aquelle patriota que deixou a vida aos 94 annos de idade, constituio uma familia de 24 filhos, sobrevivendo a elle a viuva e 8 filhos. O fallecido foi mencionado nas memoraveis paginas sahidas da pena de Taunay e Godofredo Rangel, resaltando a parte tragica e heroica desempenhada pelo illustre morto. O sepultamento deu-se as expensas da prefeitura, com grandes homenagens do elemento official e popular, tendo fallado no Cemiterio o prefeito e o juiz de direito locaes e ainda o vereador Lyrio Brasileiro.

Imagem 14 – Correio do Paraná n° 1.674, 09.07.1937

O IMPARCIAL

DIRECTOR PROPRIETARIO — J. S. MACIEL FILHO

ANNO III | Redacção: AV. RIO BRANCO, 131-3.° Telephone 23-5887 | Rio de Janeiro – Domingo, 11 de Julho de 1937 | EDIÇÃO DE HOJE 100 RÉIS | NUM. 653

HONTEM

* Falleceu em Estrella do Sul, o ultimo sobrevivente da retirada de Laguna, capitão Calixto Medeiros de Andrade.

Imagem 15 – O Imparcial n° 653, 11.07.1937

Na Retirada da Laguna não poderíamos, igualmente, desviarmo-nos dessa orientação inicial, ainda mais para não dramatizá-la como é comum sua apresentação nos compêndios históricos.

Também não podemos concordar com o General Tasso Fragoso, emérito historiador militar, que considerava a Retirada da Laguna como

> operação militar desvaliosa, célebre apenas por ter se caracterizado pela falta de comida... (PAULA CIDADE, 1959).

Não, assim é demais. A invasão do território inimigo foi um erro grave e revestiu-se da ausência de grandes batalhas, mas com ataques violentos da cavalaria paraguaia que foram bravamente repelidos, entretanto a retirada em si e as solicitudes relembradas com o rosário de episódios e resoluções militares são suficientes para serem apresentadas como fatos merecedores de exaltação.

Assim, no que se refere ao efetivo e perdas humanas em consequência da Retirada da Laguna, sabemos que, na invasão do Paraguai, pelo norte da República, a Coluna Brasileira compunha-se de 1.907 praças. Depois da penosa marcha de retirada, no acampamento na margem do Rio Aquidauana, tínhamos 1.329 homens, apresentando o número de baixas em 578, entre mortos, feridos e desaparecidos, conforme quadro demonstrativo publicado por E. C. Jourdan (JOURDAN, 1893) com as "*relações de mostra dos corpos*" que compunham a Expedição. Tivemos oportunidade de apresentar no final do capítulo anterior, o total das Forças Brasileiras, em Nioaque, a 01.02.1867, cujo efetivo era de 2.084 homens, porém, nos três meses decorridos até a invasão, possivelmente, houve essa alteração por motivos vários e pelo desfalque com o destacamento que ficara sob as ordens do chefe da Repartição Fiscal, Coronel Francisco A. de Lima e Silva, naquela localidade. O Coronel Emílio Carlos Jourdan, em seu citado trabalho, reproduziu também um mapa com

> a relação de mortos e feridos nos combates dos dias 6, 8, 11 e 18 de maio, extraviados por ocasião dos mesmos combates, falecidos e abandonados, atacados pela cholera-morbus, falecidos por explosão e afogados,

assinado pelo Bacharel Antônio Florêncio Pereira do Lago, Capitão Assistente do Ajudante-General, datado de 14.06.1867, no acampamento na margem esquerda do Rio Aquidauana. Esse mesmo mapa fomos localizar no Arquivo Nacional ([93]), cuja relação é a seguinte:

Mortos em combate ________________________	030
Feridos ____________________________________	041
Extraviados ______________________________	001
Falecidos, atacados pela cólera ______________	174
Moribundos coléricos abandonados no pouso _	122
Falecidos por explosão______________________	009
Afogados _________________________________	003
Total: ____________________________	380 homens

Desse modo, sabendo que as baixas orçaram em 380 homens acima relacionados, mais os 198 praças considerados desaparecidos, conforme o mapa com as "*relações de mostra dos corpos*" citado anteriormente, o total geral das perdas humanas da Retirada da Laguna é de 578 homens. O único extraviado acima relacionado é o Alferes Capelão, Padre Antônio Augusto do Carmo, das Forças mineiras, que tendo baixa por doença na Colônia de Miranda, não pôde acompanhar a Expedição quando esta seguiu para a fronteira do Apa. Após receber notícia da volta da Coluna e encontrando-se já restabelecido, o sacerdote partiu resolutamente para se juntar à mesma, em vez de recuar em direção a Nioaque.

---

[93] IG 1 – 242, doc. 417. (SOUZA)

Armado de clavinote ([94]) e revólveres à cintura, o Padre Carmo caminhou durante dois dias, quando no terceiro dia avistou-se com um troço de cavalaria paraguaia e começou sozinho a fazer fogo, sendo, então, cercado e ferido. Depois de muito espancado foi levado como prisioneiro para o Paraguai, tendo falecido em Concepção. Depois dessa narrativa, acrescenta Taunay sobre o Padre Carmo:

> Que juízo devemos dele fazer? De simples insensato ou ingênuo herói? (TAUNAY, 1948).

Numa relação nominal dos oficiais e praças mortos pela cólera, apresentada pelo Capitão assistente do Ajudante-General, no acampamento na margem do Rio Aquidauana [Porto Canuto], em 15.06.1867 ([95]), assinala o nome do Soldado JOÃO PACHECO DA COSTA, da Companhia de Enfermeiros, que aqui consignamos com as nossas homenagens. E ao encerrarmos este capítulo sobre episódio da Retirada da Laguna, não podemos fazê-lo sem antes prestar uma reverência mui especial aos oficiais médicos, Capitães 1os Cirurgiões, Drs. QUINTANA e ARAGÃO GESTEIRA ([96]), cujas atuações relevantes na Retirada foram assinaladas pelas Ordens do Dia e comprovam a abnegação, o estoicismo, a fé, a coragem e o sangue frio diante de tanta miséria.

---

[94] Clavinote: pequena carabina. (Hiram Reis)

[95] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, Doc. 422. (SOUZA)

[96] Radicou-se na cidade de Ouro Preto, MG, onde contraiu núpcias, antes de partir para o Paraguai, com D. Carlota Augusta de Magalhães Gomes Gesteira, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos: Francisco, Aristides, Rodrigo e Jaime. O primeiro matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, indo terminar o curso na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1900, tendo clinicado na cidade natal e em Nova Lima, e sendo diplomado em farmácia pela Escola de Ouro Preto; o segundo e o terceiro, se formaram em direito, tendo Rodrigo se fixado na Bahia, exercendo a advogaria. O Dr. Manoel de Aragão Gesteira faleceu em 1889, na cidade de Lambari, quando muitos anos antes havia se reformado no posto de Major Cirurgião-mor de Brigada. (SOUZA)

Podemos proclamar sem paixão, que esses dois profissionais pela posição que exerciam, representaram os condutores morais dos retirantes, para a salvação da honra e da dignidade do Brasil. Sobre eles se concentravam a derradeira esperança contra a morte e o lenitivo do calor humano, conforto tão necessário junto àqueles heróis. Hoje, da lembrança e evocação desses abnegados e dedicados médicos que souberam cumprir os preceitos hipocráticos e militares, somente existem os medalhões com suas efígies, no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, RJ. A ideia inicial do monumento aos "*Heróis da Laguna e Dourados*" surgiu na Escola Militar, em 1903, em aula proferida pelo Prof. Lobo Vianna, mas coube ao então Tenente Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo, no ano de 1920, motivar a mocidade militar que abraçou com entusiasmo a sua realização. O Professor Cordolino de Azevedo foi eleito, pelos Cadetes, Presidente da Comissão Central do monumento. Este oficial

> no limiar de cada ano buscava energias novas ao contato das turmas de Cadetes,

arregimentando legionários para a bela causa patriótica e assim, graças à sua perseverança, tenacidade e esforços ingentes, pôde assistir a inauguração do monumento, em 1938, depois de dezoito longos anos de exaustivo trabalho. A concretização do monumento deveu-se à contribuição de donativos das corporações militares, governos e povo, e representa o símbolo votivo de inspiração do dever para com a Pátria. Finalmente, devemos manifestar contritamente como homenagem duradoura aos médicos-soldados, doutores GESTEIRA E QUINTANA: a Nação Brasileira lhes é agradecida eternamente pelos edificantes exemplos assinalados na gloriosa jornada!

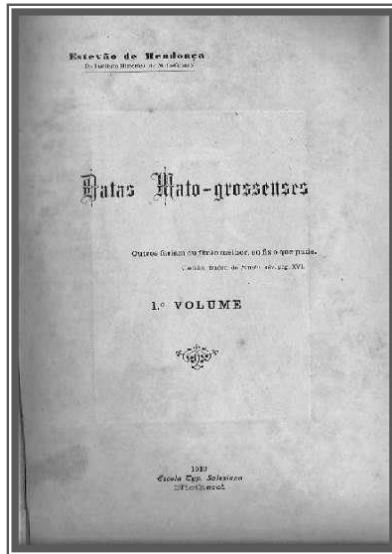



Imagem 16 – Datas Mato-grossenses, 1919

IX

ASSALTO E RETOMADA DE CORUMBÁ

O Presidente Dr. J. V. Couto de Magalhães, que havia assumido o governo da Província de Mato Grosso, em 02.02.1867, organiza um Batalhão Provisório de Infantaria, apronta o 1°, 5° e 6° da Guarda Nacional e forma uma esquadrilha de pequenos vapores. Ao receber a comunicação do Cel Carlos de Moraes Camisão de haver invadido o território inimigo, pelo Apa, o Presidente da Província, põe, imediatamente, em execução, o seu plano de ação contra Corumbá, ocupada pelas Forças paraguaias, fazendo partir, no dia 15.05.1867, o Batalhão Provisório sob o comando do Tenente-coronel Antônio Maria Coelho. Logo a seguir, partem os outros batalhões e no fim do mês de maio, encontravam-se nos Dourados, no Rio Paraguai, todas as Forças Expedicionárias, constituídas de uns 2.000 homens e seus 17 canhões, prontas a entrar na luta. O Presidente Couto de Magalhães assumia, pessoalmente, o comando geral das Forças.

O Serviço de Saúde da Expedição, que não havia sido olvidado, estava constituído pelos seguintes médicos militares: Capitão 1º Cirurgião, Dr. João Tomás de Carvalhal, na qualidade de primeiro cirurgião em chefe, do Hospital de Sangue, Tenentes 2os Cirurgiões, Drs. Carlos José de Souza Nobre e José Antônio Dourado, e o 2° Cirurgião da Armada, Dr. Augusto Novis que acompanhava o Presidente da Província, Dr. José Vieira Couto de Magalhães ([97]).

O Capitão 1° Cirurgião, Dr. João Tomas De Carvalhal era natural da cidade de Santo Amaro, Bahia, nascido aos 07.03.1836, sendo seus pais Francisco Antônio de Carvalhal e D. Ana Guilhermina de Carvalhal. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1858, cuja tese de doutoramento versou sobre: "*Feridas penetrantes do peito*". Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, pelo Decreto de 05.05.1861, no posto de Tenente 2° Cirurgião e Capitão 1° Cirurgião em 01.06.1867 (MENDONÇA).

O Dr. Carlos José De Souza Nobre fazia parte da Força Expedicionária de Mato Grosso e havia se retirado, em Miranda, por motivo de saúde, como afirmamos anteriormente, vindo se restabelecer na cidade de Cuiabá. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, a 22.08.1839, filho de Carlos José de Souza Nobre e de D. Carolina Maria Fragoso Nobre. Doutor em medicina pela Faculdade de sua Província natal, quando em novembro de 1863, defendia tese

[97] Estêvão de Mendonça, em "*Datas Mato-grossenses*", diz que o Serviço de Saúde era constituído pelos Drs. Luiz Terêncio de Carvalhal, Dormevil José dos Santos Malhado e Carlos José de Souza Nobre. O primeiro, aliás, Luiz Terêncio de Carvalhal, era na época, acadêmico de medicina e servia na qualidade de 2° cirurgião em comissão, na Enfermaria Central de Tuiutí, no Paraguai. Diplomou-se, dois anos depois, em 1869, na Bahia. Terminada a campanha, ficou no exército, e em 1871, encontrava-se destacado em Mato Grosso. Quanto ao Dr. Malhado, este ocupava a função de primeiro-médico interino do Hospital Militar de Cuiabá. (SOUZA)

(NOBRE). Foi aluno interno de Clínica Cirúrgica da Faculdade e pensionista do Hospital Militar da Bahia. Ingressou no Corpo de Saúde do Exército, pelo Decreto de 17.02.1864, no posto de Tenente 2° Cirurgião, quando fora designado para servir na guarnição de Ouro Preto, Minas Gerais. Radicou-se em Mato Grosso, tendo se casado com D. Ana Josefa Murtinho, filha do Dr. José Antônio Murtinho – médico militar ([98]).

Acompanhando o segundo contingente que seguia com o Presidente da Província de Mato Grosso, encontrava-se o Segundo Cirurgião da Armada Nacional e Imperial, Dr. Augusto Novis. Natural da cidade do Salvador e filho de José Francisco Novis e de D. Maria Correia Novis. Diplomou-se em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1859 (NOVIS, 1859). O Dr. Novis ingressou no Corpo de Saúde da Marinha, no posto de 2° Cirurgião 2° Tenente, em 10.12.1860, declarando, na ocasião, ter apenas 23 anos de idade. Fora designado para servir na Flotilha de Mato Grosso.

---

[98] O Dr. Carlos José de Souza Nobre radicou-se na Província de Mato Grosso, tendo ingressado no Partido Conservador, agremiação política em que militava o seu sogro, quando foi eleito deputado geral, em 1876. Sobre ele assevera Estevão de Mendonças: "*político de largo descortínio, o seu nome era pronunciado com respeito e com carinho por amigos e adversários, sendo como médico um verdadeiro apóstolo de caridade*" [MENDONÇA, vol. II]. O Dr. Nobre faleceu na cidade de Buenos Aires, a 23.08.1882, quando se encontrava em trânsito, viajando para Cuiabá, de regresso do Rio de Janeiro. Deixou na orfandade quatro filhos menores: Manoel, Rosa, Antônio e Juvenal. Os filhos varões continuaram a tradição paterna ao abraçarem a profissão hipocrática e sua única filha casou-se com o Prof. Dr. Antônio Dias de Barros [1871-1928], catedrático de Histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O Dr. Carlos Nobre além da condecoração da Ordem de Cristo, fora agraciado por serviços prestados na campanha, com a insígnia da "*Ordem Imperial da Rosa*", no grau de cavaleiro e a "*Medalha de Mato Grosso*", também denominada, "*Medalha da Constância e Valor*". E, finalmente, fora distinguido com a "*Medalha Geral da Campanha do Paraguai*". (SOUZA)

Ai radicou-se, contraindo núpcias com D. Maria da Glória Gaudie Leite e constituindo uma ilustre família ([99]).

Em Dourados ([100]) se encontravam concentradas as Forças Expedicionárias, com os soldados de infantaria, o parque de artilharia e os pequenos vapores da flotilha armados com 14 canhões e sob o comando do Capitão-Tenente Balduíno José Ferreira de Aguiar. Não podendo atacar o inimigo pelo rio, diante da superioridade dos vapores Paraguai e, assim, desceu o Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho pelo pantanal até o Rabicho, a jusante de Corumbá, onde conseguiu desembarcar seus mil homens, na madrugada do dia 13 de junho, sem serem pressentidos pelos paraguaios.

---

[99] Este médico militar mandava educar os filhos em sua terra natal e diante da projeção alcançada por um dos seus filhos, Dr. Aristides Novis, em terras da Bahia, principalmente como Professor Emérito da Faculdade de Medicina, diz Virgílio CORRÊA FILHO, muito a propósito e com felicidade, que "*Mato Grosso resgatou fidalgamente o que devia à Bahia pela cuiabanização de um dos seus beneméritos filhos*". No dia 03.04.1869, o Dr. Novis foi graduado no posto de 1° Cirurgião 1° Tenente, em, e promovido ao mesmo posto, em 20.08.1872. Reformou-se em 27.02.1886 como Cirurgião de Divisão Capitão-Tenente. Mais tarde, o governo republicano, a 20.11.1891, concedeu-lhe as honras de Cirurgião de Esquadra Capitão de Fragata "*por serviços prestados na Campanha do Paraguai*". Era Cavaleiro da "*Ordem Imperial da Rosa*" e da "*Ordem de Aviz*", condecorado, respectivamente, em 19.06.1876 e 02.11.1878. Faleceu cercado do respeito e consideração dos seus patrícios, na cidade de Cuiabá, em 08.07.1908. (SOUZA)

[100] Local do Estabelecimento Naval, à margem direita do Rio Paraguai. Aí se depositavam munições e artigos bélicos trazidos da Corte para a flotilha. Na invasão de Mato Grosso dirigia o estabelecimento, o 1° Tenente da Marinha, Pedro Davi Durocher que, posteriormente, foi dado como desaparecido. Este oficial era filho da Madame Durocher, francesa de nascimento e parteira brasileira, diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1834, que, pelos seus méritos e trabalhos publicados sobre a obstetrícia, fora a única mulher a lograr assento na Academia Imperial de Medicina, eleita em 1871, como membro titular. (SOUZA)

Contornaram a posição fortificada conseguiram levar o ataque por Sudoeste, surpreendendo o inimigo que supunha vir a ofensiva pelo Norte.

No mesmo instante, o valente Capitão João de Oliveira Mello penetra na vila à frente de seus 200 comandados, e dirigindo-se ao porto, ataca os vapores paraguaios "*Apa*" e "*Anhambhay*" obrigando-os à fuga, debaixo de renhido fogo. O ataque às trincheiras inimigas ao mesmo tempo, por diversos pontos, foi tão vigoroso que o grosso da Força do Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho dominava a praça, depois de uma resistência de apenas uma hora. Foi uma investida de arrojo e tão cheia de bravura que fez lavar a alma nacional.

Estava libertada Corumbá, graças a uma ação ousada, pois não se esperou o resto da Expedição que viria apoiar o ataque. O inimigo teve mais de 100 mortos, inclusive o Cel Hermógenes Cabral, comandante da praça, contra 29 brasileiros postos fora de combate. Entre os bravos 200 brasileiros que entraram em Corumbá numa arrancada plena de heroísmo, estavam o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Carlos José de Souza Nobre e o Alferes Farmacêutico em comissão, Damião José Soares. Libertada a povoação de Corumbá, os brasileiros observam que a varíola grassava ali e ficam cientes, pelo exame do arquivo apreendido, de reforços que deveriam partir de Assunção e do insucesso da invasão da coluna do Cel Camisão na fronteira do Apa. Diante disso, o Presidente Couto de Magalhães, que havia chegado de Dourados no dia 23, com o resto dos batalhões, resolve retornar a Cuiabá, no dia seguinte, levando os troféus da vitória: duas bandeiras, seis canhões e muita munição e armamento. Em nossos soldados já se manifestava a incidência da varíola que ia disseminando gradativamente, motivando a imediata retirada de toda a Força para Cuiabá.

Imagem 17 – CF Augusto Novis [101]

[101] Cirurgião de Esquadra Capitão de Fragata, Dr. Augusto Novis [1837-1908] (SOUZA)

A Expedição segue, uma parte embarcada e outra pela margem do rio e pelos pantanais, numa longa e penosa jornada cheia de surpresas, privações e acrescida do incremento da varíola, até alcançar o rio São Lourenço.

A 11 de julho, encontravam-se no porto da fazenda do Alegre vapor "*Antônio João*", na margem esquerda do rio São Lourenço, rebocando quatro embarcações e o "*Jauru*", amarrado à margem oposta, isolado, por rebocar duas chatas com 80 variolosos.

A soldadesca carneava-se despreocupadamente. À tarde desse dia, surgiram três vapores de guerra paraguaios, que haviam subido o rio em perseguição aos brasileiros, após a derrota sofrida em Corumbá. Trava-se um combate renhido e apesar de surpreendidos, os nossos soldados e marinheiros põem em fuga as Forças inimigas, e cujo episódio relevante foi a tomada e retomada do nosso vapor "*Jauru*". Narra um dos expedicionários, General Antônio Aníbal da Mota, então Alferes, que:

> um soldado alcunhado "*Chiba*", apesar de ter o corpo todo coberto de pústulas de bexiga, sem camisa, pôs o cinturão e, durante todo combate, não cessou de fazer fogo, ora sobre o "*Salto*", ora sobre o "*Jauru*"; terminado, foi-lhe um martírio para desapertar o cinturão, ficando a cintura em chaga viva (MENDONÇA).

Esta luta conhecida pela designação de "*Combate do Alegre*", teve como artífice da vitória, o denodado Capitão-Tenente Balduíno de Aguiar, comandante da Flotilha de Mato Grosso, que diz na sua parte oficial sobre o combate, datada de 18.07.1867, o

> "*farmacêutico cirurgião*" DAMIÃO JOSÉ SOARES, "*também cumpriu muito bem o seu dever*" (MENDONÇA).

O Tenente 2° Cirurgião, Dr. Carlos José de Souza Nobre, que havia descido para o Baixo Paraguai com o 1° Batalhão Provisório de Infantaria, em 15 de maio, bem como o Farmacêutico contratado Damião José Soares, foram citados pela Ordem do Dia n° 7, de 14.06.1867, publicada pelo Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, comandante do respectivo Batalhão, onde diz:

> É digno de elogio a coragem e dedicação dos Srs. Dr. 2° Cirurgião Carlos José de Souza Nobre e Farmacêutico Damião José Soares, porquanto não sendo precisos seus serviços antes da ação, entraram em combate nas fileiras, das quais só se retiraram quando suas presenças eram reclamadas.

A citada Ordem do Dia é transcrita, também, na do Comandante das Armas, n° 270, de 28.06.1867. Os referidos membros do Serviço de Saúde, além de tomarem parte no combate e tomada de Corumbá, assistiram ao "*Combate do Alegre*". O Governo Imperial em reconhecimento aos serviços prestados, outorga, em 19.08.1867, ao Tenente 2° Cirurgião, Dr. Carlos José De Souza Nobre, o hábito da Ordem de Cristo, e ao farmacêutico contratado Damião José Soares a insígnia da "*Ordem Imperial da Rosa*", no grau de cavaleiro.

Por Decreto n° 4.201, de 06.06.1868, foi concedido o uso da "*Medalha de Mato Grosso*", também denominada "*Medalha de Constância e Valor*", às Forças que marcharam da capital da Província a fim de operar contra Corumbá.

Pela Ordem do Dia, n° 315, do Comandante das Armas, de 30.09.1867, é transcrito o ofício do Presidente da Província, no qual é Elogiada E Ressaltada A Ação Do Capitão 1° Cirurgião, Dr. João Tomás de Carvalhal, pelos bons serviços prestados na epidemia variólica que se desenvolveu nas Forças Expedicionárias no Baixo Paraguai.

Seu nome figura na relação de oficiais que mais se destacaram por serviços humanitários, coligida e encaminhada pelo Comandante das Armas de Mato Grosso ao Governo Imperial ([102]).

A retomada de Corumbá ficou como exemplo edificante do esforço e da tenacidade de uma gente, glorificada numa jornada de arrojo e esplêndida de heroísmo. Os médicos militares e seus auxiliares foram dignos de seus irmãos combatentes, no desagravo à honra e aos brios nacionais.

X

A EPIDEMIA DE VARÍOLA

Em março de 1867, assumia a função de Delegado interino do Cirurgião-Mor do Exército, na Província de Mato Grosso, o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. Francisco Antônio de Azeredo. O Delegado efetivo, Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. José Antônio Murtinho, havia sido afastado do cargo pelo Presidente Couto de Magalhães, tendo-lhe ordenado que fosse se apresentar ao Ministério da Guerra, para servir em qualquer outra comissão, porém, fora da Província de Mato Grosso.

Dizem que o motivo real dessa atitude de perseguição teria sido a política partidária, pois o Presidente pertencia ao Partido Liberal e o Dr. Murtinho militava no Partido Conservador. O certo é que este médico militar apresenta-se ao Ministro da Guerra e solicita inspeção de saúde, cujo resultado é a reforma concedida pelo decreto de 13.07.1867,

> por sofrer de moléstia incurável que o torna incapaz ao serviço do Exército.

[102] Arquivo Nacional. IG 1 – 242 [1867], doc. 503. (SOUZA)

Baseado no longo relatório do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em Mato Grosso ([103]), referente ao mês de dezembro de 1867 e acompanhado de um panorama geral dos acontecimentos mais importantes verificados no decorrer do citado ano, vamos revelar o drama vivido pelos médicos militares e o sofrimento por que passou aquela gente.

A 26 de junho chegava a Cuiabá, o Alferes Hortêncio Augusto de Seixas Coutinho, trazendo a notícia da gloriosa retomada de Corumbá e toda a cidade vibrou de entusiasmo. No dia 28, o Delegado do Cirurgião-Mor recebia comunicação do primeiro caso suspeito de varíola e que naquele mesmo dia, à noite, era internado no Hospital Militar para observação, ficando em isolamento. Tratava-se de um soldado do Batalhão de Voluntários da Pátria, chamado Antônio Feliz, que como hábil canoeiro, havia trazido o citado alferes de Corumbá. Diz o Dr. Azevedo, que

> apesar dos socorros mais prontos e enérgicos, à meia hora da madrugada do dia trinta do mesmo, estava morto.

Era a primeira vítima da varíola falecida em Cuiabá ([104]). A inumação foi procedida com todo o rigor. Imediatamente, o Delegado do Cirurgião-Mor representava, sugerindo a criação de uma unidade de isolamento e lazaretos, tendo em vista a próxima chegada das Forças do Baixo Paraguai, muitas portadoras do mal.

---

[103] Relatório do Dr. Francisco Antônio de Azeredo, de 23.01.1868. Arquivo Nacional. IG 1 – 243, doc. 599-611. (SOUZA)

[104] Estevão de Mendonça e outros, assinalam que esse soldado havia falecido aos dois de julho de 1867, e, agora, diante da narrativa do médico militar que também o assistiu, Dr. Francisco Antônio de Azeredo, conhecemos a data exata de seu falecimento. (SOUZA)

No dia 14 de julho, apareciam no Hospital Militar casos de "*febres eruptivas*", quando foram imediatamente removidos para o isolamento, improvisado em enfermaria, no Seminário Episcopal. Já no dia seguinte era confirmado o diagnóstico: varíola.

O Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. Francisco Antônio de Azeredo, como a maior autoridade sanitária, compreendeu a grande responsabilidade que recaia sobre a sua pessoa, diante de uma terrível doença pestilencial e procurou tomar as providências que a ocasião impunha e assim, com o apoio dos seus superiores, pensou em estabelecer hospitais provisórios, bem distantes da cidade de Cuiabá.

Juntamente com seus colegas, Tenentes 2^os^ Cirurgiões, Dr. Dormevil José dos Santos Malhado e Dr. João Adolfo Josetti, e o Diretor do Arsenal de Guerra, escolheu inicialmente a recém-construída casa de pólvora, no lugar denominado "*Mãe Bonifácio*" e para aí removia os primeiros variolosos. Ao mesmo tempo instalou outro hospital na barra do rio Coxipó, para militares.

Depois as Enfermarias na freguesia de São Gonçalo de Pedro II, em salas contíguas a Igreja desta paróquia e na chácara de Jarcem. Conjuntamente às iniciativas nosocomiais, solicitou com o maior ardor o envio de lâminas e tubos capilares para a inoculação vacínica na profilaxia da varíola, pois, constatou o Dr. Azeredo que muito pouca gente estava imunizada, numa população calculada em 13.000 pessoas, mais ou menos ([105]).

---

[105] O comerciante Henrique José Vieira é apontado como a pessoa que, pela primeira vez, praticara a vacinação antivariólica na cidade de Cuiabá, em 18.07.1852 [MENDONÇA]. (SOUZA)

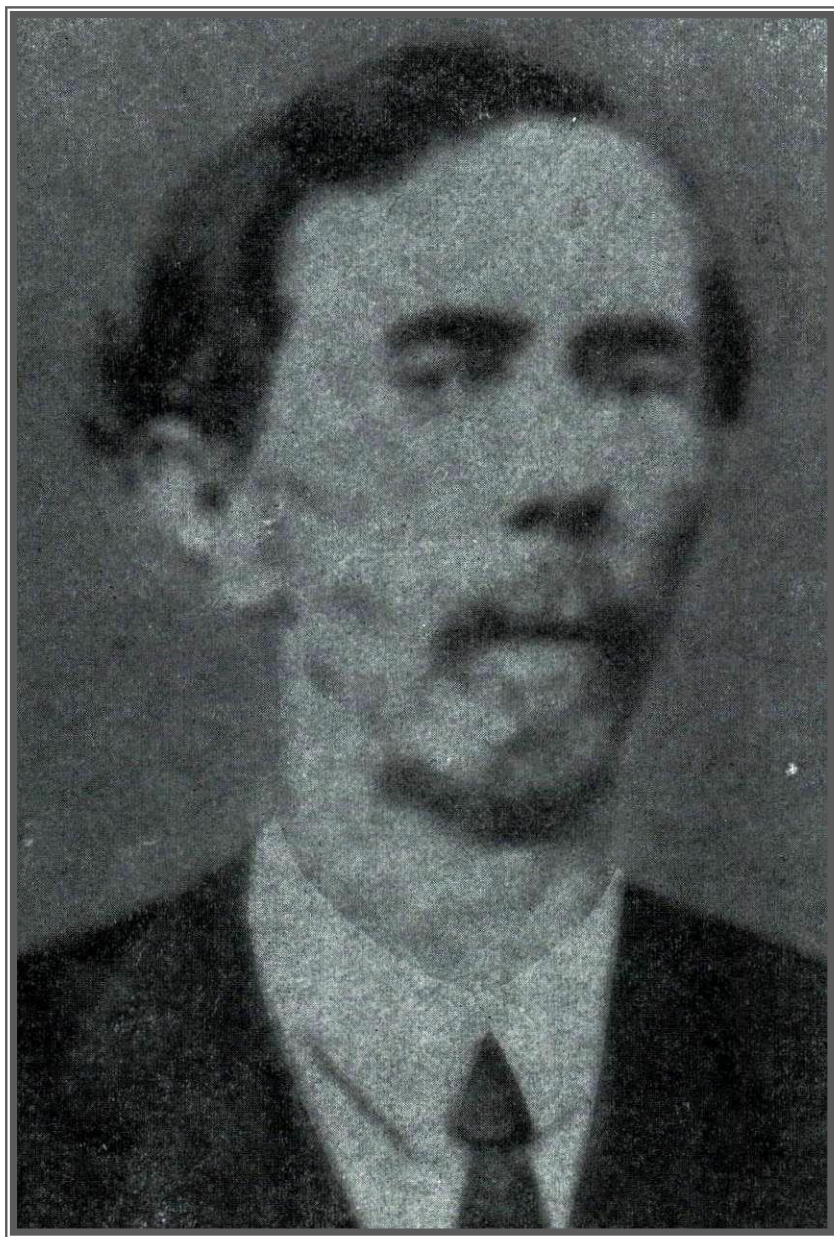



Imagem 18 – Ten Cel Francisco Antonio de Azeredo [106]

[106] Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. Francisco Antonio de Azeredo [1815-1884]. (SOUZA)

No relatório oficial do Capitão 1° Cirurgião, Dr. João Tomás de Carvalhal, como primeiro cirurgião chefe do Hospital de Sangue da Expedição ao Baixo Paraguai, o mesmo salienta que o desenvolvimento da epidemia de varíola nas Forças Expedicionárias, deu-se após o "*Combate do Alegre*", quando houve a junção desordenada das ditas Forças e não foi possível manter o isolamento dos variolosos, facilitando, em consequência, o contágio, agravado pela diminuição da resistência das praças, depois da luta em que até os doentes participaram ativamente.

Em decorrência do "*Combate do Alegre*", houve desertores ou extraviados, cujas presenças em vários lugares da província, já contaminados pela varíola, provocaram a disseminação da doença. O Presidente Couto de Magalhães, em ofício n° 109, dirigido ao Ministro da Guerra, comunicava com grande satisfação que a epidemia havia cessado nas Forças Expedicionárias do Baixo Paraguai e puderam então entrar em marcha, tendo chegado a Cuiabá, em 17 de setembro, acrescentando que

> a bexiga levou só nessas Forças cerca de 350 vítimas ([107]).

Como vemos foi bastante elevado o número de baixas na Coluna contra Corumbá. A dois de julho, chegava pelo correio uma caixinha contendo linfa vacínica, recebendo-a imediatamente o Dr. Azeredo em Palácio da Presidência da Província e inicia a imunização, porém, sem bons resultados, pois, tratava-se de vacina pouco ativa. Utilizou-se, então, da "*linfa humana*" e assim, conseguiu-se inocular muitas pessoas. A epidemia de varíola ia atingir a todas as classes sociais de Cuiabá e

[107] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, doc. 483. (SOUZA)

> a 23 de julho verifica-se o primeiro caso fatal na população civil, na pessoa de Januário, solteiro, de 36 anos, que foi sepultado no Coxipó.

A sua marcha acelerou-se, casa por casa, ruas e travessas e finalmente toda Cuiabá estava assolada, vivendo sob o fantasma da varíola. Não demorou a surgir o pânico na cidade com o morbo multiplicando as suas vítimas, quando os cemitérios foram poucos para recolher aos que sucumbiam; por isso era inaugurado, a 02.08.1867, o cemitério de Nossa Senhora do Carmo, no Cai-Cai. A varíola havia surgido em julho e continuou a fazer seus estragos até fins do mês de outubro e no auge da mortandade, diz o Dr. Azeredo, fez mais de cem vítimas por dia. Pelo número avultado de cadáveres, assevera Estevão de Mendonça que

> os corpos eram conduzidos em carroças, seminus, numa promiscuidade irreverente, e assim atirados em valas. Esta medida por fim tornou-se insuficiente e não raro foram os cadáveres arrastados por cães famintos e até cremados aos montões (MENDONÇA).

A população tomada de pânico procurava fugir da cidade, mas a varíola alastrava-se pelo interior, atingindo cidades, vilas e lugarejos mais distantes. Diz o Prof. Dr. Clovis Corrêa da Costa que

> os proprietários do interior defendiam-se, isolando-se de qualquer contato com vizinhos e refugiados, botavam escravos nas estradas, armados, com ordem de fuzilar aqueles que tentassem violar o isolamento (COSTA, 1965).

Como se não bastasse a devastação da Guerra em seu próprio território, a Província de Mato Grosso era atingida por uma impiedosa tragédia pestilencial. Apesar da diminuição da intensidade da epidemia, o Dr. Francisco Antônio de Azeredo, como chefe inconteste da Saúde Pública, não descansava e multiplicava-se em atividades.

Pela carência da linfa vacínica, mandava buscá-la na Corte, Minas e São Paulo, sem resultado, quando tomou conhecimento, no mês de novembro, que no lugar denominado Curralinho, distante 4 léguas de Cuiabá, apareceram pústulas na teta de uma vaca. Mandou incontinenti viajar para aquele local o Tenente 2° Cirurgião contratado, Dr. João Adolfo Josetti, que observou e trouxe algumas lâminas e pessoas inoculadas, em quem nenhum resultado obtivera.

O 2° Cirurgião da Armada, Dr. Augusto Novis, seguiu até Ponte Alta, distante 15 léguas da capital, tendo voltado a 18 de dezembro, trazendo algumas lâminas e passando a supuração, de braço a braço. Com certa quantidade de vacina, determinara o Dr. Azeredo que o Tenente 2° Cirurgião, Dr. Dormevil José dos Santos Malhado, seguisse para as fazendas e freguesias do "*Rio Acima*" e o Tenente 2° Cirurgião Dr. Carlos José de Souza Nobre para as do "*Rio Abaixo*", tendo ambos realizado um belo trabalho preventivo contra a varíola, inoculando umas quinhentas pessoas. Ainda no mês de dezembro de 1867, continuavam os casos esporádicos; um ou outro por semana. Os heroicos soldados da Retirada da Laguna, ficaram cerca de três meses em quarentena, na chácara do Comendador Henrique José Vieira, distante uma légua e meia da capital, e após serem vacinados pelo Dr. Quintana, entraram em Cuiabá, a 16.10.1867.

Para supervisionar as medidas profiláticas nos remanescentes da Retirada da Laguna e incorporar-se à Coluna, havia de há muito partido o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. Cirilo José Pereira de Albuquerque. Este médico militar encontrava-se na Província de Mato Grosso desde o início da invasão paraguaia. Era natural da cidade do Salvador, Bahia, e filho de Caetano José Pereira.

Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, após defender tese, a 11.12.1843, (PEREIRA DE ALBUQUERQUE, 1843). Assentou praça, a 13.01.1847, no posto de Alferes Cirurgião-Ajudante, sendo promovido, a 03.03.1852, a Tenente 1° Cirurgião, aos 02.12.1854 atingiu o posto de Capitão 1° Cirurgião e, finalmente, a 03.03.1866, à graduação de Major Cirurgião-Mor de Brigada, por antiguidade ([108]).

As medidas e providências de vigilância sanitária e principalmente para os não vacinados, dadas pelo Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em Mato Grosso, eram severas e foram cumpridas rigorosamente pelos médicos militares. Esperava o Dr. Azeredo que no final do mês de dezembro toda a população civil e militar da Província estivesse imunizada contra a varíola.

Em fins do mês de outubro, diante do declínio da virose, o Dr. Azeredo fechava os hospitais provisórios de Mãe Bonifácia, destinado aos pobres de socorro público, e o de Coxipó, e a Enfermaria instalada no Seminário da Conceição e outras. A Santa Casa da Misericórdia teve o seu hospital extinto e todo ocupado com os doentes militares, no período do flagelo.

A Enfermaria do Distrito Militar de Poconé esteve durante a epidemia, a cargo do Dr. João Tomas De Carvalhal, que prestou socorros a toda a população local e conseguiu salvar mais da metade de sua gente, tendo regressado este médico militar a Cuiabá, em 2 de dezembro, quando apresentou seu relatório como 1° Cirurgião Chefe do Hospital de Sangue da Expedição de Corumbá e responsável pela

[108] Em 1871, ocupava o cargo de Delegado do Cirurgião-Mor cio Exército de Mato Grosso. (SOUZA)

Enfermaria do Distrito Militar. Deixara como encarregado pela enfermaria, um "*farmacêutico prático*".

No Distrito Militar de Vila Maria [Cáceres atual], a varíola não se apresentou em caráter alarmante, graças à atuação do antigo responsável pela Enfermaria, Capitão 1° Cirurgião, Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, quando, em 1860, havia vacinado quase toda a população. Houve, apenas, vinte óbitos.

Era destacado no Distrito Militar de Vila Maria, o Tenente 2° Cirurgião, Dr. José Antônio Dourado, que tendo se adiantado no regresso do contingente expedicionário que acompanhara no Baixo Paraguai, no mês de dezembro se encontrava em Cuiabá, tendo esta por menagem ([109]), uma vez que havia passado por conselho de investigação; ia apresentar sua defesa no Conselho de Guerra. Este médico militar veio a falecer em 06.02.1868, em Cuiabá. Encontrava-se como responsável pela Enfermaria de Vila Maria, na ausência do efetivo, um médico francês, há muito residente na Bolívia, chamado Dr. Alexandre Sargneil.

A Enfermaria do Distrito Militar da Cidade de Mato Grosso não tinha médico, encontrava-se como responsável o Alferes da Guarda Nacional, Manoel Bento de Lima, filho de um antigo curandeiro de igual nome. Pelas faltas e irregularidades constatadas, o Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em seu relatório opinava pela sua extinção.

Já no Hospital Militar de Cuiabá, em dezembro de 1867, exercia a função de Primeiro-médico, interino, o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Manoel De Aragão

[109] Detenção em sítio franco – sob palavra de honra do prisioneiro. (Hiram Reis)

Gesteira; Segundo-cirurgião-de-dia, Tenente 2° Cirurgião Dr. Dormevil José dos Santos Malhado ([110]).

A botica tinha como responsável o Alferes Farmacêutico Manoel Francisco de Oliveira, coadjuvado pelo Alferes Farmacêutico Reginaldo José de Miranda. O primeiro, praça em 10.08.1861, serviu no Hospital até 1° de abril e no acampamento dos expedicionários da Retirada da Laguna, em Aricá-Grande, a 15.10.1867 encontrava-se servindo, como componente do Serviço de Saúde que estava constituído pelo Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. Cirilo José Pereira de Albuquerque, incorporado à referida Força, Capitães 1os Cirurgiões, Drs. Quintana e Gesteira.

Diz José de Mesquita, que o Alferes Farmacêutico Reginaldo José de Miranda faleceu de varíola (MESQUITA).

---

[110] Concluída a Campanha, o Dr. Dormevil Malhado solicitou exoneração do Serviço de Saúde do Exército, indo exercer a profissão no meio civil. Era estimadíssimo em Cuiabá e como médico granjeou merecida fama. Diz Estevão de Mendonça que "*dentre os médicos que em Cuiabá têm clinicado com êxito, poucos gozaram, como o Dr. Malhado, de igual confiança pública, sendo que ainda hoje as suas receitas são arquivadas carinhosamente e muitas reproduzidas como específico miraculoso*" [MENDONÇA]. Foi político militante filiado ao Partido Liberal, tendo sido eleito deputado provincial em diversas legislaturas e Vice-presidente da Província. Inspetor de Higiene, Diretor Geral de Instrução Pública, Professor da cadeira de Pedagogia e Métodos do Liceu Cuiabano e Médico da Santa Casa de Misericórdia. Todos os movimentos culturais e sociais de Cuiabá contaram com seu apoio entusiástico. Fora condecorado com a "*Medalha Geral da Campanha*", por decreto de 06.08.1870 e por serviços militares foi distinguido com a insígnia da "*Ordem Imperial da Rosa*", no grau de cavaleiro, em 03.04.1877. O Governo Provisório republicano, em 1890, concedeu-lhe as honras de Capitão 1° Cirurgião. Faleceu em Corumbá, a 16.07.1902, quando havia transferido sua residência a fim de ocupar o cargo de inspetor de saúde do porto. Deixou numerosa descendência. A imprensa de Corumbá, "*A Pátria*", ao fazer o seu necrológio, cognominou-o "*Apóstolo do Bem*". (SOUZA)

Talvez em fevereiro ou março de 1868, pois, no relatório do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, de janeiro de 1868 não se encontra mencionado o seu óbito e sim em exercício da função farmacêutica.

No mapa nosológico para o ano de 1867, relativo ao Hospital Militar de Cuiabá e às Enfermarias Militares dos Distritos de Poconé, Vila Maria e da cidade de Mato Grosso, incluindo os hospitais de sangue, ambulantes e temporários de variolosos, assinala o Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em seu relatório oficial, que predominaram, consideravelmente, a varíola em caráter epidêmico, seguindo-se as "*febres intermitentes paludosas*" e as doenças do "*aparelho digestivo*" [enterocolites, diarreias e disenterias]; em terceiro lugar "*as afecções cutâneas*", com especialidade; em quarto lugar, a "*sífilis*".

A "*sífilis*" compreendia, na época, as doenças venéreas; continuando em decréscimo as "*feridas*" diversas, sem especificar; as doenças do "*aparelho respiratório*"; as "*nevroses*" e outras de menor número de casos que não mereceram ser citadas.

A inclemente epidemia que assolou as terras mato-grossenses – indo aumentar a dor e o sofrimento daquela gente martirizada pela guerra, tratava-se de varíola confluente, segundo a classificação do Dr. Francisco de Azeredo em seu relatório, e que é a forma mais grave,

> as pústulas se imbicam e prolongam, uma em outra, como se fora um acolchoado de pus, ora na face, ora no dorso das mãos, ora em grandes superfícies do corpo (PARREIRAS).

É a denominada "*bexiga lixa*" do linguajar popular, porque a pele se enruga como lixa. O trajeto impiedoso do flagelo atinge a todos os lares cuiabanos.

E os que se encontravam longe da terra, como era o caso do Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. José Antônio Murtinho, procuravam regressar para ficar junto dos seus. Assim fez esse médico militar que acabara de obter reforma do Exército, mas ao chegar à capital da Província, aos 19.10.1867, encontra seus filhos na orfandade. Dois dias depois, assinala Estevão de Mendonça, encaminhou-se ao cemitério de Nossa Senhora do Carmo, no Cai-Cai construído especialmente para receber cadáveres dos variolosos, a fim de reverenciar e levar flores ao túmulo de sua estremecida esposa, por entre lágrimas e soluços dos sete filhos mais crescidos (MENDONÇA). Diz Virgílio Corrêa Filho, que o abalo causado pelo desaparecimento da companheira querida, iria modificar-lhe a personalidade e

> afastou-se quanto possível da clínica civil, exercida apenas para satisfação de clientes mais necessitados de seus desvelos (CORRÊA FILHO).

Dr. Murtinho como Vice-presidente em exercício, em fevereiro de 1869, diante do júbilo da ocupação da capital paraguaia, mandou uma Comissão a Assunção, com o fim de cumprimentar o Comandante-em-Chefe das Forças Brasileiras, mas o Governo Imperial impugnou as contas das despesas por julgá-las desnecessárias, obrigando o mesmo a assumir a responsabilidade pessoal dos gastos ([111]).

O Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, comandante interino das Armas em Mato Grosso, em sua representação, datada de

[111] Segundo MENDONÇA, o Dr. Murtinho faleceu na cidade de Cuiabá, aos 20.08.1888, cercado pelo respeito e reconhecimento do povo mato-grossense, deixando oito filhos, muitos dos quais se projetaram no cenário político e científico do país. (SOUZA)

24.10.1867 ([112]), elogia oficiais inferiores e soldados "*que mais tem se destacado por serviços humanitários*" na Província. Entre os oficiais médicos faz referências ao Capitão 1° Cirurgião, João Tomás de Carvalhal e Tenente 2° Cirurgião, Dr. Dormevil José dos Santos Malhado, quando acentua que este médico militar foi nomeado 1° Cirurgião e encarregado do Hospital temporário, em 16 de julho último, desenvolvendo

> grande soma de zelo, perícia e dedicação no tratamento dos variolosos.

Quanto ao Capelão Militar, Padre Benedito de Araújo Filgueira, afirma que o sacerdote esteve empregado no Hospital temporário, tendo prestado

> bons serviços caridosos durante a epidemia até cair doente, vítima de seu zelo.

Outro profissional que teve atuação destacada no período da epidemia, foi o farmacêutico Joaquim Alves Ferreira Sobrinho, como anteriormente, na invasão paraguaia, havia tido também exemplar e digna conduta (MENDONÇA).

A todos os componentes do Serviço de Saúde do Exército e Armada, somos devedores pelo muito que realizaram em prol da saúde da população mato-grossense, cuja exaltação é um dever que nos cumpre assinalar, pois, foram realmente beneméritos pela dedicação, inteligência, atividade, estoicismo.

É o culto e o apreço que nessa hora desejamos celebrar, como preito, do mais alto e comovido respeito, para quem tudo fez para minorar o sofrimento e a dor dos seus desventurados irmãos.

---

[112] Arquivo Nacional. IG 1 – 242, doc. 503. (SOUZA)

Assim, ao simbolizarmos a todos por igual, evocamos a pessoa do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, Dr. Francisco Antônio De Azeredo ([113]), como Diretor da Saúde Militar e Pública, que ele tão bem soube encarnar e dignificar, numa hora das mais dramáticas que atravessava uma das províncias do Império do Brasil.

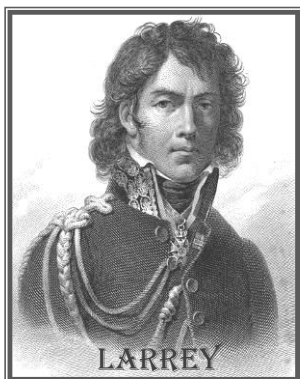
XI

OS MEIOS DE TRANSPORTE DE DOENTES E FERIDOS

O socorro e a evacuação dos soldados feridos em combate receberam em todas as épocas, as melhores atenções e cuidados dos responsáveis pelo estado sanitário dos exércitos, pois, são problemas considerados fundamentais na organização das tropas em atividade, e cuja essência primordial é baseada nos meios de transporte e da assistência imediata ao doente ou ferido. Cabe, realmente, ao exército francês, a honra de ter sido o inovador nas medidas de melhoria e solução desses problemas, quando por inspiração do seu cirurgião-mor, o grande LARREY, criou e pôs em execução a primeira unidade móvel, capaz de acompanhar todos os movimentos da tropa à semelhança da artilharia volante, levando os primeiros socorros e atendendo ao soldado ferido no próprio terreno de combate.

Dominique Jean LARREY [1766-1842] concebeu sua unidade volante quando era cirurgião-chefe do Exército do Reno, em 1792, e levando à consideração superior, foi esta imediatamente aceita pelo comandante-em-chefe e comissário geral.

---

[113] Reformou-se no posto de Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, tendo falecido em sua cidade natal, Goiás, no dia 23.09.1884. Era Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz. Publicou: Manual de agricultura elementar, Goiás, 1875 [Blake]. (SOUZA)

Essas unidades volantes eram constituídas de três cirurgiões e um enfermeiro, montados em vigorosos cavalos, levando os enfermeiros grandes caixas contendo instrumental cirúrgico e material de curativo – ataduras, fios para sutura, compressas, vinho, vinagre, aguardente, sal, caldo, etc. As cobertas e as padiolas iam em outros compartimentos. Quanto à viatura-ambulância para o transporte de doentes e feridos, esta ficou improvisada num carroção guarnecido de palha e com toldo de pano impermeabilizado, estendido sobre arcos de ferro. Entretanto, a 11.11.1792, a Convenção Nacional francesa, decreta a construção de viaturas suspensas, especiais para o transporte de feridos e doentes dos exércitos, conforme a concepção também de LARREY.

Baseado neste Decreto, o Departamento de Guerra abre concurso público, em 23.01.1793, para o melhor modelo apresentado, oferecendo um prêmio em dinheiro ao vencedor. O aviso, afixado nas paredes, é constituído de vários itens, onde além da recomendação de comodidade, resistências, facilidade de construção, preço, locomoção, leveza, etc., são especificadas as condições que devem possuir para defender o doente contra os insetos, poeira, lama, mau tempo, sem, entretanto, impedir a renovação do ar e a entrada de luz. É um documento interessantíssimo e que marca, sem dúvida, um progresso notável na história da organização militar. A Comissão julgadora é constituída, além do Conselho de Saúde, de mais dez membros indicados pela Faculdade e Sociedade de Medicina, pelo Colégio e Academia de Cirurgia e pela Academia das Ciências de Paris (CABANÈS).

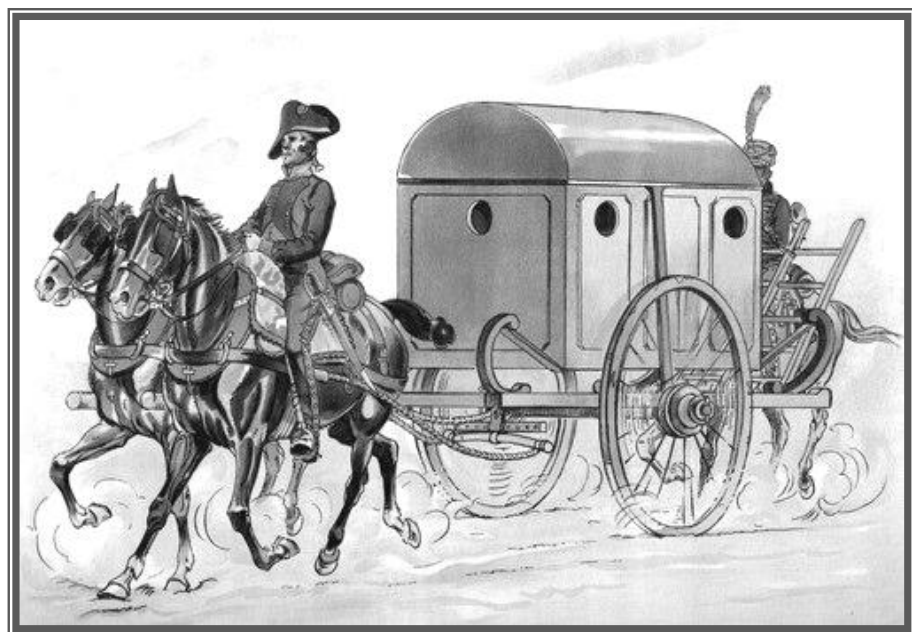



Imagem 19 – Ambulância Ligeira de Larrey

Imagem 20 – Ambulância de Percy – Wurst (salsichão)

A comissão seleciona dois modelos que depois, rejeita, porém, mais tarde, o comitê militar da Convenção faz construir uma viatura baseada nesses projetos e que vem demonstrar, na prática, a impossibilidade do uso a que se destinava. Larrey, somente em 1797, na Expedição da Itália, pôde ver seus projetos amplamente utilizados com todos os componentes, inclusive sua ambulância ligeira, montada sobre molas, sustentada por duas rodas e puxada por dois cavalos, que constituiu a grande inovação para a melhoria do atendimento ao soldado ferido ou doente. Já o contemporâneo de Larrey, o cirurgião-mor Percy, criava, em 1796, uma companhia de 120 enfermeiros, escolhidos entre os soldados de boa vontade. Esses homens exerciam a função de padioleiros e atuavam no campo de batalha recolhendo os feridos, porém, celebrada a paz, foi extinta esta companhia. Outra tentativa de melhoramento deste cirurgião francês é a construção de um carro muito comprido, em forma de caixa e por isso apelidado com a palavra alemã Wurst [salsichão], que transportava, escarranchados, os cirurgiões sobre as caixas de material para curativo, cuja capacidade de atendimento era previsto para 1.200 feridos (CHEVALIER). Esses carros eram puxados por quatro cavalos e pelo seu formato, peso e pouca mobilidade, não tiveram o resultado esperado e caíram no esquecimento, ficando, apenas, como curiosidade. Pierre-François Percy [1754-1825], figura na história da medicina militar não só como grande cirurgião e organizador, mas, também, como precursor da neutralidade das formações sanitárias e inviolabilidade dos hospitais. Ele propõe, em abril de 1800, ao seu comandante o General Moreau que encaminhe ao General Kray, chefe do exército austríaco, um convênio que levou a sua redação e marcado de profundo sentido humano e cristão, no qual são consideradas neutras e intangíveis as unidades do Corpo de Saúde dos exércitos.

É um documento que muito honra o cirurgião-mor Percy e precede de 64 anos as disposições da 1ª Convenção de Genebra que assinalaram os mesmos propósitos de respeito à pessoa humana. Quanto à viatura-ambulância de Larrey, esta atuava plenamente em áreas mais ou menos planas, porém quando o exército combatia em terrenos acidentados, como nos desfiladeiros da Itália, observou-se sua inutilidade. Aí, o serviço de saúde, ainda sob a supervisão de Larrey, improvisou uns cestos, colocando-os no lombo das mulas, como o nosso caçuá ([114]), para o transporte de medicamentos, fios de sutura, ataduras e instrumentos necessários aos primeiros socorros.

Era o princípio do "*cacolet*", que depois foi inteligentemente adaptado ao transporte de feridos, em várias Expedições Militares. Logo após, na Campanha do Egito [1798-1799], Larrey, como cirurgião-chefe, fez construir, então, cem liteiras, em formato de berço, que eram colocadas uma em cada lado da giba do dromedário, prosseguindo sua atividade infatigável de amparo ao soldado e por isso granjeou-lhe o cognome de a "*Providência dos Soldados*". Napoleão, em Santa Helena, ao fazer o seu testamento, não esqueceu Larrey e o fez de modo todo especial e comovente, quando escreveu:

> Deixo ao cirurgião-chefe Larrey cem mil francos: é o homem mais virtuoso que conheci (BACELLAR).

A primeira vez que se usou o "*cacolet*" no transporte de feridos, foi na expedição francesa de Máscara, Província de Orã, Argélia, no ano de 1835.

---

[114] Cesto grande e comprido de vime, cipó ou bambu, sem tampa e com alças para prender às cangalhas no transporte de gêneros diversos em animais de carga. (Hiram Reis)

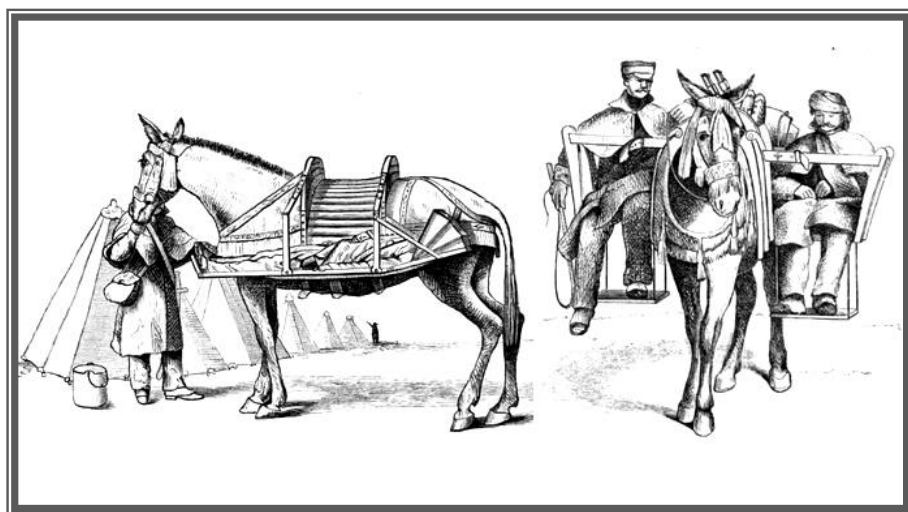



Imagem 21 – Cacolet

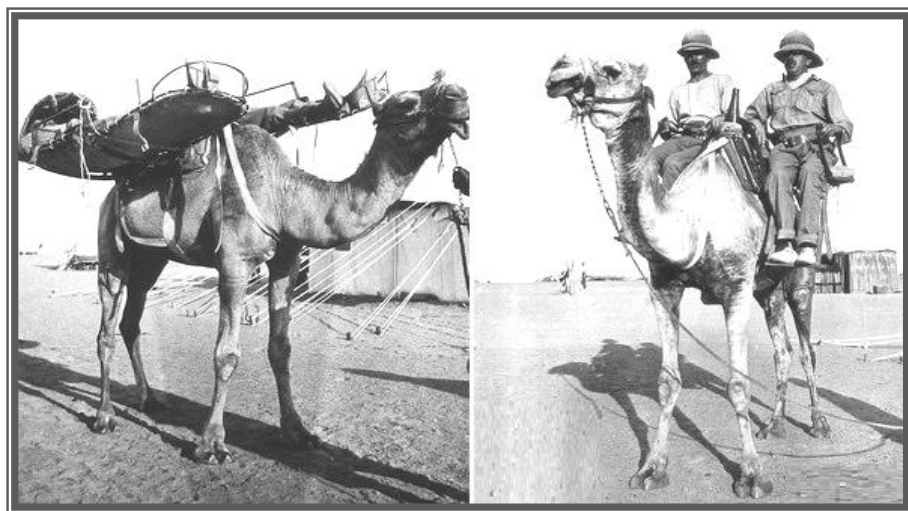



Imagem 22 – Transporte de feridos, de Larrey, no Egito

O "*cacolet*" era constituído de dupla cadeira de braços, em metal, articuladas e dispostas de maneira a se colocar um doente de cada lado, sustentadas no lombo de mula ou cavalo. As mulas por serem mais dóceis e mais fáceis de serem conduzidas, tinham a preferência da escolha.

Poder-se-ia colocar o doente em posição horizontal, em leito, porém, era necessário um animal forte, e reajustar seus componentes. O "*cacolet*" foi utilizado amplamente nas guerras da Península e nas expedições francesas da África, não se adaptando seu uso, entretanto, nos camelos e dromedários. Na Guerra do Oriente ou da Crimeia [1854-1856], foi inestimável o seu auxílio como meio eficiente e útil no transporte de feridos e doentes.

* * *
* *
*

Na Coluna Expedicionária de Mato Grosso, organizada em princípios de 1865, havida de improvisação e afogadilho, o Capitão 1° Cirurgião, Dr. Antônio De Jesus e Souza, Chefe do Corpo de Saúde, demonstrando possuir espírito organizador e estar à altura do alto cargo em que fora investido, requisitou para a sua repartição, mais de quarenta "*cacolets*", fabricados no Arsenal de Guerra da Corte [Rio de Janeiro], autorizado a entregar-lhe, com urgência, pelo Ajudante-General, a 09.03.1865, além de outros objetos e instrumentos que o Diretor do Arsenal imediatamente cumpriu. A previsão deste chefe militar não tardou muito a ser testada, pois ao sair a Expedição da cidade de Campinas, São Paulo, quando se manifestou o primeiro surto de varíola no contingente, principalmente naqueles soldados caboclos da companhia de artilharia do Amazonas que foram quase todos dizimados, os convalescentes dessa virose e doentes de outras entidades mórbidas, utilizaram-se do "*cacolet*".

Na zona do Rio Negro e nas fraldas da Serra do Maracaju, a Coluna Expedicionária era infectada pela malária e logo depois surgia o beribéri, em caráter epidêmico, atingindo um número considerável de

soldados, resultando daí a grande serventia desse meio de transporte e comprovado seu valioso auxílio. O Capitão Liberato Augusto Pereira Lomba, do 21° Batalhão de Infantaria de Minas Gerais, foi transportado de Miranda a Nioaque, percurso de 210 quilômetros, num "*cacolet*", suavizando, desse modo, seus padecimentos até os últimos momentos de sua existência, vitimado que fora pelo beribéri. Quando da Retirada da Laguna, ainda existiam dois "*cacolets*", como remanescentes, que foram providenciais para quatro soldados, feridos na carga de cavalaria de 11.05.1867, os quais se salvaram graças a esse excelente meio de transporte.

Em 1872, o então Ministro de Guerra, João José de Oliveira Junqueira, dirige-se, por meio do Aviso de 16 de maio, ao Conde d'Eu, na qualidade do antigo comandante-em-chefe do Exército Imperial Brasileiro, solicitando-lhe parecer para vários itens de interesse na organização do exército, cujas respostas deveriam ser baseadas na observação e experiência adquiridas na Campanha do Paraguai.

O 5° Quesito compreendia os meios de transporte e embora o Conde d'Eu não tenha apresentado solução para o problema de transporte de feridos, diz que os "*cacolets*" tão conhecidos no Exército francês,

> prestaram bons serviços na coluna de Mato Grosso, não puderam ser empregados com vantagem no Paraguai por falta de burros bastantes robustos para suportar o peso de dois indivíduos sentados no "*cacolet*",

e pelo que ele pôde observar,

> os doentes e feridos eram transportados do Hospital de Sangue para os lugares da base de operações, nas próprias galeras que até esse momento tinham conduzido munições de artilharia, e que depois dos

> combates achavam-se vazias; na falta destes, nas carretas em que os fornecedores tinham trazido a farinha e outros gêneros para o consumo do exército ([115]).

Assim, no documento firmado pelo antigo comandante-em-chefe, Marechal Conde d'Eu, fica demonstrado que no teatro principal da Guerra do Paraguai, os doentes e feridos eram removidos em viaturas de munições e de provisões, vazias, inadequadas e incômodas, sendo que, nestas últimas, de graves consequências pelo perigo da propagação de doenças infectocontagiosas. Conde d'Eu, em 14.05.1869, comunica ao Presidente da Província de Mato Grosso que as Forças existentes em Cuiabá deveriam se mover em direção ao sul da Província e daí para Assunção, recomendando a remessa

> de todo o material de hospital,

bem como

> os "*cacolets*" que se achavam em depósitos, dos que haviam sido, do ponto dos Baús, mandados para a capital pela Expedição de Mato Grosso (TAUNAY, 1926).

O príncipe, que era conhecedor da boa aplicação do "*cacolet*", desejava vê-lo instituído no Exército sob seu comando, mas foi inaplicável pela falta de animais bastante robustos, como afirmara. O Marechal Conde d'Eu, respondendo à solicitação do Ministro da Guerra, acima referida, fez várias considerações sobre a reorganização do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, de muito interesse e objetividade, cujos conceitos emitidos, representaram, para a época, as aspirações dos médicos militares (CASTRO SOUZA, 1959).

---

[115] Anuário do Museu Imperial. Vol. II, Petrópolis, 1941. (SOUZA

Na segunda retirada de Corumbá, após a gloriosa retomada, os bravos brasileiros saíram levando os primeiros enfermos pela varíola. Na travessia pelos pantanais, a doença foi recrudescendo e ceifando vidas, obrigando-os a deixar, ali e acolá, os cadáveres dos companheiros falecidos, servindo de pasto às vorazes piranhas. Ao atingirem os retirantes o Rio São Lourenço, as embarcações foram rebocadas até o porto Alegre, pelos vapores "*Antônio João*" e "*Jauru*", sendo que este, levou a reboque, duas igarités com oitenta variolosos, servindo de enfermarias, ficando o Jauru, por isso, na margem oposta, isolando-se por causa dos doentes, quando se deu o combate com o inimigo, a 11.07.1867.

Em terra, os variolosos eram transportados pelos soldados, em "*andas rústicas*". Em Coxim, Mato Grosso, um dos três Alferes-capelães que serviam à Coluna Expedicionária de Mato Grosso, o Padre Antônio Augusto de Andrade e Silva, foi acometido de retenção de urina que persistiu durante 48 horas e após ter cedido, caiu o sacerdote em profunda prostração por um dia e despertou recuperado. Resolveu, então, voltar para a Corte [Rio de Janeiro], deixando a Expedição, viajando, nessa ocasião, deitado em banguê ou liteira (TAUNAY, 1948).

Na Força Expedicionária de Mato Grosso, outros meios foram utilizados na remoção de enfermos e feridos, como: a rede, carregada por dois homens e suspensa a uma longa vara ou caibro pelos seus "*punhos*", o secular instrumento de transporte brasileiro; a padiola fabricada no Arsenal de Guerra da Corte e levada pela repartição de saúde; a pelota, que é um quadrado de varas por dentro do qual se amarra o couro de boi, bem seco, foi constantemente utilizada no transporte de doentes e feridos, na travessia de rios, trata-se de uma embarcação de uso da mais remota época (GOULART).

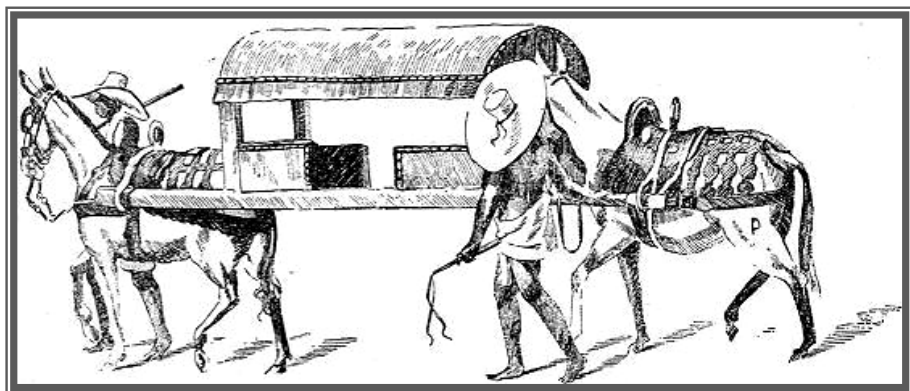



Imagem 23 – Banguê

Na Retirada da Laguna, as carretas de artilharia e os carroções foram transformados em viaturas-ambulância; estes transportes acolhiam o dobro da lotação e de todos os lados deixavam pender braços, pernas, cabeças daqueles infelizes soldados da "*Constância e do Valor*", consumidos pela miséria orgânica; as galeras, os "*carros-manchegos*" ([116]) e "*armões*" das peças foram, também, outros recursos aproveitados, sendo que neste último tipo, o Comandante Camisão, passou seus derradeiros momentos de vida. E, finalmente, depois do desaparecimento dos carros pela necessidade da carne dos animais para o alimento e a madeira destinada à fogueira para o aquecimento do organismo umedecido pelas enxurradas diluviais e constantes, somente restaram as padiolas de couro mal curtido ou as "*andas rústicas*", improvisadas com varas e cipós, cada qual ocupando quatro homens. Pelo aumento assustador dos doentes, imaginou o Coronel Camisão, no auge do desespero e da retirada, um novo arranjo para as padiolas: colocar os doentes em couros cortados ao meio e levantadas pelas pontas, espécie de cadeirinhas, para possibilitar o transporte de dois, em vez de apenas um.

[116] Carro de munição de artilharia. (Hiram Reis)

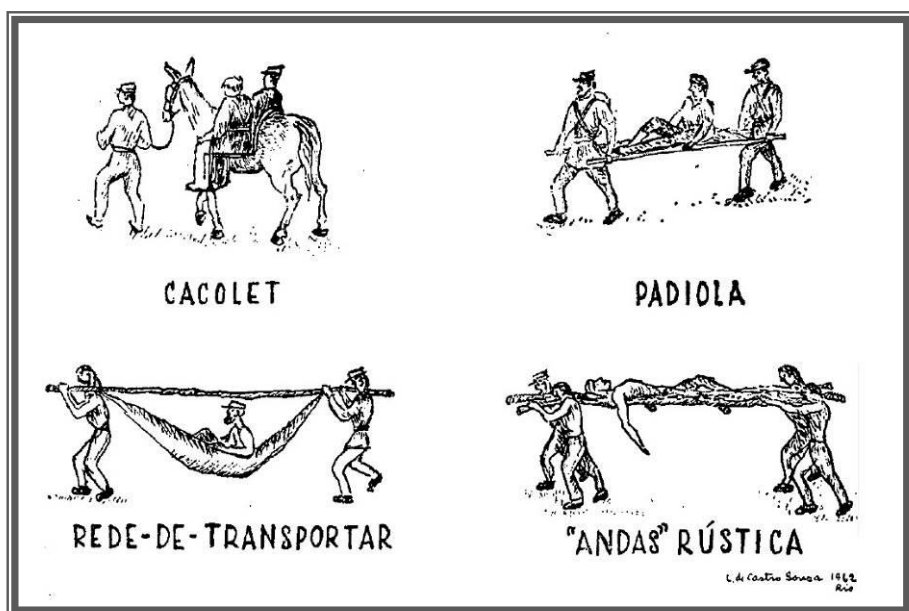



Imagem 24 – Cacolet, padiola, rede e andas

Essa maneira e inovação, recebeu a opinião contrária de toda a oficialidade ao ser consultada, pois sabia que a soldadesca estava exausta e não aguentaria sobrecarga de peso, já com os "*pés esfolados e tintos de sangue*". Ao atingir os retirantes a margem direita do Prata, primeiro afluente do Rio Miranda, o número de padiolas carregadas com doentes, atinge à cifra dos noventa e seis, numa marcha lenta e fúnebre, verdadeira procissão de sofrimento, miséria, dor... A missão de padioleiro é das mais nobres e edificantes, pois encarna o mais alto sentido da solidariedade humana e se eleva pelo sublime espírito de abnegação e de heroísmo. Na Retirada da Laguna, ela se apresenta em toda sua plenitude, com exemplos nobres e páginas de ternura.

Narra o Visconde de Taunay aquele episódio tão comovente e cheio de amor fraternal, do soldado do corpo de cavalaria de Mato Grosso, Alexandre de Campos Leite, que ajudou a transportar seu irmão

Martinho, numa padiola, durante dois dias, ininterruptamente, não permitindo que o revezassem naquela tarefa, pois considerava ser sua obrigação, seu dever... (TAUNAY, 1878). Hoje, diante da transcrição nominal que fizemos dos doentes abandonados, em 26.05.1867, até então inédita, sabemos do drama maior vivido por este soldado: seu irmão mais velho Martinho, do 19° Corpo de Caçadores a Cavalo, ficara, também, por ordem superior, na clareira aberta para receber aqueles infelizes soldados.

E, ainda, na Retirada da Laguna, quando o derradeiro transporte, eram as "*andas rústicas*" e os soldados se encontravam exaustos, famintos e verdadeiros farrapos humanos, muitos se recusavam a carregar seus companheiros doentes, porque mal podiam consigo. Foi necessário o uso da força e a redobrada vigilância dos oficiais, pois, ao menor descuido largavam os enfermos pelos caminhos.

Naquela trágica ocasião, um doente ia perecendo num grande charco pela queda de um dos carregadores da padiola e assistido pela indiferença dos outros três que caminhavam extenuados e de pés sangrando, quando, surgiu, inesperadamente, o quarto apoio, o ombro de um oficial, para salvar aquele infortunado brasileiro. Chamava-se esse militar: Alferes Manoel Clímaco dos Santos Souza, que mereceu os aplausos de todos e deu exemplo eloquente e eterno de amor e respeito à pessoa humana (TAUNAY, 1874).

Hoje, evocamo-lo como símbolo digno do Exército de Caxias, cujo nome deve ser inscrito no bronze da história para todo o sempre. Os médicos militares permaneceram firmes e vigilantes em seus postos, acompanhando os soldados feridos e doentes, com desvelos e cuidados, notadamente quando de suas

remoções, nos vapores, nas igarités, nas padiolas, nas redes, nas canoas de todos os feitios, nas viaturas improvisadas, nas "*andas rústicas*" e outros meios de transpor-te, seguindo as trilhas fundamentais de um verdadeiro sacerdócio, principalmente, porque cumpriram o "*decálogo ético*" de sua profissão e deram provas de

> possuir uma alma predestinada ao serviço do enfermo, amando-o tanto quanto a si mesmo... (VASCONCELLOS, 1957),

para real júbilo e orgulho da medicina militar brasileira.

XII

AO MÁRTIRES DA MEDICINA MILITAR

Após a passagem da Esquadra brasileira pelas baterias de Humaitá, a 19.02.1868, o Marechal Solano López mandava que suas Forças Terrestres e Navais que se encontravam em Mato Grosso, se recolhessem ao território da República, o que se efetuou a 03.04.1868. Mais tarde, com a ocupação da capital do Paraguai, a 05.01.1869, pelo Marechal Marquês de Caxias, este reconheceu a necessidade de ser imediatamente restabelecida a comunicação fluvial com a Província de Mato Grosso. Assim, a 14 de janeiro, partia de Assunção uma esquadrilha de seis canhoneiras, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, levando a bordo 250 praças do Batalhão de Sapadores, comandados pelo Major de Engenheiros Júlio Anacleto Falcão da Frota, com o fim de ocupar e fortalecer o Fecho dos Morros, ponto estratégico do Alto Paraguai. Aí chegando, o comandante Garcindo de Sá determina que os navios "*Fernandes Vieira*" e "*Felipe Camarão*", subissem até Cuiabá, levando as notícias das vitórias brasileiras.

Estas duas canhoneiras ao tocarem em Forte de Coimbra, encontram-no abandonado, porém, em Corumbá, estavam a postos uns 200 homens comandados pelo Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho [Barão de Amambai em 28.08.1889]. Continuam a subir o Paraguai e chegam à capital da Província de Mato Grosso, aos 03.02.1869, quando são festivamente recebidos. Uma multidão de cerca de duas mil pessoas aguardava os avisos, com bandas de música e salvas de artilharia, tendo à frente o Presidente da Província e o Bispo diocesano, quando foi cantado o "*Te-Deum*" em ação de graças, na Igreja de São Gonçalo. O povo cuiabano transbordava de contentamento, após longos anos de martírios e apreensões, sendo as notícias, trazidas pelas canhoneiras, das mais auspiciosas para os mato-grossenses.

Na ação guerreira que teve como cenário a Província de Mato Grosso, a população pagou um alto tributo de sofrimento, de miséria e de dor. Os nossos soldados, a maioria improvisados, demonstraram uma resignação jamais igualada, quando, sem armas e munições, enfrentaram o invasor da Pátria, com heroísmo e abnegação.

Cabe aos médicos militares, igualmente, uma parcela ponderável no êxito daquela resistência gloriosa, pois encontravam-se sempre firmes em seus postos, nos combates, nas longas marchas, nas retiradas, nas epidemias, nos pantanais, nos pontos de resistência, nos vapores e em toda a parte que se fazia necessária a sua presença. Preveniam as infecções, saneavam os acampamentos e combatiam as enfermidades, curavam os males e praticavam intervenções cirúrgicas, sedavam as dores e confortavam os enfermos quando nada mais seria possível fazer. Os médicos transfixavam calor humano, onde tudo era sofrimento e desespero, como autênticos sacerdotes do corpo.

Nesse momento, quando recordamos com sincera homenagem os heróis da Medicina Militar Brasileira, lembramos, por igual, um médico francês que foi convocado para Primeira Guerra Mundial: Dr. René Dumesnil. Serviu no posto de Major e atuou como Médico de Batalhão, Médico-chefe de um Regimento de Infantaria e depois de um Regimento de Cavalaria. Anos após, dedicou páginas de um dos seus trabalhos (DUMESNIL), às reminiscências do período de Campanha que nos revelou toda a realidade tétrica.

Teve oportunidade de evocar suas revoltas contra a destruição e a improvisação; a preocupação de ter medo e faltar coragem na ocasião necessária; registra episódios de uma retirada vendo camponeses fugindo, moribundos à beira da estrada, velhos cujo sofrimento se agravava pelo fato de a morte surpreendê-los longe de casa, onde resignadamente a teriam esperado; crianças chorando de fome e mães cujos seios secaram e não podiam mais alimentar seus filhos.

Diante daquele quadro dantesco, ele compreendera que o seu tormento soara; a hora exata em aceitar com realidade sua parte de sofrimento e de angústia. Relembra certas circunstâncias que deram às palavras a sua plena concepção: Morrer no seu posto. Então, viveu dias iguais ao do trapista ([117]) que medita sobre a morte, não no silêncio do claustro mas no reboliço da tropa e no troar dos canhões. Cada minuto que passava representava apenas uma pausa, um momento de graça. E, escreveu, textualmente:

---

[117] Trapista: pertencente ou relativo à ordem religiosa da Trapa. A ordem da Trapa, na França, é uma ramificação beneditina fundada em 1140, cujos membros observam o silêncio, praticam a contemplação e rigorosa penitência. (Francisco da Silva Borba. Dicionário UNESP do Português Contemporâneo)

> Morre ou mata. Para quem combate, morrer é um dos termos do dilema, mas é o termo que se esquece. O médico deve conservar as mãos vazias e a mente calma entre os que retesam os braços sobre uma arma e o pensamento sobre um único ato: matar. Ele é a testemunha sóbria de uma orgia sangrenta. Arrisca a sua sorte e tem parte no perigo, mas sem o reverso. Seu dever sem embriaguez é mais austero que do soldado. Começa onde o outro cessa, no momento em que o ferido se entrega às mãos caridosas que o arrancam do inferno. Entre a batalha e o ferido, é o médico que se interpõe.

Em outro trecho ele fala do dever do militar de empedernir-se, dominar os nervos, entretanto, acrescenta:

> não ao ponto do endurecimento que, banindo toda sensibilidade, faz do homem uma máquina de cortar todas as coisas, agir, raciocinar, segundo princípios rígidos e leis imutáveis, impõe uma disciplina na qual o coração não tem lugar. Empedernir-se, mas não até a frieza. O dever ordena. Obedece-se. Não se discute, não se transgrede.

Sabia que cada um representava a ínfima peça de uma engrenagem que dependia de todos para funcionar bem. E conclui o Dr. Dumesnil:

> Os feridos, os doentes esperam de nós não só os cuidados materiais que farão desaparecer na medida do possível seus sofrimentos e seus males corpóreos, como ainda outra coisa que os regulamentos não podem definir e que se encerra em uma palavra: humanidade.

Esses conceitos são atualíssimos para a evolução da medicina, ou melhor, para a crise que a medicina atravessa, quando a arte e ciências médicas perdem o seu caráter humanitário, forçada pela tecnologia exagerada, distanciando-se do alto sentido que vem atravessando os séculos.

Mas o grande drama vivido por esse médico francês, em sua experiência de guerra, foram, sem dúvida, aqueles três dias e três noites passados em Sézanne, local estabelecido para ser instalado um hospital de evacuação. Os feridos chegavam constantemente e eram colocados no pátio perto de uma estação férrea. Não havia meios de transportes, apenas os trens de munições e de gado, que depois de desocupados eram aproveitados na remoção dos doentes.

O Dr. René Dumesnil fora designado para fazer a seleção dos que estavam em condições físicas de viajar e os que eram irrecuperáveis, isto é, ficar para ali morrer; outros que a imediata intervenção cirúrgica lhes assegurassem alguma probabilidade de sobrevida, enviava para o hospital improvisado ali em Sézanne, pois, o hospital já se encontrava repleto de feridos. Fora-lhe uma tarefa das mais cruéis, cujas páginas comovidas revelam o seu tormento, pois, os doentes compreendiam a situação e erguiam para ele um olhar de expressão jamais esquecida,

> olhar de infinito desânimo e súplica desesperada.

Utilizava a "*piedosa mentira*" de que nos ensinou o nosso imortal Miguel Couto e muitas vezes falava o linguajar das crianças para ser também entendido. Para Dumesnil era uma vigília mais angustiosa que um pesadelo, e diz:

> Quantas vezes, nessa noite, ali o desânimo e o pavor no olhar dos que não podiam partir, dos que meu gesto privava do que tinha sido toda a sua esperança durante horas de agonia, mais demoradas do que anos? Quantas vezes olhos condenados a se fechar para sempre à luz, dirigiram-me uma súplica que me torturava?

Lá estava, escreve Dumesnil,

> investido da função que maldizia porque ela me tornava mais do que um homem e, no entanto, um homem acabrunhado pelo cumprimento de seu inexorável dever.

E qual o dever desse médico militar? Não permitir o embarque daqueles que não podiam suportar uma longa viagem e enviar para o hospital de Sézanne somente os doentes estritamente recuperáveis; os demais tinham que permanecer ali esperando o desenlace, apenas assistidos e sedados pelos médicos. E surgia o dilema anterior e a dúvida em ter acertado os diagnósticos, na seleção realizada, e indagava o médico francês:

> Mas a minha opinião é infalível? Meus conhecimentos tão seguros que eu possa escolher sem duvidar um instante, sem refletir?

E após injetar uma dose de morfina em um ferido desenganado, que antes lhe suplicara para deixá-lo partir, o Dr. Dumesnil vendo-o adormecido, faz-lhe uma confissão, cuja bela página de súplica e de perdão, não podemos deixar de transcrever, na íntegra, pois, representa todo o sentimento e ternura do seu coração:

> Meu irmão, se me vês, se sabes que estou junto de ti, perdoa-me a recusa que inda há pouco tive de fazer ao teu desejo mudo, teu último desejo. Perdoa-me. Não sou um monstro; sou um homem como tu e que sofre porque compartilha o teu sofrimento. É verdade que não suportaria martírio igual ao teu. Comparado a ti sou um felizardo.
>
> Meu corpo está são e salvo e se move na plenitude da vida, enquanto os teus olhos se anuviam, a tua razão se escurece. Mas é minha razão que esta noite me faz sofrer, é este triste poder, do qual te julgaste vítima inocente, que me acabrunha. Ele não partiu de mim.

> Outrora, quando me iniciava na arte de aliviar a dor, não imaginava que chegasse o dia em que este saber penosamente adquirido causasse o meu suplício pelos seus limites e pela sua impotência. Desejaria ter a certeza de que fui para ti, esta noite, um pouco mais do que o médico do corpo e que eu soube abrandar tua aflição moral como acalmei tua carne dilacerada. Desejaria que tivesse sentido perto de ti, na falta da ternura materna que imploravas, a ternura fraternal que eu te oferecia.
>
> Compreendeste, não é assim? E levas, ao fechar os olhos para sempre, a imagem de um amigo debruçado sobre ti, de um amigo que não conhecias, mas que, no momento solene em que a Morte absolve de toda mentira, te deu sinceramente o que ele tinha de melhor em si.

Dumesnil recorda que no pátio em que se aglomeravam os feridos, duvidou poder desempenhar sozinho a tarefa de seleção, diante de tanta súplica, desespero, dor, gemido. E naquele exato momento havia entre os enfermeiros militares, o vigário de uma paróquia de Etampes, cujo desempenho de seu serviço de guerra não fazia esquecer a sua missão sacerdotal. Encontrava-se perto do médico militar e sentiu a sua angústia, seu sofrimento, suas dúvidas em face da limitação de sua ciência de curar. Chegou-se mais perto dele e disse-lhe:

> Tu quoque sacerdos, medite... Deus docet manus tuas.

Era o que faltava na "*alma do médico*" René Dumesnil, fortalecendo-o numa hora mais terrível do que o cenário de miséria e de dor da própria guerra...

* * *
* *
*

A Província de Mato Grosso, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, oferece em holocausto à Pátria, preciosas dádivas do Serviço de Saúde das Forças Armadas do Brasil, profissionais autênticos e heróis consagrados, cujos nomes deverão ficar eternamente em nossos corações e, principalmente, daqueles que tombaram no cumprimento do dever. Os heróis e mártires de Mato Grosso, se completam em nossa admiração e reconhecimento aos demais companheiros que na frente principal da guerra no Paraguai também foram sacrificados quando prestavam seus serviços profissionais aos nossos soldados e marinheiros (CASTRO SOUZA, 1937).

O Chefe do Corpo de Saúde da Esquadra em Operações no Paraguai, Cirurgião-Mor da Armada, Dr. Carlos Frederico Dos Santos Xavier Azevedo, diz em seu precioso livro (AZEVEDO, 1870), com a autoridade do cargo e o conhecimento ocular de quem esteve presente a todas as solicitudes da guerra:

> Foi o cirurgião militar, a par do soldado, um dos principais protagonistas desta memorável Campanha, porque foi este em quem o soldado e marinheiro encontravam lenitivo a seus sofrimentos, quando, tendo por leito a relva do campo e por abrigo a fraca barraca ou o convés do navio, era visto, dia e noite, depois de renhidos combates, ou curando-os dos seus honrosos ferimentos, ou expondo-se, quase sempre, aos resultados fatais de devastadoras epidemias.

Eis, a seguir, os nomes dos que merecem o tributo da eterna gratidão da Pátria, pelo dever cumprido em defesa da província de Mato Grosso:

- Ω 2° Cirurgião 2° Tenente, Dr. José Cândido de Freitas e Albuquerque – valente e bravo, cuja gloriosa morte, na Anhambhay, a 06.01.1865, representa o primeiro médico, mártir e herói da Guerra do Paraguai;

- Capitão 1° Cirurgião, Dr. Antônio Antunes da Luz – a primeira vítima do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, aprisionado pelos paraguaios, no vapor "*Marquês de Olinda*", vindo a falecer de inanição, a 06.12.1867, depois de um cativeiro cruel;
- Capitão 1° Cirurgião, Dr. Teófilo Clemente Jobim – extraviado na Retirada de Corumbá e capturado pelo inimigo e levado para o Paraguai, onde padece os horrores do cativeiro e falece vitimado pela cólera, em fevereiro de 1868;
- Capitão 1° Cirurgião, Dr. Benvenuto Pereira do Lago – um dos heróis da epopeia do Forte de Coimbra e extraviado a caminho de Cuiabá, quando foi feito prisioneiro dos paraguaios, tendo sucumbido em terras estrangeiras como autêntico mártir;
- Tenente 2° Cirurgião, Dr. José Antônio Dourado – atuou desde o início da guerra, em Mato Grosso, vindo a falecer por doença contraída em campanha, a 03.02.1868;
- Tenente 2° Cirurgião, Dr. Manoel João Dos Reis – aprisionado e levado para o Paraguai, quando enfrenta o pelotão de fuzilamento, no mês de janeiro de 1868, morrendo como mártir e seu pensamento voltado para a Pátria, para honra do Brasil e símbolo da medicina militar brasileira;
- Alferes Farmacêutico Tobias Alvim Do Amaral – falecido de beribéri ao sair da Vila de Miranda, quando viajava com licença a fim de recuperar-se na Corte [Rio de Janeiro];
- Alferes Farmacêutico Reginaldo José De Miranda – tombado no posto de honra na epidemia de varíola, em Cuiabá, depois de ter atuado em várias unidades sanitárias da guarnição de Mato Grosso, durante a guerra;
- Soldado João Pacheco Da Costa – da Companhia de Enfermeiros na Retirada da Laguna, vitimado no cumprimento sagrado do dever.

Estes heróis e mártires são pela vez primeira, relacionados e proclamados, enriquecendo e enchendo de orgulho a historiologia médica nacional, para ufania da Medicina Militar e glória da Pátria Brasileira. [...]

A Vida de Viajante
(Luiz Gonzaga e Herve Cordovil)

Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei.

Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação
E alegria no coração. [...]

Antonio João Ribeiro

O Correio da Manhã n° 13.541, de 29.12.193, publica um excelente artigo enaltecendo os Heróis de Laguna e Dourados e faz uma sintética biografia do 1° Tenente de Cavalaria Antônio João Ribeiro:

Correio da Manhã n° 13.541
Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 29.12.1938

Resgata-se uma Dívida de Gratidão – Uma Síntese Histórica da Bravura de Antônio João e do Espírito de Sacrifício dos Retirantes da Laguna

O Brasil celebra hoje, num só monumento, duas façanhas heroicas: a morte de Antônio João, comandante da Colônia Militar de Dourados e a Retirada da Laguna, em plena Guerra com o Paraguai. Episódios distintos e separados um do outro por um espaço de mais do dois anos, eles se confundem, entretanto, no mesmo esplendor o no mesmo espírito de sacrifício pela Pátria.

Para síntese dos acontecimentos memoráveis escolheu-se a figura do maravilhoso Tenente no dia da sua morte, enfrentando com 15 homens uma Força aguerrida que invadia o nosso território. É o primeiro capítulo da história daquela, luta titânica que durou cinco anos, escrito com sangue numa região deserta da fronteira, dando aos contemporâneos e aos pósteros o exemplo da intrepidez e da consciência cívica do nosso soldado. Começa aí, de forma galharda, o drama desencadeado no solo americano pela tirania lopista.

Estamos a 29.12.1864. Dourados é uma Colônia Militar de vigilância brasileira, um posto avançado nas raias da Pátria, nada mais do que isso. Um alojamento fosco, alguns casebres esparsos, uma dúzia de homens sob o comando do um Tenente e nada mais.

Em torno o deserto, o desconhecido, a desolação sem limites. É um ponto vulnerável para a investida do inimigo. Com ímpeto e um magote de soldados, os paraguaios, por aí pisaram a nossa terra para a invasão. Mas Antônio João à testa de 15 bravos está vigilante. Com eles vivos não passarão os paraguaios.

O Depoimento do Inimigo

Do livro "*Antônio João*", do General Valentim Benício da Silva, a única obra completa sobre a personalidade do herói de Dourados escrita até hoje e na qual se encontra o que foi possível obter a respeito da sua vida, vamos citar alguns trechos que dizem eloquentemente do episódio magnífico.

Começaremos pelo testemunho do próprio inimigo, mais valioso do que qualquer outro no caso, porque reproduz a proeza com detalhes que só mais tarde o conhecimento dos fatos nos papeis oficiais brasileiros confirmou.

> Da veracidade do episódio

afirma o brilhante historiador militar

> fala-nos porém o testemunho insuspeito do próprio inimigo. O nosso Instituto Histórico e Geográfico conserva intacta a coleção da folha paraguaia "*El Semanario*" publicada em Assunção antes e durante a guerra da Tríplice Aliança. É a esse precioso documento que vamos recorrer.

Sábado 7 de Enero de 1865. ASUNCION. Número 559

CONDICION DE LA SUSCRICION.
Por cada 12 números 10 reales
Número suelto un real
Sale todos los sábados.

EL SEMANARIO
DE
AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES

CONDICION DE LAS INSERCIONES
Se inserta toda clase de anuncios comunicados garantidos, á precio convencional.
Los artículos de interes general gratis

Año XII. ADMINISTRACION GENERAL En la Imprenta Nacional. Calle del Sol, N. 46. Cuarta época.

¡ VIVA LA REPUBLICA DEL PARAGUAY !

Señor Ministro :

Con el debido respeto tengo el honor de dar parte á V. E., de que el 29 del que espira, he llegado en esta Colonia de los Dorados sin que fuese sentido por ningun individuo, y siendo divisado á corta distancia oí tocar una corta llamada, y tomando armas, marchó el Comandante con algunos hombres de resguardo; el Teniente de infantería Ciudadano Manuel Martinez, que llevaba el ataque, le requirió de rendirse y respondió el Comandante brasilero que en caso de traerle órden del Gobierno imperial, se rendiría, y sino, no lo haría de ninguna manera.

Con esta respuesta, pronto se trabó el combate, y el Comandante de Dorados, Teniente Antonio Juan Riveros, cayó con las primeras balas, lo mismo que dos individuos mas, huyendo lo restante para el monte del arroyo de donde fueron recogidos en número de doce, incluso un herido y un cabo, habiendo escapado lo demas de la guarnicion con el 2.º Comandante.

De la tropa de mi mando solo el Teniente Ciudadano Benigno Dias ha recibido una contusion, y un soldado de infantería herido.

Tengo el honor de acompañar á V. E. la cuenta de armas tomadas en este punto.

Por las declaraciones y por los papeles que he tomado se vé que hace mas de dos meses que este punto estaba avisado de retirarse, cuando alguna fuerza paraguaya apareciere, siendo, segun parece, esta disposicion general en los otros destacamentos.

Dios guarde a V.E. muchos años. Colonia de Dorados Diciembre 30 de 1864.

MARTIN URBIETA

A. S. E. el Señor Ministro de Guerra y Marina.

Imagem 25 – El Semanario n° 559, 07.01.1865

Em 31.12.1864, "*El Semanario*" estampava uma proclamação do Francisco Solano López a seus soldados. Em certo ponto dizia o ditador:

> *Por momentos se espera en la Asunción las noticias de triunfo obtenido sobre las fuerzas brasileñas de Coímbra, Miranda y Dorados donde deben operar las fuerzas nacionales. Esta ansiedad preocupa hoy vivamente al pueblo, es de creerse que no se dejará esperar muchos días sin que hayan pormenores de las operaciones de nuestros bravos y valerosos soldados*.

Coimbra, Miranda, e Dourados são os pontos visados pelo ditador em seu plano de operações pelo sul de Mato Grosso.

E efetivamente, passa-se apenas uma semana e o mesmo hebdomadário transcreve, na edição de 07.01.1865, a seguinte comunicação de Urbieta ao governo paraguaio:

¡Viva la República del Paraguay!

Señor Ministro

Con el debido respeto tengo el honor de dar parte a V. E., de que el 29 del que espira, he llegado en esta Colonia de los Dorados sin que fuese sentido por ningún individuo, y siendo divisado á corta distancia oí tocar una corta llamada, y tomando armas, marchó el Comandante con algunos hombres de resguardo; el Teniente de Infantería ciudadano Manuel Martinez, que llevaba el ataque, lo requirió de rendirse y respondió el Comandante brasilero que en caso de traerle orden del Gobierno Imperial, se rendiría, y si no, no lo haría de ninguna manera.

> Con esta respuesta, pronto se trabó el combate, y el Comandante de Dorados, Teniente Antonio João Ribeiro, cayó con las primeras balas, lo mismo que dos individuos mas, huyendo lo restante para el monto del arroyo, de donde fueron recogidos en número de doce, incluso un herido y un cabo, habiendo escapado lo demás de la guarnición con el segundo comandante.
>
> De la tropa de mi mando solo el Teniente ciudadano Benigno Días ha recibido una contusión, y un soldado de infantería, herido. Tengo el, honor de acompañar á V. E. la cuenta de armas tomadas en esto punto. Por las declaraciones y por los papeles que he tomado se ve que hace más de dos meses que este punto estaba avisado de retirarse, cuando alguna fuerza paraguaya apareciere, siendo, según parece, esta disposición general en los otros destacamentos.
>
> Dios guarde a V. E. muchos anos. Colonia, de Dorados, Diciembre 30 de 1864.
>
> Martin Urbieta
>
> A. S. E. el Señor Ministro de Guerra y Marina

Aí está, relatado, pelo inimigo vitorioso, o sacrifício espontâneo do soldado brasileiro. Tinha ordem de retirar-se, preferiu desobedece-la. Podia fugir: preferiu resistir no seu posto. Podia render-se ao número, preferiu lutar. Podia retirar-se combatendo, preferiu morrer. Da narrativa brasileira difere a informação paraguaia: com Antônio João apenas dois companheiros tombaram, outros doze fugiram para o mato, mas foram logo "*recolhidos*". Mas quem sabe do furor sanguinário dos nossos inimigos, bem pode avaliar a sorte dos doze prisioneiros de que nunca mais houve notícias.

Talvez não tenham tombado ao lado do Antônio João, mas certamente a sorte inglória não lhes terá preservado do golpe com que morriam, "*de morte natural*", os que caiam nas garras do bárbaro invasor. Mas o que importa, desta narrativa autêntica, é a homenagem de respeito com que o vencedor confessa o heroísmo do vencido.

Não pode haver melhor nem mais eloquente testemunho.

O Glorioso Episódio

Como chegou até nós a narrativa desse episódio, tal como o conhecemos em toda a sua beleza? ... O General Valentin Benício, ao compor a sua biografia, rebuscou todas as fontes. Percorreu os lugares sagrados onde tombaram os heróis, ouviu pessoas que poderiam dizer qualquer coisa de novo. Conversou com o tio Vieira, José Francisco Vieira, um velho rústico morador da localidade, homem da época, mas desmemoriado.

O Visconde de Taunay que descreveu com minúcias a Retirada da Laguna, de que participou, pouco se refere a Dourados, no

seu livro "*Histórias Brasileiras*". Mas de alguma coisa serviu a indagação do General Benício. Serviu para confirmar a veracidade da descrição feita pelo falecido General Joaquim Silvério de Araújo Pimentel no seu livro "*Episódios militares*".

E evidentemente o autor serviu-se de documentos autênticos, que ele cita e foram seus guias na reconstituição do sacrifício da Guarnição de Dourados, de que só sobreviveu uma testemunha, cujo destino parece apagado no anonimato que costuma ocultar os modestos sobreviventes aos lances épicos.

Assim, reproduziremos aqui a narrativa que nos parece mais verosímil, a que mais de perto coincide com informações de outras fontes e a que tem a autoridade do escritor da época, consagrado aos feitos que foram padrão de glória dos nossos antepassados na Guerra que sustentamos contra a tirania de Solano López.

Eis como o General Pimentel descreve o episódio heroico:

> Antonio João Ribeiro, de quem se trata no presente capítulo, era Tenente de Cavalaria, comandante da Colônia Militar de Dourados, na Província do Mato Grosso. A 28.12.1864 teve notícia de que um destacamento do exército paraguaio, comandado pelo Coronel Barrios[118] [cunhado do ditador López], invadira pelo sul, aquela Província Brasileira, sem ter para isso havido previa declaração de guerra.
>
> Uma explosão de santa indignação patriótica expandiu-se em sua alma, depois de ter sentido nela penetrar o encurvado espinho das terríveis novas de tão covarde e audaciosa invasão. Formulou na patriótica mente a quantiosa ([119]) soma de energia que os defensores do Forte do Coimbra deviam ter gasto, para depois se verem na extrema necessidade de abandoná-lo. Mediu o alcance magistral e estratégico da gloriosa retirada dessa centena de brasileiros que puderam iludir a vigilância, o cerco posto pelo inimigo à praça para deixá-lo pasmado da ousadia do feito; compreendeu depois qual a raiva e o furor do atacante ao ver-se logrado por algumas dúzias de homens que defenderam

[118] Juan Felipe Barrios López. (Hiram Reis)
[119] Quantiosa: considerável. (Hiram Reis)

um Forte esfacelado, e, somando tudo isso, admirado de tanto valor, formou seu pequeno Destacamento de 16 homens.

Tomou dentre eles o que mais confiança lhe inspirou. Escreveu a lápis num pedaço de papel aquele tesouro de patriotismo, ordenando-lhe que a toda pressa, custasse o que custasse, fosse levar a notícia da invasão ao Tenente-coronel Dias da Silva, comandante do Regimento de Cavalaria da Província. Em seguida, mandou prevenir aos habitantes da Colônia Militar do Dourados do perigo que os ameaçava.

Ponderou-lhes que deviam fugir, quanto antes, levando o que de melhor possuíssem; que ele, Antônio João, ali ficava para demorar a marcha triunfal do inimigo [pois que obstá-la era impossível], até dar tempo de pôr-se a salvo a pequena povoação do local. Cerca do oitenta pessoas, em cujo número mais de setenta eram velhos, mulheres e crianças, aterrorizados e precipitadamente, mesmo obrigados por Antônio João, evacuaram de momento a Colônia.

Sumindo-se o último habitante dela no recinto longínquo do mato, onde se embrenhou, Antônio João sorriu de satisfação, murmurando talvez em sua consciência:

– Bem. Está cumprida a primeira parte de meu dever; a salvação das famílias dos colonos. Agora... resta-nos a resistência e a morte!

Olhou em seguida para seus quinze companheiros de armas. Que mundo de pensamentos não lhe afluiria na alma em tão supremo e soleníssimo momento? Que série de sentimentos desencontrados lhe não faria bater com violência o coração?

Só o sabem Deus e o túmulo onde gloriosamente jaz.

* * *
* *
*

Tomou da espada e... formou toda a Força que comandava. Quinze homens apenas!

Com sua pessoa completava o número de dezesseis defensores! É provável que ele tivesse dito a seus companheiros:

– Soldados e amigos. Sabeis já que os inimigos da Pátria, à falsa fé ([120]), estão de posse e dominam toda a região fluvial, do Rio Paraguai e São Lourenço, até a embocadura do Cuiabá, Coimbra, Corumbá, e outros pontos são deles. Sabei mais, que marcham contra a Colônia, Militar de Dourados, confiada à vossa guarda e defesa.

  Eles contam-se por centenas, ou talvez milhares. Nós somos dezena e meia. Não podemos pensar em uma vitória por nosso lado. Toda a resistência que opusermos será apenas inicial, impotente. Devemos sucumbir à primeira descarga que contra nossos peitos dirigem. Quereis morrer pela Pátria e pela honra do Brasil?

Que responderiam aqueles quinze condenados a se deixarem esmagar pelo número e fuzilar pelas armas? Mistério! Ninguém o sabe, porque nenhum desses heróis sobreviveu a tão grande e gloriosa prova de resignação militar.

---

[120] À falsa fé: traiçoeiramente. (Hiram Reis)

* * *
* *
*

No dia 29.12.1864, portanto vinte e quatro horas depois que Antônio João tivera conhecimento do fato, o Capitão Urbieta, comandando a Expedição que devia atacar Dourados, apresentou-se à frente de 250 homens, mandando intimar aquele para que se rendesse.

– Traz ordem do Governo Imperial para que eu me renda, ou entregue a Praça?

– Não; mas trazemos 250 homens para tomá-la à força das arma.

– Então, meus senhores,

respondeu o Tenente da cavalaria brasileira,

– retirai-vos. Enquanto me bater este coração, filho do País em que pisais, só obedeço a intimação de meus próprios chefes e superiores!

E, voltando-se para seus companheiros, bradou:

– Preparar! Apontar!

E a uma descarga de 16 tiros respondeu uma descarga de 250 armas, e outra, e outra, cessando a fuzilaria porque não havia mais quem a ela respondesse.

* * *
* *
*

Os paraguaios entraram na Colônia, voz em grita ([121]), triunfantes, onde acharam estendidos em linha 16 corpos do militares brasileiros. Mas... o cadáver de Antônio João, com um sorriso de desdém e desprezo que lhe pairava ainda no canto da boca, parecia repetir aquelas patrióticas palavras que são o monumento da honra e do patriotismo brasileiro:

– *Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria.*

De Onde Veio Antônio João

Quando morreu, Antônio João, tinha 39 anos, pois nascera em Poconé, Mato Grosso, em 24.11.1825, filho de Manoel Ribeiro de Britto e Rita de Campos Maciel.

Procurando recompor a sua árvore genealógica, o General Valentim Benício escreve:

Antônio João é ainda hoje um mistério. Pouco se sabe dos ascendentes e os descendentes desapareceram em lamentável penumbra. Parece que foi exceção na família, o único na história nacional. Do casal Ribeiro de Brito Campos Maciel houve apenas dois filhos, Antônio João e Anna Rondon de Arruda.

Vagas informações de família, a custo arrancadas a um mutismo explicável, permitiram-nos há pouco, ao desaparecer o único filho de Antônio João construir uma, árvore genealógica, consoante dados fornecidos por um de seus netos, Ezequiel Pompeu Ribeiro de Siqueira.

---

[121] Voz em grita: com grande alarido.

Nessa árvore aparece o casal Antônio João – Anna Maria. É uma história de amor que apenas referimos, justificativa das dificuldades que encontramos na busca de informações, sintomas do temperamento ardente e apaixonado do herói de Dourados, quiçá precioso elemento para um estudo mais acurado a que não nos aventuramos. De Antônio João ficou apenas um filho – Thomé Ribeiro de Siqueira – falecido em 14.08.1937, na capital do Estado do Mato Grosso. De seus netos, provenientes do casamento de Thomé Ribeiro de Siqueira com sua prima Franklina Ribeiro de Siqueira, restam três – Antônio João, Jacintho e Ezequiel Pompeu Ribeiro de Siqueira.

A vida modesta de seus descendentes não deixa perceber continuadores de um temperamento arrebatado e afeito a lances que só repetiram, incontidos no amor, arrojados no convívio social, decisivos na ação profissional, inflamados em nobre civismo, coroados de magnífica renuncia no momento supremo do sacrifício espontâneo. De onde lhe vieram virtudes excelsas só nele conhecidas? É uma incógnita cujo valor não nos foi dado determinar.

A distância do meio em que vivem seus descendentes, o pouco interesse dos historiadores e a imperdoável modéstia, quase displicência, de sua própria estirpe, tudo concorre para que se conserve misteriosa a vida de um brasileiro digno da maior glorificação, da mais sublime e meritória exaltação. Os ligeiros traços que aqui deixamos talvez conduzam ao caminho largo da verdade histórica e à significação psicológica do extraordinário feito a custo arrancado à poeira dos arquivos, ao silêncio das paragens remotas que lhe não repetem os ecos.

"Sei que morro, mas o meu
sangue e o de meus com-
panheiros servirá de
protesto solene contra a
invasão do solo de minha
Patria."

Antonio João

Imagem 26 – Antônio João (SANTOS MEYER)

Talvez um dia o viandante descuidado possa ouvir, naquelas quebradas e coxilhas, o mesmo brado que os espartanos esculpiram para a eternidade na rocha das Termópilas. E a História terá pago uma dívida sagrada, cujo vencimento ela só admite no perpassar dos séculos.

Vale a pena contar, em resumo, uma historieta oriental, em que aparece um herói moço que teve como prêmio das suas proezas que salvaram um reino o posto de generalíssimo e a filha do rei em casamento.

Ao celebrar-se a cerimônia nupcial, segundo as praxes do reino, um arauto proclamou alto as origens da noiva. Ao ter de fazer o mesmo com o noivo calou-se. Não tinha o que dizer. O herói então tirou-o do embaraço e exclamou desembainhando a espada:

– Sou filho desta espada. Número 1 da sua dinastia.

Houvesse Antônio João sobrevivido ao lance em que pereceu e talvez dissesse a mesma coisa. Porque ele foi também o número um – e sem sucessão – na história da nossa bravura militar. (CORREIO DA MANHÃ N° 13.541)

O Ministério do Exército publica, em 29.12.1964 1ª Edição), uma publicação comemorativa à heroica defesa da Colônia dos Dourados, denominada Antonio João, de autoria do Ten Cel Walter dos Santos Meyer. Nesta biografia encontramos a Fé de Ofício de Antônio João Ribeiro:

Ministério do Exército, SGEx
Imprensa do Exército
Rio de Janeiro, RJ, 1969

Antônio João
(Ten Cel Walter dos Santos Meyer)
*** 2ª Edição ***

Anexo
Fé de Ofício de Antônio João Ribeiro
(Pasta I-18-7 do Arquivo do Exército)

Lucio Ribeiro d'Almeida Raposo, Major do Corpo de Cavalaria de Mato Grosso, e Comandante interino do mesmo.

Certifico que do Livro Mestre que serve de registro dos assentamentos das praças do referido Corpo, tem o oficial abaixo declarado os do teor seguinte.

Segunda Companhia

Alferes Antonio João Ribeiro, filho legítimo de Manoel Ribeiro de Brito, natural de Poconé, Província de Mato Grosso, nasceu em 1823, solteiro, altura sessenta e quatro polegadas ([122]), cabelos pretos e lisos, rosto comprido e claro, olhos pretos, barba pouca e preta.

Promoções:

Em 1841 – Assentou praça voluntariamente no 12° Batalhão de Caçadores da Província de Mato Grosso a 06.03.1841, Cabo em primeiro de abril do dito ano; Furriel a três da agosto do sobredito ano.

Em 1842 – Segundo Sargento em 01.01.1842.

Em 1845 – Primeiro Sargento em 01.05.1845.

Em 1849 – Sargento Ajudante graduado a 22.03.1849.

Em 1852 – Alferes por Decreto de 29.07.1852.

Nomeações:

Em 1841 – Passou para o Batalhão Provisório a 24.11.1841

---

[122] 64 polegadas = 162,56 cm.

Em 1843 – Para o Corpo Fixo de Caçadores em 01.04.1843.

Em 1844 – Para o 1° Corpo Fixo em 01.11.1844.

Em 1847 – Para o Corpo Fixo de Caçadores em primeiro de março de mil oitocentos e quarenta e sete.

Em 1849 – Para o Corpo Fixo de Cavalaria Ligeira em 22.05.1849.

Em 1851 – Para o Corpo de Cavalaria de Mato Grosso em 07.10.1851.

Movimentações:

Em 1842 – Destacou para a Fronteira do Baixo Paraguai a 18.06.1842.

Em 1844 – Recolheu-se a 03.10.1844.

Em 1846 – Marchou a comandar o Destacamento dos Dourados no Baixo Paraguai em 08.06.1846.

Em 1848 – Seguiu para a Fortaleza de Coimbra a 02.03.1848, e recolheu-se a dezoito de maio do dito ano. Marchou em diligencia ao Distrito Militar de Mato Grosso em 01.07.1848, e apresentou-se a nove de setembro do mesmo ano. Marchou em diligência ao Distrito Militar de Villa Maria a doze do dito mês, e apresentou-se a cinco de outubro do mesmo ano.

Em 1849 – Seguiu a comandar o Destacamento dos Dourados a 06.05.1849.

Em 1850 – Recolhendo-se à Cuiabá a 31.05.1850, tornou a seguir destacado à Fronteira do Baixo Paraguai.

Em 1851 – Marchou em diligência à Corte do Rio de Janeiro a 21.01.1851, onde foi adido ao 1° Regimento de Cavalaria Ligeira a vinte nove de abril do referido ano. Por Aviso da Repartição da Guerra de vinte e oito do dito mês, foi admitido como ouvinte da Aula Militar, onde obteve o grau três em aritmética, dois em francês e um em geografia.

Em 1852 – Por Aviso da Repartição da Guerra de quinze e ofício do Quartel General de 17.07.1852, foi mandado chamar para o serviço por ter sido inabilitado do exame de suficiência ao primeiro ano da Escola Militar.

Em 1853 – Recolheu-se ao Corpo estacionado em Villa Maria a 26.01.1853.

Licenças:

Em 1842 – Registradas por três meses a 08.04.1842: presente a 09.06.1842.

Em 1848/49 – Por três meses a 21.10.1848; presente em 01.02.1849.

Prêmios e Castigos:

Em 1853-55 – No Livro de Prêmios e Castigos consta o seguinte: Foi preso, em 13.07.1853, por ter saído fora do Exército sem licença, solto no mesmo dia. Foi preso em vinte e cinco por responder ao Capitão comandante, estando debaixo de forma; solto em vinte e seis do dito mês. Preso a vinte e sete de novembro e recolhido à capital a quatorze de dezembro tudo do dito ano, pelo ferimento feito na pessoa do Capitão Francisco d'Assiz Machado Bueno.

Respondeu a Conselho de Guerra, e sendo absolvido pelo mesmo em 23.02.1854, foi reformada a sentença, e condenado a um ano de prisão pelo

Conselho Supremo Militar de Justiça de vinte e um de junho do mesmo ano; solto em 21.06.1855, e destacou para a Fronteira do Baixo Paraguai em vinte e oito de novembro do dito ano.

Nada mais consta dos seus assentamentos aos quais me reporto; em firmeza do que mandei passar a presente, em que me assino, e vai selada com o sinete do Corpo.

Quartel em Villa Maria, 07 de novembro de 1856. E eu o Tenente Antonio Maria Xavier, Secretário interino que a subscrevi e conferi.

Lucio Ribeiro d'Almeida Raposo

O que acima transcrevemos é a Fé de Ofício existente no Arquivo do Exército. Pode ser complementada oficiosamente utilizando-se o que publicaram Armando de Arruda Pereira [Heróis Abandonados! – São Paulo, 1925]; Valentim Benício da Silva [Antonio João – Bibliex, 1928) e Walter Spalding [A Invasão Paraguaia no Brasil – Cia. Editora Nacional, 1940].

– **Em 1857** – Foi elogiado em ordem do dia n° 83 do Comandante das Armas pelo bom resultado da Comissão de que foi incumbido de afugentar do sertão desta Província os índios bravios que infestavam a sua estrada sabendo conduzir uma escolta composta de quarenta praças de linha sob seu comando em 28.11.1857.

– **Em 1858** – Recolheu-se ao Corpo a 26.01.1858; marchou com o mesmo e para o Distrito Militar de Miranda em primeiro de maio do mesmo ano onde chegou a treze do dito.

- **Em 1859** – Foi nomeado pelo Presidente da Província para ir comandar o 9° Destacamento de São Lourenço pelo que seguiu para Cuiabá a 02.06.1859, onde ficou adido ao 2° Batalhão de Artilharia a Pé até primeiro de julho do mesmo ano, quando partiu para seu destino.

- **Em 1860/61** – Foi desligado do mesmo Batalhão, em 01.10.1860, para recolher-se ao Corpo ao qual apresentou-se a 04.01.1861; passou a exercer as funções de Agente por eleição do Conselho Econômico a sete do dito mês e ano.

  Por ofício do Comando das Armas desta Província n° 19 de 28.02.1861 foi ordenado que se averbasse em seus assentamentos a seguinte nota:

- Tem a seu favor as vantagens do artigo oitavo da Lei de 18.08.1852 desde 26.01.1853 até vinte e sete de novembro do mesmo ano em que foi preso e de 21.06.1855 em que foi solto até 30.07.1856 em que foi extinta a mesma Lei.

- Deixou o exercício de Agente em 01.07.1861.

- **Em 1862** – Marchou em diligência aos Campos da Fronteira de Miranda ao encontro da partida paraguaia que invadiu o nosso território comandada pelo Tenente da República Pedro Pereira, a fim de fazê-la retirar-se a 12.02.1862; recolheu-se, a vinte e três e a vinte e sete tudo do mesmo mês e ano, e seguiu em tomar o comando da Colônia Militar dos Dourados;

- **Em 1863** – Por aviso do Ministério da Guerra de 02.07.1863 foi louvado e agradecido pelo Governo Imperial pela oferta que fez de uma parte de seus vencimentos para as urgências do Estado.

Finalmente, pode esta Fé de Ofício ser completada com o seguinte:

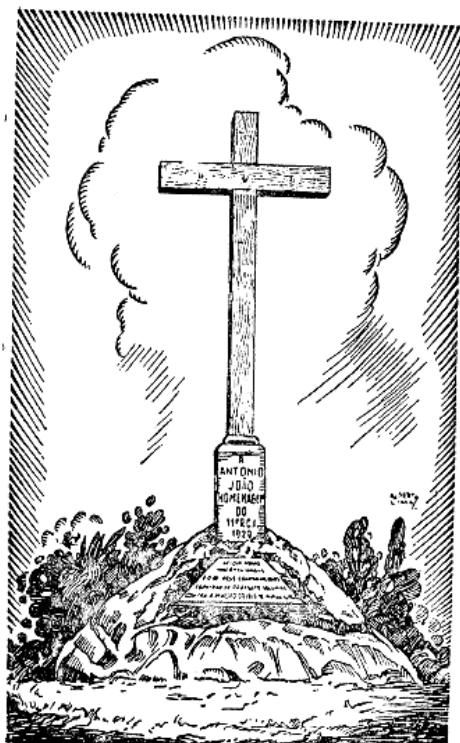
- **Em 1865** – A 06.11.1865, a ordem do dia n° 482 da Repartição do Ajudante-General da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra comunicava o falecimento do Sr. Tenente do Corpo de Cavalaria da Província de Mato Grosso Antonio João Ribeiro em ataque com os paraguaios na Colônia dos Dourados, por ocasião da invasão da mesma Província. (SANTOS MEYER)

"Cruzeiro em homenagem a ANTONIO JOÃO erigido no próprio local de seu heroico feito, Colônia dos Dourados, MT, por iniciativa do então Major Valentim Benício da Silva, Cmt do 11° RCI e inaugurado a 28.10.1929"

Imagem 27 – Antônio João (SANTOS MEYER)

Ode
A Affonso de Albuquerque
(João Ignácio da Silva Alvarenga)

I

Onde, ó Musa, me levas inflamado?
Onde me guia teu furor divino?
Em transportes de gosto arrebatado
A curva lira afino
Da África vejo os ásperos lugares,
Vejo rasgados nunca vistos mares.

II

Ondeando as reais altas bandeiras
Vê o assustado Ganges; treme a terra
Ao rouco som das tubas pregoeiras
Da turbulenta Guerra.
Eis que medroso ouvindo o Oriente,
Treme de susto o Samorim ([123]) potente.

III

Em denso fumo envolto, ardendo em ira
Vomita o bronze a sibilante bala,
O triste horror por toda a parte gira;
Altos muros escala
O invicto Affonso, e os Naires ([124]) belicosos
Do largo ferro fogem temerosos.

IV

Partida a longa barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabeludo
Lhe ondeia com a vista enfurecida.
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada;
Ásia já mostra a face ensanguentada.

---

[123] Samorim: título do antigo rajá de Calicute, na Índia.
[124] Naires: nobres militares indianos do Malabar.

V

Dentre os espessos bárbaros alfanges
Vejo arrancar os louros vencedores;
Fogem cortadas, tímidas falanges.
Dentre mortais clamores,
Do guerreiro Albuquerque nome, e glória
Vejo subir ao templo da memória

VI

Volta ó grande Orfação ([125]) o rosto irado
A guerreira cidade vejo aflita
Cair sobre seu sangue derramado,
Domada à fúria invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O colo oferece à áspera corrente.

VII

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos exilados,
Pernas e braços inda palpitantes,
Nos mares descorados.
"Guerra! Guerra!" já ouço em toda a parte
Bradando irado o lusitano Marte.

VIII

A tragadora chama crepitante,
Sobre as asas do fumo suspendida,
Sobe a lamber os ares vacilante,
Mas cai enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro efeito
Volve no imundo pó o aflito peito [...]

---

[125] Vila de Orfação. (Hiram Reis)

Mello, o Bravo!!!

[...] abdicando então à terra, precedeu-se ao desembarque no Bananal, antes do Sará e, desenvolvendo qualidades excepcionais de energia e espírito de ordem, que de pronto lhe asseguraram as regalias de completa força moral sobre aquela coluna de fugitivos, preparou-se para seguir pausadamente e com toda cautela pelos pantanais de São Lourenço em direção à capital Cuiabá. O que foi aquela terrível marcha durante quatro meses, por pauis quase invadeáveis, em solo sempre encharcado, cortado de fundos corixos, na estação mais rigorosa do ano, debaixo de contínuos aguaceiros, por lugares nunca transitados, sem guia, vencendo enormes distâncias e rios caudalosos, que todos deviam transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais débeis e retardatários, passa os limites da descrição. Só mesmo alma de herói, empenhada em sacrossanta missão. Sabia que, nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos, dependiam só e unicamente da sua serenidade e coragem e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfalecimento as mais cruéis e desesperadoras conjecturas. Também severíssima e meticulosa disciplina reinava naquela mísera coluna, a que se haviam juntado não poucos índios Terenos, Laianos, Quiniquináos e Guanás; e os castigos não eram poupados ao mais leve delito – caso de salvação pública. (TAUNAY, 1891)

Mello, o Bravo
(D. Francisco de Aquino Correia)

Quando, à frente do povo imenso e belo
De mulheres, crianças e anciões,
Que salvaras do exílio e do cutelo,
Através de cem léguas de sertões,
Entraste, como um Cid o mais singelo,
Na cidade a sorrir-te em mil festões,
A alma da Pátria sobre ti, ó Mello,
Vibrava em beijos, festas e canções.

Foi ela, pela mão de uma menina,
Quem, nessa fronte heroica e peregrina,
Pôs-te um nimbo de pétalas triunfais.
Mas, hoje, é a deusa rútila da Glória,
Que, do Panteão na cátedra marmórea,
Impõe-te a láurea em flor dos imortais!

***

Preza aos céus que o bom senso, e gratidão nacional, que hoje colhe neste continente do Império os frutos de vossos suores, não só bendiga a mão benéfica que lhe os liberta, como também recompense devidamente, um dia, tão valiosos quão relevantes serviços!
(Dr. José da Costa Leite Falcão)

***

Não poderíamos deixar de exaltar a excepcional figura do Tenente João de Oliveira Mello, destacando-se as qualidades de liderança, coragem e desprendimento, demonstrados anteriormente, mas reafirmados da desassombrada atitude, abandonando uma retirada segura, para reunir-se àqueles que necessitavam dele e guiá-los a seu destino: jornadas pontilhadas de tremendas dificuldades e perigos: imaginemos aquela marcha, através dos pantanais de Corumbá, São Lourenço e Cuiabá.
(General Breno Borges Fortes)

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO
DE MATTO-GROSSO

ANNO IX 1927 NUMEROS XVII E XVIII

Relatorio apresentado pelo
2º Te. João de Oliveira Mello
acerca de sua viagem de
Corumbá á Capital
(1865)

Nº 130 — Illmo. e Exmo. Snr. Em observancia do despacho de V. Exca. de 4, exarado no officio datado de 3, tudo do corrente, do Tent. Cel. Commte. da Guarnição desta Capital, cobrindo o relatorio apresentado pelo 2º Tenente do Corpo de Artilharia da Provincia João de Oliveira Mello acerca da sua viagem pelos pantanaes do Baixo Paraguay até esta Capital, passo a informar com o que me occorrer.

Imagem 28 – RIHMT nº 14, 1927

O Comandante das Armas, Coronel Carlos Augusto de Oliveira, apoiado pelo seu Estado-maior, embarcou suas tropas no "*Anhambahy*", no "*Jaurú*", na escuna argentina "*Jacobina*" e outras pequenas embarcações partindo para Cuiabá abandonando covardemente a população local e soldados remanescentes à própria sorte. O Tenente João de Oliveira Mello, se apresenta, então, voluntariamente, para conduzir os desprotegidos para Cuiabá. Foi uma penosa marcha de quatro meses, percorrendo quase 500 km, conduzindo militares, civis, idosos, mulheres e crianças enfrentando todo o tipo de privações por uma rota desconhecida e cheia de obstáculos. Quando Mello e sua maltrapilha e famélica multidão chegaram à capital da Província foram recepcionados entusiasticamente pelo Presidente da Província, diversas autoridades políticas e eclesiásticas e uma considerável massa popular.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) N °14 reproduz, no ano de 1927 (Tomos XVII e XVIII) o Relatório do Tenente Mello:

Tenente João de Oliveira Mello

Relatório Apresentado pelo 2° Ten João de Oliveira Mello Acerca de sua Viagem de Corumbá à Capital (1865)

N° 130 – Ilm° e Exm° Sr. Em observância do despacho de V. Exª de 4, exarado no ofício datado de 3, tudo do corrente, do Ten Cel Cmt da Guarnição desta Capital, cobrindo o relatório apresentado pelo 2° Tenente do Corpo de Artilharia da Província João de Oliveira Mello acerca da sua viagem pelos pantanais do Baixo Paraguai até esta Capital, passo a informar com o que me ocorrer.

Pouco poderei dizer acerca das diversidades das circunstâncias em que se achou este oficial, pois que não mais o vi desde a saída da Povoação de Corumbá no dia 2 de janeiro último.

Sei que estando ele a bordo do vapor "*Anhambahy*" – naquele dia passara para da Escuna, como refere, mas tendo largado o vapor o porto de Corumbá, ignoro o que então ocorrera: certo é que mesmo durante minha viagem para esta Capital sabia-se por notícias de algumas particularidades que refere no seu relatório.

Na minha opinião entendo que este Oficial prestou muito bons serviços, nas circunstâncias em que se achou, e por isso digno de toda a consideração. Se me é grato ter assim de exprimir-me acerca deste Oficial e também dos 2ºˢ Tenentes Manoel Joaquim de Paiva e João Izidoro Chaves pelo procedimento louvável que tiveram, reconhecido por aquele, pesa-

me dizer que o que vem referido acerca do 2° Tenente Antônio Paulo Corrêa o coloca na posição da mais severa censura.

Entendo que as despesas feitas pelo referido 2° Tenente Mello com transporte de sua numerosa comitiva devem ser pagas pela Fazenda Pública.

Nada mais me ocorre dizer acerca do referido Relatório. Deus Guarde a V. Exª – Quartel do Comando das Armas de Mato Grosso em Cuiabá, 10.05.1865. – Ilm° Exm° Sr. Brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Presidente desta Província – Carlos de Moraes Camisão, Tenente-Coronel Comandante interino.

Conforme

Joaquim Felicíssimo d'Almeida Louzada

Ilm° e Exm° Sr. – Tenho a honra de passar às mãos de V. Exª o incluso Relatório, que acaba de apresentar-me o 2° Tenente do Corpo de Artilharia da Província João de Oliveira Mello, das ocorrências havidas em sua viagem de Corumbá a esta cidade com a Força que comandava. – Deus Guarde a V. Exª Quartel do Comando da Guarnição da Capital, 03.05.1865. – Ilm° e Exm° Sr. –. General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Digníssimo Presidente desta Província. – Leopoldino Lino de Faria, Tenente-Coronel Comandante da Guarnição. – [Despacho] – Informe com urgência o Sr. Tenente-Coronel Comandante das Armas interino com o que lhe ocorrer acerca do relatório junto. Palácio do Governo de Mato Grosso, 04.05.1865. A. de Carvalho.

Conforme

Joaquim Felicíssimo de Almeida Louzada

Ilm° e Exm° Sr. – Tenho a honra de cientificar a V. Exª em breve relatório as ocorrências havidas em meu trajeto de Corumbá a esta capital, com a Força sob o meu comando.

No dia 2 de janeiro por ocasião da retirada das Forças Militares estacionadas em Corumbá, achando-me embarcado no vapor de guerra "*Anhambahy*", nele subi o rio Paraguai às 09h00 pouco mais ou menos, passando pela escuna "*Jacobina*" que estava encostada à margem direita deste rio, em cuja escuna se achava quase todo o Corpo de Artilharia, 51 praças do 2° Batalhão de Artilharia a Pé, 7 praças da Companhia de Artífices, Guardas da Alfândega, diversos paisanos, e um grande número de mulheres e crianças de ambos os sexos. Passando, como o disse pela escuna as praças, que nela estavam, reclamaram com gritos, a minha presença na referida escuna. Querendo dar àquelas praças não só uma prova de humanidade, como de amizade e estima pela bravura com que se houveram nos ataques dos dias 27 e 28 do mês de dezembro p.p. ([126]) no Forte de Coimbra, dirigi-me ao Sr. Cel Comandante das Armas e pedi-lhe que me concedesse passar para aquela escuna a fim de dirigir as Forças que nela estavam o que me foi negado. De novo pedi-lhe, dizendo-lhe

> Sr. Comandante das Armas, aquelas praças ainda não almoçaram até esta hora [09h30], não tem gênero nenhum para a viagem, e ademais são praças do meu Corpo e não tem junto a elas sequer um oficial para os dirigir.

Com isso obtive a concessão pedida, e mesmo o vapor andando mandou-se atracar um escaler e nele embarquei conjuntamente com o 2° Tenente Antônio Pauto Corrêa e o Sargento Quartel Mestre Antônio

[126] P.p.: próximo passado. (Hiram Reis)

Baptista da Cunha, os quais se ofereceram para me acompanhar, e todos fomos lançados no barranco do rio um pouco distante da escuna. Tão logo saltei no barranco do rio mandei por algumas praças matar 3 reses, conduzi-las para a mencionada escuna, depois do que, embarquei num escaler e fui para Corumbá, e ali comprei ao negociante Nicola farinha e sal, e ao negociante Gines, bolachas; mandando logo embarcar no dito escalar os referidos gêneros. No meu regresso para o embarque passei no Quartel em que se havia aquartelado o 2° Batalhão de Artilhara, e aí achei um quarto com muitos cunhetes de cartuchame, e uma porção de barris cheios de pólvora encartuchada para Artilharia. Não achando nenhum outro meio de inutilizar cassa imensa porção de cartuxos tratei logo de formar um rastilho de pólvora até uma distância conveniente e daí pretendia, por meio do fogo, inutilizá-la. Nessa ocasião apareceram os negociantes estrangeiros Nicola e Bianchi e outros indivíduos também estrangeiros e pediram-me que não deitasse fogo à pólvora, que eles se comprometiam a deitar ao rio todos os cunhetes e barris, o que, em minha presença cumpriram; depois do que desci para o porto e embarquei no escaler com direção à escuna; entrando nela às 17h30 do já indicado dia 2, hora essa em que dei princípio à viagem mandando espiar ([127]) a dita escuna. Neste trabalho estive toda a noite de 2 para 3.

No dia seguinte [3], continuei o mesmo trabalho de espia até às 15h00 que, ventando fracamente no rumo que se seguia içou-se dos panos nos mastros da citada escuna, e andou-se com auxílio do vento até 18h00 do indicado dia.

[127] Espia: é o reconhecimento náutico realizado por uma embarcação menor que baliza a rota a ser seguida, no caso pela escuna, verificando a profundidade do leito do rio evitando que esta encalhe. (Hiram Reis)

Às 17h45 o vigia do mastro de proa deu-me parte que um vapor Paraguaio subia o rio Paraguai e já se achava na altura do Ladário e minutos depois que havia fundeado no porto de Corumbá; e às 18h00, que um outro vapor aparecia na mesma altura que o primeiro, e mais logo que havia fundeado no mesmo porto; não havendo vento, e ainda mais que com o auxílio de espia muito morosamente se viajava, e finalmente que os vapores viriam à caça da Força embarcada na escuna, resolvi às 19h30 do dia em questão dar desembarque à Força e particulares, cuja resolução efetuei fazendo, depois der ter desembarcado toda a gente inclusive 4 marinheiros da tripulação, rodar a dita escuna e escaleres a ela pertencentes; tapando no barranco do rio o lugar do desembarque, colocando sentinelas trepadas era árvores; e fazendo finalmente acampar ao longo do barranco à margem esquerda do rio toda a comitiva, e aí passei a noite.

No dia 4, ás 05h00, pus-me em marcha com a Força pelos pantanais de Corumbá e às 10h00 do mesmo dia subiram o rio os dois vapores chegados a Corumbá no dia anterior.

Em marcha continuada, desde o indicado dia 4, no dia 13, cheguei à Fazenda do Mangabal e ali acampei até o dia 17, em que resolvi acampar uma légua distante da Fazenda, pois que apenas contava duzentos e vinte e três cartuchos distribuídos à Força que comandava e nenhuma resistência podia fazer no caso de encontro com as Forças Paraguaias, o que era muito provável.

No dia 24, retirei-me do acampamento com destino à Fazenda do cidadão Salvador Corrêa da Costa, não só para comprar certos gêneros de que necessitava para alimentar as praças, como também indagar se era possível ir aos Dourados buscar cartuchame e

cápsulas, visto ter eu sabido que depois da explosão havida nesse ponto, a Força Paraguaia que o ocupava se havia retirado. Dessa diligência nenhum resultado colhi, pois que nessa ocasião o referido ponto já se achava novamente ocupado.

Regressando no dia 25 para o acampamento em consequência do meu mau estado de saúde, tive de demorar-me na Fazenda do cidadão José Dias de Barros o resto do indicado dia 25 e o seguinte, podendo só seguir viagem às 15h00 do dia 27. Ao chegar à Fazenda do Mangabal e dela distante cerca de 70 braças, fui, pelo irmão de João d'Arruda Cunha em caminho encontrado e dele soube que uma Força de 300 paraguaios comandados por um capitão, um tenente e dois alferes achava-se já dentro da mencionada Fazenda, e logo ao chegar aí o citado capitão indagara de todas as pessoas onde eu me achava com a Força sob meu comando, dizendo logo que inteirado estava de que eu e a Força aí nos achávamos.

Informado do que acima fica dito tomei nova direção em busca do acampamento e aí chegando às 19h00 não encontrei sequer uma praça; o acampamento havia debandado com a notícia da chegada da dita Força. Tomei a direita do acampamento em buscas das praças e seguindo sempre nessa direção, às 22h30, encontrei em um capão de mato 23 praças, algumas mulheres e crianças. Sendo essa hora já muito avançada e a campanha não se prestando ao trânsito de noite, aí fiquei, até 05h00 do dia 28, dando destino às pessoas aí enconcadas, pus-me novamente em campo a procura das demais praças. Enfim, desde a noite de 27 para 28, quotidianamente reunindo a Força, só no dia 13 de fevereiro o pude conseguir, somente tendo perdido 4 praças; destes fui informado que uma, voluntariamente, se apresentara à Força Paraguaia.

No dia 14 do mês de fevereiro, segui definitivamente a marcha subindo o rio Taquari, dispondo somente para esse efeito de um batelão que apenas suportava 26 pessoas e 2 montarias suportando cada uma 5 pessoas. Nessa ocasião minha comitiva compunha-se de 479 pessoas entre praças, paisanos, mulheres e crianças de ambos os sexos.

No dia 26 cheguei à Fazenda do Bracinho à margem esquerda do Rio Paraguai onde me refiz de víveres para a Força: depois do que prossegui por terra a marcha, passando pelos pontos S. Bento, Gonçalves, Piquiri, Santa Luzia, Carrente, Santo Antônio do Paraíso, Itiquira, Peixe de Couro, S. Lourenço, Tamanduá, Rebojo, Itaculumi, Aricá do Vila Mendes, Aricá e Coxipó; chegando neste último ponto no dia 30 fiz a entrada da Força.

Do Pessoal

Como é de supor depois de uma retirada tão desordenada como a que teve lugar no dia 2 de janeiro, a Força perdeu toda a disciplina, a ponto de dizerem as praças que tendo o Sr. Comandante das Armas as deixado como isca para a Força Paraguaia elas não se consideravam mais soldados, e assim que procurariam o rumo que lhes parecesse conveniente, assim pois, conclua V. Exª qual seria a dificuldade com que tive de lutar para conseguir apresentá-la a V. Exª com ordem e disciplina como me cumpria fazê-lo.

Tão logo me foi possível alimentar a Força, tratei de remilitarizá-la e disciplíná-la, como antes ela se achava, o que, com inúmeros esforços e em um curto lapso de tempo, consegui, sendo necessário para isso fazer alguns castigos. Folgo em cientificar a V. Exª que a Força sob meu comando em número de 230 praças de todos os Corpos da Guarnição desta

Província, 4 presos de justiça, 2 Guardas da Alfândega e um Amanuense de Polícia não cometerão o mais leve ato que prejudicasse e nem ofendesse a moralidade pública. Faltaria a um dever de gratidão e mesmo de justiça se passasse desapercebido tratar do 2° Tenente do 2° Batalhão de Artilharia a Pé Manoel Joaquim de Paiva, pelo zelo, dedicação e sérios esforços que sempre empregou em prol da boa ordem e disciplina que devia haver entre a Força no decurso de tão longa e penosa marcha por espaço de 4 meses.

Tratando do 2° Ten do mesmo Batalhão João Isidoro Chaves, tenho a informar a V. Exª que durante 14 dias que fez parte da referida Força, portou-se sempre bem e bastante me coadjuvou.

Tratando finalmente do 2° Ten do Corpo de Artilharia Antônio Paulo Corrêa não posso deixar de bem informar a V. Exª qual o procedimento e conduta deste oficial.

Este oficial, como acima disse, ofereceu-se para me acompanhar quando obtive permissão para dirigir a Força embarcada na Escuna. Longe de persuadir-me que ele seria o flagelo da Força e plantaria entre ela a desordem, fiquei satisfeito por ter mais um companheiro que comigo devia juntar-se para colocá-la ao abrigo dos inimigos, visto não ser possível fazer-se nessa ocasião uma resistência eficaz. Vi logo malogradas minhas esperanças, pois assim que entrou na escuna, deitou-se junto de uma mulher sobre a meia laranja ([128]), a vista da Força, e de um modo inteiramente imoral, sem que daí se levantasse e desse sequer providências acerca da marcha e provisões para a Força. Não ficou nisso.

---

[128] Meia laranja: escotilha guarnecida de parapeito que dá acesso às antecâmaras do navio. (Hiram Reis)

No dia seguinte, às 09h00, este oficial passou-se para uma pequena montaria com 2 paisanos dizendo que em consequência de estar com os pés feridos, ia-me esperar no lugar denominado “*Laranjeira*” algumas léguas distante do lugar em que estávamos; não achando plausível a razão por ele apresentada, pois que sendo aquele lugar quase inabitado e falto de recursos, ainda mais que sendo a montaria muito pequena e por isso de pouca segurança e de nenhum cômodo, fácil, e mesmo provável era inflamar os pés e assim ficaria, senão inabilitado, pelo menos, quase para fazer a viagem pelos pantanais, o que era de supor segundo a presunção que havia, de que mais ou menos horas o inimigo estaria perseguindo a Força.

À vista pois do que fica dito, concluí que o referido 2° Tenente procurou aquele pretexto para melhor se escapar da garras do inimigo. Depois de 4 dias nos pantanais de Corumbá encontrei o dito 2° Tenente que em consequência de ter visto os vapores Paraguaios havia desembarcado da montaria e se refugiado no mato. Daí em diante encostou-se à Força, sem dela cuidar nem ter a menor ingerência.

Depois de se ter passado o Paraguai-Mirim, e em minha anuência, ordenara ele ao 2° Sargento do Corpo de Cavalaria Francisco Manoel d’Araújo Sobrinho obstasse a marcha das praças que se achavam atrás dele, cuja ordem fora intimada às praças, porém não fora observada, pois que elas marchavam ao meu alcance certas de que marchando eu sempre na frente com algumas praças ainda fortes em busca de alguma rês, era de supor matassem a fome que os devorava, de fato, assim acontecia, em consequência do que passou a maltratar com palavras injuriosas ao mencionado Sargento, e como este lhe observasse que ele o não podia maltratar por semelhante modo, fora

ameaçado de que, se desse mais sequer uma palavra levaria um tiro, resultando de tal procedimento o indicado Sargento amedrontou-se e ausentou-se da Força, sendo este o único fato desta ordem que tive o desprazer de ver na Força sob meu comando.

Tendo eu chegado como disse, na Fazenda do Mangabal no dia 13 de janeiro, só no dia 14 à noite teve lugar a chegada deste 2° Tenente, tendo ambos saído à mesma hora do Paraguai-Mirim: sendo sua demora causada não por motivo justo, mas por pessoa que nem seu parente era.

Do exposto verá V. Exª qual o zelo, interesse e humanidade que este oficial teve para com a Força em questão. Assim, pois, nenhum fundamento achei e nem importância alguma dei a este oficial, quando apresentando-se na manhã do dia 15 disse-me que sendo ele o oficial mais antigo a ele competia o comando da Força.

Na manhã do dia 17 também de janeiro por ocasião de formar a Força para mudar de acampamento, apresenta-se ele mandando sair de forma as praças da 1ª Companhia do Corpo de Artilharia que outrora comandava, apenas saíram duas, não querendo mais nenhuma sair; à vista de semelhante recusa as demais praças que compunham a Força deram-me imensos vivas; depois do que, vendo-se ele desmoralizado e sem influência alguma, teve de retirar-se da frente da Força, passando depois a aliciar os Cadetes, Inferiores, Soldados, e mesmo paisanos para o acompanharem, a fim de fracionar a Força servindo-se para isso de calúnias contra mim, a ponto de dizer ao Fazendeiro João d'Arruda e Cunha que os conhecimentos de generais por mim a ele passados para fornecimento da Força nenhum valimento tinham pois que ele se oporia a seu pagamento com as etapas das praças.

Que um oficial de caráter honrado e circunspecto, num momento de raiva assim procedesse, releva-se, porém o oficial que tem em sua fé de ofício tristes e vergonhosas notas, não pode com vantagem buscar equiparar-se com aquele que ergue a fronte altiva por consciência íntima de sempre haver cumprido bem os seus deveres de homem e de soldado.

Aqui releva dizer a V. Exª que me abalanço a pedir-lhe para tomar na devida consideração os fatos acima expendidos, porque certo estou de que este oficial, dotado de uma alma mesquinha, de ações baixas como é, não olvidará exercer, servindo-se de sua autoridade, contra os praças do Corpo, que infeliz considero por possuir em suas fileiras semelhante oficial, qualquer ato de vingança.

Portaram-se com toda a subordinação, atividade e dedicação durante a marcha do Corpo de Artilharia, o Sargento Quartel Mestre Antônio Baptista da Cunha, 1° Sargento Luiz Antônio Vieira, Furriel José Pereira dos Guimarães e Sargento Coronheiro Sabino José Rodrigues; do 2° Batalhão de Artilharia a Pé, 1° Sargento Manoel Gomes de Menezes, o Particular 2° Sargento Bellarmino de Hollanda Cavalcanti; e do Corpo de Cavalaria, o Particular 2° Sargento José Lemos d'Almeida Falcão.

Ocorrências

Capturado na Fazenda de Santo Antônio do Paraíso o desertor de nome Martiniano Corrêa da Costa.

Na mesma Fazenda, por denúncia tive, mandei uma escolta de um Inferior e dezoito praças a um morro dela distante três quartos de légua, prender o 2° Cadete Delfino Luiz de Carvalho e Soldado Belizário da Costa Magalhães, ambos do Corpo de Cavalaria da Província, sendo o último implicado no assassina-

to de um Cabo do mesmo Corpo, tendo tido eles notícia de que eu fazia unir à Força as praças que em caminho encontrava, dias antes ao da minha chegada ali, se haviam refugiado. Apresentaram-se voluntariamente da deserção, da Armada – o Imperial Marinheiro do vapor "*Anhambahy*" João Fernandes e do Batalhão de Caçadores da Província, o soldado José Rodrigues Pires.

Foi-me entregue pelo cidadão Antônio Dias na Fazenda de S. Pedro o ex-Cabo da Força Paraguaia Francisco Sardiê.

Marcharam encostados à Força os presos de Justiça do Forte de Coimbra Manoel Domingos, Joaquim Vicente, Antonio Pereira Leite e o índio Montó. Me é forçoso declarar que os referidos presos foram tirados das prisões, e junto a mim bateram-se com denodo em todos os ataques havidos no Forte de Coimbra, além disso durante a marcha, não tendo eles tido a menor sujeição quanto à prisão, aqui chegaram com toda a lealdade esperando e com toda a razão da munificência Imperial a recompensa de tantos trabalhos, e do valor que mostraram em defesa da Pátria.

Tive de comprar por conta da Fazenda Pública cinco cavalos para montar as praças enfermas que absolutamente a pé não podiam fazer a marcha, passando aos vendedores os competentes conhecimentos. Marcharam encostados à Força o Amanuense externo de Polícia Manoel Nonato da Costa Franco e os guardas da Alfândega Laurindo Antônio da Costa e Manoel Corcillo.

São estas, Exmº Sr., as ocorrências que se deram, e que tenho a honra de submeter à sabia consideração de V. Exª, pedindo, outrossim, que releve as lacunas de que vão inçadas.

Deus Guarde a V. Exª. Quartel em Cuiabá, 01.05.1865. – Ilm° e Exm° Sr. General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Presidente da Província – João de Oliveira Mello, 2° Tenente. (RIHMG N° 14)

Conforme

Joaquim Felicíssimo d'Almeida Louzada

A Guerra do Paraguai com uma Resenha Histórica do País e seus Habitantes (1869)

Tomada de Corumbá e de Alguns Pontos da Província de Mato Grosso

[Jorge Thompson]

Extrato do Ofício da Presidência de Mato Grosso de 28 de fevereiro de 1865.

Já V. Exª deve estar ciente da desleal invasão que os paraguaios fizeram nesta Província, tendo atacado com grandes Forças o Forte de Coimbra no dia 27 de dezembro último, o qual resistindo até o dia 28, a sua Guarnição, à vista do número de inimigos, evacuou-o nessa noite.

Desde então até hoje foram seguidos os desastres, em razão dos poucos meios de resistência que haviam na Província.

No dia 2 de janeiro, o Coronel Comandante das Armas abandonou precipitadamente a florescente povoação de Corumbá, embarcando-se com o 2° Batalhão de Artilharia a pé no vapor "*Anhambahy*", e vindo-se meter encurralado em um pantanal sem saída, no lugar denominado – Sará – sobre o Rio S. Lourenço, deixando em Corumbá em uma escuna

particular, o Corpo de Artilharia da Província que se havia batido com bravura no Forte de Coimbra, e mais 40 praças do 2° Batalhão.

Em tais angústias o povo de Corumbá embarcou-se como pode e o que pode em diversas canoas e igarités e subiram pelo Rio Paraguai. O Corpo de Artilharia, guiado pelo denodado 2° Tenente José de Oliveira Mello, subiu como pode à espia até certa altura, de onde, distinguindo-se dois vapores paraguaios, fez o Tenente Mello desembarcar a gente, e com ela seguiu oito dias por dentro d'água pelos pantanais, e, depois de atravessar um braço do Paraguai, chegou com toda a gente salva em uma fazenda do interior, mas com cento e tantas pessoas doentes de fadigas, fome, etc.; aí mesmo, porém, foi essa gente dispersa pelos paraguaios, e ainda hoje se não sabe ao certo que é feito dela.

No dia 6 de janeiro, o vapor "*Anhambahy*", que deixara o Comandante das Armas, com perto de 500 pessoas no Sará, e descia a auxiliar o resto da gente saída de Corumbá, foi batido e aprisionado por quatro vapores paraguaios. Depois disto os mesmos paraguaios arrasaram o estaleiro dos Dourados, onde, segundo as últimas notícias, dadas por alguma gente nossa deles escapada, têm eles hoje muito grande Força, e se estão fortificando.

O Comandante das Armas depois de estar algum tempo no Sará, passou o Rio São Lourenço para a margem esquerda, e dali se dirigiu pelos campos alagados em duas canoas com o seu Estado-maior e parte do 2° Batalhão de Artilharia a Pé em demanda do Rio Piquiri, deixando outra parte em uma fazenda. A parte que ficou foi dispersa pelos paraguaios, que aprisionaram algumas praças e oficiais, e do Comandante das Armas ainda se não tem outra notícia.

Os paraguaios tem quatro vapores, em tudo superiores aos nossos, cruzando nos Rios Cuiabá e São Lourenço, e vão aprisionando toda a gente que busca a capital.

As fazendas de gado e mais estabelecimentos dos Rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai estão abandonados, avaliando-se em mais de 100.000 o número de rezes das ditas fazendas.

Consta que um Tenente e o Capelão do Corpo de Cavalaria chegaram a uma fazenda do Rio Taquari, e dão a notícia de que o Distrito de Miranda fora atacado pelos paraguaios, com uma divisão de 6.000 homens de infantaria e 2.000 de cavalaria; que em Nioaque houvera grande mortandade, que desaparecera o Tenente-coronel José Antônio Dias da Silva, Comandante do Corpo de Cavalaria, e que a vila de Miranda, onde estava o casco do Batalhão de Caçadores, e 7° da Guarda Nacional, se rendera sem resistência.

A gente dispersa pelas matos e pantanais dos Rios Paraguai e São Lourenço é regulada em mais de 2.000 pessoas, das quais tem chegado algumas a esta capital nuas e extenuadas de injúria e fadigas, de hoje até amanhã espera-se cento e tantas, grande parte tem morrido de fome, afogadas, de peste, etc., e outras têm sido aprisionadas.

Por esta descrição V. Exª vê que hoje não tem a Província um só Corpo de Linha.

A Força que a guarnece presentemente é de 970 Guardas Nacionais nesta capital, 805 no Melgaço [a 20 léguas da capital, onde é hoje a fronteira da Província], inclusive as 152 praças de linha, cento e tantas em Poconé e 581 em Villa Maria, inclusive 83 praças de linha.

Nesta Força não compreendo pequenos destacamentos dos sertões e do Distrito de Mato Grosso, nem a pequena flotilha. (THOMPSON)

A Esperança n° 13 – Recife, PE
Sábado, 01.04.1865

Correspondência Particular da Esperança
Rio, RJ, 23.03.1865

Temos datas de Mato Grosso de 12 de janeiro, que nada adiantam às notícias já sabidas sobre a esquadrilha paraguaia, ataque e heroica resistência do Forte de Coimbra de 27 de dezembro. Publicaram os jornais o ofício do Sr. Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carreiro, em que descreve em resumo a ação. Por essa peça se avalia o furor do ataque e o valor da defesa oposta pelos nossos bravos soldados.

São credores de elogios e da atenção do Governo o valente Tenente-coronel Porto-Carreiro, o Primeiro Tenente Balduíno José Ferreira de Aguiar, comandante do vapor de guerra "*Anhambahy*", o Segundo Tenente João de Oliveira Mello, os quais apresentaram a mais vigorosa resistência com um pugilo ([129]) de bravos a um Exército de 700 praças e a uma Esquadrilha bem armada, até que por falta de cartuchame e bala, e de outros meios de defesa, resolveram abandonar o Forte.

É notável o abandono em que tem estado a pobre Província do Mato Grosso! Haviam no Forte somente dez mil cartuchos embalados e balas do adarme 17

[129] Pugilo: punhado. (Hiram Reis)

([130]), que se não acomodavam às espingardas à Minié.

Era tal a inépcia do Presidente que, ao constar do ataque do Forte, estava indeciso, não sabendo que providências dar.

Diz-se que a Câmara Municipal o povo tentaram depô-lo para substituí-lo pelo Chefe de Divisão Augusto Leverger, e que abortara o plano por não ter querido este aceitar a presidência. (A ESPERANÇA N° 13)

Jornal do Recife n° 76, Recife, PE
Segunda-feira, 03.04.1865

Mato Grosso
[Documento Oficial]

Quartel do Comando do Distrito Militar em Corumbá, 30 de Dezembro de 1864

Ilm° e Exm° Sr. – Sob as mais gloriosas impressões de dois dias da mais vigorosa resistência feita pelo Corpo Artilharia do Mato Grosso, coadjuvado por dez

[130] Adarme é uma unidade de peso arcaica, equivalente a meia oitava ou seja, 1,793 gramas. Em armas de fogo portáteis, o termo era usado para indicar o calibre da arma em relação ao número de projéteis esféricos de chumbo que podiam ser fabricados por cada libra de chumbo. Assim, uma arma de adarme [ou calibre] 12, disparava um bala de 38 gramas [459g/12 = 38,25g]. Desta forma, quanto maior o adarme, menor o calibre: adarme 12 = 19 mm, adarme 17 = 17,5 mm e assim por diante. Este sistema de medição de calibres ainda é usado em armas de caça de cano liso. (fortalezas.org)
Adarme 17 ou "*granadeira*": espingarda adotada pelas Forças brasileiras, nos idos de 1833, e que tornou-se obsoleta a partir de 1857, quando foi substituída pela Minié raiada. (Hiram Reis)

Canindés da tribo do Capitão Lixagota, por quatro vigias do alfândega e por três ou quatro paisanos de Albuquerque, Distrito Militar do meu comando, aos ataques sucessivos e desesperados de escalada ao Forte de Coimbra pela Divisão Paraguaia em operações no Alto Paraguai, ao mando do Coronel Vicente Dappy, antecipo-me em levar ao conhecimento de V. Exª, para os fins convenientes, que todos os oficiais do dito Corpo manifestaram e desenvolveram o mais pronunciado e entusiástico valor, sendo acompanhados nos mesmos sentimentos por todas as praças e mais indivíduos acima referidos.

Não posso deixar de fazer especial menção do 2° Tenente João de Oliveira Mello no comando da fuzilaria que defendia, nas seteiras da 2ª Bateria na gola da fortificação, os ataques de escalada a que acima me refiro, com 80 baionetas contra um Batalhão de Infantaria de 700 praças e duas bocas de fogo bem guarnecidas, que atacavam a dita retaguarda, chegando muitas vezes a porem a mão sobre o parapeito.

Todos os demais oficiais se tornam igualmente dignos da mesma menção, quanto à artilharia da 1ª Bateria, que jogou constantemente durante os dois dias contra duas baterias flutuantes de calibre 68, que se assestava, ora aqui, ora acolá, onde melhor lhe convinha; três baterias a cavalo raiada, que estavam assestadas na fralda do morro, em frente ao Forte, uma de foguetes à Congrève ([131]), à direita do Forte, e cinco vapores, que também jogavam com o calibre 68 e outros, não deixando também de se distinguirem por seu turno na fuzilaria das banquetas, e quando coadjuvavam o referido 2° Tenente João de Oliveira Mello, na das seteiras.

---

[131] Foguetes à Congrève: foguetes incendiários. (Hiram Reis)

Passando agora a detalhar em transunto, para o fazer extensamente em ocasião oportuna, o ataque e defesa do Forte de Coimbra, informarei que no dia 27 pelas 05h00, foram avistadas pelas sentinelas e vigias do Forte, ao levantar de uma forte cerração que houve no referido dia, diversas embarcações ao Norte, reconhecendo-se serem algumas a vapor, fundeadas proximamente, a uma légua, Rio abaixo; reunida toda a Guarnição do Forte e dispostas todas as coisas em ordem de combate com a única Força que dispunha, que apenas chegou para guarnecer cinco bocas de fogo com 35 homens, seis banquetas com 40 homens, as seteiras da 2ª Bateria com 80; aguardava que se aproximassem, quando às 08h30, dirigindo-se ao Forte, um escaler, procedente das embarcações acima referidas, conduzindo um oficial paraguaio, que entregou-me o ofício de que V. Exª já teve conhecimento, que me era dirigido pelo Chefe da referida Divisão paraguaia, declarando-me que eram 08h30 e que aguardava resposta até 09h30; feita a minha dita resposta, de que também V. Exª já teve conhecimento, uma hora passada, começaram a praticar desembarques às margens, direita e esquerda do Rio.

Aqui cumpro um dever declarando que o vapor de guerra "*Anhambahy*", ao mando do 1° Tenente Balduíno José Ferreira de Aguiar, começou a desempenhar o mais brilhante papel, que efetivamente desempenhou durante os dois dias do ataque, fazendo-se até ousado muitas vezes, aproximando-se a umas e a outras baterias, que batiam o Forte, jogando habilmente com seus dois canhões de 32, e mesmo embaraçando por muitas vezes o passo ao inimigo que se dirigira à retaguarda do Forte pela fralda da montanha. Este vapor às 10h30, passando pela frente do Forte, dirigiu-se ao ponto do primeiro desembarque à direita do Rio e rompeu o fogo, dando 3 tiros sobre diversas colunas de infantaria e

uma de artilharia a cavalo que já se achavam em marcha. No mesmo momento rompeu também fogo o inimigo com os seus vapores e baterias flutuantes de tão longe que seus projetis apenas alcançavam à meia distância. O Forte conservou-se à vista disso calado como se cumpria, até que o inimigo se aproximasse.

As 14h00, pois, rompeu o dito Forte seu fogo de artilharia e na mesma ocasião o de fuzilaria das seteiras. Engajado assim o combate sem a menor interrupção, durou até às 19h30. O inimigo cessou o seu fogo, retirou as suas Forças e reembarcou-as. V. Exª sabe que no Forte de Coimbra só existiam 10.000 cartuchos embalados, os quais, reunidos a 2.000 que me foram fornecidos pelo vapor "*Anhambahy*", perfaziam o número de 12.000.

Terminada a mais vigorosa resistência, de que venho de falar, aos ataques de escalada do dia 27, reconheci só existirem cerca de 2.500 cartuchos; tornou-se portanto mister que todas as mulheres que se achavam homiziadas no interior do Forte, em número de 70, fabricassem cartuchame para a infantaria, durante toda a noite, sem dormirem um só instante, visto não poderem os soldados deixar por um momento os parapeitos. Assim consegui para opor aos novos ataques do dia seguinte, 6.000 e tantos cartuchos, tendo-se tornado preciso transformar as balas de adarme 17, machucando-as com pedras, a pequenos cilindros, para se acomodarem às espingardas a Minié.

Com efeito, no segundo dia, 28 do corrente, dando o inimigo novas disposições às suas baterias flutuantes, mostrando claramente que pretendiam arrombar o portão principal com a sua artilharia de 68 e abrir brecha ao lado com as raiadas, entretive este fogo desde às 07h00 até às 14h00, e neste último

momento carregou com a infantaria sobre as seteiras da 2ª Bateria, e com tal furor que bem se deixava ver que vinham animados na firme esperança de efetuarem o assalto. Cheguei ao ponto mais brilhante da minha exposição.

O inimigo vinha a cada momento ao parapeito e era rechaçado com valor inaudito provocado pelos vivas do inimigo, e gritos desordenados de – rendam-se –, os quais eram correspondidos pelos nossos soldados de – vivas ao Imperador, aos brasileiros e ao corpo de Artilharia de Mato Grosso. Postos em retirada às 19h00, mandei sair duas sortidas, uma com o bravo Capitão Antônio José Augusto Conrado, e outra com o não menos bravo 2° Tenente João de Oliveira Mello, afim de recolherem todos os corpos semivivos para serem tratados com a humanidade que nos cumpre.

Foram, pois, recolhidos 18 nessas circunstâncias, dos quais um foi imediatamente amputado no braço esquerdo, outro morreu em seguida, e os demais foram convenientemente curados, as ditas sortidas recolheram ao Forte 85 armas dos que haviam falecido, muitos bonés, inclusive dois que pareciam de oficiais e outros muitos objetos encontrados de pouco valor no lugar do combate, informando-me que os mortos subiam de 100, e que ainda existiam muitos feridos por dentro do mato, onde se ouviam gemidos, mas que pela aproximação da noite se não podiam encontrar. Entre os espólios acima ditos, foi encontrada uma proclamação e algumas notas de dinheiro paraguaio, o que a esta acompanha que V. Exª lhes dê o conveniente destino.

No momento em que isso se dava, em que o Corpo de Artilharia de Mato Grosso, acabava da colher louros tão gloriosos, o de cobrir-se de tanto orgulho, ao passo que o inimigo rechaçado reembarcara como

acima disse, reconhecem as sentinelas que desembarcaram novas Forças em número muito superior, frescas e que já se dirigiam para o Forte em massas de Infantaria, Cavalaria e quatro bocas de fogo puxadas a cavalos que se dirigiam à frente do portão à sombra dos tamarindeiros ([132]) que ali existem na distância de cerca de 660 metros. Era, pois, evidente que, ou na mesma noite, ou ao amanhecer do seguinte dia 29, teríamos novos e precisamente mais desesperados ataques, para os quais, contudo, a Guarnição do Forte se achava sobejamente disposta a recebe-los e a repeli-los ainda uma vez. Neste momento fatal, dirigindo-me ao comando do Forte para saber que cartuchame de infantaria nos restava para colhermos novos louros, fui informado que talvez não excedessem de mil, pois que cinco mil e tantos se haviam gasto naquela última tarde, e estes, dos feitos pelas mulheres. Estas mulheres, que já há dois dias, como todos nós, não comiam, não podiam fazer novo cartuchame, por ser isto um esforço sobrenatural e mesmo invencível, tanto mais que em termo de comparação não se poderia contar gastar no dia seguinte menos do dobro do que se havia gasto naquela tarde.

À vista disto forçoso me foi reunir em conselho a todos os oficiais, inclusive o bravo comandante do vapor "*Anhambahy*", e resolveu-se que, sendo a falta de cartuchame de infantaria uma razão de força maior e uma dificuldade invencível, pelas razões acima mencionadas acrescendo a de terem-se também acabado as balas de adarme 17 que serviam para a transformação acima referida, que abandonássemos o Forte para não serem sacrificadas tantas vidas, salvando-se assim sua Guarnição, e que isso se efetuasse sem perda de um instante,

[132] Tamarindo (Tamarindus indica): tambarino, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarina ou jubaí. (Hiram Reis)

visto que o inimigo, já se achando nas posições novamente tomadas com Forças frescas podia engajar novo combate, e nós teríamos de cessar o fogo ao cabo de meia hora por total acabamento do cartuchame de infantaria, e o inimigo em todo o caso empossar-se do Forte, levando a efeito sua carnificina.

Embarquei, pois, com toda a Guarnição debaixo de todas as precauções, prevalecendo-me da escuridão da noite, e dirigi-me a este ponto, onde apresentando-me a V. Exª fico aguardando suas ordens; restando-me a maior satisfação em declarar a V. Exª que nenhuma sua praça da Guarnição do dito Forte, nem mesmo daqueles cidadãos que coadjuvavam, sofreu o mais leve ferimento.

Deus guarde a V. Exª – Ilm° e Exm° Sr. Coronel Carlos Augusto de Oliveira, Comandante das Armas da Província. (JORNAL DO RECIFE N° 76)

Diário de Pernambuco n° 184 – Recife, PE
Sábado, 12.08.1865

Cartas

Lê-se em uma carta de Cuiabá de 12 de abril próximo passado:

A imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Forte de Coimbra, tendo sido salva pela sua Guarnição quando os paraguaios o atacaram, foi recebida no porto da capital pelo prelado diocesano, acompanhado de todo o clero, povo e tropa, conduzida em procissão solene até a Sé, e ali colocada no altar-mor.

O Sr. Bispo fez um voto à Nossa Senhora de ir pessoalmente colocá-la de novo na sua capela, logo que seja retomado o Forte, e de fazer-lhe ali uma pomposa festa e adoração.

Outra carta de 3 de maio diz:

Quando no dia 2 de janeiro deste ano o Coronel Comandante das Armas retirou-se de Corumbá deixou como abandonado na praia o Corpo de Artilharia da Província, que se havia batido heroicamente no Forte de Coimbra, fazendo embarcar somente os oficiais no vapor "*Anhambahy*".

As praças do Corpo assim abandonadas gritaram pelo 2° Tenente João de Oliveira Mello, que em Coimbra havia feito prodígios de valor, e ele, saltando imediatamente do vapor, foi à terra, tomou conta da tropa e de mais 200 pessoas entre paisanos, mulheres e crianças, arranjou como pôde algum mantimento, e subiu com esta caravana Rio acima em uma escuna à espia.

Logo no seguinte dia, vendo que chegavam a Corumbá os vapores paraguaios, desembarcou a gente na ilha do Paraguai-mirim, e por pântanos invadeáveis, na estação mais rigorosa que temos visto, por lugares nunca trilhados, transpondo enormes distâncias e caudalosos Rios, salvou e conduziu esse povo até esta capital, onde chegou no dia 30 do mês próximo passado, com toda a gente quase nua, depois de quatro meses da mais penosa peregrinação; e de sofrimentos sem conta, conservando sempre a maior ordem e disciplina em toda a comitiva.

Teve nesta cidade um recebimento estrondoso e tocante; foi todo o povo encontrá-lo no Coxipó; houve diferentes discursos e felicitações, um arco de

triunfo e uma coroa de flores; o nosso venerando Bispo desceu e veio abraçá-lo à porta da Sé, disse missa, que foi ouvida com o maior recolhimento por essas infelizes vítimas da invasão dos bárbaros, e entoou logo depois o "*Te-deum Laudamus*" lindo o qual foi todo o povo acompanhar o Tenente Oliveira Mello, até o Quartel.

Este distinto oficial, de cujo tino, valor e dedicação mal se pode dar ideia por palavras, deve encontrar a merecida recompensa na admiração, estima e simpatia de todas as almas generosas, e na munificência do Imperador. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 184)

Gazeta Oficial do Estado do Mato Grosso n° 17
Cuiabá, MT
Sábado, 14.06.1890

13 de junho de 1867

Quartel do Comando do 1° Batalhão Provisório do 2° Corpo em Operação ao sul da Província, na Vila de Corumbá, 14 de junho de 1867.

Ordem do Dia N° 7

O Tenente Coronel Comandante, congratulando-se com os. Srs. oficiais e praças do Batalhão pelo triunfo alcançado ontem, ao pôr do sol, na tomada obstinada da praça fortificado, desta vila, guarnecida por seis bocas de fogo e fuzilaria, é com a maior satisfação que, louvando esse feito d'armas, elogia: [...]

Diario do Maranhão.
JORNAL DO COMMERCIO, LAVOURA E INDUSTRIA
REDACÇÃO, SALA DE LEITURA, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DA PALMA, N.º 6
MARANHÃO.—Terça-feira 9 de Maio de 1899.

Morreu afogado, em Cuyabá (Matto Grosso) o general reformado João d'Oliveira Mello.

Imagem 29 – D. do Maranhão N° 7.706, 09.05.1899

O Sr. Capitão da 5ª Companhia João de Oliveira Mello, comandante de uma grande Divisão encarregada de debelar a Guarnição dos vapores "*Anhambahy*" e "*Apa*", deu prova da sua reconhecida bravura e perícia militar pelo que se tornou credor de elogios. (GAZETA N° 17)

A Imprensa n° 56 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 29.11.1898

Notícias Diversas

Está lavrado o Decreto ([133]) do Presidente da República, mandando que a reforma do General de Brigada graduado João de Oliveira Mello seja considerada efetiva nesse posto com a graduação de General de Divisão. (A IMPRENSA N° 56)

Correio Paulistano n° 12.810 – São Paulo, SP
Quarta-feira, 03.05.1899

Serviço Especial do "Correio Paulistano"

Cuiabá, 2 – Faleceu afogado no rio Cuiabá o General reformado João de Oliveira Mello. (CORREIO PAULISTANO N° 12.810)

[133] Decreto n° 524, de 26 de novembro de 1898. (Hiram Reis)

Revista do Ins[illegible]istórico de Mato-Grosso

ANOS XXIII e XXIV 1941-1942 TOMOS XLV a XLVIII

SUMÁRIO

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO G.RAL DE DIVISÃO

João de Oliveira Mello

Imagem 30 – RIHMG N° 25, 1941/1942

A Revista do Instituto Histórico do Mato Grosso n° 25, Tomos XLV a XLVIII (1941/42) publica um artigo intitulado "*Traços Biográficos do General de Divisão João de Oliveira Mello*", da lavra do Dr. João Barbosa de Farias:

Traços Biográficos do General de Divisão
João De Oliveira Mello

A horrenda sepultura
Conter não pode a luz brilhante e pura
Que, soberana, rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e glorioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
(Souza Caldas)

Um culto existe que, tal como as condições mais essenciais à vida coletiva, impõe-se a todos os povos, qualquer que seja a sua educação religiosa, qualquer, que seja o seu grau de cultura – é o culto do civismo. É ele que expande para além dos âmbitos do lar os afetos do homem para, depois convergi-lo, uno, em torno da grande individualidade – a Pátria, é ele que vivifica no coração humano o sentimento de amor pela comunidade, de onde irradia a vida social, é ele, finalmente, que agrega homogeneamente todos os cidadãos selando essa permuta de direitos e deveres, que é o fundamento orgânico da família, da sociedade e da Pátria.

Entre os romanos antigos, era costume levar-se ao herói que vencia batalhas e salvava vidas, um ramo de carvalho. Essa oferta, que não representava precisamente um galardão, foi antes o artifício de que se serviram os governantes para estimular o povo aos feitos de armas, ao heroísmo... É, com efeito, ante as virtudes cívicas de um patrício benemérito, é recomendando nomes e feitos gloriosos que se pode doutrinar e incutir e acrisolar ([134]) na consciência popular esse culto salutar. Pois que, se as homenagens significam uma glorificação, – mais que isso – elas traduzem sublime emulação para as gerações que as sufragam ([135]) e quiçá para a posteridade.

Pois bem: depor um preito de homenagem ante a memória do emérito brasileiro, cujo nome encima estas linhas, falar aos meus compatrícios dessa vida gloriosa, em que se pode haurir ([136]) lições de civismo, de bravura, de generosidade, – tal é o nosso tentâmen ([137]) inserindo no Almanaque de Mato Grosso estes traços biográficos.

---

[134] Acrisolar: aperfeiçoar. (Hiram Reis)
[135] Sufragam: aprovam. (Hiram Reis)
[136] Haurir: colher. (Hiram Reis)
[137] Tentâmen: intento. (Hiram Reis)

A terra de Deodoro e Floriano foi também o berço, de João de Oliveira Mello, que nasceu em Maceió a 05.02.1836. Natural de uma Província onde o militarismo ganhara simpatias, e sob a influência das ideias de sua época, João de Oliveira Mello, desde muito jovem, revelou decidida vocação para a carreira das armas. Obedecendo, pois, às solicitações dessa tendência, aos 15 anos, em 1851, verificou praça.

O jovem militar, que iniciava a sua carreira como simples "*praça de pret*" aliava à sua vocação as mais elevadas aspirações e uma larga inteligência, "*ao serviço de uma vontade de ferro*", de modo que, em 1860, por Decreto de 2 de dezembro, era promovido, a 2° Tenente, por estudos, sendo classificado no Corpo de Artífices da Corte, de onde foi transferido, pela Ordem, do Dia de 10.02.1861, para o Corpo de Artilharia do Mato Grosso.

Tendo se agravado por um momento a, desinteligência entre o Império e o Paraguai [1863], tornou-se mister reforçar a fronteira paraguaia. Nesta melindrosa emergência foi o Tenente Mello distinguido com a nomeação de Comandante do Forte de Coimbra, cargo que deixou quando dissipou-se o incidente que determinou as medidas de precaução tomadas.

Ao, regressar de Coimbra o Tenente Mello veio encontrar o, seu nome cercado de prestígio pelas qualidades de militar consumado que tão jovem revelava já, pelo cabal desempenho que dera à incumbência que lhe fora cometida. O rompimento, porém, entre o Brasil e o Paraguai, tantas vezes, evitado, de há muito protelado, era fatal.

O plenipotenciário brasileiro, em Assunção, acompanhando atento todos os estratagemas da política do Ditador Solano López, que simulava quanto lhe

coube no espírito ardiloso a insídia que preparava ao Brasil, em meados de 1864 recomendou ao Presidente do Mato Grosso a máxima precaução contra o Paraguai, visto que o Ditador aprestava-se para uma Guerra.

Foi então, novamente, reforçada a fronteira de Mato Grosso, indo o Corpo de Artilharia guarnecer o Forte de Coimbra, onde chegou a 23 de outubro de 1864.

A despeito das insistentes insinuações do Ministro brasileiro em Assunção, que em nenhum só momento traiu os deveres de seu cargo, o golpe traiçoeiro que o Ditador López desfechou sobre o Brasil veio encontrar a Província de Mato Grosso quase indefesa.

A luta homérica que tiveram de sustentar os bravos soldados que guardavam as portas da Província, é um dos mais belos florões do laurel do Exército Nacional.

É dentre esses bravos que o Tenente João de Oliveira Mello surgiu aureolado de fulgurante renome, porque, em grande parte, deve-se ao seu valor a firmeza da resistência oferecida pelos defensores de Coimbra à Expedição Paraguaia, que atacou o Forte nos dias 27 e 28.12.1864.

> A infantaria paraguaia,

diz E. C. Jourdan (JOURDAN, 1893),

> *avançando pelo lado do sul e pelas fraldas da montanha, sempre com nutrida fuzilaria, tentou' por vezes escalar os parapeitos, mas foi sempre repelida pelos bravos que defendiam o Forte e que eram animados pelo valente 2° Tenente João de Oliveira Mello e os outros oficiais que rivalizavam em entusiasmá-los com seus exemplos.*

Pugna titânica foi essa, luta desigual, em que os paraguaios, perfeitamente armados e em número de 4.000, foram a cada assalto tentado contra Coimbra rechaçados por 157 homens apenas, nas condições as mais difíceis devido à carência absoluta de munição.

Ao relembramos esse passado, ao invocarmos esses feitos e esses heróis seja-nos permitido significar aqui uma homenagem, um preito de veneração, àquelas abnegadas senhoras, que, nos transes aflitivos por que passavam os habitantes do Forte, nos dias 27 e 28 de dezembro, enrobusteceram a defesa de Coimbra, entregando-se, dia e noite, à manufatura de cartuchos, cuja falta teria obliterado os esforços gigantescos dos bravos soldados ([138]). Depois desses nutridos combates, dos quais as gloriosas tradições do Forte saíram impolutas,

> o Tenente-coronel Porto Carrero, aproveitando o prolongado crepúsculo, incumbiu de melindrosa Comissão um dos seus oficiais que particularmente se havia distinguido pela bravura, calma e prontidão de vistas na parte mais efetiva da defesa, a fuzilaria, o 2° Tenente João de Oliveira Mello (TAUNAY, 1891).

O fim dessa incumbência confiada ao Tenente Mello foi recolher os feridos deixados pelos paraguaios no Campo da Ação, o bravo soldado desempenhou-a com alevantado critério, com nobreza, acolhendo fidalga e gentilmente a 18 feridos, os quais nele encontraram inexcedível gentileza, que nem parecia obrada pelo coração que, momentos antes, se inflamava de impetuoso heroísmo, onde chocaram-se as hostes invasoras, deixando na arena, mais de 100 mortos. Desse contraste, em que todos viam envolvida a sua personalidade, alma aberta à mais extrema

[138] Trabalharam aquelas dedicadas patriotas toda a noite, conseguindo preparar 6.000 cartuchos para a defesa do dia 28. (JOURDAN, 1893)

generosidade, coração capaz da mais estoica bravura, o Tenente Mello, surgiu mais prestigiado e admirado pelos seus irmãos de armas.

A defesa de Coimbra, porém, mais cedo ou mais tarde, viria a enfraquecer-se, porque aquele reduto de bravos não podia manter por mais tempo a resistência até então sustentada, nas condições desvantajosas com que lutavam incomparavelmente inferiores em número, e o que é mais – desprovidos de munição de guerra e de boca.

Em tais condições, quando nenhuma única probabilidade de bom êxito lhe sorria, o Tenente-coronel, Porto Carrero, de saudosa memória, de acordo com a oficialidade do Forte e com o Comandante Baldoino, resolveu evacuar Coimbra, o que, com efeito, realizou-se a 28 de dezembro, às 23h00, sem que os paraguaios pressentissem, graças à habilidade do bravo comandante do "*Anhambahy*"

A 30 desse mesmo mês, os retirantes de Coimbra chegavam a Corumbá, onde o pânico lavrava e cujo abandono o Coronel Carlos Augusto de Oliveira determinou irrefletidamente a 02.01.1865, ao ter ciência das ocorrências de 27 e 28 de dezembro.

Foi em face desse ato pusilânime do Coronel Carlos Augusto de Oliveira, que, fugindo covardemente para Cuiabá acompanhado apenas pelas tropas que couberam a bordo do "*Anhambahy*", largava ao abandono desumanamente, sem destino e alucinada, uma população de mais de 400 pessoas, .quando os paraguaios marchavam já sobre Corumbá, foi face desse ato cobarde do Comandante das Armas que o Tenente Mello recebeu a consagração a mais imponente do respeito e confiança que lhe tributavam os que o conheciam.

> Naquela tremenda conturbação, o sentimento popular e sobretudo da tropa, que ainda conservava algum espírito de disciplina, mostrou-se bem inspirado, reclamando todos, paisanos e soldados, o mando único de João de Oliveira Mello. Queremos o Tenente, bradavam a uma voz, e no meio de muitos Tenentes que lá se achavam, além de capitães, majores e coronéis, era esse 2° Tenente excepcional, o herói de Coimbra, que ainda tinha de salvar grande número de vidas (TAUNAY, 1891).

O Tenente Mello bem mediu a extensão dos sacrifícios e das responsabilidades que lhe impunham os que o aclamavam; mas a sua abnegação, que não era uma ficção, e o seu civismo falaram-lhe mais alto na consciência do que todas as conjecturas. E dispôs-se a ir corresponder ao apelo da multidão, quando foi impedido de fazê-lo pelo Coronel Carlos Augusto de Oliveira.

> – Sr. Comandantes das Armas, aquelas Praças ainda não almoçaram até a esta hora, 09h30, não tem gêneros nenhuns para a viagem e, demais, são de meu Corpo e não têm junto delas sequer um oficial.

Em vista de energia com que o Tenente Mello timbrou esta observação, o Coronel Carlos Augusto de Oliveira compreendendo a disposição do brioso oficial, deu-lhe a permissão para ir reunir-se àquele punhado de brasileiros que o Comandante das Armas largava à mercê do acaso em tão aflitiva emergência.

Sem deter a sua marcha, andando sempre, o vapor "*Anhambahy*" arriou um escaler, que o Tenente Mello e outros que o acompanharam voluntariamente tomaram em demanda da escuna "*Jacobina*", onde se achava o povo. Antes de qualquer outra providência, o Tenente Mello fez matar oito reses, voltou à Corumbá, onde comprou gêneros alimentícios, e, dirigindo-se ao Quartel em que o 2° Batalhão de

Artilharia esteve aquartelado inutilizou toda a munição que aí encontrou abandonada. Tomadas estas medidas, o Tenente. Mello voltou para bordo da escuna "*Jacobina*", que singrava o Paraguai acima. A marcha, porém, teve de ser interrompida a 03 de janeiro, porque, tendo os paraguaios avançado até Corumbá, eles não tardariam a sair ao encalço da escuna, logo que a divulgassem ao longo do Rio, amplamente descortinado aos olhos da velha Albuquerque. E a "*Jacobina*" seria fatalmente abordada. O Ten Mello, pois, prevendo essa desgraça, para obvia-la ([139]), desembarcou o pessoal que a "*Jacobina*" conduzia, e deixando à mercê das ondas a frágil escuna, acampou nas margens do Rio Paraguai, tomando de antemão as necessárias prevenções a fim de que não fosse surpreendido pelos paraguaios.

À 4, continuou a marcha, à pé, internando pelos campos, vastos pantanais, onde os fugitivos carpiram cruel martírio...

> O que foi aquela terrível marcha durante quatro meses, por pauis quase invadeáveis, um solo sempre encharcado, cortado de fundos corixos, na estação mais rigorosa do ano, debaixo de contínuos aguaceiros, por lugares nunca antes transitados, sem guia, vencendo enormes distâncias e rios caudalosos, que todos deviam transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais débeis e retardados, passa os limites da descrição.
>
> Só mesmo uma alma de herói, empenhada em sacrossanta missão. Sabia que, nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos, dependiam só e unicamente da sua serenidade e coragem, e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfalecimento as mais cruéis e desesperadoras conjecturas.

[139] Obvia-la: evita-la. (Hiram Reis)

> Também severíssima e meticulosa disciplina reinava naquela mísera coluna a que se haviam juntado não poucos índios Terenos, Laianos, Quiniquináos e Guanás; e os castigos não eram poupados ao mais leve delito – caso de salvação pública. (TAUNAY, 1891)

Após quatro meses de angustiosa viagem, à 30.04.1865, chegavam, com efeito, à Cuiabá, salvos, os habitantes de Corumbá. Toda a sorte de sacrifícios experimentaram os fugitivos nessa infortunada jornada, mas, em meio dos sofrimentos que os afligiam, todos folgavam de ver aquela massa de gente, onde se encontravam indivíduos de toda a casta, uma heterogeneidade de caracteres, na maior ordem, não se tendo registrado um só caso de roubo ou de atentado à moral durante o longo percurso dessa viagem.

A homenagem rendida ao Tenente Mello pelos cuiabanos bem merece ser relembrada, menos em honra ao emérito brasileiro cuja vida traçamos, do que como justo enaltecimento dos sentimentos cívicos a dos homens de então. A população de Cuiabá, que refluíra na povoação do Coxipó, aguardava aí os retirantes. A emoção, que o entusiasmo e a satisfação levavam à alma da multidão ali aglomerada, estava expressa no semblante de todos, ansiosos por acolher os infortunados fugitivos, ansiosos por glorificar o patrício benemérito, que tantas existências redimia. Em um momento, o povo agitou-se, e uma salva de palmas e um estrepitoso murmúrio prorromperam em aclamação ao Tenente Mello, que surgia. A um movimento, a figura do bravo militar desapareceu entre "*uma floresta de braços*" que lhe acenavam; e enquanto uns substituíam o rústico chapéu de couro, que o acompanhara durante a longa jornada, por coroas de flores, outros o carregavam nos braços delirante e alucinadamente.

Ao penetrar na Capital, cortejado sempre por numerosa multidão que o vitoriava, o Tenente Mello foi alvo dos mais ardentes aplausos e conduzido à Catedral, assistiu o "*Te Deum*" celebrado e, honra ao feito.

> Durante muitas semanas esteve em festas a capital, pasmos todos da milagrosa salvação de tantos entes, graças à dedicação e valentia de um único homem, que também salvou alguma coisa de seu, de bem seu, o nome, na triste história da invasão de Mato Grosso pelos paraguaios. (TAUNAY, 1891)

Após essa mortificante jornada, era natural, muito justo que o bravo militar fosse repousar. Mas não, o Tenente Mello entendia que o momento era de sacrifícios para todos. Em seguida à sua chegada a Cuiabá apresentou-se pronto para o serviço e, a 23.05.1865, seguiu para; "*Aricá-Assú*" com seu Corpo, que fazia parte da 1ª Brigada da Divisão em operações, e com o qual, em outubro, marchou para Coxim. O Governo Imperial, porém, não tardou em galardoar os inestimáveis serviços do distinto militar. Por Decreto de 07.07.1865 nomeou-o Cavaleiro da Ordem da Rosa e, a 22.01.1866, promoveu-o a 1° Tenente por atos de bravura, sendo-lhe também conferida uma medalha de prata pelos serviços prestados em Coimbra nos combates de 27 e 28.12.1864; e pelo Decreto de 06.01.1866 foi ainda nomeado Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Comissionado em Capitão por Decreto de 01.06.1867, foi promovido a este posto, sendo classificado na 7ª Companhia do 2° Batalhão de Artilharia a Pé. Quando o então Presidente da Província, Dr. Couto de Magalhães, organizava Corpos para retomar a cidade de Corumbá, o Capitão Mello foi oferecer-lhe os seus serviços, sendo com efeito incorporado às Forças que marcharam para expulsar os paraguaios daquela parte do território nacional.

Os feitos do Capitão Mello no memorável combate de 13.06.1867, em que os mato-grossenses lavaram a afronta assacada à Pátria, foram outros tantos atos de heroísmo, que mais enalteceram o nome do bravo oficial. Depois da vitória das Forças Brasileiras na praça de Corumbá, regressou o Capitão Mello a Cuiabá, sendo designado para servir no 1° Regimento de Voluntários Cuiabanos, e mais tarde para, seguir em diligência ao Baixo Paraguai. Por ato do Vice-presidente da Província foi nomeado Major em Comissão para o 1° Corpo Destacado, do qual foi desligado por ter sido chamado para servir no Exército em operações na República do Paraguai.

Aí o Capitão Mello foi incumbido de importantes comissões, notadamente a de Adjunto à Repartição do Deputado do Quartel Mestre General, junto ao Comando em Chefe, cargo que deixou para ir servir no 1° Corpo de Exército, assumindo então o comando da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros, no Rosário, e depois, em Cunguaty, o da Ala Direita. Pela ordem do dia de 06.01.1870, o Marechal Conde d'Eu elogiou-o, com especial menção, pela resignação e disciplina com que suportou prolongadas privações em S. Joaquim de Capivary, pelas matas insalubres de Jejuy-guassú e Jejuy-mirim.

Muitas e muitas outras comissões importantes, melindrosas, às quais deixamos de nos referir para não mais alongar este trabalho, foram cometidas ao Capitão Mello, durante o longo período da Guerra do Paraguai, que ele acompanhou "*pari-passu*", das primeiras hostilidades recebidas por Coimbra ao momento em que o tiro de honra foi desfechado sobre Solano López e o Hino Nacional ecoou na amplidão anunciando a vitória do Brasil. Em compensação, muitos são também os louvores que a sua brilhante fé de ofício registra, enaltecendo a sua

inteligência, a sua probidade, o seu amor à disciplina e o zelo no cumprimento de seus deveres, dos quais teve sempre a mais larga compreensão.

Terminada a Guerra, voltou o Capitão João de Oliveira Mello à monotonia da vida de Quartel, recolhendo-se ao seu Corpo, que se achava em Cuiabá. Na então Província de Mato Grosso, achava-se, pois, reduzido a uma vida militar sedentária, adormecida, pouco compatível com a, sua atividade e com o seu mérito. E, afastado para lugar tão longínquo das vistas do Governo, era evidente que o bravo Capitão Mello ia ser condenado ao esquecimento, a despeito da fulgurante auréola que cercava o seu nome. Com efeito, depois de ter servido algum tempo arregimentado, foi nomeado comandante do Distrito Militar de Mato Grosso, onde serviu de 06.06.1873 a 14.05.1877, com algumas interrupções; e só em 1878 era graduado no posto de Major e incluído no Corpo de Estado Maior de 2° classe, sendo-lhe conferida por esta ocasião a medalha de Cavaleiro da Ordem de Cristo, pelos serviços que prestou na retirada de Corumbá.

Em 1882, foi novamente nomeado para comandar o Distrito de Mato Grosso. Ele bem compreendia quão prejudicial era para a sua carreira essa incumbência, que, não constituindo merecimento, afastava-o dos meios, onde pudesse exercitar a sua atividade profissional. Mas capitulando em face do dever, foi de novo assumir o exercício desse cargo, sacrificando o seu futuro e toda a sorte de interesses. Lá, na decadente Vila Bela, ficou por muito tempo esquecido do Governo o brioso oficial.

Só seis anos depois de sua graduação, em 23.12.1884, teve efetividade no posto de Major; sendo, a 02.05.1885, graduado no posto de Tenente-coronel; para o qual foi promovido em 29.06.1887. Assimilado pelo meio em que vivia, João de Oliveira Mello filiou-se a um dos Partidos militantes na Província e, posto não tivesse sido um obcecado, foi, todavia, político austero; intransigente, fiel ao seu Partido até ao sacrifício de seu futuro. Em verdade, a intolerância política feriu bem fundo a sua carreira, até que, de desgosto em desgosto, pediu transferência para a 2ª Classe do Exército, em 01.04.1888, para pôr-se a cobro de manejos políticos.

A 14.09.1889, porém, reverteu à 1ª Classe. Pelo Decreto de 6 e Carta de 17, tudo de agosto de 1889, foi nomeado Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, sendo-lhe também concedida a medalha comemorativa da Guerra do Paraguai em 19.07.1890.

O Ten Cel Mello, posto tivesse um nome glorioso, posto tivesse gozado a satisfação de ver-se vitoriado por um povo inteiro a aclamá-lo delirantemente jamais, tivera a febre das grandezas; as suas conquistas ele as guardava sob uma modéstia inexcedível, que foi sempre o seu apanágio e a ânfora cristalina através da qual os seus títulos transpareciam mais rutilantes.

Isso, porém, não excluía que ele fosse cioso de si mesmo, de seus direitos, até ao egoísmo e, digamos, mesmo à ambição, que, muitas vezes, são em essência os atributos do brio, do altruísmo e da dignidade do homem. Ferido, pois, em seus direitos pelo Governo Provisório, que o postergara nas promoções efetuadas logo após o advento da República, o Tenente-coronel Mello solicitou a sua reforma, que foi-lhe concedida, quando ainda, oficial cheio de serviços, tantas esperanças lhe sorriam!

Tendo sido reformado em 06.10.1890, no posto de Coronel, posteriormente foi graduado em General de Divisão, em virtude de lei.

Recolhido à vida privada, entregue à vida remansosa do lar, o General Mello foi chamado a ocupar o cargo de Chefe de Polícia deste Estado, sendo Governador o então Coronel Mallet.

Quando deu-se aquela deplorável sedição militar, que, em 1892, depôs o Presidente do Estado, o General Mello pôs de parte o preconceito de classe e colocou-se ao lado da legalidade, desinteressadamente, sem visar as promessas da política e prestigioso como bravo militar que foi, no comando da 1ª Brigada da Divisão "*Floriano Peixoto*", desempenhou proeminente papel, foi o braço forte da contrarrevolução operada para a reposição do governo constituído.

Os fatos, porém, são de ontem e nos julgamos desobrigados de comentá-los. Após esse movimento revolucionário, o General Mello, que, modesto, nada aspirava da política, como já dissemos, tornou de novo a vida do lar, ao qual foi extremamente devotado, como esposo e como pai.

Quando ainda intestináveis serviços poderia prestar à Pátria, um lamentável incidente ocorrido no rio Cuiabá, a 17.04.1899, veio roubar-lhe a vida preciosa, aquela que mais exuberantemente encarnou o civismo, a honradez, de par com o mais acrisolado amor à comunidade.

Para não mais nos alongarmos, aqui concluiremos este ligeiro esboço biográfico, mas, antes de fazê-lo, rogamos aos nossos patrícios que, em honra aos manes ([140]) dos nossos maiores não deixem cair no olvido a memória gloriosa desse benemérito brasileiro, por tantos títulos digno do nosso afeto e da mais religiosa veneração.

J. Barbosa de Faria (RIHMT N° 25)

Ao Brioso Povo Paulista
(José Victorino da Silva Azevedo)

Às armas, nobres paulistas!
Às armas! – Fora a indolência!
Às armas! – Filhos da terra
Que deu berço à independência!
Não ouvis o nobre grito
Dos bravos, que tem inscrito
Seus nomes no chão da glória?
Às armas, povo paulista!
Sem valor não se conquista
O nome que diz – Vitória! ...

Em Cerro-largo n'outrora,
Outrora em Monte Caseros
Que fostes, bem o mostrastes
Da Pátria filhos sinceros!
Irmãos valentes vos chamam,
Os vossos brios proclamam,
Lembram Buenos e Andrades,
Lembram o grito, soltado
Nesse Ipiranga afamado
Paládio das liberdades! ...

[140] Aos manes: às memórias dos antepassados. (Hiram Reis)

Paissandu curvada a fronte
Soltou gritos derradeiros,
Ouvindo o rugir dos bravos
Dos valentes brasileiros!
E em breve a voz do canhão,
Montevideo, Assunção,
Dos Gomes terão a sorte:
Que este povo brasileiro,
Tem por seu facho o Cruzeiro,
Tem por virtude o ser forte!

Que importa vil paraguaio
Em número mui superior,
Quase à traição, por enquanto
Ser de Coimbra o senhor?
Por ventura foi façanha
Tão vigorosa e tamanha
SEREM TANTOS de uma vez,
CONTRA POUCOS, que em três dias
Praticaram galhardias,
E sem recursos talvez? ...

Não! Não cabe ao invasor
Nem glória, nem alto brado,
NEM RENDIDO, NEM VENCIDO
Foi o VALENTE PUNHADO!
Retirou, mas não vencido!
[Que o brasileiro aguerrido
Em ser covarde não timbra]
Mas para em breve, com glória,
Ter certeza da vitória
Reconquistando Coimbra! [...]

Avante, povo de bravos!
Somente da honra escravos
Procurar da Pátria a glória!
Quem da Pátria o bem cobiça,
Tem por seu norte a justiça,
Tem por certeza a vitória!

Homens e mulheres na Guerra do Paraguai
(Joseph & Maurício Eskenazi Pernidji)

López galopa só. Tem a perseguição de toda a tropa imperial às suas costas. No seu vocabulário, desde 1864, não existe a palavra rendição. Patas da cavalaria às dúzias, seus ginetes cercam o tirano.
Seu baio atingido cai no barro do Aquibadan.

López, sois prisioneiros do Exército Imperial. Entregai-vos, que vos garantimos a vida – grita um Tenente. Os olhos de Lopez cintilam de ódio. Coberto de barro, sujo, esfarrapado, dispara um tiro em direção ao Tenente. Nunca aceitaria ordens de comando estrangeiro.

O Cabo Francisco Lacerda, de apelido Chico Diabo, numa carga, atropela o corpo de Lopez com a lança, perfurando-lhe o baixo-ventre. Seu rosto retorce-se de agonia. Por todos os lados, cavalos e uniformes imperiais. O corpo afunda na água barrenta. Com grande esforço, ergue-se e desembainha a espada. Ameaça simbolicamente os inimigos. O sangue escorre pela boca e narinas.
– Muero com mi pátria! Exclama em agonia.

Monumento aos Heróis

ANNO LVII — JANEIRO-FEVEREIRO

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA

Imagem 31 – RMB N° 113, jan/fev de 1937

A Revista Marítima Brasileira N° 133, de jan/fev de 1937 publicou um artigo detalhando o projeto do monumento aos Heróis de Laguna e Dourados erigido na Praça General Tibúrcio, Praia Vermelha, Bairro da Urca, Rio de Janeiro, RJ:

Revista Marítima Brasileira N° 133
Rio de Janeiro, RJ – janeiro/fevereiro de 1937

Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados

Pelo Cap Jayme Alves de Lemos
(Da Comissão do Monumento)

I – Ligeiro Histórico

Está concluído o monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, que é a representação da "*Epopeia de Mato Grosso*" no Bronze da História. Obra de arte de incontestável valor, do professor do Lyceu de Artes e Ofícios – Antônio Pinto de Mattos. Neste trabalho o artista se revela um profundo conhecedor dos segredos de sua arte. Apresentada a "*maquete*" em 1921, com 16 concorrentes, foi a 1ª classificada, após um julgamento rigoroso, de cujo júri era Presidente o Dr. Pandiá Calógeras, então Ministro da Guerra. Compunham a Comissão os senhores Dr. Felix Pacheco, Ministro das Relações Exteriores, Professor Souza Lima, da Escola Nacional de Belas Artes, Gen Monteiro de Barros, Comandante da Escola Militar, Capitão Norival de Lemos, Engenheiro militar e arquiteto, e como Presidente da Comissão central o atual Ten Cel Cordelino de Azevedo. O trabalho de fundição, a cargo dos irmãos Cavina, à rua Lins de Vasconcelos, 623, é digno de elogio pela competência revelada. Vejamos como nasceu a ideia da ereção do monumento. Em 1920, "*O Jornal*", de 14 de junho ([141]), trouxe à baila a notícia de que os túmulos de Camisão, Antonio João e do Guia Lopes estavam em abandono e fazia um apelo à mocidade militar para que lhes colocasse uma lápide. A ideia encontrou, na mocidade da Escola Militar de Realengo, terreno fértil. Imediatamente se organiza uma comissão com o fim de angariar recursos para o fim citado. Por esta ocasião, o então 1° Tenente Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo, professor daquele estabelecimento, rebatendo a ideia inicial, apresenta a sua e que já há muito o preocupava: em lugar de uma simples lápide, a concretização no bronze, não só dos feitos da "*Retirada da Laguna e Dourados*" como de toda a "*Epopeia de Mato Grosso*".

---

[141] O Jornal n° 362, de 14.06.1920 (página 8). (Hiram Reis)

DIRECTOR
RENATO DE TOLEDO LOPES
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
12 – RUA RODRIGO SILVA – 12

O JORNAL

ANNO II — NUM. 362

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 14 de Junho de 1920

ASSIGNATURAS

AVULSO 100 RS.

No Ministerio da Guerra

O SOLDO DO CADETE

Queremos referir-nos ás homenagens que os militares devem prestar aos nossos heróes.

A "Cruzada" poderia tomar a peito a glorificação de Antonio João, Camisão e o abnegado guia Lopes.

Ouvem na Escola a recitação de honrosos episodios, depois, nos corpos, os transmittirão aos recrutas para lhes desenvolver o civismo, mas é preciso não esquecer que os tumulos dos heroes estão abandonados.

Não custa a corações cheios de fé uma outra cruzada: uma singella lapide nos logares em que dormem esquecidos os que deram exemplos de incomparavel patriotismo.

Imagem 32 – O Jornal n° 362, 14.06.1920

Vitoriosa foi a ideia mas grande era a tarefa a realizar. São decorridos 17 anos e só quem acompanhou os trabalhos do Ten Cel Cordolino de Azevedo é que poderá avaliar quantos obstáculos, quanta indiferença teve que vencer e superar para que a sua ideia não morresse. As inúmeras comissões que teve o monumento, compostas de Cadetes, cada ano se revezavam, sempre sob a sua presidência e responsabilidade direta. Lutou, persistiu, teve confiança nos homens de bem, eis porque venceu.

Os recursos para o custeio vieram de várias fontes: das classes armadas, desde o Soldado, do Cadete até as etapas das praças do Exército, Marinha e Polícia; do povo por intermédio do extinto Congresso Nacional e Câmaras Estaduais e Municipais. Inicialmente foi cedido para local do monumento a Ponta do Calabouço, onde se lançou a pedra fundamental em 07.11.1926. Uma vez preparado o alicerce e aglomerada a parte de granito, os trabalhos foram suspensos em virtude da sua altura [26 metros] e as proximidades do Aeroporto.

A “*Epopeia*” esperou mais 8 [oito] anos pela nova instalação. Este atraso trouxe um prejuízo de cerca de 300 contos com os trabalhos já realizados e com o encarecimento do custo de vida.

Novo local é designado, o da atual Escola Benjamin Constant à “*Praça 11 de Junho*”, devendo para isto ser demolida. Nova espera, os Heróis da Epopeia já haviam esperado tanto que mais algum tempo não faria mal.

Entretanto, uma fase de realizações surpreende o nosso País. Imbuído pelo alto espírito de amor à classe, o atual Ministro da Guerra, Sr. General Eurico Gaspar Dutra, teve a feliz ideia de designar a Praia Vermelha para a sua ereção.

A lendária Praia Vermelha, onde outrora existiu a Escola Militar de ricas tradições, terá um marco como símbolo das excelsas aspirações da mocidade militar.

Em 1903, naquele vetusto estabelecimento da Praia Vermelha, o então Major Lobo Vianna lançava a ideia de um monumento aos Heróis de Laguna.

Um projeto de autoria do General Maciel de Miranda era apresentado e indicava para localização o pátio interno do Quartel General. Infelizmente nada foi feito.

Uma particularidade vem enriquecer o valor histórico do monumento: é a de ter sido nele empregado o bronze de velhos canhões que defenderam a integridade da nossa Pátria nas lutas passadas e de hélices de velhos navios de guerra.

O granito de que se compõe a parte arquitetônica, foi escolhido pelos competentes professores de Geologia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro: Drs. Ruy de Lima e Silva e Otthon Leonardos.

A Prefeitura Municipal, por intermédio do Secretário da Aviação Engenheiro Edison Passos, deu início ao intensivo trabalho da preparação cio logradouro, no que tem sido incansável o engenheiro Francisco Ruiz.

II — Cooperação da Marinha na Epopeia

A Marinha Nacional cooperou com os seus feitos na confecção das heroicas páginas da "*Epopeia de Mato Grosso*".

a) *Ataque ao Forte de Coimbra.*

Auxilia a defesa do Forte o "*Anhambahy*" Capitão Tenente Balduino de Aguiar.

b) *A Retirada de Corumbá.*

Uma vez resolvido o abandono do Forte é o "*Anhambahy*" que faz o transporte até Corumbá. Em caminho reúnem-se dois navios que iam levar auxilio ao Forte e com eles chega à Corumbá em 30 de dezembro.

Abandonada aquela cidade os três navios e mais a escuna "*Jacobina*" são encarregados de levar toda a tropa e a população de cidade para Cuiabá.

c) *Combate do Alegre.*

No porto de Sará, no Rio de S. Lourenço, em 11.07.1867, se achavam dois navios brasileiros: o "*Taurú*" e o "*Antonio João*". Ao cair da tarde aproxima-se um grande vapor paraguaio, o "*Salto de Guayra*" acompanhado de dois menores. Comandava nossos navios o bravo Capitão Tenente Balduino.

O "*Jaurú*" é abordado pelos adversários que o tomam de assalto. O "*Antonio João*" metralha o "*Salto de Guayra*", com tal energia que o põe em retirada.

Balduino vê que o "*Jaurú*" está em poder dos paraguaios, investe sobre ele com "*Antonio João*" e consegue abordá-lo e novamente fica em seu poder. Graças ao heroísmo dos nossos marujos, embora em luta desigual, dois contra três, coube-nos a vitória.

III — A Expressão Significativa dos Pormenores

O corpo do monumento se compõe das seguintes partes:

1) O pé estilizado em fortaleza – tem de circunferência 53 metros;

2) A segunda parte se apoia sobre a precedente, consta de 3 altos relevos representativos de cenas trágicas e heroicas: a Marcha Forçada, o salvamento dos canhões e o transporte dos coléricos. Estes altos relevos tem 16 m de comprimento quando retificados e 1,80 m de altura;

3) A terceira parte consiste nas três figuras simbólicas: Pátria Espada, História e a Glória que medem sentadas 2,40 m;

4) Na face dos altos relevos se destacam as três figuras dos máximos heróis: Coronel Camisão, Ten Antonio João e Guia Lopes, medindo 1,90 m;

5) Acima da parte coberta pelo alto relevo eleva-se uma coluna estilizada em tubo de canhão, feita de granito, com 9,50 m de altura. Encimando esta coluna, uma estátua representando a Glória, com 4,20 m de altura e 6 m de envergadura de asas. Ao todo o monumento terá cerca de 26 m e peso de 300 toneladas.

Os Heróis

Antonio João – está representado no justo momento em que foi baleado pelo inimigo, quando cai, confirmando assim o que havia escrito: "*Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protestos solene contra a invasão do solo de minha Pátria!*"

Guia Lopes – em atitude calma de homem do sertão com a serenidade contemplativa de quem sempre viveu no meio da natureza, e assim salvou a Expedição.

Coronel Camisão – é a figura curiosa de soldado, está em atitude meditativa ao mesmo tempo que prova possuir uma grande força de alma. Com uma das mãos empunha a espada, com a outra, o mapa.

Os Símbolos

A Pátria – representada com capacete e vestes guerreiras, porém, a sua expressão é de bondade, firmeza e energia. Empunha a bandeira gloriosa que assistiu o martírio de seus filhos que a defenderam com o sacrifício da própria vida.

A Espada – representada por uma figura em recolhimento, concentrada mostrando a força de que é dotada. Sua nudez simboliza o heroísmo e coragem legados ao homem pela natureza.

A História – em intensa meditação, empunha a pena com que descreve os feitos dos homens.

A Glória – encimando o monumento, significa um pensamento superior que se move a certa altura, acima das cenas trágicas e agonizantes.

Os Baixo Relevos

São 3 com 1 m x 1,30 m e ficam na base do monumento.

1) *Defesa do Forte de Coimbra*: representa o assalto ao Forte pelo Batalhão paraguaio tentando escalar a gola Este, sendo repelido.

2) *Retirada de Oliveira Mello*: representa a passagem dos retirantes por um pantanal.

3) *Combate de Alegre*: o fato culminante é a retomada do vapor "*Jaurú*" por abordagem. No fundo do quadro, entre densas nuvens, a velha Corumbá, retomada pelo Coronel Maria Coelho.

Os Altos Relevos

1) *A Marcha Forçada*: é o início da Retirada. Vê-se aglomeração de uma esquadra de soldados, é a marcha forçada. "*Dia e noite atacados pelo inimigo, combatidos pelo fogo encharcados pelos aguaceiros, devorados pela fome, era preciso marchar a todo transe*". Nela figura o Visconde de Taunay empunhando a bandeira.

2) *O Salvamento dos Canhões*: pela história sabemos que o Tenente Cesário de Almeida Nobre de Gusmão, "*tudo fez para não os deixar como troféus ao inimigo*". Conduzir canhões por tremedais profundos, atoleiros imensos, debaixo de sol e chuva, representa a resistência física e o brio militar com que foi feita a Retirada da Laguna.

3) *O Transporte dos Coléricos*: é a mais trágica das passagens daquela retirada. O 3° Alto Relevo representa "*o transporte desses doentes, espetáculo tétrico e macabro, homens famintos e maltrapilhos carregam debaixo do clarão do incêndio macas improvisadas numa procissão para a morte. É a inclemência da peste é a luta da peste. Cada dia que passa o número de doentes aumenta. Chega a um ponto que não é possível mais transportar todos e os que estão condenados à morte são deixados em uma lareira com o seguinte cartaz: "Compaixão para os coléricos*". E o inimigo, sem dó ou piedade os massacra.

Eis no "*Bronze da História*" os feitos dos nossos antepassados. Herança que orgulhando um povo indica o rumo a seguir na conquista de um ideal. (RMB N° 133)

Poesia

(Veterano Francisco Fortunato Souza Lírio, 1865)

Brasileiros, às armas correi,
Empunhando as armas ligeiro;
Nas campinas do vil Paraguai
Sustentai o pendão brasileiro.

É mui nobre o sangue ir verter-se
Pela Pátria que geme oprimida;
Voluntários, armai-vos depressa,
Tendo a fronte de louros cingida.

As mulheres e filhos deixando,
Voluntários da Pátria correi;
De espingarda ou espada na mão
Destroçai esse povo sem rei.

Essa horda selvagem de brutos
Que lá bramem no seu Paraguai
Aos valentes, povo brasílio,
Num momento aos pés calcai.

E vós, marinheiros valentes,
Vosso irmão vos cumpre vingar,
Do Leandro a cabeça arrancando.
Plantar ide à beira do mar.

Quem morre pela Pátria vive,
Faz na história seu nome brilhar,
As viúvas e filhos que deixam
Hão de em Pedro socorro encontrar.

O que vos prende, soldados valentes?
E vossos; nomes não ides escrever?
Ainda é tempo, correi pressurosos,
Ide glória buscar, ou morrer.

Eia, avante, e avante, coragem.
Sobres filhos do Império da Cruz,
Vossos nomes lançai nesse livro
Onde o fogo da Pátria transita.

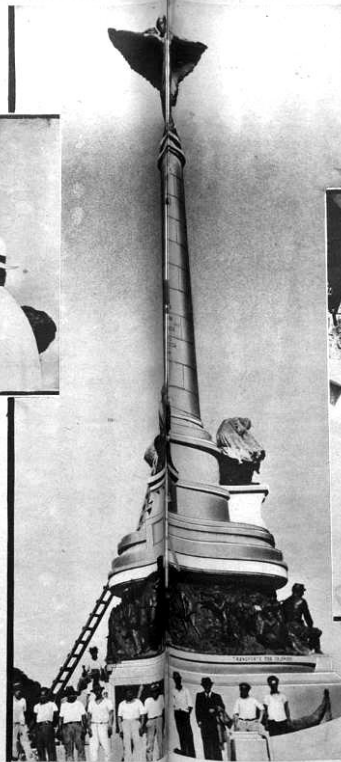
Revista O Cruzeiro n° 07
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 17.12.1938

Vive Ainda um Herói de Laguna e Dourados

Reportagem de Myllor Nogueira
(Especial Para O Cruzeiro)

Lentamente, Examinando o Majestoso Monumento que Será Inaugurado em 29 do Corrente, o General Raphael Tobias de Vasconcellos Evoca Momentos da Campanha do Paraguai

Trinta e cinco dias de guerra e peste. Marcharam sobre pântanos, fogo e de braços abertos com as epidemias. Eram pouco mais de 1.500 homens. E quando transpuseram pela segunda vez, o Apa, tudo era desgraça em torno do Corpo Expedicionário. As margens o Rio estavam juncadas de cadáveres. Mortos da guerra, mortos da peste. Mas a marcha prosseguia sob uma fuzilaria infernal. Um dia, a medida suprema. O abandono dos moribundos.

Na clareira da mata ficaram centenas de brasileiros ao lado dos heróis, uma legenda humana: "*Compaixão para os coléricos*". Faltou a generosidade do inimigo. Os soldados do Coronel Camisão foram passados pelas armas paraguaias. Continuava a ronda da morte em torno da legião de bravos. O fazendeiro José Francisco Lopes, o famoso Guia Lopes, morria às portas da Estância de Jardim, de onde partira para levar os brasileiros à fazenda de Laguna, de propriedade de Solano Dias López.

Camisão deu um suspiro e, na estrada, caiu imolado pelo mal de Ganges. E no final da epopeia, somente 702 heróis. Os outros, foram devorados pela artilharia e pela peste. Foi assim a Retirada da Laguna, iniciada na triste manhã de 08.05.1867, ao som do clarim e do tambor surdo. Retirada da Laguna, página de ouro na história de um povo, escrita com sangue no meio da tormenta.

O repórter conversou com o único sobrevivente da Laguna. É o General Raphael Tobias de Vasconcellos, com 94 anos de idade. Ele lutou ombro a ombro com Camisão e conviveu com o Guia Lopes.

Quase assistiu à Glória de Dourados. O Dourados defendido por um gigante. Gigante da bravura e do patriotismo brasileiro. Foi o Tenente Antonio João, que com 16 homens lutou para morrer, enfrentando 220 paraguaios. E na queda do titã, uma frase:

> – Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria.

O velho General Tobias Vasconcellos conversou com o repórter aos pés do monumento que perpetua a memória de um punhado de heróis. O antigo Alferes do 17° de Voluntários, diante do alto relevo "*Transporte dos coléricos*", murmurou:

> – Espetáculo macabro. Foi a procissão da morte. O cholera-morbus arrasava a coluna. A metade da tropa vinha em padiolas. Sobre os pântanos iam ficando os nossos irmãos. E nós, uma legião de famintos, contando a mata em chamas.

O nonagenário anda com dificuldade. Passa o lenço na testa enxuga o suor e prossegue:

– Estou vendo o Tenente Raymundo Fernandes Monteiro. Um bravo. Na luta contra os invasores, era, um leão. No meio dos seus soldados, uma criança.

O velho militar está agora pensando talvez no combate do Alegre, quando o capitão Balduino de Aguiar atacou o "*Salto de Guahyra*" e retomou o "*Jaurú*" dos paraguaios. Talvez em Ana Mamuda, a transviada, que levava a palavra de conforto ao agonizante.

Sublime missão de uma mulher brasileira. Estamos, agora, diante do "*Salvamento dos Canhões*". O herói da Laguna dá o braço ao repórter e fala baixinho:

– Foi o Ten Cesário de Almeida N. de Gusmão. Os bois e os soldados puxavam os canhões do fundo do lamaçal. Nenhum canhão ficou em poder dos paraguaios. Eles foram à Laguna e voltaram.

O ancião está cansado. Repousa um pouco sobre o pé do monumento estilizado em trincheira e acrescenta:

– Um canhão caiu no Rio Miranda. Foi outro episódio homérico. O soldado Damásio conseguiu salvá-lo.

Os olhos do antigo Alferes estão rasos de lágrimas. O velho General faz meia volta pelo monumento e fica ao lado do alto-relevo "*Marcha Forçada*".

– Veja aquele oficial à frente da tropa, empunhando a espada. É o exemplo. Foi a marcha de provações terríveis. 35 dias de combates, fome e peste. Marcha penosa enfrentando sede, pântanos, febres, chuvas e a maldita cólera.

O ex-Alferes do 17° Batalhão de Voluntários tem uma palavra de saudade para o seu primeiro comandante, Coronel Manoel Pedro Drago. Ele tira o chapéu e procura se perfilar diante da figura espartana de Antonio João. O rosto da estátua é uma expressão de abnegação. As pernas estão curvadas e o corpo parece que vai cair. O herói foi baleado e vai morrer. Epopeia de Dourados. O Tenente lutou com 16 homens contra 220 paraguaios. O sobrevivente da Laguna teve uma palavra:

– Gigante!

O General Tobias vê a estátua de Camisão. Camisão, o grande soldado, herói da Laguna e acusado de covardia em Corumbá. Ele fala:

– O primeiro soldado que atravessou o Apa e invadiu o território do inimigo. Um grande cabo de guerra!

Ele conhecia toda a região. A sua mulher e filhos estavam em poder dos paraguaios. Na estância de Jardim, tudo era desolação e revolta. José Francisco Lopes apresentou-se ao Coronel Camisão e disse que queria ser guia da Expedição. Ele não foi somente o guia.

Foi um anjo abrindo caminhos perdidos nos pântanos. Marchou para o Apa com os olhos fitos na morte. Voltou de Laguna atacado pelo cólera para ir tombar nas portas de Jardim. O Guia Lopes tem a sua estátua no monumento da Praia Vermelha. O seu companheiro, quase centenário, olhou para o bronze. Guia Lopes está pensando. Uma mão no queixo e outra empunhando um chicote: Fala o General:

– Foi ele quem salvou a coluna. A alma do sertanejo a serviço da Pátria ultrajada. A sua expressão era sempre de amargura e desalento.

Vive ainda um herói de LAGUNA e DOURADOS

TRANSPORTE DOS COLERICOS

NA BASE DO MONUMENTO AOS HEROES DE LAGUNA E DOURADOS, O GENERAL RAPHAEL TOBIAS DE VASCONCELLOS FALA AO REPORTER, DA CAMPANHA GLORIOSA

TRINTA e cinco dias de guerra e peste. Marcharam sobre pantanos, fogo e de braços abertos com as epidemias. Eram pouco mais de 1.500 homens. E quando transpuzeram pela segunda vez, o Apá, tudo era desgraça em torno do Corpo Expedicionario. As margens do rio estavam juncadas de cadaveres. Mortos da guerra. Mortos da peste. Mas a marcha proseguia sob uma fuzilaria infernal. Um dia, a medida suprema. O abandono dos moribundos.

Na clareira da matta ficaram centenas de brasileiros ao lado dos heroes, uma legenda humana: — Compaixão para os cholericos.

Faltou a generosidade do inimigo. Os soldados do coronel Camisão foram passados pelas armas paraguayas. Continuava a ronda da morte em torno da legião de bravos. O fazendeiro José Francisco Lopes, o famoso Guia Lopes, morria ás portas da Estancia de Jardim, de onde partira para levar os brasileiros á fazenda de Laguna, de propriedade de Solano Dias Lopez. Camisão deu um suspiro e, na estrada, caiu immolado pelo mal de Ganges. E no final da epopéa, somente 702 heroes. Os outros, foram devorados pela artilharia e pela peste. Foi assim a Retirada da Laguna, iniciada na triste manhã de 8 de maio de 1867, ao som do clarim e do tambor surdo. Retirada da Laguna, pagina de ouro na historia de um povo, escripta com sangue no meio da tormenta.

SRA. RAPHAEL TOBIAS DE VASCONCELLOS, NUMA POSE ESPECIAL PARA O CRUZEIRO, EM SUA RESIDENCIA

LENTAMENTE, EXAMINANDO O MAGESTOSO MONUMENTO QUE SERÁ INAUGURADO EM 27 DO CORRENTE, O GENERAL RAPHAEL TOBIAS DE VASCONCELLOS EVOCA MOMENTOS DA CAMPANHA DO PARAGUAY

—

O reporter conversou com o unico sobrevivente da Laguna. E' o general Raphael Tobias de Vasconcellos, com 94 annos de idade. Elle lutou hombro a hombro com Camisão e conviveu com o Guia Lopes. Quasi assistiu á Gloria de Dourados. O Dourados defendido por um gigante. Gigante da bravura e do patriotismo brasileiro. Foi o tenente Antonio João, que com 16 homens lutou para morrer, enfrentando 220 paraguayos. E na queda do titan, uma phrase:

— "Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solemne contra a invasão no solo de minha patria".

Reportagem de MYLLOR NOGUEIRA

(ESPECIAL PARA O CRUZEIRO)

(CONCLUE NA PAG. 40)

(PHOTOS DE EDGARD MEDINA)

COM 94 ANNOS DE IDADE, FORTE E RIJO, O GENERAL TOBIAS DE VASCONCELLOS, ASSISTIRÁ Á INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DA PRAIA VERMELHA, COMO TESTEMUNHO DA GLORIOSA CAMPANHA

Imagem 33 – O Cruzeiro n° 07, 17.12.1938

O incêndio lavrava pelos campos e ele descobria novos caminhos para a tropa. O Guia Lopes conquistou a confiança dos soldados pelo coração e pela bravura.

Os operários manejam picaretas. Abrem um túnel. Debaixo do histórico monumento deverão repousar as cinzas de Camisão, de Antonio João, Guia Lopes e de todos os Heróis da Laguna, cujos túmulos estão perdidos no Mato Grosso. Ali, será também o túmulo do General Raphael Tobias de Vasconcellos. Os trabalhadores pregavam os baixos relevos. Um operário sobe numa escada e limpa as letras:

– Aos heróis de Laguna e Dourados a Pátria agradecida. (REVISTA O CRUZEIRO N° 07)

Diário de Pernambuco n° 47
Recife, PE – Terça-feira, 03.01.1939

O Discurso do Coronel Pedro Cordolino de Azevedo

Na Inauguração do Monumento No dia 31.12.1938

Exm° Sr. Presidente da República, Exm^{os} senhores Ministros de Estado, Exm^{os} senhores Generais e Almirantes, minhas senhoras, meus senhores, brasileiros.

Na tarde luminosa de 24.08.1920, a Escola Militar do Realengo, reunia em Assembleia Geral sob a presidência do então Cadete Osório Tuyuty, por entre fortes aclamações e vivo entusiasmo, que calaram fundo nos corações, honrava-me com a

eleição de presidente de uma comissão de Cadetes que teria o encargo de perpetuar, na dureza do granito e na eternidade do bronze, todo um período de glória e sofrimento da Nação Brasileira.

Assim, a semente, que eu, como professor de História Militar lançara no coração daqueles moços fortes e entusiastas de nosso passado germinava rapidamente e se apresentava em viçoso botão, já quase desabrochando e do qual se sentia o trescalar ([142]) do suavíssimo perfume da esperança...

Tratava-se, no caso, de condensar num Monumento a agonia, o padecimento e o heroísmo de Mato Grosso, a Província martirizada pelo inimigo durante tantos anos e para tanto bastaria rememorar a constância, o valor e o espírito de sacrifício daqueles heróis máximos de nossa história, num dos momentos mais difíceis da nacionalidade. Este monumento, que eu propunha, era a ampliação da ideia que, havia alguns dias, fervilhava no coração dos Cadetes, qual a de angariar recursos para cobrir com lápides singelas os túmulos dos heroicos defensores da nossa honra e que se achavam no sertão mato-grossense, em doloroso abandono. Foi a ampliação das homenagens à memória dos que tombaram no cumprimento do dever o que empolgou fortemente a Escola Militar e que se corporificou naquela tarde, já tão distante no espaço e no tempo.

E assim, a Escola Militar, a esperança radiosa de todos os tempos, se pôs em campo, tendo-me à frente, para saldar a dívida que a Pátria, havia meio século, tinha contraído para com aqueles que em nenhum só momento titubearam em verter seu sangue generoso pela glória e honra do nosso estandarte.

[142] Trescalar: exalar. (Hiram Reis)

A Retirada da Laguna – síntese da constância e valor do nosso soldado, a resistência de Dourados – o expoente da bravura e do espírito de sacrifício de uma raça seriam os episódios máximos a serem focalizados no momento. Outros episódios em que o heroísmo, a abnegação, a tenacidade e a bravura se apresentavam em toda sua pujante eloquência completariam o monumento projetado: Defesa do Forte de Coimbra, Retirada de Oliveira Mello, Combate do Alegre e Retomada de Corumbá.

E como testemunho dessa imensa tragédia aqui se se acha presente o General Raphael Tobias, o último dos retirantes da Laguna e que na sua velhice radiosa é para nós um estímulo, um exemplo. Neste momento ele encarna toda a gente brava e forte que se deixou imolar nos rincões distantes, com os olhos fixos na bandeira que defendia.

Senhores!

Todos aqueles acontecimentos épicos estão intimamente ligados entre si, eles se entrelaçam no mesmo grandioso cenário, na heroica Província, com a mesma cadência, com a mesma característica viril de nossa gente. Eles por si só constituem um ciclo à parte no conjunto das operações da campanha de 1864-1870. Por isso mesmo não se podia celebrar, numa obra monumental, um apenas, com o esquecimento, a exclusão dos demais. O monumento seria, pois, a integração daqueles episódios, vividos e passados numa região longínqua, inóspita, é certo, mas nossa e bem nossa.

Foi tudo isso que eu disse aos meus alunos daquela época. Foi tudo isso que despertou no seio ardente da mocidade militar o desejo de resgatar a dívida por longos e criminosos anos esquecida. E a comissão a que presida desde aquela época, começou o trabalho intenso de propaganda.

Ao povo, aos governos, às Forças Militares de terra e mar aos particulares solicitamos o óbulo generoso, e ele nos veio ora em torrentes, ora às gotas, do subsídio do chefe do Estado ao magistrado soldo do Cadete, do soldado, do marinheiro, da contribuição generosa do Governo Federal à dotação minúscula de patriótico município brasileiro. Cada ano que surgia, novas comissões se formavam com outros Cadetes, e assim se fez durante esse largo período de 18 anos, permanecendo como constantes entre essas variáveis, eu no cargo de presidente, e o Sr. João Carlos Martins, como tesoureiro, cargo que até hoje exerce, com o entusiasmo de sempre, desde os tempos em que foi subsecretário da Escola Militar. Assim, lentamente, se conseguiu numerário preciso, se avolumou o mealheiro. Só então se pude pensar na realização prática da ideia.

Ao concurso aberto para a apresentação de maquetes, concorreram 16 artistas, cabendo o primeiro prêmio à Antonio Pinto de Mattos o pranteado escultor, sepultado justamente há 23 dias, quando chegava ao termo da obra que era a consagração do seu gênio.

Foi longo o caminho percorrido e neste transcurso não nos faltaram urzes e espinhos. Por vezes, a indiferença de uns, o desânimo de outros, e também, a insinuação maldosa de alguns tiveram o condão extraordinário de enrijar-nos ainda mais o ânimo para a luta desigual que se travava, ao contrário do que era visto pelos que dardejavam as setas ferinas.

Por que, então essa resistência nossa, esse destemor na luta, essa tenacidade de todas as horas? Era que o espírito de Antônio João pairava sobre nós como nume tutelar fulgentíssimo, dando ânimo, incutindo-nos vigor, pelo exemplo maravilhoso que nos legou, no seu desafio destemeroso a inimigos mais fortes!

E o Guia Lopes não era também, com sua serenidade e simplicidade de homem do sertão, a inspiração de nossa atitude, ensinando-nos com fartos exemplos, de como vencer obstáculos, ladear resistências e tangenciar dificuldades? E Camisão, o grande chefe, maculado na sua honra, caluniado, ridicularizado, não era bem o espelho em que nos devíamos mirar, nós que ouvimos e sentimos, em entrelinhas, doestos ([143]), insídias e as reticências dos maldizentes, que procuravam macular-nos ou travar-nos a marcha?

Tudo isso, porém, passou, e hoje, que ouvimos o clarim brilhante da vitória, é justo recordar a par dos que não acreditavam nos nossos resultados, nem nos ajudaram no trabalho, os que nos auxiliaram de qualquer modo brasileiros de alma nobre de atitudes e gestos claramente definidos, cerrando fileiras conosco, dando-nos o apoio de sua inteligência e de seu coração.

Alinho aqui os nomes dos que constituíram o Esquadrão dos Voluntários do monumento, sem lhes esmiuçar os serviços porque eles foram prestados com sinceridade e elevado espírito de brasilidade: Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Alaor Prata, Setembrino de Carvalho, João Lyra, Octávio Rocha, Henrique Lagden, Gil de Almeida, Monteiro de Barros, Félix Pacheco, Pandiá Calógeras, Genserico de Vasconcellos, Corrêa Lima, Norvial de Lemos, Álvaro Monte, Edson Passos e outros cujos nomes serão relembrados, em público agradecimento, na segunda edição do meu livro "*A Epopeia de Mato Grosso no Bronze da História*".

E agora, na última fase dos trabalhos para a conclusão do monumento, que teve um colapso de

[143] Doestos: insultos, injúrias. (Hiram Reis)

quase 12 anos, é de justiça salientar aqui a figura eminente do Chefe do Estado, o Exm° Sr. Dr. Getúlio Vargas, concedendo-nos o auxílio solicitado com o patrocinar o projeto apresentado na extinta Câmara dos Deputados pelo Capitão Agenor Monte, meu brilhante ex-discípulo na Escola Militar e ainda nos prestigiando S. Exc.ª com sua presença nesta festa de alto cunho patriótico.

É necessário também, que nessa hora de tão sadio contentamento, se focalize aqui o ilustre Sr. Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra ([144]), cujo devotamento à obra que hoje se inaugura, foi marcante e apaixonado, visitando quase diariamente os trabalhos da montagem dando-nos o máximo de sua colaboração e nos animando com o seu apoio inconfundível. Assim, ele deu provas de que lhe corre nas veias, como nas minhas, o sangue de retirante da Laguna. O mesmo sangue de goiano, pois que seu saudoso progenitor fez parte daqueles incombustíveis soldados do glorioso 2° Batalhão de Infantaria – a heroica unidade do meu Goiás longínquo – e que se sagrou na Retirada da Laguna como tropa de elite.

Brasileiros!

Reparai no monumento que a Escola Militar, numa luminosa tarde do ano de 1920, idealizou e conseguiu agora realizar, escudada no apoio integral da Nação Brasileira. Ele é bem a síntese do longo sofrimento de nossa raça: no seu bronze se estampa a rijeza de nossa tempera. Todo ele é angustia, é constância, é valor. Nem um só gesto arrogante, nem uma atitude bélica de nossos heróis, apesar do monumento evocar cenas de guerra, feitos militares.

---

[144] O Gen Eurico Gaspar Dutra, cujo pai, José Florêncio Dutra, era goiano, nasceu em Cuiabá, no dia 18.05.1883. (Hiram Reis)

Entretanto, Antônio João é a mais linda expressão do nosso heroísmo; Camisão é a quintessência de um chefe que quer cumprir o dever custe o que custar, e o Guia, Lopes representa bem o sertanejo lealdoso ([145]), heroico e tenaz. E por que o Monumento, ora inaugurado, não tem o aspecto das evocações guerreiras, a linha forte das glorificações agressivas? Porque ele é, bem ao contrário, um aviso sereno e prudente ao nosso povo, ao nosso governo, porque corporifica e sintetiza a história dos nossos descuidos, da nossa imprevidência, dos nossos erros.

É, repito, um aviso a esse Brasil grande, leal, descuidado, cavaleiro andante dos ideais de beleza e de bondade para que se afaste da trilha que perlustrou por longos anos – o do caso de sua própria defesa, e de que só agora vai cuidando, dentro das diretrizes do Estado Novo, do Estado Forte, amigo e respeitador das nações amigas, mas seguro e cônscio de seus direitos e deveres de sua integridade e da indestrutível unidade Pátria.

Moços da Escola Militar!

Aí está o que sonhamos; aí está o que desejamos ver realizado e para cuja execução me destes o apoio incondicional do vosso entusiasmo, do vosso civismo e do fogo abrasador do vosso patriotismo. Diz-me a consciência haver cumprido, serenamente, o dever que me impusestes há tantos anos. Envelheci no labutar da obra, mas se o corpo se dobra ao peso dos anos e a neve do tempo me polvilha a cabeça, minha alma de soldado tem ainda toda a louçania ([146]) da dos jovens Cadetes de hoje; sinto-me no meio de vós como ainda nos longínquos rumos de minha iniciação na vida militar.

---

[145] Lealdoso: muito leal. (Hiram Reis)
[146] Louçania: garbo.

Recolho-me, agora, à penumbra em que sempre vivi e que dela saí tão somente para atender ao vosso chamamento, como "*inventariante de um legado de glórias*". Sou feliz hoje, porque, como disse Alfred Victor de Vigny: "*a felicidade é um aspiração da juventude realizado na idade madura*". E hoje tenho a suprema felicidade de ver realizado o sonho de minha juventude, sonho que me embalou neste mesmo local, entre a Urca, a Babilônia e o velho e grande mar, na era feliz dos meus vinte anos, neste mesmo terreno onde se erguia a lendária e heroica Escola Militar da Praia Vermelha! (DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 47)

Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 25, Tomos XXIII e XXIV Cuiabá, MT – 1941/1942

Oração do Arcebispo D. Aquino na Tocante Solenidade da Inauguração da Cripta do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, 15.11.1941

Não estranheis a voz, que nesta hora se levanta da cripta sagrada e solene, onde vão repousar os heróis da Pátria. Será, talvez, uma voz apagada, porque vem de longe, mas vem, justamente, das plagas legendárias, que os bravos iluminaram, para sempre, com o seu sangue e com o seu heroísmo. E quem me dera que nesta voz ecoasse, clara e sonora, toda a epopeia bravia, que lá vibra naqueles rincões históricos da minha terra natal, onde o pampeiro ruge, nas cumeadas de Amambaí e Maracaju, a canção eterna da liberdade, e as águas cristalinas do Aquidauana e do Miranda saltam da serra ao Paraguai, cantando e recantando

o carme ([147]) muitas vezes secular daquela natureza primitiva, desde a pré-história bárbara, em que só se ouviam as patas do garanhão selvagem dos Guaicurus, abalando o deserto dos seus chapadões predestinados.

Lá surgiram, mais tarde, no século XVI, os aventureiros espanhóis, com Melgarejo à frente. Lá surgiram os missionários do Guaíra e do Itatim. Lá surgiu, enfim, a figura épica de Antonio Raposo Tavares, inaugurando, com os seus bandeirantes de Piratininga, o duelo formidável entre as duas nações ibéricas, ao demarcarem, nos ermos penetrais ([148]) da nossa hinterlândia, o famoso Meridiano de Tordesilhas. Tal foi, senhores, o cenário grandioso do sul mato-grossense, onde se desenrolaram os magnos acontecimentos, que hoje aqui comemoramos, nesta parada rútila ([149]) de Sol e de civismo, em que, ao lado do protagonista heroico desses dramas trágicos de glória, que foi o Exército Nacional, aqui tão bem representado na gentileza florida dos seus Cadetes e na imponência marcial dos seus veteranos, perfila-se a Nação inteira, desde o sorriso gaio ([150]) da sua juventude, acariciada, aqui na fronte, pelo beijo augusto e paternal do velho oceano; desde as graças cristãs das suas famílias; desde as suas classes letradas e as suas classes operárias, até às nossas mais altas autoridades, dentre as quais se destaca o Chefe Supremo, que, com o prestígio do seu Governo, como outrora os vates ([151]) da Bíblia, ao mesmo tempo que revive assim, aos olhos do Brasil, os louros mais expressivos do seu passado, profetiza e traça os roteiros luminosos da sua futura grandeza.

---

[147] Carme: cântico. (Hiram Reis)
[148] Penetrais: misteriosos. (Hiram Reis)
[149] Rútila: luzente. (Hiram Reis)
[150] Gaio: jovial. (Hiram Reis)
[151] Vates: profetas. (Hiram Reis)

Revista do Instituto Histórico de Mato-Grosso

ANOS XXIII e XXIV 1941-1942 TOMOS XLV a XLVIII

AOS HERÓIS DE LAGUNA E DOURADOS

ORAÇÃO DO ARCEBISPO D. AQUINO NA TOCANTE SOLENIDADE DA INAUGURAÇÃO DA CRIPTA DO MONUMENTO AOS HERÓIS DE LAGUNA E DOURADOS, NA PRAIA VERMELHA, RIO DE JANEIRO, 15—XI—1941

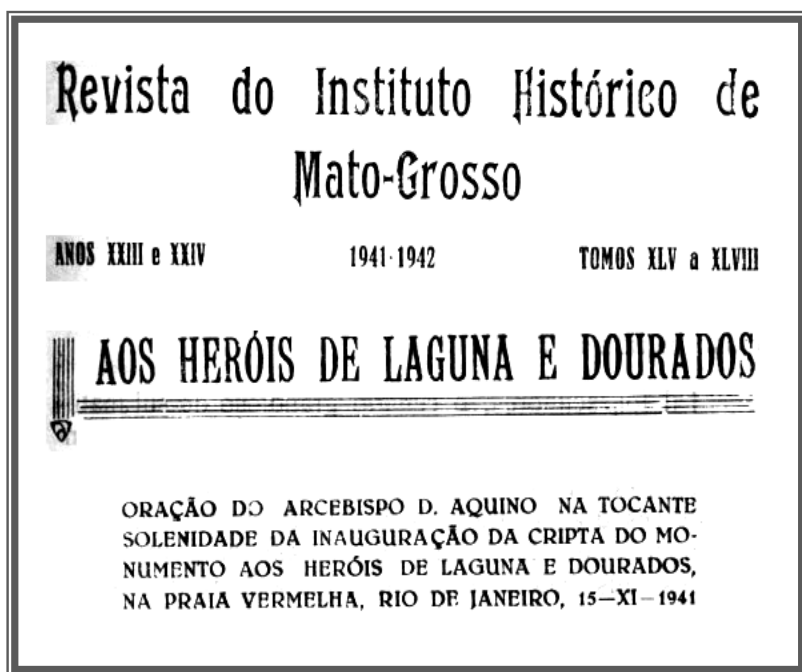



Imagem 34 – RIHMT n° 25, 1941/1942

E muitos são os episódios homéricos da grande Campanha Paraguaia, que hoje aqui se rememoram.

Mas, a par de tantos outros, como a defesa de Coimbra, a tomada e retomada de Corumbá, a retirada de Mello, o bravo, o combate naval do Alegre, e sem esquecer tantos outros varões ilustres, entre os quais Juvêncio de Menezes, Gesteira, Costa Campos, cujas cinzas veneráveis, aqui também se acolhem, a inspiração artística deste monumento, numa síntese genial de granitos e bronzes, pôs em relevo apenas dois fatos culminantes, que foram a Ilíada de Dourados e a Odisseia de Laguna, dentre os quais emergem, nimbados ([152]) olimpicamente no halo da imortalidade, os nomes do Tenente Antônio João, do Coronel Camisão e do Guia Lopes.

[152] Nimbados: Cercar de nimbo ou de auréola. (Hiram Reis)

Em 1864, como todos sabem, o Paraguai invadia militarmente, através da fronteira de Mato Grosso, as terras do Brasil. Mas, eis que desde logo, estacam as suas hostes diante de uma barreira, a mais frágil em si mesma, porém imensa na sua significação moral e patriótica.

Era um filho destemido dos pantanais do norte mato-grossense, era uma sentinela avançada da integridade nacional, era um indomável Tenente de Cavalaria, era Antonio João Ribeiro, que, num gesto de sublime loucura patriótica, ia renovar e superar, nos fastos universais de bélico valor, as ínclitas ([153]) façanhas dos Horácios Cocles, dos Mucios Cévolas e dos Leônidas.

Só, com os seus 16 companheiros de armas, perdidos nos páramos solitários da Colônia Militar de Dourados, resolveu resistir aos 220 homens aguerridos da coluna invasora de Urbieta. E tombou, à testa dos seus comandados, envolto na púrpura real do próprio sangue, em holocausto à honra do Brasil!

Senhores! O guerreiro espartano, de que tanto se ocupou a História, Leônidas, foi por certo, um forte, mas teve a protege-lo o desfiladeiro das Termópilas. Antônio João, em vez, enfrentou a onda inimiga, no desamparo de pleno descampado! As suas Termópilas foi ele próprio, a montanha estava em seu peito, foi a elevação do seu amor à Pátria, foi a coragem granítica da sua bravura de soldado! E hoje a Nação Brasileira, pela primeira vez quiçá, com tamanha solenidade, vai ouvir em religioso silêncio, para cobrir de bênçãos e palmas, o testamento imortal, em que o herói de Dourados legou o seu sangue ao Brasil, e traçou para si mesmo, sem o saber, o mais radiosa epitáfio:

[153] Ínclitas: notáveis. (Hiram Reis)

– Sei que morro,

escreveu ele ao seu comandante

– mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo da Pátria.

Dois anos e meses eram passados, quando uma nova tragédia, muito mais terrível e gigantesca, se desencadeava sobre aquelas mesmas paragens, tão florescentes, aliás, de natural beleza e poesia, mas que pareciam, então, flageladas pelas três fúrias do Averno ([154]) encarnadas na peste, na fome e na guerra. Era o "*Corpo Expedicionário*" do Exército Nacional que, tendo partido de Uberaba, avançara até Laguna, no Paraguai, e de lá volvia, fazendo e refazendo milhares e milhares de quilômetros, em retirada das mais memoráveis de toda a história militar, tida e havida, como sabeis, em nada inferior, se não antes superior à tão decantada dos Dez Mil, não lhe tendo faltado nem mesmo a pena ática de um jovem Xenofonte, que foi Alfredo Taunay, cujo espírito anima ainda, com o sopro do gênio, os poemas heroicos, que hoje, gloriosamente vivemos.

Foram três meses tremendos e macabros, em que curtiram os nossos soldados sacrifícios piores que a morte, qual se vê da simples verdade, hórrida e nua da célebre Ordem do Dia alusiva ao incomparável feito. Mantiveram-se firmes, a postos, ou como reza esse documento:

> em boa ordem, nas circunstâncias mais difíceis, sem cavalaria, contra um inimigo audaz, que a possuía formidável; em campinas, onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorá-los e disputar-lhes o ar respirável;

[154] Averno: inferno. (Hiram Reis)

> extenuados pela fome, dizimados pela epidemia do cólera, que arrebatou, em dois dias, o comandante, seu imediato e ambos os guias; e todos esses males e desastres suportaram, em meio a uma inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de borrascas, através de imensas inundações, em tal desconcerto, enfim, da natureza, que se diria contra eles conspirada.

Nesse horizonte sombrio e fantástico, recortado por visões dantescas, que alvorece hoje aos nossos olhos, a constelação serena e cintilante dos Heróis de Laguna, na qual refulgem, como estrelas de primeira grandeza, o Cel Camisão e o Guia Lopes.

Arrastaram-se eles, já moribundos, até o final da intrépida jornada, dando assim ao Brasil os derradeiros alentos da vida, que se lhes apagava.

Mas estavam salvos os canhões e as bandeiras da Pátria!

E que consolo para o velho Guia quando, já quase agonizante, pôde apontar ainda, verdejando saudosamente ao longe, os campos da sua estância, aonde ele não mais chegaria, mas que era o porto de salvamento e um paraíso terreno para os sobreviventes à gloriosa catástrofe!

Camisão, já nos estertores da agonia, o seu delírio foi ainda a preocupação com o dever, foi um surto de entusiasmo militar:

> – Deem-me a espada e o revólver!

exclama. E, tentando erguer-se para apertar o talim, acrescentou:

> – Façam seguir a coluna!

Mas, em seguida, recaiu pesadamente ao chão, morrendo e murmurando:

– Vou descansar...

E descansou, nos braços da Pátria e da Glória!

Senhores, são os despojos, mortais destes beneméritos da Pátria, que ora deixam o Teatro longínquo do seu titânico esforço em prol da nacionalidade, e aqui veem receber o nosso comovido preito de fraternidade, reconhecimento e religião, ao termo de uma viagem triunfal de Mato Grosso a São Paulo e a esta esplêndida metrópole, que eles acabam de atravessar, por entre alas frementes de corações a baterem a marcha wagneriana das maiores comoções populares.

CORDOLINO DE AZEVEDO

A EPOPÉA DE MATTO-GROSSO NO BRONZE DA HISTORIA

1928

Era uma homenagem que se impunha, e assim o reconheceu por primeira, a alma sonhadora e entusiástica da nossa mocidade militar, que encontrou para logo, a orientação prudente, segura e indefessa do seu Mestre e Guia, o Professor Coronel Pedro Cordolino de Azevedo, a quem ficaremos para sempre devendo "*A Epopeia de Mato Grosso no Bronze da História*".

Mas o formoso ideal juvenil foi como a flor, de que nos fala o poeta, e, se não um século, levou mais de 20 anos, cultivada sucessivamente pelas jovens e brilhantes gerações da nossa Escola de Guerra, para desabrochar, finalmente, nesta verdadeira consagração, em face do céu, do mar e da montanha!

Veio, assim, a hodierna festa a constituir mais uma glória do atual regime de paz, trabalho e realizações fecundas, que bem pode ostentar, como um dos

mais lídimos florões, os intemeratos bordados do seu Ministro da Guerra, o General cuiabano, que tomou tanto a peito a ereção deste monumento e possui, na sua encantadora modéstia, o segredo das construções silenciosas, profundas, sólidas e magníficas.

É, pois, esta, senhores, uma hora cívica longamente suspirada; hora litúrgica, em que, segundo a expressão dos livros santos, exultam os ossos dos mártires do patriotismo, "*exultabunt ossa humiliata*", exultam aos acordes maviosos do Hino Nacional e das preces ao Senhor Deus dos Exércitos e à Virgem Imaculada, protetora das nossas bandeiras, aqueles mesmos acordes sacros, que tantas vezes ouviram, em noites saudosas do sertão, na trépida e apreensiva calma dos acampamentos.

Hora solene, enfim, em que, sobre o túmulo dos heróis, arde a pira sacrossanta dos mais nobres sentimentos da brasilidade, e todos os nossos corações, no êxtase do entusiasmo, entoam o epinício da vitória dos que morrem pela Pátria:

Como outrora, embalados pelas vagas
Do Helesponto, a bater nas rudes fragas,
Ao pé do promontório do Sigeu,
Jaziam os heróis, a quem Homero
Sagrou o seu poema épico e fero,
Qual o mais belo e eterno Mausoléu;

Assim vós, ó heróis da minha terra,
Prostrados pelo monstro atroz da guerra,
Viestes nestas praias repousar,
Ao fulgor deste olímpico ambiente,
Onde hão de nos falar, eternamente,
Das vossas glórias a montanha e o mar!

Nenhum panteão mais grandioso que este
Onde agora dormis em paz celeste,
E montam guarda, sob o céu de anil,
O grande Oceano Atlântico dum lado,
E do outro, os montes do baluarte alçado
Por Deus para defesa do Brasil!

Bem merecestes este grão tributo,
Vós, que tombastes lá, no sertão bruto,
Sem outro abrigo, que o hemisfério azul;
Mas Deus glorificou vosso heroísmo,
E o trouxe a esta ribalta de civismo,
Onde vibra a Nação, de norte a sul;

Camisão! Mártir do dever! que expiras,
Pedindo ainda a espada, com que firas
A última pugna em prol dos teus ideais!
Guia Lopes! Espectro venerando
De um novo Cid Campeador, salvando,
Quase morto, as bandeiras nacionais!

Antonio João! Flor de bravura altiva!
Maior que Leônidas! Trincheira viva
Da Pátria, a repelir as invasões!
Vós sois a síntese duma epopeia,
Estrelas alfas, que nos dais ideia
Das mais esplêndidas constelações!

E hoje aqui, neste sítio e nestes ares,
Já famosos nos fastos militares,
Rebrilham vossas tumbas corno sóis;
E delas ergue-se a Vitória alada,
A vitória do Ideal sagrando a espada,
Ideal bendito, que vos fez heróis!

E lá do píncaro do Corcovado,
Numa apoteose imensa, lado a lado,
Cristo vos abre os braços desde os céus:
Que o bravo como vós, que de alma forte
Na fé e no dever, até à morte,
Cai pela Pátria, voa para Deus! (RIHMG N° 25)

A Glória

A Espada

A História

A Pátria

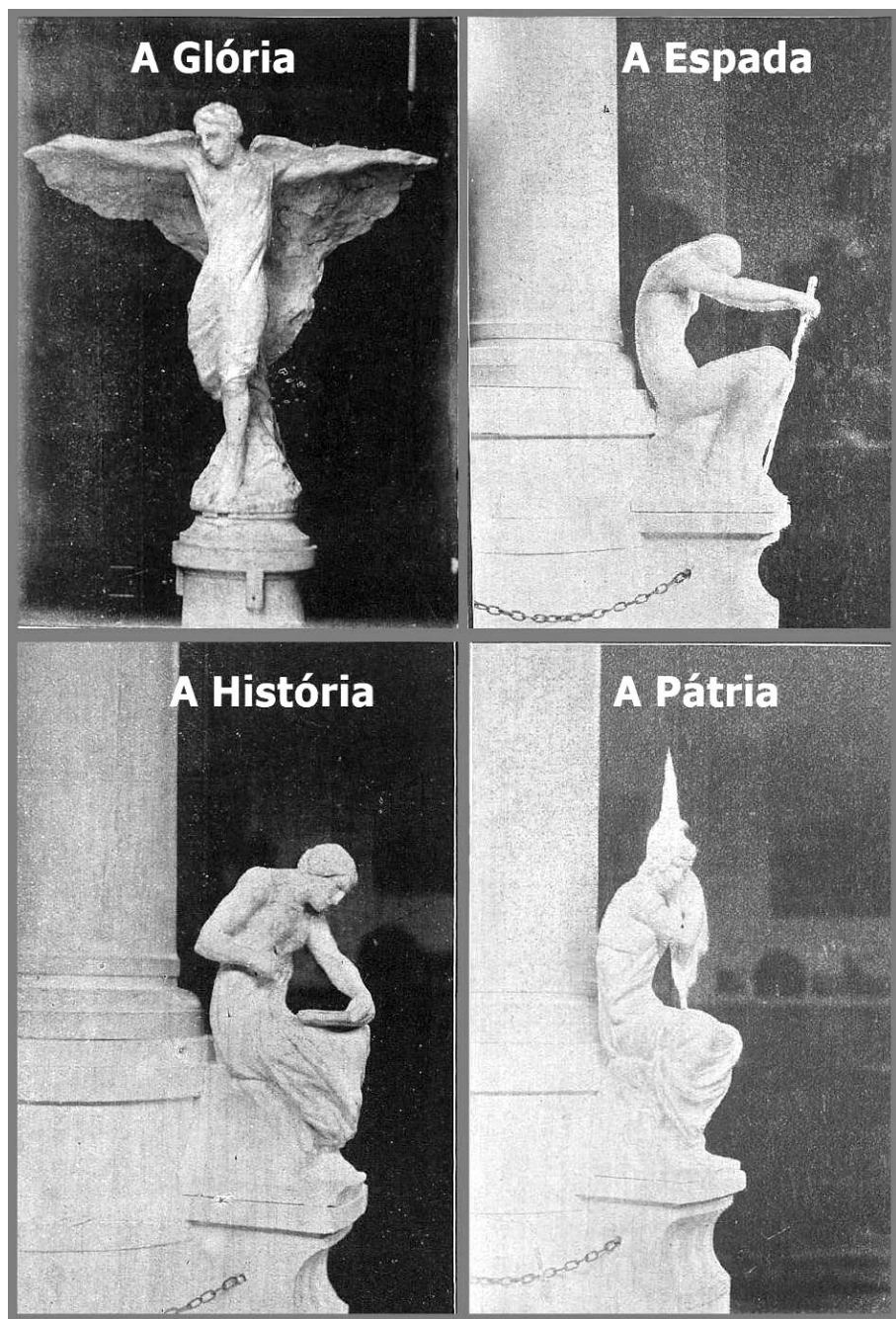



Imagem 35 – Livro do Cap Cordolino de Azevedo, 1926

Imagem 36 – Cel Carlos de Morais Camisão (Cel Nunes)

Imagem 37 – Tenente Antonio João Ribeiro (Cel Nunes)

Imagem 38 – Guia José Francisco Lopes (Cel Nunes)

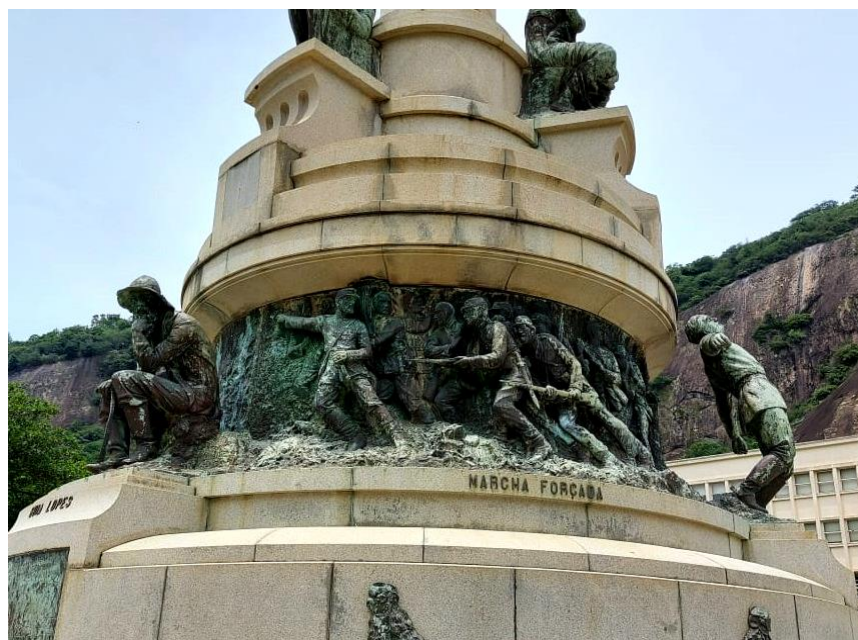



Imagem 39 – A Marcha Forçada (Cel Nunes)

Imagem 40 – O Salvamento dos Canhões (Cel Nunes)

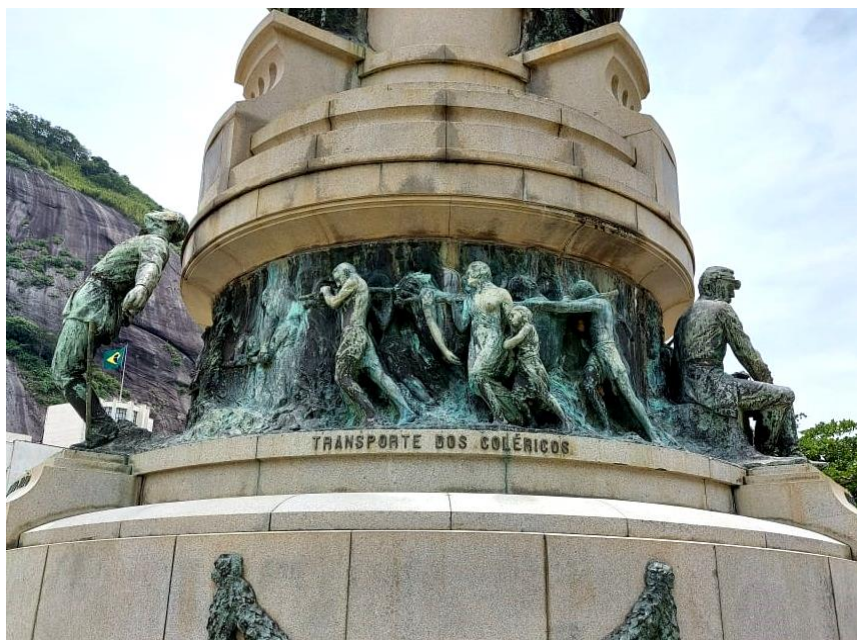



Imagem 41 – Transporte dos Coléricos *(Cel Nunes)*

Imagem 42 – Monumento (Cel Nunes)

Centenário da Retirada

Que saudades dos áureos tempos, em que os profissionais de comunicação eram patriotas, quando a mídia se comprometia com os valores e bons costumes, uma época em que não se confundia liberdade com libertinagem, em que não se propalava a famigerada ideologia do gênero, em que Padres e Professores se dedicavam exclusivamente a pregar evangelho e exercer sua cátedra deixando de lado proselitismos e doutrinações espúrias, uma época em que se estimulava os jovens a venerar os heróis do longínquo pretérito e a respeitar os mais velhos, a cultuar as tradições e a cumprir, como probos cidadãos, suas obrigações e deveres antes mesmo de exigir seus direitos.

Para não recuar por demais, nos obscuros labirintos do passado e me estender desnecessariamente, vamos citar apenas Antonio Gramsci nos seus "*Cadernos do Cárcere*", quando ele afirma que a mídia, na sua época representada pela imprensa, era "*a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica*" e cita textualmente, no "*CADERNO 3 (1930)*":

> **§ 49.** Temas de cultura. Material ideológico: Um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante: isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolvera "*frente*" teórica ou ideológica. A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é o setor editorial em geral: editoras [que têm um programa implícito e explícito e se apoiam numa determinada corrente], jornais políticos, revistas de todo tipo, científicas, literárias, filológicas, de divulgação, etc., periódicos diversos até os boletins paroquiais.

HÁ CEM ANOS

A RETIRADA DA LAGUNA

THEOPHILO DE ANDRADE

Imagem 43 – Revista O Cruzeiro n° 38, 17.06.1967

Jornalistas, não alinhados aos esquerdiopatas de plantão, como Alexandre Garcia, Paulo Martins, Percival Puggina, Políbio Braga, e Rachel Sheherazade, dentre outros são alvo de uma campanha solerte, sistemática e massiva por parte dos seus colegas de trabalho e dos "*Órfãos do Muro de Berlim*".

Este País está sendo empurrado para um plano inclinado que não pode deixar de preocupar os homens amantes da ordem e da lei. Ai estão as ligas camponesas a assaltar engenhos e fazendas, não somente no Nordeste – onde a coisa já tem caráter por assim dizer oficial – mas aqui mesmo, na proximidade de nossa cidade [...] esses bandos agem às escancaras e sem cerimônia, porque, todos os dias, são excitados à ação pela estação de rádio do Sr. Leonel Brizola. ([155]) *(Theophilo de Andrade)*

---

[155] Theophilo de Andrade referia-se à Rádio Mayrink Veiga. (Hiram Reis)

Ao recuar até o Centenário do Aniversário da Retirada da Laguna identificamos o elevado civismo do extraordinário colunista de Política Internacional da "*Revista O Cruzeiro*".

Revista O Cruzeiro n° 38
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 17.06.1967

Política Internacional – Theophilo de Andrade

Há Cem Anos – A Retirada da Laguna

No tempo em que havia Educação Moral e Cívica nas escolas, conheciam os brasileiros os fastos da Pátria. As grandes proezas eram celebradas com sentimento de gratidão para com os que formaram o Brasil, defenderam-lhe as fronteiras contra a penetração estrangeira, e nos legaram, íntegro, o grande território que foi objeto da colonização portuguesa, entre os séculos XVI e XIX. E a glória militar, conquistada nas lutas contra os holandeses – quando se começou a formar a consciência da Pátria – e nas guerras do Prata e do Paraguai, era cultivada com entusiasmo.

Desgraçadamente, aqueles ensinamentos foram abolidos dos currículos escolares. E agora estamos a ver a passagem do primeiro centenário dos grandes feitos de armas de guerra do Paraguai com comemorações apenas nos quartéis, sem eco nas escolas, nas associações, nas assembleias políticas e nas ruas. Os centenários da fabulosa Batalha Naval de Riachuelo, a 11.06.1965; da redenção de Uruguaiana, a 18 de setembro do mesmo ano; da Batalha do Passo da Pátria, a 17 de abril de 1965; da primeira batalha de Tuiuti, a 24 de maio; e já agora,

o Centenário da Retirada da Laguna, passaram sem que o destemor e sacrifício dos heróis haja merecido uma peregrinação da Nação inteira ao altar da Pátria.

A 7 de maio, apenas uma cerimônia militar foi realizada, na Praia Vermelha, ao pé do monumento aos bravos de Laguna e Dourados. Mas a Nação se omitiu. Entretanto, a Retirada da Laguna é um dos grandes feitos da História como exemplo de resistência bravura, constância e amor à Pátria.

É possível e mesmo provável que outros tenham acontecido. Mas foram esquecidos pela falta de um historiador que os conservasse para a posteridade.

Alfredo d'Escragnolle Taunay que foi aquele historiador, cita, no prefácio do poema épico, com prosa, com que imortalizou aquela saga, as retiradas famosas de Altenheim, conduzida pelo Marechal de Lorge; de Praga, pelo Conde Belle Isle; de Plaffenhofen, por Turene; da Talavera, por Wellington.

São porém, conhecidas apenas dos especialistas da História Militar.

Não acontece o mesmo com a "*Retirada dos Dez Mil*" porque, embora militarmente menos importante, foi comandada e também descrita por um grande escritor: Xenofonte.

Demonstra-se com ela que o verbo é que imortaliza a ação. Pois a Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, como se disse na manifestação que lhe foi feita, quando se demitiu do Exército:

> –Deus lhe concedeu a pena que Xenofonte deixara cair, havia 2.000 anos, nos desertos da Ásia Menor.

Imagem 44 – Inocência de Taunay (Sylvio Dinarte)

Taunay acompanhara a Expedição como 2° Tenente de artilharia, e tomara parte em seus lances, sofrendo a fome e a fadiga, e enfrentando o inimigo, a pestilência dos pantanais, as febres, o beribéri e a cholera-morbus, que dizimou a maior parte dos seus companheiros de jornada. De regresso, a instâncias do seu pai, Félix Taunay, então diretor da Academia de Belas-Artes, escreveu-lhe a epopeia, quando tinha apenas vinte e cinco anos.

Revelou, já então, o talento literário que haveria de consagrá-lo, posteriormente, como um dos príncipes das letras brasileiras, autor de dezenas de livros de história e de ficção, entre os quais "*Inocência*", um clássico traduzido nas principais línguas do Mundo.

E seria o domínio do verbo falado e escrito que o levaria também à política, fazendo dele Presidente das Províncias de Santa Catarina e Paraná, e Senador do Império.

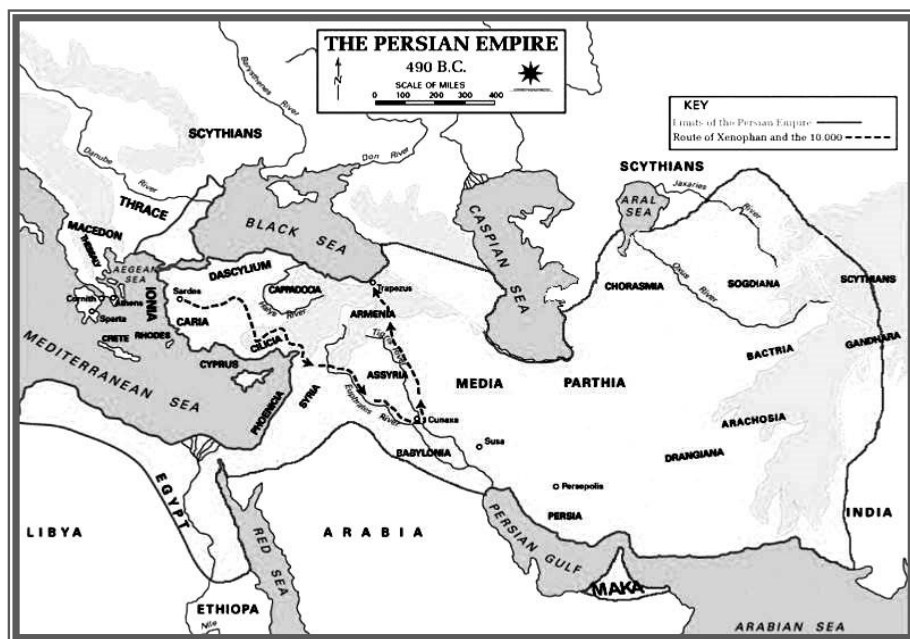



Imagem 45 – Marcha dos dez Mil (Wikipédia)

Imagem 46 – Batalha de Cunaxa

A “*Retirada da Laguna*” foi escrita em francês, logo depois da guerra do Paraguai, onde Taunay, depois das peripécias da Retirada – levada a cabo por uma coluna que a Nação, durante meses e meses, reputara inteiramente perdida – ainda serviu como secretário do Estado-Maior do Conde d’Eu, e acompanhou a luta até o fim, assistindo aos sangrentos encontros de Peribebuí e Campo Grande. Foi publicada pela Imprensa Nacional, em 1871, não despertando, então, maior interesse, a não ser referências do Conde, a quem enviara um exemplar, e uma carta consagradora de Caxias.

“*O jornalismo não lhe deu a menor importância*”, confessa na obra “*Trechos de Minha Vida*”, trazida à luz, em 1922, por seu filho Afonso d’Escragnolle Taunay, o grande historiador das Bandeiras.

Mas, três anos depois, em 1874, foi traduzida para o Português por Salvador de Mendonça, amiudando-se, então, as edições. Em 1901, apareceu nova tradução do Barão de Ramiz Galvão. Muito posteriormente, surgiu outra, esta de Afonso de Taunay, que quis ligar o seu nome à herança literária paterna.

A fama da obra, depois da tradução de 1874, atravessou fronteiras. Em 1879, saiu uma edição francesa, em Paris, que foi reeditada em 1891. Em 1919, foi-lhe dada nova impressão, esta na cidade de Tours.

No entretempo, foi traduzida para o alemão, pelo Conselheiro Schneider, leitor do Imperador Guilherme I, da Alemanha: para o sueco, pelo cavalheiro Rosen e para o espanhol, pelo escritor S. Maramaya.

Por que tamanho êxito? Pela grandeza do assunto e pelo estilo eloquente e plástico do autor.

Os críticos receberam-na como a dramatização de um episódio histórico mais importante que a própria "*Retirada dos Dez Mil*", de Xenofonte. Ernesto Almé, que escreveu em Paris, em 1890, o prefácio para a terceira edição francesa, afirmou, então:

> Estes dez mil gregos, perfeitamente armados, sempre largamente abastecidos, só encontraram pela frente populações incapazes de lhes suportar o embate, deixando-lhes quase sempre o passo franco, após poucos mortíferos combates, e abandonando aos vencedores despojos que os mantiveram em abastança durante toda a marcha militar através da Ásia. Os escravos e até as cortesãs jamais lhes faltaram; salvo alguns dias de geada, nada tiveram de sofrer da inclemência das estações; e foi cheios de vigor, vergando ao peso das presas, que puderam escolher o caminho para voltar à Pátria.
>
> Que contraste com a luta heroica deste punhado de brasileiros, na maioria alheios às fadigas da guerra, a lutar com todas as dificuldades do terreno, as chuvas torrenciais, a insuficiência das munições, o esgotamento de longa fome; as devastações fulminantes da cólera e a perseguição encarniçada de um inimigo perfeitamente provido de tudo: atacando de longe, dia e noite, não hesitando em envolver aquela brava tropa num oceano de fogo, que a teria devorado, <u>não fossem as prodígios de energia e a presença de espírito desse admirável Lopes, maior do que muitos heróis de Homero</u>!

A Retirada da Laguna verificou-se em meados de 1867. Mas os antecedentes da Expedição remontam aos primeiros dias de guerra, quando o Governo Imperial teve notícia da Invasão de Mato Grosso pelas Forças de Lopes. O inimigo principal não foram, contudo, os paraguaios, mas a distância, os cerrados e as selvas a transpor, os pantanais e as febres.

Todas as vezes que a coluna se defrontou com a Força paraguaia, mesmo nas mais gritantes condições de inferioridade militar, venceu-a. Como Napoleão na Rússia, foi batida, não pelo inimigo, mas pela inclemência da natureza.

Só graças à fibra dos seus chefes, e à devoção dos seus soldados, não foi destruída. E conseguiu trazer de volta à Pátria os canhões e as bandeiras que esta lhe havia confiado.

O núcleo principal da coluna partiu de São Paulo, a 10.04.1885, sob o comando do Cel Manuel Pedro Drago. Foi encontrar-se, três meses depois, em Uberaba, no Alto Paraná, com alguns Batalhões que o Cel José Antônio da Fonseca Galvão levara de Ouro Preto, então capital da Província de Minas Gerais.

Era, porém, visivelmente insuficiente para enfrentar uma invasão. Foi intenção de seu Comandante aumentar-lhe o seu efetivo, de apenas 3.000 homens, com outros contingentes, em Cuiabá, capital de Mato Grosso. Recebeu, porém, ordens de marchar sobre Miranda, que fora ocupada pelo inimigo.

Mudou, portanto, de rumo, chegando a Coxim a 20 de setembro. Dali, partiu para Miranda, que encontrou abandonada e destruída pelos paraguaios. Percorrera 2.112 quilômetros, e perdera um terço de seu efetivo. Ficara reduzida a 2.000 homens.

As febres haviam sido agravadas pelo beribéri, que aumentou o número de vítimas.

Por isso o Coronel Carlos de Morais Camisão, que assumira o comando da coluna pela morte do Coronel Drago – que não resistira à terçã, levou-a para Nioaque, onde eram melhores as condições de salubridade.

Imagem 47 – Medalha Constância e Valor, 1867

Chegou, a 24.01.1867, forte de apenas 1.600 combatentes, antes sequer de ter enfrentado o inimigo. É que os paraguaios se haviam retirado, no entretempo, para a linha do Rio Apa, abandonando a maior parte do terreno conquistado em Mato Grosso. Foi este, aliás, o saldo militar da Expedição.

A prudência mandaria que ali ficasse, à espera de reforços. Mas um Conselho de Guerra, onde predominou a ousadia de oficiais jovens, decidiu pela ofensiva, embora sem víveres e com pouca munição, quando a coluna paraguaia de 2.000 homens, que tinha pela frente, estava bem servida de cavalaria e gado. Tivera, entretanto, a Expedição, já reduzida à metade do seu efetivo inicial, a sorte de achar um Guia experimentado e bravo, na pessoa de José Francisco Lopes, um fazendeiro mineiro que ali se estabelecera há anos, a quem os paraguaios haviam levado a mulher e os filhos. Foi ele quem ensinou os caminhos, e a maneira de dominar a natureza hostil. Conseguiu, ademais, de sua fazenda "*Jardim*" e de outros pontos, o gado para o alimento da tropa. E era para todos um exemplo de pertinácia e bravura.

A 14 de abril, partiu a coluna aos gritos de "*Ao inimigo*" e "*Ao Apa*". E, efetivamente, chegaram em breve ao Rio, onde se verificou a única escaramuça digna de nota: a tomada da "*Machorra*" pelos brasileiros.

No dia seguinte, 21 de abril, vadeou o Apa e pôs o pé em território paraguaio, conquistando Bela Vista, que os adversários haviam abandonado em chamas, embora retirando em boa ordem. Mas a sua cavalaria, que era boa, começou, então, a fustigar os brasileiros, que já estavam sem munição de boca.

Na expectativa de encontrar suprimento, marchou-se sobre "*Laguna*", uma fazenda situada quatro léguas além, onde, todavia, só deparou desolação e cinzas. A custo, foram arrebanhadas umas 50 cabeças de gado do trem de abastecimento do inimigo. Era impossível continuar. Daí, a dolorosa decisão da Retirada.

Foi iniciada a 7 de maio, sendo a pequena coluna duramente fustigada pelo inimigo.

A 11, foi atravessado o Apa, de regresso. No território brasileiro, deparou, porém, os paraguaios pela frente, pela retaguarda e pelos flancos, tendo de marchar em quadrado, combatendo. O inimigo foi repelido, naquela escaramuça, deixando no campo 184 mortos. Com o estampido e o ruído da batalha, porém, o gado debandou, deixando a tropa praticamente sem alimento.

A 15, já sofria fome. E, a 18, fez aparição a cholera-morbus, que ceifou mais vidas que as balas paraguaias. A 25, foram abandonados, em uma clareira, 122 coléricos, que vieram a ser todos fuzilados pelo inimigo, em desrespeito às leis da guerra, menos um, que conseguiu fugir para contar a trágica história.

A 27, morreu o guia Lopes, vítima da peste. No dia 29, chegou a vez do Cel Camisão e do Ten Cel Juvêncio Cabral de Meneses. Assumiu, então, o comando o Major José Tomás Gonçalves, que era o oficial de maior patente que restava daquele pugilo ([156]) de bravos. Conseguiu ele conduzir os remanescentes a Nioaque, onde entrou a 6 de junho. Tudo eram ruínas. Fora também incendiada, como todos os campos que atravessara a coluna naquela retirada, pontilhada toda ela das cenas mais pungentes. Dali, iniciou-se a marcha para o Aquidauana. 15 léguas além, alcançando-se Porto Canuto, no dia 11, onde, só então, foi possível descansar. Os paraguaios haviam desaparecido desde o dia 8, receosos talvez da chegada de reforços para os brasileiros. Mas a coluna fora reduzida, segundo o testemunho de Taunay, a apenas 700 homens, depois de uma marcha de 39 léguas, em 35 dias de combates contra a fome, a peste, o deserto e o inimigo. A Nação recordou com agradecimento o seu sacrifício. O Império fez cunhar para os participantes daquela epopeia a medalha "*Constância e Valor*". Em 1923, foi-lhes erigida uma coluna, em Nioaque, para comemorar:

> O feito inesquecível daqueles que, acabrunhados por privações inexcedíveis, perseguidos por inimigo cruel e incomparavelmente mais forte, cercados pelo incêndio, dizimados pela cólera e os combates, exinanidos de forças, mas nunca de ânimo, salvaram as bandeiras e os canhões que o Brasil lhes confiara.

E, em 1928, levantou-se o grandioso monumento na Praia Vermelha. Onde repousam as cinzas que puderam ser recolhidas daqueles heróis.

MAS, NESTE ANO DO CENTENÁRIO DE 1967, FORAM ESQUECIDOS. (ANDRADE N° 38)

---

[156] Pugilo: punhado. (Hiram Reis)

Revista O Cruzeiro n° 43
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 22.07.1967

Política Internacional – Theophilo de Andrade

Os Fastos da História

Nem por dedicar-se esta coluna aos acontecimentos internacionais, deixa ela de tratar de alguns problemas nacionais, quando ligados, direta ou indiretamente, às relações que mantemos com outros povos.

Estão neste caso as comemorações das datas de nossa História em que os nossos antepassados agiram no estrangeiro, com os estrangeiros, ou contra os estrangeiros, em afirmação da nossa existência como nação independente, no concerto dos povos. Alguns desses fastos ([157]) são guerreiros. Nem Por isso a sua recordação implica em espírita "*chauvinista*" ou intolerância para com os que contra nós se bateram, muitas vezes com bravura, e em obediência também a um sadio espírito nacionalista.

Foi dentro desta linha que, na edição de 17 de junho, ampliei a seção de "*Política Internacional*", transformando-a em uma reportagem sobre o heroico episódio da "*Retirada da Laguna*", verificado na Guerra do Paraguai, há precisamente cem anos. A repercussão do ensaio foi grande, notadamente nos meios militares e escolares, e também jornalísticos, especialmente porque reclamei, então, contra o nosso <u>descaso em relação aos fastos da Pátria</u>, <u>o que atribuí à falta de Educação Cívica em nossas escolas</u>, <u>desde 1930</u>.

[157] Fastos: Registros públicos onde se consignavam os atos e acontecimentos memoráveis. (Hiram Reis)

Sobre esta lamentável desídia, entre as cartas que recebi, há uma que, pela autoridade de quem a assinou, quero aqui reproduzir como um honroso complemento ao tema desenvolvido em meu artigo. É da autoria do brilhante escritor Carlos Maul, e está concebida nos seguintes termos:

> Meu caro Theophilo – Grande e comovente página de evocação histórica, a em que V. relembra, no O CRUZEIRO, a silenciosa passagem do primeiro centenário da "*Retirada da Laguna*", que teve o seu Xenofonte na narrativa dramática do Visconde de Taunay, que dela participou nos idos de 1867.
>
> Muito oportuna a sua alusão ao desaparecimento das aulas de Educação Moral e Cívica das nossas escolas, fator evidente do esquecimento a que se condenaram os nossos feitos heroicos, a ponto de se reduzir a comemoração daquela trágica Jornada apenas à presença do Exército diante do monumento votivo que se ergue na Praia Vermelha.
>
> Este fato nos dá a impressão de que existe entre nós uma força misteriosa que vem solapando as almas brasileiras para que nelas não penetre o sentimento de reverência ao que foi extraordinário na nossa antiguidade, aquilo que em outro qualquer País constituiria razão de orgulho.
>
> Na verdade, vem de longe o trabalho das térmitas para que se olvidem as nossas tradições, e pereça com isso a nossa consciência de Pátria, Pátria que é amor à geografia, à ação humana que avulta sobre o solo sagrado, respeito aos desbravadores de caminhos, aos construtores de grandeza, aos que deram sangue e espírito a uma obra de pioneirismo maravilhoso, que resiste aos paralelos que se pretendam com o que de semelhante realizaram outros povos.
>
> A essa força de ânimo, peleja-se para substituí-la por um conceito de patriotismo intestinal, como o que levou um dia, no Senado do Império, o

Conselheiro Gaspar da Silveira Martins a calar um adversário com esta apóstrofe ([158]) sardônica ([159]):

> Para V. Exª a Pátria é "*a tripa*", Leia a palavra de trás para diante...

Nos nossos dias esse anagrama ([160]) tem foros de cidade... E quantas provas concretas da existência de uma atividade corrosiva, com efeitos tremendos na formação da nossa mentalidade, poderão ser apresentadas, para dar razão aos seus pensamentos melancólicos relativos ao que ocorreu com a data de 7 de maio deste ano! Da obra admirável de Taunay não apareceu um exemplar nas livrarias ao alcance de algum curioso despertado pelo seu brado de alerta.

Em compensação, é farta a messe de volumes que deformam as inteligências jovens, que as corrompem e aviltam.

E para que nelas não se abra uma pequena clareira de receptividade ao conhecimento do que significaria para nós uma alegria íntima, as trombetas da propaganda exótica, sopradas por pulmões bem nutridos das vitaminas monetárias de fora, proclamam aos quatro ventos, dentro da nossa casa, os méritos alheios...

Não sei se V. já percebeu como aquele parágrafo sinistro apensado à Lei de Imprensa correspondeu ao Interesse de uma poderosa organização publicitária norte-americana, que aqui opera com o rótulo de cultural. Faz-se, em anúncios e cartazes vistosos, o pregão dos primores da arte universal, dos gênios da pintura, para que o nosso povo se eduque na contemplação de esplêndidas reproduções coloridas de telas famosas.

---

[158] Apóstrofe: evocação. (Hiram Reis)

[159] Sardônica: sarcástica. (Hiram Reis)

[160] Anagrama: transposição de letras de palavra ou frase para formar outra palavra ou frase diferente. (Hiram Reis)

Imagem 48 – Batalha do Avaí (Pedro Américo)

Atira-se sobre nós uma avalancha de gravuras estranhas, e do empreendimento ressalta a malícia com que é orientado. No meio de duas dezenas de nomes eminentes de alienígenas, são colocados somente dois de brasileiros que não possuem gabarito para resistir a um confronto com as peças dos estrangeiros...

O nosso patrício ingênuo, desinformado, examina o que lhe é apresentado e admite que, na realidade, o que é nosso não presta...E é o caso de perguntar-se, por que os organizadores dessa vitrina de luminares deixaram de lado, já que operam no Brasil, mesmo irregularmente, o que possuímos de representativo nessa matéria... V., que é paraibano, notará que nesse elenco não entrou um Pedro Américo, seu conterrâneo, que ainda adolescente deslumbrou com a "*Batalha do Avaí*" ao mestre francês Horace Vernet, que exclamou começar aquele menino por onde ele acabava.

Ali está, no Museu Nacional de Belas-Artes, a sua tela enorme em que se pinta uma faceta do nosso heroísmo nos campos do Paraguai... A seu lado, Vítor Meireles fixou as nossas façanhas guerreiras e nacional! nos Montes Guararapes... Também nele não se fala.

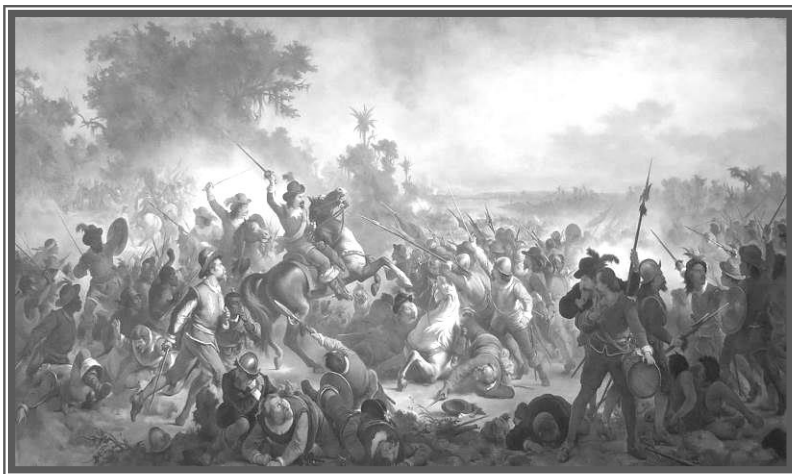



Imagem 49 – Batalha dos Guararapes (V. Meireles)

E nem se alude sequer a Almoedo, a Zeferino da Costa, a Almeida Júnior, a Batista da Costa, a Visconti, a Parreiras, a Madruga, estes como Pedro Américo pintores de História... Propaga-se "*cultura artística*", ao sabor das garantias oferecidas à especulação pelo parágrafo antijurídico e amoral da Lei de Imprensa, com a omissão do que nos pertence e não é inferior aos modelos que se lançam à admiração dos nossos contemporâneos...

É assim que vamos deixando que a nossa sensibilidade se dilua, se amenize, graças às liberalidades e franquias que concedemos a forasteiros que dão à costa em nossa terra e audaciosamente se arvoram em mentores da nossa gente...

V. não acha que se não acordarmos a tempo, se não agirmos de acordo com a nossa dignidade, dia virá em que se vote uma lei que proíba ao brasileiro nato o exercício de qualquer atividade intelectual, sem o consentimento prévio dos "*civitas*" e quejandos, promovidos a donos do nosso direito de formar e orientar a opinião pública, como tudo indica que já está acontecendo? (ANDRADE N° 43)

Saga de um Canoeiro

(Boi Caprichoso)

Vai um canoeiro, nos braços do Rio,
Velho canoeiro, vai. Já vai canoeiro.

Vai um canoeiro, no murmúrio do Rio,
No silêncio da mata, vai. Já vai canoeiro.

Já vai canoeiro, nas curvas que o remo dá. Já vai canoeiro
Já vai canoeiro, no remanso da travessia. Já vai canoeiro.

Enfrenta o banzeiro nas ondas dos Rios,
E das correntezas vai o desafio. Já vai canoeiro.

Da tua canoa, o teu pensamento:
Apenas chegar, apenas partir. Já vai canoeiro.

Teu corpo cansado de grandes viagens.
Já vai canoeiro.

Tuas mãos calejadas do remo a remar.
Já vai canoeiro.

Da tua canoa de tantas remadas.
Já vai canoeiro.

O porto distante,
O teu descansar....

Eu sou, eu sou.
Sou, sou, sou, sou canoeiro. Canoeiro, vai!

Missão Pantaneira

A 11.06.1867 chegamos ao Porto do Canuto à margem esquerda do Aquidauana. Tal o último trecho de nossa penosa retirada. Ali findou o doloroso itinerário que, como expiação de nossas temeridades, nos fizera curtir tantas misérias quantas pode o homem suportar sem sucumbir. No Canuto nos despojamos dos miseráveis andrajos que nos cobriam, libertando-nos, afinal, da mais horrível sevandija ([161]) e dos parasitos do campo, que, perfurando a pele, nela produzem dolorosas úlceras. Oferecia-nos o magnífico ensejo para as nossas todas estas paragens podem ser chamadas: a terra das águas belas. (TAUNAY)

O período de 1987 a 1889 que passei em Aquidauana, MS, foi muito gratificante, tanto no campo profissional como no privado, e eu estava ansioso por abraçar meus amigos de longa data tanto da caserna como da sociedade civil. Tinha programado a Descida desde o Porto Canuto, Aquidauana, MS, até o Rio Paraguai em setembro ou outubro período menos sujeito às chuvas e mais propício para reportar as belas paisagens pantaneiras.

A ideia era ir acampando nas margens dos Rios, mas o VMN, meu parceiro de canoagem na década de oitenta, sugeriu o mês de julho com apoio de uma chalana patrocinada por empresários locais. O patrocínio aventado, infelizmente, não se concretizou forçando-me a solicitar, mais uma vez, o apoio de meus fiéis amigos investidores do Projeto Desafiando o Rio-mar. Tive, em virtude da alteração da data, de adiar uma série de palestras e participação em eventos já programados para julho no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

---

[161] Sevandija: insetos parasitas ou vermes imundos. (Hiram Reis)

Fiquei hospedado, antes de iniciar a Pantaneira Jornada, nas instalações do 9° Batalhão de Engenharia de Combate, comandado pelo Coronel de Engenharia José Diderot Fonseca Junior e, depois de concluí-la, na residência de minha querida amiga Noise Resstel Correa Santos e de seus filhos Mauro e Marco Túlio.

30.06.2015 – Partida do Porto do Soldado – Aquidauana, MS

Memórias Pantaneiras
A história escrita por você.

O PANTANEIRO
Há mais de meio século contando a sua história

Canoístas realizam expedição da Ponte Velha ao Passo do Lontra

Expedição durou seis dias de Aquidauana a Corumbá. Confira os registros da aventura pelo Pantanal.

Partimos por volta das 06h00, acompanhados da jovem e promissora canoísta Luiza Duarte Cavallieri, navegando por águas rápidas e tranquilas. Encontramos muitos pescadores encarapitados nas barrancas tentando fisgar os poucos peixes que se atreviam a singrar as águas barrentas e frias do Rio Aquidauana. Mantive um ritmo bastante lento procurando manter contato visual com a dupla e adaptando progressivamente meu corpo ao esforço repetitivo, tendo em vista que não remava desde a conclusão da Circunavegação da Laguna dos Patos em 29.05.2015. Usei o mesmo remo de fibra de carbono que o Dr. Marc André Meyers usara na Descida do Rio Roosevelt em outubro de 2014. Custei a me adaptar ao diâmetro do cabo do remo e à maneira de cravar as pás nas águas do Aquidauana e nos dois primeiros dias senti saudades do meu velho remo de alumínio com pás de plástico

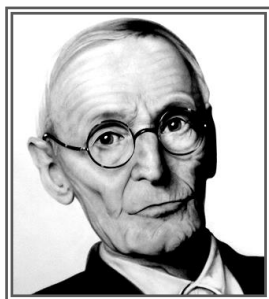
que me acompanha há três décadas. A empunhadura diferenciada resultou em algumas incômodas calosidades que foram facilmente contornadas com esparadrapo. Paramos, por volta das 16h00, em um pesqueiro da Fazenda Baía, preocupados com a chalana não aparecera ainda. Brincamos com um lobinho muito manso (Pseudalopex gymnocercus – também conhecido como guaraxaim ou sorro).

Aluguei um pequeno apartamento, o VMN preparou o jantar e depois de algum tempo apareceu o Sr. Celso Ortega, piloto da chalana, mais conhecido como o "*Velho do Rio*". Ele e o Sr. Aroldo Costa, um experiente pescador de 78 anos – o "*Limpa Rio*" – demoraram porque tiveram de trocar, no caminho, a hélice avariada da chalana.

01.07.2015 – Partida da Fazenda Baía

O segundo dia de viagem foi igualmente tranquilo, continuei acompanhando a Luiza que pilotava com maestria invulgar seu 4.5 e aportamos às 10h30 na Fazenda São José onde está instalada a Pousada Aguapé. Aqui nos despediríamos da nossa querida amiga canoísta que regressaria a Aquidauana. Visitando as belas instalações da Pousada Aguapé avistamos um boi que tinha sido recentemente abatido. O VMN pretendia aguardar o churrasco que sairia após as 12h00, um atraso que fatalmente impediria de atingirmos a meta diária de 70 km e nos forçaria a remar durante muito tempo enfrentando a forte canícula pantaneira e os fortes ventos vespertinos. Partimos antes da chegada da chalana que depois nos ultrapassou para procurar um local adequado para aportar e dar tempo para que o Comandante Celso Ortega preparasse o jantar.

Os grandes pacus pescados pelo veterano "*Limpa Rio*" foram degustados com muito prazer no final desta jornada. No jantar eu só comia peixe dispensando qualquer outro tipo de acompanhamento e, durante as remadas, ingeria água e banana, um verdadeiro manjar para um velho marujo pouco acostumado a mordomias.

02.07.2015

Ama as águas! Não te afastes delas! Aprende o que te ensinam! Ah, sim! Ele queria aprender delas, queria escutar a sua mensagem. Quem entendesse a água e seus arcanos – assim lhe parecia – compreenderia muita coisa ainda, muitos mistérios, todos os mistérios. (HESSE)

Acordamos cedo e fiquei aguardando a penumbra lentamente se dissipar. Parti bem antes de o Sol nascer. Gosto de navegar solitariamente usufruindo das belezas naturais que me cercam e enfrentar todo tipo de obstáculos acompanhado de longe pelo Grande Arquiteto do Universo. Saindo antes do amanhecer tenho a rara oportunidade de me entranhar nos sutis meandros aquáticos, de imergir literalmente no momento mágico que é o despertar de um novo dia. A uniformidade da flora vai ganhando novos contrastes, novas cores, novas luzes, numa invulgar explosão que apresenta progressivamente a pujança extrema da biodiversidade tropical. A fauna preguiçosa acorda e entoa uma ode maravilhosa sob a batuta do astro rei, tons diversificados, emitidos pelas mais diversas gargantas, irmanadas numa sinfonia única acompanhada de longe pelo som melancólico dos bugios.

Meu coração e minha mente seguiam a par e passo cada palavra, cada estrofes da "*Litania das Horas Mortas*" do Príncipe dos Poetas Piauienses e autor da letra do Hino do Piauí Alberto Francisco da Costa e Silva.

Litania das Horas Mortas

(Alberto Francisco da Costa e Silva)

Por estas horas de silêncio e solidão,
Eu gosto de ficar só com o meu coração.

É nestas horas de prazer quase divino
Que eu me sinto feliz com o meu próprio destino.

Por estas horas é que a cisma ([162]) me conduz
Por estradas de treva e caminhos de luz.

É nestas horas, quando em êxtase medito,
Que sinto em mim a nostalgia do infinito.

Por estas horas, quando a sombra estende os véus,
A fé me leva além dos mais remotos céus.

É nestas horas de tristeza e de saudade
Que desperta em meu ser a ânsia da Eternidade.

Por estas horas, minhas naus ousam partir
Para Istambul, para Goionda, para Ofir...

É nestas horas, Noite amiga, em teu regaço,
Que eu me difundo pelo Tempo e pelo Espaço.

Por estas horas eu somente aspiro ao Bem,
Que em vida se tornou minha Jerusalém.

É nestas horas, quando o espírito descansa,
Que me depões na fronte o teu beijo, Esperança!

Por estas horas é que eu sinto florescer,
Como os astros no céu, o jardim do meu ser,
É nestas horas de quietude que deponho,
Ó Noite! Em teu altar, minha lâmpada – o Sonho.

---

[162] Cisma: o devaneio. (Hiram Reis)

Por estas horas é que eu gosto de sonhar,
Para ter ilusões brancas como o luar.

É nestas horas de mistério e beatitude
Que a Glória me fascina e a Poesia me ilude.

Por estas horas de tranquila e doce paz,
Quanta serenidade o espírito me traz!

É nestas horas, quando a treva se constela ([163])
Que ouço o teu canto nas estrelas, Filomela!

Por estas horas, a minh'alma anseia por
Teu encanto, Ventura! e teu engano, Amor!

É nestas horas de tristeza e esquecimento
Que eu gosto de ficar só com o meu pensamento.

Por estas horas eu me julgo Parsifal ([164])
Para ir pela renúncia à conquista do Graal.

É nestas horas que, como um eco profundo,
Repercute no meu o coração do mundo.

Por estas horas transitórias e imortais
Se desvanecem minhas dúvidas fatais.

É nestas horas de harmonia indefinida
Que eu tento decifrar o teu enigma, Vida!

Por estas horas, meu instinto morre, com
A intenção de ser justo, o anseio de ser bom.

É nestas horas de fantástico transporte
Que eu busco interrogar a tua esfinge, Morte!

Por estas horas, eu me enlevo assim, porque
Vela no lodo humano a luz que tudo vê...

Por tuas horas silenciosas, benfazejas,
Deusa da Solidão, Noite! bendita sejas!

---

[163] Constela: dispõe os astros em constelação. (Hiram Reis)

[164] Parsifal: segundo a ópera de Richard Wagner um dos Cavaleiros da Távola Redonda que assume a condição de Rei do Graal. (Hiram Reis)

Nestas horas adentro solenemente nos umbrais de um templo sagrado e avisto, extasiado, a “*Terceira Margem do Rio*”. Devaneios de um idoso, fantasias de um amante da natureza, alucinações de um canoísta? Não sei!!!

Somente os canoeiros iniciados nos mistérios das águas são capazes de aprender humildemente com elas, com os ventos, observando as nuvens, a flora e os seres que nela habitam entendendo suas sutis mensagens.

Aprendi com eles a conhecer minhas potencialidades e meus limites, a fazer companhia a mim mesmo e a me satisfazer com isso, a refletir sobre minhas ações ou omissões, a declamar poesias educando a respiração enquanto pico a voga pelos ermos sem fim.

A cumprir, fielmente, a 4ª Lei da Guerra na Selva, de autoria de meu caro amigo Coronel Fregapani: – aprenda a suportar o desconforto e as fadigas sem queixar-se e seja moderado em suas necessidades. Mais que uma lei é um paradigma para qualquer canoeiro que pretenda alcançar, com sucesso, seus mais supinos objetivos.

Depois da magnífica alvorada apareceram preguiçosos jacarés-tingas (Caiman crocodilus) banhando-se ao Sol, irritadas, barulhentas e abusadas ariranhas (Pteronura brasiliensis) e fleumáticos cabeças-secas (Mycteria americana) empoleirados nos galhos mais altos dos arbóreos monumentos.

Paramos nas proximidades de uma fazenda onde pudemos recarregar a bateria de nossos equipamentos eletrônicos.

03.07.2015

Mantive minha monástica e prussiana rotina partindo antes do alvorecer e parei por duas vezes, por uns 15 minutos, antes de passar pelo Porto Ciriaco (km 28, deste 4° dia de viagem), aguardando meu parceiro e como ele não aparecesse prossegui lentamente documentando a paisagem.

Pouco antes de passar pelo Porto Ciriaco, por volta 09h30, onde eu pretendia fazer a terceira parada, a chalana passou por mim e o "*Velho do Rio*" me informou, conforme combinara com o VMN, que pararia para o almoço, às 11h00. Decidi, então, abortar a próxima parada, afinal eu alcançaria a chalana em menos de duas horas. Desembarquei na chalana por volta das 11h15 tomei um banho refrescante, ingeri alguns bocados do peixe frito do dia anterior e fiquei aguardando por uns vinte minutos meu parceiro que chegou visivelmente alterado.

O sábio teme o céu sereno; em compensação,
quando vem a tempestade ele caminha
sobre as ondas e desafia o vento. (Confúcio)

Já presenciei reações semelhantes, em oportunidades muito mais desafiadoras, quando nossos jovens guerreiros eram testados ao limite e não numa situação tão banal, tão trivial como a de agora onde contávamos com o conforto e apoio de uma chalana. Em situações extremas o esgotamento físico e o temor de enfrentar o desconhecido podem provocar erros de avaliação e decisões intempestivas que contrariam a lógica e o bom senso. Aguardei o companheiro desabafar, e sem entender o porquê de sua descabida reação parti, depois de convidá-lo a continuar a jornada.

Estava alcançando a meta diária de 70 km quando a voadeira pilotada pelo "*Limpa Rio*" passou por mim levando o trânsfuga canoísta e toda a sua tralha. Bem mais tarde, a chalana pilotada pelo Comandante Celso Ortega aproximou-se e ancorou na margem esquerda. Fomos contemplados, então, por uma chuva fina e fria além de rajadas de ventos que ultrapa-ssavam os 30 km\h – seria um desagravo de São Pedro à conduta irracional de nosso parceiro?

Passamos a noite preocupados com nosso veterano pescador na expectativa de que ele arranjasse um local abrigado para pernoitar e não decidisse enfrentar o Rio à noite. O "*Limpa Rio*" não enxerga muito bem e isso poderia comprometer a sua segurança caso arriscasse uma navegação noturna, além disso, a voadeira era o único recurso que nos permitia desencadear uma operação de resgate em caso de emergência ou pane no motor da chalana.

04.07.2015

Choveu a noite toda, acordamos cedo, vesti uma camiseta de manga comprida, coloquei a saia do caiaque e parti enfrentando a chuva fina e gelada.

Combinei com o Sr. Celso que o aguardaria nas proximidades da Foz do Rio Touro Morto. Mantive uma média 11,5 km\h sem parar com o objetivo de manter o corpo aquecido. Depois de remar por duas horas cruzei com o "*Limpa Rio*" que subia o Rio em busca da chalana – fiquei feliz em saber que o amigo estava bem e remei ainda com mais vigor. Passei por uma bela região de buritizais que não pude documentar em virtude da chuva, as margens aqui tinham sido substituídas por enormes regiões de várzeas.

Ancorei o caiaque em luxuosa instalação de pesca, conhecida como o Castelo Pedrossian, antigamente um pesqueiro do ex-Governador do Estado. Eu tinha remado 51,8 km\h em apenas 04h30. A chalana chegou 30 minutos depois e eu continuei, em seguida, minha jornada. Fotografei um belo Tuiuiu (Jaburu – Jabiru mycteria) e uma enorme Garça moura (Socó Grande – Ardea cocoi) que juntos pescavam displicentemente nas águas escuras da Foz do Touro Morto, e mais adiante passei pela Foz do Miranda onde existe um Posto da Polícia Florestal. Tinha remado 73,5 km quando o Celso, pilotando a voadeira, veio me avisar que a correia do motor da chalana estava com problema e que eu deveria aguardar naquele local a vinda deles.

05.07.2015 – Chegada no Passo do Lontra – Corumbá, MS

O despertador do Celso não funcionou e embarquei no meu caiaque com o Sol quase raiando. O atraso foi providencial, o frio era intenso e precisei colocar duas camisetas para manter o corpo aquecido. Volta e meia cruzavam por mim voadeiras com pescadores trajando japonas impermeáveis, cachecol e tocas ninja, certamente não eram gaúchos como eu para quem aquela leve friagem era muito bem-vinda. A beleza natural da flora, fauna, as espelhadas águas do Rio refletindo a vegetação ciliar me encantavam. Foi o melhor dia para fotos, as diáfanas nuvens davam um toque de leveza sem par à abóboda azul turquesa, um vivo contraste com o plúmbeo firmamento de ontem. A fotografia mais interessante foi de um casal de bugios, encarapitados na copa de uma árvore, que amorosamente abraçados protegiam com seus corpos o pequeno e querido filhote do vento gelado.

Cruzei pelo Morro do Azeite, localizado no Município de Corumbá (57°00'01,3" O / 19°04'11,6" S), à margem esquerda do Miranda. O Morro, formado por rochas calcárias, abrigou, no passado, instalações que produziam o óleo de peixe utilizado nas lamparinas.

Aportei às 14h20 no "*Lontra Pantanal Hotel*" onde fui cordialmente recebido por seus gestores. Tive de indenizar o Comandante Celso com dinheiro suficiente para compensar o combustível gasto nos 130 km utilizados na operação de deserção do VMN, mais uma despesa adicional que não estava, absolutamente, programada. Contatei o Coronel Jurandir, o Capitão Roney, os Tenentes Sidney e Israel e o Sargento Cruz solicitando que providenciassem uma operação de resgate desde o Passo do Lontra até Aquidauana, já que não poderia contar com o apoio de meu ex-parceiro de canoagem.

O Cap Roney e o Ten Sidney logo chegaram e, em seguida, voltamos para Aquidauana. No caminho fizemos uma parada para conhecer a D. Maria e seus jacarés amestrados.

Foi uma jornada encantadora e o fundamental foi saber que meus amigos de longa data do 9° B E Cmb não falharam em um só momento e suas amabilidades continuaram depois de regressarmos a Aquidauana.

Missão Pantaneira

Podemos assim resumir a Missão que partiu do Porto do Soldado (Aquidauana, MS) ao Passo do Lontra (Corumbá, MS): foram 419 km de águas muito tranquilas e margens acolhedoras nos Rios Aquidauana e Miranda, MS.

Minha jornada mais fácil e mais curta até hoje desde que iniciei as navegações pelos ermos dos sem fim dos amazônicos caudais e pelas diversas e belas torrentes e desafiadores Mares de Dentro gaúchos.

Recomendo esta jornada para os amantes da natureza, canoístas amadores ou idosos como eu. Para os que não estão em plena forma física sugiro diminuir a jornada diária de 70 para 50 km por dia, uma viagem de 9 dias até o Passo do Lontra.

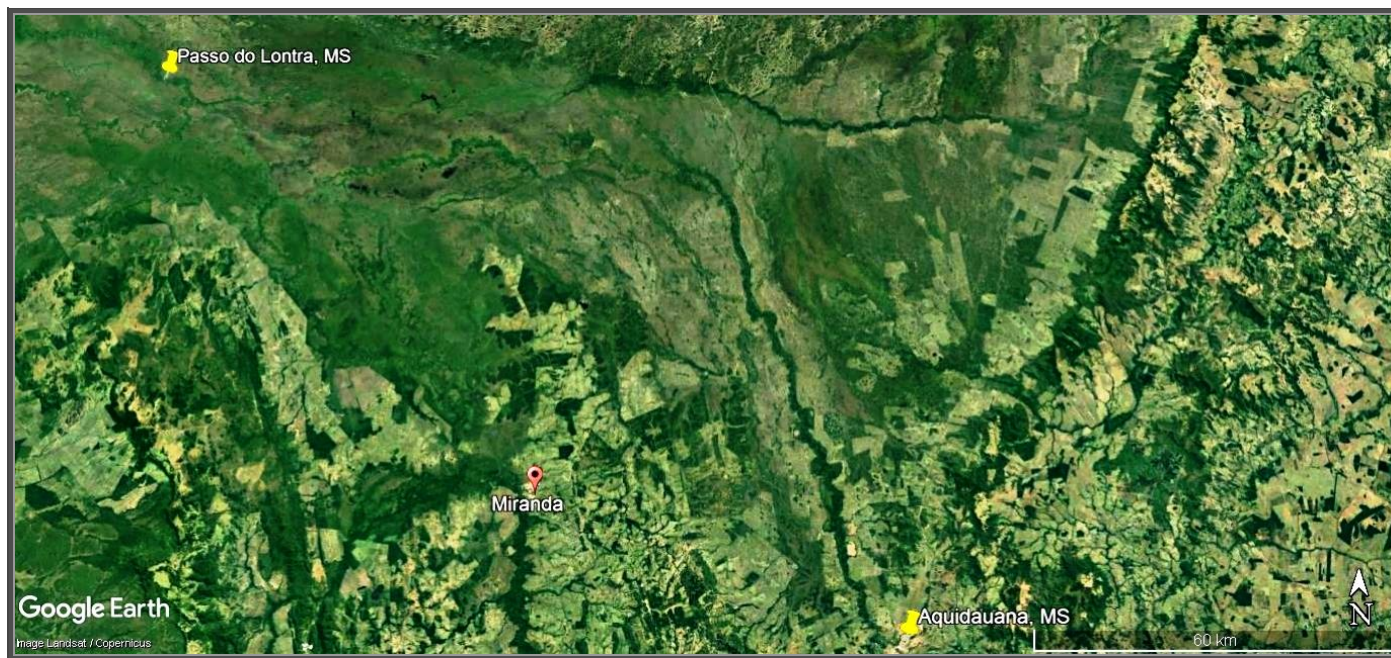



Imagem 50 – Jornada Aquidauana – Passo do Lontra

Imagem 51 – Porto Canuto – Ten Sidney e Olímpio

Imagem 52 – Iniciando a Jornada (Aquidauana, MS)

Imagem 53 – Luiza e o Sorro Manso

Imagem 54 – Luiza no Rio Aquidauana, MS

Imagem 55 – Fazenda São José – Pousada Aguapé

Imagem 56 – Parada para descanso

Imagem 57 – Sr. Aroldo Costa, o "*Limpa Rio*"

Imagem 58 – Chalana Branca Rosa

Imagem 59 – Socó-boi (Tigrisoma lineatum)

Imagem 60 – Rio Aquidauana, MS

Imagem 61 – Castelo Pedrossian

Imagem 62 – Cercanias do Castelo Pedrossian

Imagem 63 – Rio Miranda, MS

Imagem 64 – Família de Bugios, Rio Miranda, MS

Imagem 65 – D. Maria do Jacaré

Imagem 66 – Radio Independente – A. A. Anache

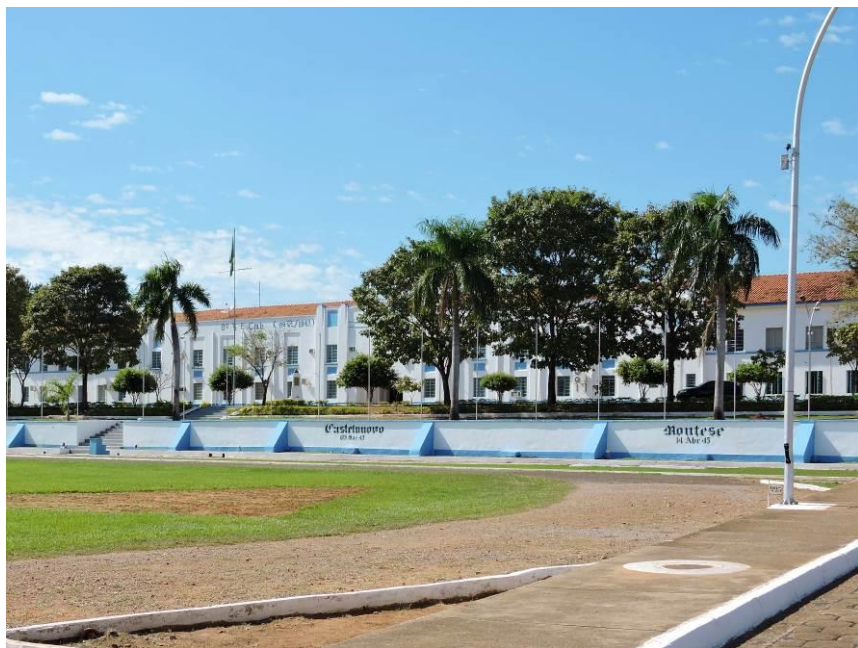



Imagem 67 – 9° BECmb

Imagem 68 – 9° BECmb

Meus Bons Amigos de Longa Data

Payador, Pampa e Guitarra
(Jayme Guilherme Caetano Braun)

[...] Pampa – matambre ([165]) esverdeado
Dos costilhares ([166]) do Prata
Que se agranda ([167]) e se dilata
De horizontes estaqueados,
Couro recém pelechado ([168])
Que tem Pátria nas raízes
Aos teus bárbaros matizes,
Os tauras ([169]) e campeadores
Misturam sangue às cores
Pra desenhar três países. [...]

Por vezes, afasto-me de minhas salutares e benfazejas odisseias náuticas e de minhas empolgantes, algumas vezes, áridas, fatigantes e improdutivas pesquisas, dispo-me de minha monástica e espartana rotina permitindo-me momentos de descanso e lazer empreendendo longas e infindáveis marchas, de até seis horas (34 km), pelo meu amado Pampa bajeense. Nessas ocasiões, não raras vezes, as belas paisagens campesinas embalam minha alma que se entrega aos mais arrebatadores devaneios – a poesia nativa, desta feita, parecia emanar de um enorme e centenário eucalipto que irradiava de seu cerne longas nuvens "*crista de galo*", que, longe de prenunciar uma frente fria, assumiam a silhueta de gigantescas asas de um condor.

---

[165] Matambre: manta localizada entre a costela e o couro do animal. Não era apreciada pelos colonos que a destinavam aos escravos para "*matar la hambre*" (matar a fome). (Hiram Reis)
[166] Costilhares: região das costelas do gado vacum. (Hiram Reis)
[167] Se agranda: torna-se grande. (Hiram Reis)
[168] Pelechado: mudou de pelo. (Hiram Reis)
[169] Taura: guapo, valente, destemido. (Hiram Reis)

A visão do ciclópico pássaro andino arrebatou minha mente e telúricos versos invadiram todo meu ser. "*Madrugando no passado*", engarupei faceiro na anca da história e senti ou ouvi mesmo, já nem sei, os célicos versos "*Payador, Pampa e Guitarra*" declamados pessoalmente pelo augusto poeta do meu Pampa – nosso maior Payador – Jayme Caetano Braun.

De repente, galguei nas minhas lembranças mais recentes e gineteando ilusões rompi as barreiras temporais, ultrapassei fronteiras e vislumbrei, por fim, a fantástica serra de Maracaju, além dela minha cara e saudosa Aquidauana, debruçada à margem direita do homônimo Rio, onde como Capitão e Major de Engenharia tive a ventura de integrar, de 1987 a 1889, os quadros do 9° Batalhão de Engenharia de Combate (9° B E Cmb) – Batalhão Carlos Camisão e, graças à empresários locais, tornar-me canoísta profissional.

Quando lá cheguei, em 27.06.2015, o Coronel José DIDEROT Fonseca Júnior dispensou-me o característico cavalheirismo da nobre arma azul-turquesa permitindo que eu me hospedasse no 9° B E Cmb onde tive a oportunidade de rever caros camaradas de outrora. Visitei as instalações de minha antiga e querida Unidade e, na viatura do Comandante, me desloquei até o monumento erguido no Porto Canuto, margem esquerda do Rio Aquidauana, em homenagem aos heróis da Retirada da Laguna acompanhado do Tenente SIDNEY Vargas Lima e do Cabo Waldir OLÍMPIO de Andrade. Tive a honra de servir, no período de 1976 a 1977, no 6° Batalhão de Engenharia de Combate – "*Batalhão Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho*" (6° B E Cmb), São Gabriel, RS, onde tive o privilégio de ter sido instrutor do SIDNEY no Curso de Formação de Sargentos (CFS).

Dez anos depois, nos encontramos, novamente, no 9° B E Cmb, em Aquidauana, MS, e o SIDNEY conservava, como até hoje, o mesmo vigor, a mesma determinação e a mesma alegria que o distinguia dos demais companheiros do CFS.

Depois do Porto Canuto desfrutei da hospitalidade do caro amigo SIDNEY conhecendo seus familiares e almoçando em sua casa.

Hospitalidade
(Jayme Guilherme Caetano Braun)

No linguajar barbaresco
E xucro da minha gente
Teu sentido é diferente,
Substantivo bendito,
Pois desde o primeiro grito
De "o de casa" dado aqui,
O Rio Grande fez de ti
O mais sacrossanto rito! [...]

Dizem uns, que te trouxeram
De Espanha e de Portugal
E que neste chão bagual
Criaste novo sentido,
E o que além era vendido
Transformou-se aqui num culto
Onde o dinheiro é um insulto
Com violência repelido!

Tenho pra mim que és crioula
Do velho pago infinito
Onde até o índio proscrito
Egresso da sociedade
Na xucra fraternidade
Dos deserdados da sorte
Não respeita nem a Morte
Mas cumpre a Hospitalidade! [...]

O charque de carreteiro
Picado sobre a carona;
É o lamento da cambona
Que se perde campo fora;
É china linda que chora
Num derradeiro repique
Pedindo que a gente fique
Até que se rompa a aurora!

Depois de cumprir minha Missão Pantaneira, navegando os Rios Aquidauana e Miranda fui resgatado por dois grandes amigos o Capitão RONEY Bento Alves Ribeiro e o SIDNEY, infelizmente, naquela ocasião, um erro de comunicação levou o Capitão ISRAEL Nantes Gonçalves e o Sargento Gilberto Barbosa da CRUZ, horas depois a se deslocarem também até o Passo do Lontra para me apoiarem.

Um contratempo talvez para a segunda equipe, mas, certamente, para mim uma demonstração da grande camaradagem destes caríssimos amigos de longa data. Chegando a Aquidauana, aceitei o convite do RONEY, pernoitando na residência dele.

Embora o RONEY tenha colocado um de seus carros à minha disposição para facilitar meu deslocamento em Aquidauana, considerando que sua casa fica um pouco distante do centro, preferi declinar da oferta, e, no dia seguinte, me mudei, com seu apoio, para a residência da grande amiga Noise Resstel Correa Santos e de seus queridos filhos Mauro e Marco Túlio.

Novamente a hospitalidade dos amigos pantaneiros deu sobejas demonstrações de que nada ficava a dever ao "*sacrossanto rito*" gaudério. Na minha estada em Aquidauana recebi a visita de alguns diletos amigos

na casa da Noise: o Coronel José Bento MARTINS FILHO, o Coronel JURANDIR Nascimento dos Santos (meu ex-Cadete), o Tenente Milton Viegas FANAIA, os Sargentos Adão CARNEIRO e Abrão Francisco de Souza MACIEL e o Cabo GALDINO Correa.

Fui homenageado com um churrasco muito especial na residência do Ir:. RONEY, onde compareceram, além dos amigos que me visitaram na residência da Noise, os Capitães ISRAEL Nantes Gonçalves e ISAÍAS Dias da Silva, os Tenentes SIDNEY e Joaquim PASSOS da Costa (meu parceiro de estradas no 9° B E Cnst, Cuiabá, MT), Subtenente Augusto Simão Nogueira e o Sargento Sebastião Ramiro VIEGAS.

O Ir:. RONEY ainda me proporcionou duas interessantes viagens, uma a Campo Grande e outra a Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. O incansável Ir:. RONEY acordou uma palestra minha na Loja Maçônica Acácia Branca onde tive a grata oportunidade de conhecer as lideranças mais notáveis de Aquidauana e rever alguns Ir:. militares do 9° B E Cmb. No meu retorno a Porto Alegre, mais uma vez, o Ir:. RONEY conseguiu uma carona até Campo Grande. Coincidentemente eu e sua simpática filha tínhamos feito reserva no mesmo voo para Porto Alegre, RS.

Nas minhas longas caminhadas pelas cercanias de Aquidauana cruzei, quando realizava uma delas, pelo dinâmico amigo Cabo Dinarte RONDON, hoje encarregado da "*Fazendinha*" – Campo de Instrução do Batalhão. Quando S/4 do 9° Batalhão empenhei-me em melhorar as instalações físicas da mesma além de construir uma quadra de vôlei próxima à represa e uma pequena pocilga.

Desempenhando a mesma função (S/4) plantei, no 9° Batalhão, ao longo da pista em que realizávamos o Teste de Aptidão Física (TAF), duas fileiras de eucaliptos margeando a trilha permitindo aos militares que ali corressem, no futuro, à sombra. Alguns dos enormes eucaliptos ainda lá se encontravam, vários deles tinham sido abatidos há alguns anos para serem trocados por pranchas de madeira.

Não posso deixar de referenciar a excelente entrevista proporcionada pelo meu grande amigo e excelente Jornalista, Radialista, Produtor e Repórter Armando de Amorim Anache da Rádio Independente AM 1020. O Armando é oficial R/2 da arma de Engenharia Exército e, por isso mesmo, tem para com a Força Terrestre um tratamento e uma afinidade muito especial. Foi uma entrevista extremamente agradável onde tive tempo suficiente para expor meus projetos náuticos e na oportunidade concordei, entusiasmado, em participar, oficialmente, como colunista do seu Jornal Pantanal News, enviando periodicamente artigos de minha lavra.

Tive também a grata oportunidade de rever dois grandes amigos, primorosas figuras humanas e excelentes canoístas que são o Fauzi Sulleiman (ex-Prefeito de Aquidauana) e Roberto Giroto (Presidente do Clube de Canoagem de Aquidauana).

Tivemos, sem sombra, de dúvida um grande responsável pelo incrível ambiente de trabalho que reinava no 9° B E Cmb e a salutar integração com a sociedade aquidauanense que frequentava o Clube Militar, sem quaisquer restrições. Os civis participavam ativamente de diversos eventos que eram coordenados em conjunto com o Batalhão.

A grande figura humana, o artífice de todo este processo foi, sem sombra de dúvida, o General de Divisão Nelson Borges Molinari, na época Coronel Comandante do 9° B E Cmb com quem temos uma eterna e impagável dívida de gratidão.

Assumo aqui o compromisso de, se devidamente autorizado pelo meu amigo, Ir:. e Comandante Militar do Sul General de Exército Antônio Hamilton Martins MOURÃO, em abril de 2016, concluir a navegação do Rio Miranda e participar do Dia de Engenharia no Batalhão Carlos Camisão.

A Retirada da Laguna

(Dom Francisco de Aquino Corrêa [170])

Fora tão bela e heroica essa avançada!
Trazíeis tantos louros ao Brasil,
Quando eis que o céu e o fogo e a peste irada,
Tudo vos assaltou com fúria hostil!

Martírio atroz! Toda essa terra amada
Banhou-se em vosso sangue tão gentil!
Ah! Fostes mais heróis na Retirada
Do que batendo a fera em seu covil!

Qual outrora os Dez Mil, vendo raiar,
Ao longe, o azul da imensidade equórea ([171]),
Romperam neste grito: O Mar! O Mar!

Assim vós, ao entrardes para a História,
Que então se vos abriu, de par em par,
Fostes cantando: a Glória! a Glória!

---

[170] O grande poeta e escritor Dom Francisco de Aquino Corrêa, foi "*Presidente*" do Estado do Mato Grosso, no período de 1918 a 1922, e criador dos dois símbolos oficiais mais importantes do Estado: o Hino e o Brasão. (Hiram Reis)

[171] Equórea: alto mar. (Hiram Reis)

Porto Murtinho
(D. Francisco de Aquino Correia)

Num doce farfalhar de carandás e numa
Palpitação do rio a beijar-te, incessante,
Vi-te ao sol! E essa linda aquarela brilhante,
Nunca mais da minha alma encantada se esfuma!

Palma-Chica, a jusante, espia-te da bruma,
E o Pão de Açúcar, lá, remira-te, a montante,
Ó náiade sorrindo ao zéfiro cantante,
Que a fragrância do mate ainda hoje perfuma.

Na alta riba que, além, rubros tetos ostenta,
Tomba-te na hecatombe a boiada ferida,
Em holocausto à Indústria, a nova deia cruenta!

E tudo aqui te fada ao progresso e à vitória:
O grande Paraguai acena para a vida,
E mil palmas, no azul, acenam para a glória!

Pantanal
(D. Francisco de Aquino Correia)

Verde mar de gramíneas, mar parado,
Que os corixos, qual serpe desconforme
De cristal, vão cruzando, lado a lado,
O imenso pantanal se estira e dorme.

Pasta, em manadas plácidas, o gado.
Lá foge um cervo. E, de onde em onde, enorme,
Como velho navio abandonado,
Uma árvore braceja a copa informe.

Não vibra um eco só de voz alguma:
Ao longe, silencioso e desmedido,
O bando das pernaltas lá se perde.

Mas, de repente, em amplo voo, a anhuma
Enche do seu nostálgico gemido,
A infinita solidão do plaino verde.

Bibliografia

ABREU, Serafim Luiz de. ***Da Blenorragia (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Paula Brito, 1864.*

A CONSTITUIÇÃO N° 115. ***Exterior – Paraguai*** *– Brasil – Fortaleza, CE – A Constituição n° 115, 09.06.1870.*

A ESPERANÇA N° 13. ***Correspondência Particular da Esperança*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Esperança n° 13, 23.03.1865.*

A IMPRENSA N° 56. ***Notícias Diversas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Imprensa n° 56, 29.11.1898.*

ALBUQUERQUE, José Cândido de Freitas e. ***Existe uma Base Certa para o Diagnóstico das Afecções do Coração em Geral? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. Carlos Poggetti, 1857.*

ALOYSIO DE CASTRO. ***Semiótica Nervosa*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – F. Briguiet & Cia Editores, 1935.*

ANDRADE, Galdino de Carvalho e. ***Que Socorros Presta a Física à Medicina – Quais São os Meios Hemostáticos ... – O Que se Entende por Moléstia – Qual o Valor Terapêutico ... (Teses)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1856.*

ANDRADE, José Antônio de. ***Das lesões que reclamam a formação da pupila artificial, quais os métodos e processos porque esta operação pode ser praticada (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Dois de Dezembro de F. de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, 1853.*

ANDRADE, N° 38, Theophilo de. ***Há Cem Anos – A Retirada da Laguna*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, n° 38, 17.06.1967.*

ANDRADE, N° 43, Theophilo de. ***Os Fastos da História*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, n° 43, 22.07.1967.*

ANDRADE, Theophilo de. ***Política Internacional – Os Fastos da História*** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Artigo *publicado às páginas 76 e 77 – Revista O Cruzeiro, n° 43, 17.06.1967.*

ANNAES DO SENADO do Império do Brasil, Segunda Sessão em 1870 da Décima Quarta Legislatura de 01 a 31 de Julho – Volume II – Brasil – Rio de Janeiro, RJ.

*A REFORMA N° 220. **Variedades – Madame Lynch** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Reforma n° 220, 30.09.1870.*

*ARQUIVO NACIONAL, CÓD. 547. **Relatório do Hospital Militar de Cuiabá em 1864, encaminhado pelo seu Diretor ao Presidente da Província de Mato Grosso, ...** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Arquivo Nacional, Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 1, 15.12.1864.*

*ASSIS BRASIL. Francisco de Assis Almeida Brasil. **Jovita: Missão Trágica no Paraguai** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Notrya Editora, 1993*

*A VIDA FLUMINENSE N° 117. **Francisco Solano Lopes** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Vida Fluminense n° 117, 26.03.1870.*

*A Vida FLUMINENSE N° 125. **Poema – Guerra do Paraguai, Franklin Dória** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Vida Fluminense: Folha Joco-Séria Illustrada n° 125, 21.05.1870.*

*AZEREDO, Francisco Antônio de. **Algumas Considerações Gerais Acerca da Importância e Higiene dos Hospitais Civis (Tese)** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Diário de N. L. Viana, 1844.*

*AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier de. **História Médico-cirúrgica da Esquadra Brasileira nas Campanhas do Uruguai e Paraguai, 1864 a 1869** –Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Nacional, 1870.*

*BACELLAR, Dr. Renato Clark. **A Medicina na Pintura dos Séculos Passados** – Brasil – São Paulo, SP – Revista Roche, Medicina e Arte, abril de 1952.*

*BARÃO DO RIO BRANCO. **Efemérides Brasileiras** – Brasil – Rio de janeiro, RJ – Ministério das Relações Exteriores [Parte oficial do Cap Martin Urbieta], 1946.*

*BARRETO, Gen M. **A Campanha Lópezguaia** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Papelaria Brasil Volume 3, p. XI [Apêndice documentos], 1929.*

*BERNARDO GUIMARÃES. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães – **Novas Poesias** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livreiro-Editor do Instituto Histórico B. L. Garnier, 1876.*

*BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro – Primeiro Volume** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typographia Nacional, 1883.*

BRANDÃO FILHO, Luiz. ***Comentário Médico à Margem de "A Retirada da Laguna" – Cólera ou Intoxicação Alimentar e Avitaminose?*** *– Brasil – São Paulo, SP – Publicações Médicas, ano XIII, nos 3 e 4, out./nov. de 1941.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Desbravadores do Rio Amazonas*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1996.*

CABANÈS, Docteur Augustin. ***Chirurgiens et Blésses à travers l'histoire*** *– França – Paris – Albin Michel Éditeur, sem data.*

CABICHUÍ N° 28. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 28, 12.08.1867.*

CABICHUÍ N° 44. ***Balão Cativo*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 44, 07.10.1867.*

CABICHUÍ N° 45. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 45, 10.10.1867.*

CABICHUÍ N° 47. ***Poesía a Exm° Sr. Mariscal Presidente*** *– Paraguay – Paso Pacú – El Cabichuí n° 47, 16.10.1867.*

CABICHUÍ N° 91. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 91, 22.06.1868.*

CABOSSU, Olegário César. ***O Pulso (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Epifâno Pedrosa, 1851.*

CÂMARA CASCUDO, Luís da. ***López do Paraguay*** *– Brasil – Natal, RN – Tipografia da República, 1927.*

CAMPOS, Murilo de. ***Elementos de Higiene Militar*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Paulo Pongetti & Ciª, 1927.*

CARDOZA, Thomas. ***Intrepid Women: Cantinières and Vivandières of the French Army*** *– USA Indiana – Indiana University Press, 2010.*

CARVALHO LIMA, Dr. Oriovaldo Benites de. ***Relações dos Serviços de Saúde Militares com o Direito Internacional Médico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do 2° Congresso Brasileiro de Medicina Militar Volume 1, 1961.*

CARVALHO, Olavo de. ***Militares e a Memória Nacional*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Site TERNUMA – www.ternuma.com.br, 2000.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***Os Mártires do Serviço de Saúde na Guerra do Paraguai. [Exército e Marinha]*** *– Brasil – Recife, PE – Imprensa Oficial de Pernambuco, 1937.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***O Marechal Conde d'Eu e o Serviço de Saúde do Exército Brasileiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do 29° Congresso Brasileiro de Medicina Militar, Volume II, novembro de 1959.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***O Cirurgião da Armada, Dr. Freitas e Albuquerque, Herói e Mártir da Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 258, janeiro-março, 1963.*

CELSO, Affonso. ***Porque me Ufano do meu País*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – H. Garnier, Livreiro-Editor, 1918.*

CERQUEIRA, Dionísio. ***Reminiscências da Campanha do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editora, 1980.*

CESÁRIO PRADO. ***Passeios pelo Passado*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição do Jornal do Comércio, 1954.*

CHEVALIER, A. G. ***Os médicos e a Saúde nos Exércitos da Revolução*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Actas Ciba n° 5 – Tip. Irmãos Barthel, 1938.*

CM N° 14. ***O Brasil e o Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio Mercantil, n° 14, 14.01.1865.*

CM, N° 33. ***Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio Mercantil, n° 33, 02.02.1867.*

COARACY, José Alves Visconti. ***Traços Biográficos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Imparcial de Brito & Irmão, 1865.*

CORRÊA FILHO, Virgílio. ***Bahianos em Mato Grosso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Volume 200, julho-setembro, 1950.*

CORREIO DA MANHÃ N° 13.541. ***Resgata-se uma Dívida de Gratidão – Uma Síntese Histórica da Bravura de Antônio João ...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 13.541, 29.12.1938.*

CORREIO DA VICTÓRIA N° 47. ***Rio da Prata*** *– Brasil – Vitória, ES – Correio da Victória n° 4, 22.06.1870*

CORREIO PAULISTANO N° 12.810. ***Telegramas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano n° 12.810, 03.05.1899.*

COSTA, Clovis Corrêa da. ***Mato Grosso de Outrora: Episódios, Reminiscências e Costumes*** *– Brasil – Cuiabá, MT – 1965.*

COSTA, Francisco Felix Pereira da. ***História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Liv. de A. G. Guimarães Volume 4, 1871.*

CP N° 2.842. ***O Brado da Virgem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 2.842, 17.11.1865.*

CP, N° 2.843. ***Notícias da Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 2.843, 17.11.1865.*

CP, N° 3.120. ***Notícias da Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.120, 17.10.1867*

CP, N° 3.217. ***Notícias das Forças que Seguiram para Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.217, 15.02.1867.*

CP, N° 3.375. ***Noticiário / Província de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.375, 30.08.1867.*

CP, N° 3.745. ***Publicações*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.745, 01.12.1868.*

CUNHA, Irsag Amaral da. ***Higiene Naval*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora do Autor, 1954.*

DA COSTA, Francisco Felix Pereira. ***História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai – Volume III*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria de A. G. Guimarães & C., 1870.*

DENIRI I, Jorge Enrique. ***Francisco Solano López – Psicopatología de un Tirano (I)*** *– Argentina – Corrientes – Diario Época, Opinión, 03.05.2019.*

DENIRI II, Jorge Enrique. ***Francisco Solano López – Psicopatología de un Tirano (II)*** *– Argentina – Corrientes – Diario Época, Opinión, 17.05.2019.*

DIÁRIO DE BELÉM N° 97. ***Notícias Diversas*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Belém n° 97, 01.05.1870.*

DIÁRIO DO MARANHÃO N° 7.706. ***Notícias*** *– Brasil – São Luís, MA – Diário do Maranhão n° 7.706 – 09.05.1899;*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 469. ***Elisa Lynch Loucuras, Grandezas e Desditas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 469, 20.09.1886.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 47. ***O Discurso do Coronel Pedro Cordolino de Azevedo na Inauguração do Monumento no dia 31.12.1938*** *– Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco n° 47, 03.01.1939.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 184. ***Cartas*** *– Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco n° 184, 12.08.1865.*

DIÁRIO DE S. PAULO N° 1.404. ***Diplomacia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo n° 1.404, 20.05.1870.*

DOS REIS, Manuel João. ***Da convalescença (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA –Tip. de Carlos Poggetti, 1857.*

DRJ N° 32. ***Folhetim – Ao Acaso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário do Rio de Janeiro n° 32, 07.02.1865.*

DSP, N° 555. ***Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 555, 23.06.1867.*

DSP, N° 585. ***Diário de S. Paulo*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 585, 31.07.1867.*

DSP N° 1.404. ***Diplomacia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo n° 1.404, 20.05.1870.*

DSP, N° 2.739. ***Literatura – Carta de Lisboa*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 2.739, 22.12.1874.*

DUARTE JÚNIOR, José Rodrigues. ***Recordações Mineiras [Esboço biográfico do Cap. José Rodrigues Duarte Jr, oficial do 17° B.V.*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typ. Leuzinger 1917*

DUARTE, Paulo de Queiroz. ***Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai – O Armamento da Infantaria*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército, 1981.*

DUMESNIL, René. ***A Alma do Médico [Trad. de Flávio Goulart de Andrade]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Casa Editora Vechi Ltda, 1943.*

EL CENTINELA N° 2. ***La Mujer Heroína*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 2, 02.05.1865.*

EL CENTINELA N° 13. ***La Mujer*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 13, 18.07.1865.*

EL CENTINELA N° 21. ***La Ofrenda del Bello Sexo*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 21, 12.09.1867.*

EL CENTINELA N° 26. ***La Heroína Paraguaya*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 26, 17.10.1867.*

EL CENTINELA N° 27. ***La Actualidad de la Alianza*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 27, 24.10.1867.*

EL CENTINELA N° 28. ***Hermosa Poesia*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 28, 31.10.1867.*

EL CENTINELA N° 32. ***Reunión del Bello Sexo*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 32, 28.11.1867.*

EL SEMANARIO N° 560. ***Sección no Oficial*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 560, 14.01.1865.*

EL SEMANARIO N° 584. ***Actos Recomendables*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 584, 01.07.1865.*

*EL SEMANARIO N° 596. C****orrespondencia de Ejército*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 596, 23.09.1865.*

EL SEMANARIO N° 690. ***La Invasión del Norte*** *– Paraguai – Asunción – El Semanario n° 690, 13.07.1867.*

FAGUNDES, Antônio Augusto. ***Com a Lua na Garupa: Florisbela do Paraguai*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora: Martins Livreiro, 1981.*

FIGUEIREDO, Osório Santana. ***Plácido de Castro, o Colosso do Acre*** *– Brasil – Santa Maria, RS – Gráfica Editora Pallotti, 2007.*

FLORES DEL JÉNIO, 1864. ***Para el Álbum de la Señorita M. Q****. – Bolívia – Cochabamba – Imprenta Del Siglo – Flores del Jénio – Tomo 1, Entrega 3ª, abril de 1864.*

FONSECA, João Severiano da. ***Viagem ao Redor do Brasil [1875 – 1878]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Volume 2 – Tipografia de Pinheiro & Ciª, 1881.*

*GARDNER, George. Via****gens no Brasil [Tradução de Albertino Pinheiro]*** *– Brasil – São Paulo, SP – Brasiliana da Companhia Editora Nacional, 1942*

GAZETA DE CAMPINAS N° 44. ***Notícias – Paraguai*** *– Brasil – Campinas, SP – Gazeta de Campinas n° 44, 31.03.1870.*

GAZETA N° 17. ***13 de Junho de 1867*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Gazeta Official do Estado do Matto Grosso n° 17, 14.04.1890.*

GESTEIRA, Manoel de Aragão. ***Qual a Causa das Ascites na Bahia? Qual o Tratamento que mais tem Aproveitado na Febre Amarela na Bahia? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Epifânio Pedrosa, 1855.*

GOULART, José Alípio. ***Meios e Instrumentos de Transporte no Interior do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959.*

GOUVEIA MONTEIRO, João. ***Crônicas de História, Cultura e Cidadania*** *– Portugal – Coimbra – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.*

GRAMSCI, Antonio. ***Cadernos do Cárcere****, volume 2 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Civilização Brasileira, 2001.*

GUARANY, Alexandre José Soeiro de Faria. ***Esboço Histórico das Epidemias de Cholera-morbus Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tomo 55 [1889-1890].*

HESSE, Herman. ***Sidarta*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Record, 1992.*

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. ***Mulheres na Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora: EDIPUCRS, 2010.*

JC, n° 213. ***Gazetilha*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 213, 28.07.1867.*

JOBIM, Rubens Mário. ***Sargento Fortuna e Outros Contos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editora, 1950.*

JORNAL DO RECIFE N° 76. ***Mato Grosso (Documentos Oficiais)*** *– Brasil – Recife, PE – Jornal do Recife n° 76, 03.04.1865.*

JOURDAN, Emílio Carlos. ***História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional Volume 2 [1864-1865], 1893.*

JÚNIOR, Raimundo Magalhães. ***Deodoro, a Espada Contra o Império – Volune I*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora nacional, 1957.*

JUNQUEIRA, Mary A. ***James Fenimore Cooper e a Conquista do Oeste nos Estados Unidos na Primeira Metade do Século XIX*** *– Brasil – Maringá, PR – Diálogos, Universidade Estadual de Maringá (UEM), volume 7, 2003.*

LAGO, Benvenuto Pereira do. ***A Cholera-morbus asiática é ou não contagiosa? (Tese)*** *– Brasil – Savador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1857.*

LANGGAARD MENESES, Rodrigo Octavio de. ***Homens e Coisas do Paraguai – Solano López e José Diaz*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira – Sociedade Revista Brasileira – Segundo Ano – Tomo VI, 1896.*

LEMOS BRITO. ***Guerra do Paraguai – narrativa histórica dos prisioneiros do vapor "Marquês de Olinda" [Baseado no depoimento do prisioneiro Clião Pereira Arouca]*** *– Brasil – Salvador, BA – Lit. Tip. e Encadernado Reis & Cia., 1907.*

MACEDO SOARES, Joaquim Mariano de. ***Dodrainage Como Sucedâneo e Preventivo das Mutilações dos Ossos (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Universal de Laemmert, 1863.*

MACEDO SOARES, Joaquim Mariano de – ***Nobiliarquia Fluminense*** *– Brasil – Niterói, RJ – Imprensa Estadual, Volume 5, parte II, 1947.*

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. ***Impressões da Comissão Rondon (1942)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1942.*

MALHADO, Dormevil José dos Santos. ***Hemorragia Uterina Durante o Trabalho do Parto e seu Tratamento (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. Constitucional de Antônio Olavo de França Guerra, 1863.*

MARCOY, Paul. ***Viagem pelo Rio Amazonas*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.*

MARQUES, Joseph. ***Novo Dicionário das Línguas Portuguesa, e Francesa, com os Termos Latinos... - Tomo 2*** *– Portugal – Lisboa – Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1764.*

MENDONÇA, Estevão de. ***Datas Mato-grossenses*** *– Brasil – Niterói, RJ – Escola Tip. Salesiana, Volume 1, 1919.*

MESQUITA, José de. ***Genealogia Cuiabana*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, Tomos XLI e XLII, 1939.*

MURTINHO, José Antônio. ***A Hipocondria (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1839.*

NABUCO, Joaquim. ***Um Estadista do Império*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Civilização Brasileira S/A Editora, 1936.*

NAÇÃO ARMADA. Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Nação Armada: Revista Civil-Militar Consagrada à Segurança Nacional – Biblioteca do Exército Editora, Edição n° 36, de 1942.

NASCIMENTO. Jaime Oliveira do. ***General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – CPDOC/FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.*

NOBRE, Carlos José de Souza. ***Ação Fisiológica e Terapêutica do Iodo (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1859.*

*NOVIS, Augusto. **Qual o Melhor Meio de Cura da Tísica Pulmonar? (Tese)** – Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1859.*

*NOVO SECRETÁRIO, 1874. **Zimbório dos Inválidos** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Eduardo & Henrique Laemmert – Novo Secretário Luso-Brasileiro, Arte de Escrever..., 1874.*

*O ARQUIVO POPULAR (Volume 5). **Leituras de Instrução e Recreio - Semanário Pitoresco** – Portugal – Lisboa – Tipografia de A. J. C. da Cruz, 1841.*

*O DESPERTADOR N° 1.330. **Exterior – Rio da Prata** – Brasil – Desterro, SC – O Despertador n° 1.330, 16.10.1875.*

*O ECONOMISTA N° 1.525. **Correspondências** – Portugal – Lisboa – O Economista n° 1.525, 30.09.1886.*

*O GLOBO N° 97. **Aniversário do Ataque da Ilha do Cabrita ou Da Redenção** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Globo n° 97, 10.04.1875.*

*O JARDIM LITTERARIO, 1949. **Equileo** – Portugal – Lisboa – O Jardim Litterario, 2° Semestre de 1949.*

*O MOSQUITO N° 148. **Pedro Américo e Victor Meirelles** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Mosquito n° 148, 13.07.1872.*

*OLIVEIRA, Carlos Augusto de. **Evacuação de Corumbá [Relatório do Cel Carlos Augusto de Oliveira]** – Brasil – Cuiabá, MT – Revista do IHGMT, Ano VIII, Tomo XV, 1926.*

*OLIVEIRA, General João Pereira de. **O Guia Lopes** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Militar – Revista Militar Brasileira, 1952.*

*OLIVEIRA, José Augusto Barbosa de **– Dos Diversos Meios Terapêuticos, Qual o Preferível o que Tenha Menor Cifra de Mortalidade na Cholera-morbus? (Tese)** – Brasil – Salvador, BA - Tip. de Antônio Olavo de França Guerra, 1856.*

*PARREIRAS, Décio. **Manual de Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas** – Brasil - Rio de Janeiro, RJ – Editora Capitólio Ltdª, 1952.*

*PAULA CIDADE, General Francisco de. **Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora General Gustavo Cordeiro de Faria, 1ª Edição, 1959.*

*PEREIRA DE ALBUQUERQUE, Cirilo José. **A Pneumonia Aguda e Crônica (Tese)** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Imparcial de F. de Paula Brito, 1843.*

PERNIDJI, J. & PERNIDJI, E. ***Homens e Mulheres na Guerra do Paraguai****. – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imago, 2003.*

PIMENTEL, Joaquim Silvério de Azevedo. ***Episódios Militares*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editor Tipografia a Vapor A. dos Santos, 1887.*

PINHO, Wanderley. ***Visconde de Taunay*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo CLXXXI – Outubro / Dezembro – Companhia Tipografia do Brasil, 1944.*

PUBLICADOR MARANHENSE n° 253. ***Suicídio*** *– Brasil – São Luís, MA – Publicador Maranhense n° 253 05.11.1867*

QUINTANA, Cândido Manoel de Oliveira. ***Inflamações em Geral e Todas as suas Terminações (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Nacional de M. J. P. da Silva Júnior, 1855.*

REGO FILHO, Dr. José Pereira. ***Epidemias [Estudo Bibliográfico] – Em comemoração do Ensino Médico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Academia Nacional de Medicina, 1908.*

REVISTA BRASILEIRA, 1896. ***Homens e Coisas do Paraguai – Solano López e José Diaz*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira – Sociedade Revista Brasileira – Segundo Ano – Tomo VI, 1896.*

REVISTA LITERÁRIA, 1839. ***Navegação do Rio Tejo*** *– Portugal – Porto – Revista Literária – Tomo Quarto, 3° anno – Typ Commercial Portuense, 1839.*

REVISTA O CRUZEIRO N° 07. ***Vive Ainda um Herói de Laguna e Dourados (Reportagem de Myllor Nogueira)*** *– Brasil - Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro n° 07, 17.12.1938.*

RIHMG N° 14. ***Relatório Apresentado pelo 2° Ten João de Oliveira Mello Acerca de sua Viagem de Corumbá à Capital [1865]*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 14, Tomos XVII e XVIII, 1927.*

RIHMG N° 25. ***Traços Biográficos do General de Divisão João de Oliveira Mello*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 25, Tomos XLV a XLVIII, 1941/42.*

RIHMG N° 25. ***Aos Heróis de Laguna e Dourados (15.11.1941)*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 25, Tomos XXIII e XXIV, 1941/1942.*

RIO BRANCO, Barão do (J. M. da Silva Paranhos). ***Efemérides Brasileiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição Ministério das Relações Exteriores, Imprensa Nacional, 1946.*

RMB N° 133. ***Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados (Cap Jayme A. de Lemos)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira N° 133, janeiro/fevereiro de 1937.*

RMG, 1867. ***Operações Ativas do Exército e Fatos Ocorridos no Teatro da Guerra*** *– Brasil – Rio de Janeiro – RJ – Relatório do Ministério da Guerra – Tipografia Nacional, 1867.*

RODRIGUES DA SILVA, Dr. F. ***Memória histórica dos acontecimentos notáveis ocorridos no ano de 1861, na Faculdade de Medicina da Bahia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa ..., pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, 1862.*

ROMEIRO, Vieira. ***Tratado de Patologia Médica...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Guanabara, 2ª edição, 1946.*

SANTOS, Cícero Álvares dos. ***Teoria do Açúcar na Economia Animal (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Imp. na Tip. do Diário, 1861.*

SANTOS MEYER, Ten Cel Walter dos. ***Antônio João*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ - Ministério do Exército – Secretaria Geral do Exército – Imprensa do Exército, 1969.*

SCHNEIDER, Luiz. ***A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da Republica do Paraguay (1864-1870)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typ. Americana Volumes I e II, 1875/1876.*

SCHULZ, John. ***O Exército na Política: Origens da Intervenção Militar, 1850-1894*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1994.*

SEIXAS, Antônio Luiz de Souza – ***A Histeria (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de João Alves Portela, 1851.*

SEMANA ILLUSTRADA N° 257. ***Quarta Carta à Tia Chica – João Nicodemos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Semana Illustrada n° 257, 12.11.1865.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 20. ***Jovita – I*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 20, 12.01.1868.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 21. ***Jovita – II*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 21, 19.01.1868.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 23. ***Jovita – III a V*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 23, 02.02.1868.*

SILVA ARAÚJO, Carlos da. ***O Anatomista e Cirurgião J. A. Port no Rio de Janeiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ –. Separata da Revista "Laboratório Clínico", 2° Trimestre de 1961.*

SILVEIRA DE MELLO, Gen Raul. ***História do Forte de Coimbra*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa do Exército Volume 4, 1961.*

SOUZA, Luiz de Castro. ***A Medicina na Guerra do Paraguai*** *(I a V) – Brasil – São Paulo, SP – USP, Revista de História, 1968, 1969 e 1970.*

TASSO FRAGOSO, General. ***História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editora Volume 5 [Apêndice – Instruções de López para a invasão de Mato Grosso] 2ª Edição organizada e anotada pelo Major Francisco Ruas dos Santos, 1960.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Retirada da Laguna: Episódio da Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Americana, 1874.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle (Silvio Dinarte). ***Narrativas Militares*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora B. L. Garnier, 1878.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Cidade de Mato Grosso: O Rio Guaporé e a sua Mais Ilustre Vítima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Universal de Laemmert & Cia, 1891.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo LVI – Parte Segunda – Companhia Tipografia do Brasil, 1893.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Recordações de Guerra e de Viagem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Weisflog Irmãos, 1920 (1ª Edição).*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Campanha de Mato Grosso – Cenas de Viagem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Liv. do Globo, Irmãos Marrano-Editores, 1923.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Campanha da Cordilheira*** *– Brasil – São Paulo, SP – Ed. Melhoramentos, 1926.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Marcha das Forças*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Melhoramentos, 1928.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Augusto Leverger [Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Mato Grosso]*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Melhoramentos, 1931.*

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. ***Cartas da Campanha de Mato Grosso: 1865-1866*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição da Biblioteca Militar, 1944.*

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. ***Memórias do V. de Taunay*** *– Brasil – São Paulo, SP – Instituto Progresso Editorial, 1948.*

THOMPSON, Jorge. ***A Guerra do Paraguai com uma Resenha Histórica do País e seus Habitantes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Eduardo & Henrique Laemmert, 1869.*

VÁRZEA, Affonso, n° 90. ***Alta Bacia do São Francisco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Observador Econômico E Financeiro, n° 90, julho de 1943.*

VASCONCELLOS, Genserico. ***A Guerra do Paraguai no Teatro de Mato Grosso [Memória Histórica para Servir de Base ao Monumento aos Heróis da Laguna e de Dourados]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Pap. Confiança Alberto Silva [pg. 32], 1921.*

VASCONCELLOS, Ivolino de. ***"Ser Médico..." – Decálogo Ético apresentado ao Instituto Brasileiro de História da Medicina, na Sessão de 30.05.1957*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ –Revista Brasileira de História da Medicina, vol. VIII, n° 6, junho de 1957.*

VASCONCELLOS, Ivolino de. ***A Vida e a Obra de Robert Koch*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Monografias do Instituto Brasileiro de História da Medicina, 1960.*

VETILLO, Eduardo. ***A Retirada Da Laguna*** *– Brasil – São Paulo, SP – Cortez Editora, 2013.*

WALDEMIRO PIMENTEL, Cel. ***Contribuição ao Estudo dos Prisioneiros de Guerra do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa do Exército – Separata do 3° volume dos Anais do Superior Tribunal Militar em 1958, 1959.*

WANDERLEY PINHO, José Wanderley de Araújo Pinho. ***Caxias Senador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Militar Brasileira [edição comemorativa do 133° aniversário do nascimento de Luís Alves de Lima] N° 3, Volume XXXV], 1936.*

Hebreia
(Castro Alves)

[...] Parti – soldados, mas voltei-me – bravos!
E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole, que se arroja então,
De um mar de glórias apartando as vagas
Do vasto pampa no funéreo chão.

E esses Leandros do Helesponto novo
Se resvalaram – foi no chão da história...
Se tropeçaram – foi na eternidade...
Se naufragaram – foi no mar da glória...
E hoje o que resta dos heróis gigantes? ...
Aqui – os filhos que vos pedem pão...
Além – a ossada, que branqueia a lua,
Do vasto pampa no funéreo chão.

Ai! quantas vezes a criança loura
Seu pai procura pequenina e nua,
E vai, brincando com o vetusto sabre,
Sentar–se à espera no portal da rua...
Mísera mãe, sobre teu peito aquece
Esta avezinha, que não tem mais pão! ...
Seu pai descansa – fulminado cedro –
Do vasto pampa no funéreo chão.

Mas, já que as águias lá no sul tombaram
E os filhos d'águias o Poder esquece...
É grande, é nobre, é gigantesco, é santo! ...
Lançai – a esmola, e colhereis – a prece!
Oh! dai a esmola... que do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ela transborda... e vai cair nas tumbas

Do vasto pampa no funéreo chão.
Há duas cousas neste mundo santas:
– O rir do infante, – o descansar do morto.

O berço é a barca, que encalhou na vida,
A cova é a barca do sidéreo porto...
E vós dissestes para o berço – Avante! –
Enquanto os nautas, que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,
Do vasto pampa no funéreo chão.

É santo o laço, em que hoje aqui se estreitam
De heroicos troncos – os rebentos novos –!
É que são gêmeos dos heróis os filhos,
Inda que filhos de diversos povos!

Sim! me parece que nesta hora augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um "bravo!" altivo de além–mar partindo
Rola do pampa no funéreo chão! ...

Saudades do Céu

(Eugénio de Castro)

[...] Um bravo furacão envolve as densas brenhas
Das matas, e o trovão ribomba pelas montanhas...

Vendo que a torre hostil dos astros aproxima,
E que a sombra, que ao Sol produz, salta por cima
Dos montes colossais, iracundo, o Senhor
Por terra a faz ruir com terrível fragor!

No auge da aflição, os homens desvairados
Deixam de se entender, e, trêmulos, aos brados,
Desatam a fugir em várias direções...
Mas breve, cada um, ao troar dos trovões,
Sente a alma retomar seu adorado Norte,
E pensa em construir uma torre mais forte!

(Coimbra, 4 de agosto de 1897)